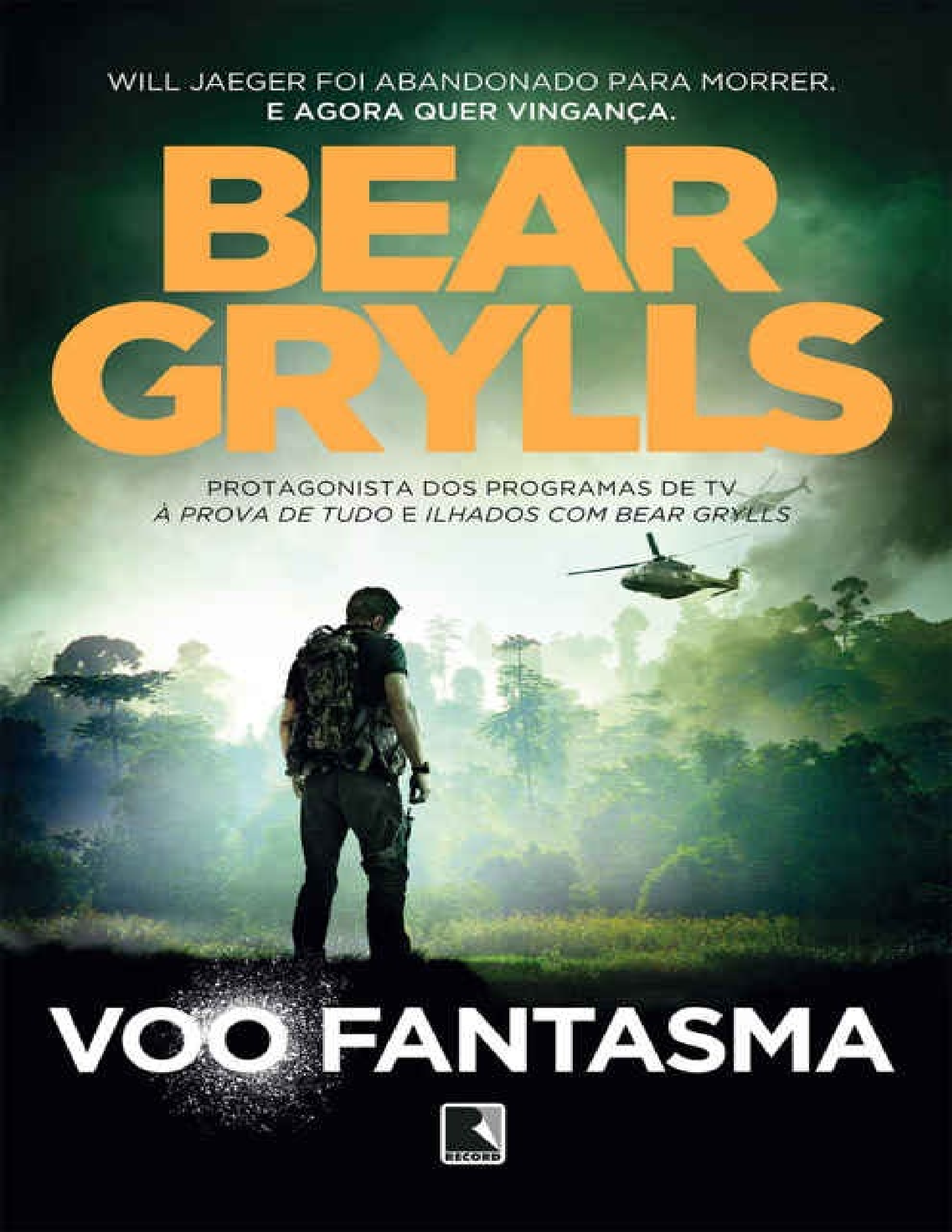
WILL JAEGER FOI ABANDONADO PARA MORRER.
E AGORA QUER VINGANÇA.

BEAR GRYLLS

PROTAGONISTA DOS PROGRAMAS DE TV
À PROVA DE TUDO E *ILHADOS COM BEAR GRYLLS*



VOO FANTASMA

RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


TOP SECRET
Junkers Ju 88
1943

BEAR GRYLLS

VOO FANTASMA

Tradução de

CHRISTIAN SCHWARTZ e
LILIANA NEGRELLO

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G942v
Grylls, Bear, 1974-
Voo fantasma [recurso eletrônico] / Bear Grylls ; tradução Christian Schwartz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2016.
recurso digital
Tradução de: Ghost flight
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-07322-8 (recurso eletrônico)
1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Schwartz, Christian. II. Título.
16-31492

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Título original:
GHOST FLIGHT

Copyright © 2015 by Bear Grylls Ventures

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2015 por Orion Books, um selo do The Orion Publishing Group Ltd, Londres, uma empresa do grupo Hachette UK.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais dos autores foram assegurados.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-07322-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.



Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Este livro é dedicado a meu falecido avô, o brigadeiro William Edward Harvey Grylls, da 15ª/19ª cavalaria dos King's Royal Hussars e comandante da Target Force, condecorado com a medalha de Oficial da Mais Excelente Ordem do Império Britânico.

Falecido, mas jamais esquecido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente aos agentes literários da PFD Caroline Michel, Annabel Merullo e Tim Binding o apoio incondicional e os comentários construtivos que fizeram nos primeiros rascunhos. Obrigado a Laura Williams, agente literária júnior na PFD, por seus esforços hercúleos. A Jon Wood, Jemima Forrester e a todos da Orion: Susan Lamb, Sophie Painter, Malcolm Edwards, Mark Rusher, Gaby Young e todo mundo da “Equipe Grylls”.

A Hamish de Bretton-Gordon, da Avon Protection, condecorado com a medalha de Oficial da Mais Excelente Ordem do Império Britânico e especialista em armas químicas, biológicas, nucleares e explosivos, pelos conselhos e dicas a respeito de todos esses tipos de armas e de medidas de defesa e proteção. A Chris Daniels e a todos da Hybrid Air Vehicles, pelas informações e orientações sobre tudo que diz respeito a um Airlander. À Dra. Jacqueline Borg, especialista pioneira no estudo de doenças relacionadas ao funcionamento do cérebro, incluindo o autismo. A Anne e Paul Sherrat, pelos conselhos e críticas incisivos sobre tudo que se refere ao nazismo e ao bloco soviético.

E, por fim, o maior dos agradecimentos, claro, vai para Damien Lewis, por me ajudar a construir algo a partir do que descobrimos juntos no baú de guerra do meu avô, identificado com a palavra “confidencial”. Dar vida a todos aqueles documentos da forma como você fez foi simplesmente genial.

NOTA DO AUTOR

Meu avô, brigadeiro William Edward Harvey Grylls, da 15a/19a cavalaria dos King's Royal Hussars, condecorado com a medalha de Oficial da Mais Excelente Ordem do Império Britânico, foi comandante da Target Force — unidade secreta estabelecida a pedido de Winston Churchill no fim da Segunda Guerra Mundial. A unidade foi uma das equipes de operadores mais clandestinas já reunidas pelo Departamento de Guerra, e sua tarefa era, predominantemente, rastrear e proteger tecnologias secretas, armas, cientistas e oficiais nazistas de alta patente, para servir aos Aliados contra a nova superpotência mundial e inimiga de todos: os soviéticos.

Ninguém da nossa família tinha conhecimento da atuação do meu avô como comandante da T-Force até muitos anos depois de sua morte e da liberação de informações confidenciais do governo nos termos da regra dos setenta anos do Official Secrets Act — o que deslanchou o processo de descobertas que inspirou este livro.

Meu avô era um homem de poucas palavras, mas tenho lembranças muito afetuosas dele de quando eu era criança. Adepto do cachimbo, enigmático e com um humor rascante, era adorado por aqueles a quem liderou.

Para mim, porém, foi sempre apenas o vovô Ted.

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68

Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
Capítulo 83
Capítulo 84
Capítulo 85
Capítulo 86
Capítulo 87
Capítulo 88
Capítulo 89
Capítulo 90
Capítulo 91
Capítulo 92
Capítulo 93
Capítulo 94
Continua...

Harper's Magazine, outubro, 1946
SEGREDOS AOS MILHARES
Por C. Lester Walker

Alguém escreveu para a Base Aérea de Wright Field dizendo estar ciente de que o país reunia uma considerável coleção de segredos de inimigos de guerra... e perguntou se seria possível, por favor, receber todas as informações relacionadas a motores de jatos alemães. A Divisão de Documentos Aéreos da Aeronáutica respondeu: "Desculpe, mas estamos falando de cinquenta toneladas de documentos."

Além disso, essas cinquenta toneladas são apenas uma pequena parcela do que hoje é, sem dúvida, a maior coleção já reunida de segredos dos inimigos de guerra capturados. Se você achava que documentos secretos de guerras cabiam em meia dúzia de pastas, convém esclarecer que os desta coleção chegam aos milhares, que formam uma massa gigantesca de documentos, e que nunca houve nada comparável a isto.

The Daily Mail, março, 1988
A OPERAÇÃO PAPERCLIP
Por Tom Bower

A Operação Paperclip foi o clímax de uma impressionante batalha travada entre os Aliados no pós-guerra para se apossar do espólio da Alemanha Nazista. Poucas semanas depois da derrota de Hitler, homens classificados como "nazistas fervorosos" foram escolhidos por oficiais do Pentágono para se tornar cidadãos americanos respeitáveis.

Enquanto na Grã-Bretanha uma controvérsia política inibiu os planos de contratar alemães incriminados, nos esforços de recuperação da economia, os franceses e russos admitiram qualquer um, independentemente de seus crimes, e os americanos, por meio de uma rede de mentiras, deram um jeito de limpar a ficha criminal de seus cientistas nazistas.

A prova da superioridade técnica dos alemães é registrada de forma maciça nas centenas de relatórios escritos pelos investigadores dos Aliados, que não se eximiram de descrever as "conquistas impressionantes" e "as invenções incríveis" dos alemães.

Hitler, enfim, riu por último de seus inimigos.

The Sunday Times, dezembro, 2014

DESCOBERTO NA ÁUSTRIA O MAIOR CENTRO DE PESQUISA DE ARMAS SECRETAS DE HITLER

Por Bojan Pancevski

Uma instalação subterrânea clandestina construída pelos nazistas perto do fim da Segunda Guerra Mundial que pode ter sido usada para o desenvolvimento de armas de destruição em massa, incluindo uma bomba atômica, foi descoberta na Áustria.

A vasta instalação foi encontrada na semana passada perto da cidade de St. Georgen an der Gusen. Acredita-se que este centro estaria conectado à fábrica subterrânea B8 Bergkristall, situada em local próximo, na qual foi produzido o Messerschmitt Me 262, primeiro caça a jato a entrar em uso operacional, avião que representou uma breve ameaça às forças aéreas aliadas nos estágios finais da guerra. Documentos de inteligência que vieram a público, assim como o depoimento de testemunhas, ajudaram os escavadores a descobrir a localização da entrada secreta.

"Este era um complexo industrial gigantesco e, possivelmente, a maior instalação secreta de produção de armas do Terceiro Reich", afirmou Andreas Sulzer, documentarista austríaco que está no comando das escavações.

Sulzer reuniu uma equipe de historiadores e encontrou provas adicionais de que cientistas trabalhavam nesse projeto secreto sob o comando do general da SS Hans Kammler. Kammler era o encarregado dos programas de mísseis de Hitler, como o que lançou foguetes V-2 sobre Londres durante as últimas fases da guerra.

Conhecido por ser um comandante genial, mas impiedoso, Kammler foi quem assinou as plantas das câmaras de gás e do crematório do campo de concentração de Auschwitz, no sul da Polônia. Há rumores de que ele teria sido capturado pelos americanos e de que teria recebido uma nova identidade depois da guerra.

As escavações de Sulzer foram interrompidas na última quarta-feira por autoridades locais, que exigiram uma autorização para pesquisas em lugares históricos. Mas o documentarista está confiante de que o trabalho poderá ser retomado no próximo mês. "Prisioneiros de campos de concentração de toda a Europa foram escolhidos a dedo por suas habilidades especiais em física, química e outras áreas, para trabalhar nesse projeto monstruoso, e é nosso dever para com as vítimas finalmente expor esse lugar e revelar a verdade", afirma Sulzer.

Capítulo 1

Seus olhos se abriram.

Lentamente.

Os cílios descolando um a um, lutando contra a crosta de sangue que os mantinha grudados. Frestas se abriam uma fração por vez e a sensação era de haver cacos de vidro nos globos oculares injetados. A claridade parecia queimar sua retina, como se um laser estivesse apontado para seus olhos. Mas por quem? Quem seriam seus inimigos... seus algozes? E onde diabos estavam?

Ele não conseguia se lembrar de nada.

Que dia era hoje? Ou que ano, até? Como tinha ido parar ali — onde quer que ali fosse?

A luz do sol o agredia, mas pelo menos a visão se restabelecia pouco a pouco.

O primeiro objeto concreto do qual Will Jaeger tomou ciência foi uma barata. Ela entrou em foco, um tanto indistinta, monstruosa e alienígena ao se apropriar de seu campo de visão.

Até onde Jaeger conseguia discernir, sua cabeça parecia estar de lado no chão. De concreto. Coberta por uma gosma densa e marrom de sabe-se lá o quê. Com a cabeça nesse ângulo, a barata parecia estar se deslocando como se prestes a rastejar para dentro de seu globo ocular esquerdo.

O inseto sacudiu as antenas para ele, mas, no último instante, mudou de direção e saiu de vista, cruzando rapidamente a ponta do nariz. E então Jaeger sentiu as patas escalando a lateral da cabeça.

A barata parou em algum lugar perto de sua têmpora direita — o lado mais distante no chão, totalmente exposto ao ar.

Começou a mexer as patas da frente e as mandíbulas.

Como se estivesse procurando algo. *Experimentando alguma coisa*.

Jaeger sentiu o bicho começar a mastigar, a mordiscar; a maxila do inseto escavando sua pele. Captou o estalido oco das mandíbulas serrilhadas da barata rasgando pedaços de carne apodrecida. Então, quando o grito mudo saiu de sua

boca, teve a sensação de que havia dezenas de outras baratas fervilhando sobre seu corpo... Como se já estivesse morto há um bom tempo.

Jaeger reprimia as ondas de náusea, enquanto uma pergunta invadia sua mente: *por que não ouvia seu próprio grito?*

Fazendo um esforço sobre-humano, moveu o braço direito.

Foi apenas uma fração de movimento, mas teve a sensação de estar tentando levantar o planeta inteiro. Cada centímetro que conseguia vencer vinha acompanhado de uma dor lancinante nas articulações do cotovelo e do ombro, os músculos se contraindo em espasmos com o esforço débil que exigia deles.

Sentia-se um aleijado.

Por Deus, o que tinha acontecido?

O que tinham feito com ele?

Cerrando os dentes e se concentrando em sua pura força de vontade, Jaeger puxou o braço até a cabeça, arrastando a mão pela orelha, espanando-a desesperadamente. Os dedos encostaram em... pernas. Escamosas e espinhosas pernas de inseto, cada uma se contorcendo e pulsando enquanto tentava forçar o corpo da barata mais para dentro de seu ouvido.

Tirem isso daqui! Tirem isso! Tirem DAQUIIIIIII!

Sentiu vontade de vomitar, mas não tinha nada no estômago. Nada além de uma película seca quase putrefata que envolvia tudo — a membrana do estômago, a garganta, a boca; até as narinas.

Ai, merda! As narinas. Estavam tentando rastejar para dentro delas também!

Jaeger gritou novamente. Por mais tempo. De forma mais desesperada. *Isso não é jeito de morrer*. *Por favor, Deus, não assim...*

Com os dedos, espanava sem parar os orifícios de seu corpo, as baratas se debatendo cada vez que Jaeger conseguia livrar um deles.

Finalmente o som voltou a permear seus sentidos. Primeiro, ouviu os próprios gritos desesperados ecoando nos ouvidos ensanguentados. E então distinguiu alguma outra coisa em meio àquele som — uma coisa mais arrepiante até que as hordas de insetos que tentavam se alimentar de seus miolos.

Uma voz humana.

Uma voz grave. Cruel. Uma voz que se deleitava com a dor.

Seu carcereiro.

A voz fez tudo voltar à memória. Prisão de Black Beach. O cárcere no fim do mundo. Um lugar ao qual as pessoas eram enviadas para ser barbaramente torturadas e morrer. Jaeger tinha sido jogado ali por um crime que não cometera, por ordem de um ditador maluco e assassino — e foi então que o verdadeiro horror começou.

A paz sombria do estado de inconsciência era melhor que estar nesse inferno;

preferia qualquer coisa às semanas em que permanecera trancafiado nesse lugar pior que a danação eterna — sua cela de prisão. Sua tumba.

Tentou fazer a mente desligar de novo, voltar para os tons de cinza suaves, disformes e mutáveis que o haviam abrigado antes que alguma coisa — o que teria sido? — o arrastasse novamente para esse presente insuportável.

Os movimentos de seu braço direito foram perdendo força.

E caiu no chão de novo.

Que as baratas se banqueteassem com seu cérebro.

Até isso era preferível.

Então o que o havia acordado atingiu-o mais uma vez — uma onda de líquido frio jogado em seu rosto, como se levasse um tapa do mar. Só que o cheiro era muito diferente. Nada a ver com o aroma do oceano. O cheiro era fétido; o odor penetrante de um urinol que não via uma gota de desinfetante há anos.

Seu algoz riu de novo.

Aquilo era muito divertido. Derramar um balde de urina na cara do prisioneiro — o que poderia ser melhor?

Jaeger cuspiu o líquido fétido. Piscou, tentando expulsá-lo dos olhos que ardiam. Pelo menos a onda de fluido putrefato havia afastado as baratas. Sua mente procurou as palavras certas, palavrões cuidadosamente selecionados, que pudesse jogar na cara de seu carrasco.

Uma prova de que estava vivo. Uma mostra de resistência.

— Vai se...

Jaeger começou a falar, a cuspir o tipo de insulto que certamente garantiria um novo açoite com aquela mesma mangueira flexível que ele tinha aprendido a temer.

Mas, se não resistisse, estaria perdido. Resistir era tudo que ele sabia fazer.

No entanto, não chegou a completar o insulto. Ele morreu na garganta.

De repente, outra voz se fez ouvir, uma voz tão familiar — *tão fraterna* — que por alguns instantes Jaeger pensou estar sonhando. O mantra começou baixinho, mas cresceu em potência e volume; um canto ritmado que de alguma forma trazia a promessa do impossível...

“Ka mate, ka mate. Ka ora, ka ora.

Ka mate, ka mate! Ka ora, ka ora!”

Jaeger reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

Takavesi Raffara; como ele podia estar ali?

Quando tinham sido companheiros de equipe no time de rúgbi do exército britânico, era Raff quem sempre liderava o haka — o tradicional ritual de guerra maori que antecedia a partida. Sempre. Raff arrancava a camiseta, cerrava os punhos, e dava um passo à frente para encarar olho no olho o time oponente, as

mãos batendo no peito robusto, pernas firmes como troncos de árvore, os braços fortes como pilões, com os outros jogadores do time — incluindo Jaeger — postados ao seu redor, destemidos, invencíveis.

Os olhos se arregalavam, a língua era colocada para fora, o rosto congelava numa careta de desafio de guerreiro, enquanto Raff soltava o grito de guerra: *“KA MATE! KA MATE! KA ORA! KA ORA!” Vou morrer? Vou morrer? Vou viver? Vou viver?*

Raff tinha se provado igualmente implacável no campo de batalha. O melhor combatente com quem cerrar fileiras. Maori de nascença e fuzileiro naval da Brigada de Comando dos Royal Marines por destino, tinha participado com Jaeger de missões nos quatro cantos da Terra, e era um de seus melhores amigos.

Jaeger voltou os olhos na direção de onde vinha o mantra.

De canto de olho, distinguiu um vulto parado do outro lado das barras de ferro de sua cela. Um vulto enorme. Fazia seu carrasco parecer um anão. Um sorriso que era como um raio de luz atravessando uma tempestade tenebrosa e aparentemente sem fim.

— Raff? — O nome saiu arrastado. O tom era de descrença.

— Em pessoa. — Aquele sorriso. — Já te vi pior, cara. Como aquela vez que te arrastei pra fora daquele bar em Amsterdã. Mas é melhor te dar um trato. Vim te buscar, cara. Te tirar daqui. Vamos pegar um voo da British Airways para Londres... primeira classe.

Jaeger não falou nada. Aquelas palavras seriam reais? Como Raff podia estar ali, naquele lugar, ao alcance de sua mão?

— Melhor se apressar — disse Raff. — Antes que o major Mojo, seu colega aqui, resolva mudar de ideia.

— É, Bob Marley! — Seu algoz forçou uma jovialidade simulada por trás de olhos semicerrados e malévolos. — Você é um piadista.

Raff sorriu de orelha a orelha. Era o único homem que Jaeger já vira conseguir sorrir para alguém enquanto exibia um olhar que poderia fazer o sangue congelar. Aquela história de “Bob Marley” certamente tinha a ver com o cabelo de Raff — comprido, com tranças, bem maori. Como muitos aprenderam no campo de rúgbi, Raff não curtia quando alguém desrespeitava seu estilo de cabelo.

— Abra a cela — rosnou Raff. — Eu e meu amigo, o senhor Jaeger, vamos dar o fora daqui.

Capítulo 2

O jipe se afastou da prisão de Black Beach com Raff encurvado sobre o volante. Ele deu a Jaeger uma garrafa d'água.

— Beba. — E indicou, com o polegar, o banco traseiro. — Tem mais no isopor. Bote pra dentro o máximo que conseguir. Você precisa se reidratar. Temos um dia e tanto pela frente...

Raff calou a boca, os pensamentos na viagem que os aguardava.

Jaeger deixou o silêncio tomar conta.

Depois de semanas naquela prisão, seu corpo era uma queimação só. Todas as articulações doíam. Parecia que uma vida inteira havia se passado desde que fora jogado naquela cela; desde que andara de carro pela última vez; desde que havia sido exposto à luz do sol tropical de Bioko.

Jaeger se encolhia de dor a cada solavanco do jipe. Eles estavam seguindo pela estrada costeira, uma estreita faixa de asfalto que levava até Malabo, a maior cidade de Bioko. Havia poucas estradas asfaltadas na pequena ilha africana. A maior parte da riqueza gerada pelo petróleo extraído na região ia para o projeto de um novo palácio para o presidente, ou para mais um de seus enormes iates, ou para engordar ainda mais suas contas na Suíça.

Raff apontou para o porta-luvas do veículo.

— Tem um par de óculos de sol aí, cara. Você parece estar sofrendo.

— Já fazia um tempo que eu não via o sol.

Jaeger abriu o porta-luvas e tirou de lá o que parecia ser um par de óculos da Oakley. Observou o objeto por um instante.

— Falsificado? Você sempre foi meio pão-duro.

— Quem ousa, vence — disse Raff, rindo.

Jaeger abriu um leve sorriso no rosto maltratado. Sorrir doía bastante. Era como se não o fizesse há séculos; como se o sorriso estivesse rachando sua cara ao meio.

Nas últimas semanas, Jaeger passara a acreditar que jamais deixaria aquela

cela. Ninguém que importasse sequer sabia de sua presença lá. Ele se convencera de que morreria em Black Beach, oculto e esquecido, e de que, como incontáveis cadáveres antes dele, seu corpo seria atirado aos tubarões.

Não conseguia acreditar que estava vivo e livre.

O carrasco conduzira os dois para fora através do porão escuro onde ficavam as cabines de tortura, passando em silêncio diante de paredes salpicadas de sangue. O mesmo local onde era despejado o lixo, além dos corpos daqueles que morriam nas celas e estavam prontos para ser atirados ao mar.

Jaeger não conseguia imaginar que tipo de acordo Raff tinha feito para conseguir soltá-lo.

Ninguém saía da prisão de Black Beach.

Nunca.

— Como você me encontrou? — Jaeger quebrou o silêncio.

Raff deu de ombros.

— Não foi fácil. Tive que contar com a ajuda de Feaney e Carson. — Ele riu. — Está feliz por termos nos dado a esse trabalho todo?

Jaeger também deu de ombros.

— Eu estava começando a conhecer melhor o major Mojo. Um cara legal. O tipo com quem um cara ficaria feliz de casar a irmã. — E encarou o grande maori. — Mas *como* você me encontrou? E por que...?

— Você pode sempre contar comigo, cara. Além disso... — Uma expressão sombria tomou conta do rosto de Raff. — Você está sendo requisitado em Londres. Para uma missão. Nós dois estamos.

— Que tipo de missão?

A expressão de Raff ficou ainda mais sombria.

— Passo os detalhes quando estivermos longe daqui... enquanto não dermos o fora desse lugar, não haverá missão nenhuma.

Jaeger tomou um bom gole de água. Gelada, mineral — era como néctar comparado ao que fora obrigado a beber em Black Beach.

— E agora? Você me tirou de Black Beach, mas ainda estamos na Ilha do Inferno, como esse lugar é chamado.

— Ouvi dizer. O acordo que fiz com o major Mojo foi que ele só iria receber a última parcela do pagamento quando eu e você estivéssemos no voo para Londres. Só que não vamos pegar esse voo. O aeroporto, é lá que Mojo vai botar as mãos na gente. Teremos uma bela recepção por lá. Ele vai alegar que eu raptei você de Black Beach, mas que ele nos recapturou. Assim será pago duas vezes: uma pela gente e a outra pelo presidente.

Jaeger estremeceu. Honoré Chambara, presidente de Bioko, foi quem havia ordenado sua prisão. Mais ou menos um mês atrás houvera uma tentativa de

golpe no país. Mercenários tomaram a outra metade da Guiné Equatorial — Bioko sendo a ilha que abriga a capital do país —, a parte que fica do outro lado do oceano e que faz parte do continente africano.

Logo depois do golpe, o presidente Chambara ordenara a prisão de todos os estrangeiros em Bioko — não que fossem tantos assim. Jaeger era um deles, e a busca que fizeram em seus pertences acabou revelando um objeto de seu passado militar.

Assim que Chambara foi comunicado do fato, concluiu que Jaeger havia participado do golpe; *era o traidor infiltrado na ilha*. Mas estava errado. Jaeger viera a Bioko por uma razão totalmente diferente — e inocente —, mas não houve meios de convencer Chambara. Sob as ordens do presidente, Jaeger foi jogado na prisão de Black Beach, onde o major Mojo se esforçou ao máximo para dobrá-lo; para forçá-lo a confessar.

— Tem razão — disse Jaeger, colocando os óculos. — Não vamos conseguir sair daqui pelo aeroporto. Você tem um plano B?

Raff encarou o amigo.

— Bom, ouvi dizer que você andou trabalhando como professor enquanto esteve aqui. Dando aula de inglês. Num vilarejo no extremo norte da ilha. Fiz uma visita ao lugar. Um grupo de pescadores de lá me disse que você foi a melhor coisa que aconteceu a eles na Ilha do Inferno. Que ensinou as crianças a ler e escrever. Muito mais do que o Presidente Otário jamais fez. — Raff fez uma pausa. — Eles deixaram uma canoa preparada para a gente fugir pela Nigéria.

Jaeger pensou por um instante. Tinha passado quase três anos em Bioko. Conhecia as comunidades de pescadores bastante bem. Uma viagem pelo Golfo da Guiné de canoa era possível. Talvez.

— São uns trinta quilômetros, mais ou menos — disse Jaeger. — Os pescadores às vezes fazem essa viagem quando o tempo está firme. Você tem um mapa?

Raff apontou para uma pequena bolsa de viagem aos pés do amigo. Jaeger a pegou, com dificuldade, e deu uma olhada em seu conteúdo. Encontrou o mapa, desdobrou-o e estudou a topografia do lugar. Bioko ficava numa reentrância na costa da África, uma pequena ilha de floresta densa com setenta quilômetros de comprimento por cerca de trinta de largura.

O país africano mais próximo era Camarões, a nordeste, e logo em seguida a Nigéria, localizada a noroeste. Há menos de duzentos quilômetros ao sul ficava o que até recentemente era a outra metade dos domínios do presidente Chambara — a parcela continental da Guiné Equatorial —, que agora estava nas mãos dos golpistas.

— Camarões é mais perto — observou Jaeger.

— Camarões, Nigéria... — Raff deu de ombros. — Qualquer lugar é melhor que isso aqui.

— Quanto tempo temos até anoitecer? — perguntou Jaeger. Tinha perdido o relógio para os bandidos de Chambara muito antes de ser arrastado para a cela de Black Beach. — Protegidos pela noite a gente pode conseguir.

— Seis horas. Vou te dar no máximo uma hora no hotel. Use esse tempo para esfregar e lavar toda essa merda do seu corpo e para beber muita água, porque você não vai conseguir ir a lugar nenhum se não se reidratar. Como falei, temos um dia e tanto pela frente.

— Mojo sabe em que hotel você está hospedado?

Raff bufou.

— Não adianta nem tentar se esconder. Numa ilha desse tamanho, todo mundo conhece todo mundo. Pensando bem, até me lembra um pouco a minha terra... — A luz do sol refletiu nos dentes dele, o sorriso largo. — Mojo não vai nos causar problemas, pelo menos não nas próximas horas. Deve estar ocupado conferindo se o dinheiro já caiu na conta dele... e, quando isso acontecer, já teremos partido.

Jaeger bebia a água mineral, forçando gole após gole pela garganta ferida. O problema era que seu estômago havia encolhido, devia estar do tamanho de uma noz. Se não o espancassem e torturassem até a morte, muito em breve ia morrer de fome, isso era certo.

— Dando aula para crianças. — Raff abriu um sorriso malicioso. — O que você estava aprontando de verdade?

— Só estava dando aula para crianças.

— Tá. Dando aula. Não teve nada a ver com o golpe?

— O Presidente Otário me perguntou isso várias vezes durante as sessões de espancamento. Você poderia muito bem se juntar aos homens dele.

— Tá, tá. Estava dando aula para crianças. Aula de inglês. Numa vila de pescadores.

— Estava dando aula para crianças. — E Jaeger olhou pela janela. O sorriso havia se extinguindo completamente. — Além disso, se você quer mesmo saber, eu precisava de um lugar para me esconder. Para pensar. Achei que em Bioko, o cu do mundo, ninguém ia me encontrar. — Jaeger fez uma pausa. — Mas você provou que eu estava enganado.

A parada no hotel fez milagres por Jaeger. Ele tomou banho. Três vezes. Na terceira, a água que descia pelo ralo estava quase limpa.

Ele se forçou a tomar uma dose inteira de sais de reidratação oral. Aparou a

barba — de cinco semanas — mas não a raspou. Não deu tempo.

Jaeger verificou se havia ossos fraturados. Milagrosamente, não parecia haver muitos. Estava com 38 anos e se mantivera em forma na ilha. Passara uma década no grupo de elite do exército antes de chegar ali, e estava no auge de sua condição física quando o atiraram na cadeia. Talvez por isso tenha saído de Black Beach razoavelmente ileso.

Percebeu que alguns dedos das mãos e dos pés estavam quebrados.

Nada que não fosse sarar.

Após uma rápida troca de roupa, Raff o levou de volta ao jipe, no qual seguiram em direção ao leste para sair de Malabo e entrar na mata densa e tropical. No início, o amigo dirigiu encurvado sobre o volante como uma vovozinha, a uns 50 km/h. Fez isso para ter certeza de que não estavam sendo seguidos. As poucas pessoas sortudas o bastante para ter um carro em Bioko dirigiam como loucas.

Se um veículo colasse na traseira deles, chamaria muita atenção.

Quando entraram na trilha estreita e enlameada que levava à costa nordeste da ilha, ficou claro que não estavam sendo seguidos.

O major Mojo devia estar confiante de que os dois apareceriam no aeroporto. Em teoria, não havia outra forma de deixar a ilha — a menos que a pessoa estivesse disposta a se arriscar e a enfrentar as tempestades tropicais e os tubarões famintos que circundavam Bioko.

E muito poucos haviam feito isso.

Capítulo 3

O chefe Ibrahim apontou para a praia de Fernão. A cabana do chefe do vilarejo ficava tão perto do mar que o eco das ondas quebrando atravessava as paredes de barro.

— Nós preparamos uma canoa. Tem comida e água nela. — O chefe fez uma pausa e colocou a mão no ombro de Jaeger. — Nunca vamos esquecer, especialmente as crianças.

— Obrigado — disse Jaeger. — Eu também não. Vocês todos me salvaram de mais formas do que consigo explicar.

O chefe olhou para um rapaz parado ao seu lado — um jovem musculoso.

— Meu filho é um dos melhores marinheiros de toda Bioko... Tem certeza de que não quer que meus homens o levem nessa travessia? Você sabe que eles fariam isso com o maior prazer.

— Não — disse Jaeger. — Quando o presidente Chambara descobrir que fugi, vai se vingar do jeito que puder. Sob qualquer pretexto. Vamos nos despedir aqui. É o único jeito.

O chefe ficou de pé.

— Foram três bons anos, William. *Insha'Allah* você consiga atravessar o golfo e voltar para sua casa. Um dia, quando a praga de Chambara estiver extinta, *insha'Allah* você possa voltar.

— *Insha'Allah* — replicou Jaeger. Ele e o chefe se cumprimentaram com um aperto de mãos. — Eu adoraria.

Jaeger olhou por alguns instantes para a fila de rostos ao redor da cabana. Crianças. Empoeiradas, descalças, seminuas — mas felizes. Talvez essa tenha sido a verdadeira lição que as crianças dali haviam ensinado a ele — o significado de felicidade.

Seu olhar se voltou mais uma vez para o chefe.

— Explique a eles por mim, mas só quando estivermos bem longe.

O chefe sorriu.

— Farei isso. Agora vá. Você já fez muito por nós. Siga com essa certeza, e com leveza no coração.

Jaeger e Raff se dirigiram para a praia, transpondo a cobertura da mata densa de palmeiras. Quanto menos gente os visse fugindo, menos seriam os candidatos a sofrer represálias.

Foi Raff quem quebrou o silêncio. Podia sentir o quanto o amigo estava sofrendo por ter que abandonar seus jovens pupilos.

— *Insha'Allah?* — perguntou. — As pessoas aqui do vilarejo são muçulmanas?

— São. E sabe o que mais? Essa gente... elas são algumas das melhores pessoas que já conheci na vida.

Raff olhou para o amigo.

— Três anos sozinho na ilha de Bioko e o poderoso Jaeger-bomba amoleceu.

Jaeger abriu um sorriso de canto de boca. Talvez Raff estivesse certo. Talvez tivesse amolecido.

Estavam se aproximando da faixa de areia branca da praia quando uma figura chegou correndo ao lado dos dois, completamente ofegante. Descalço, sem camisa, só de shorts rasgados — não aparentava mais que oito anos. A expressão em seu rosto era de pânico, evoluindo para terror.

— Senhor, senhor! — O menino segurou a mão de Jaeger. — Eles estão vindo. Os homens do presidente Chambara. Meu pai... alguém avisou pelo rádio. Estão vindo! Para procurar você! Para levar você de volta!

Jaeger se agachou para ficar no nível dos olhos do menino.

— Escute, pequeno Mo: ninguém vai me levar de volta. — Tirou do rosto o par de óculos escuros falsificados da Oakley e colocou-o na mão do menino. Depois passou a mão no cabelo empoeirado e bagunçado da criança. — Vamos ver como você fica com eles — disse.

O pequeno Mo colocou o par de óculos escuros sobre os olhos. Era tão grande que teve de segurar a armação para não cair.

— Cara, ficou demais! — disse Jaeger, sorrindo. — Mas esconda isso, pelo menos até que os homens de Chambara tenham ido embora. — Uma pausa. — Agora, vá. Volte para o seu pai. Fique dentro de casa. E, Mo, agradeça ao seu pai pelo alerta.

O menino se despediu de Jaeger com um último abraço cheio de relutância ante a separação, e depois saiu a passos rápidos, os olhos marejados.

Jaeger e Raff se esconderam atrás de um arbusto. Seguiram agachados, bem próximos um do outro, e Jaeger segurou o pulso de Raff para ver seu relógio.

— Temos mais duas horas até o pôr do sol — murmurou. — São duas as opções. Uma: tentamos fugir agora, à luz do dia. A outra: nos escondemos e

fugimos depois do anoitecer. Pelo que conheço de Chambara, ele vai espalhar barcos de patrulha pelo mar, como reforço para a turma que já deve estar chegando ao vilarejo. O vilarejo fica a menos de quarenta minutos de Malabo de barco; mal teremos tempo de entrar na água e eles já estarão em cima de nós. O que significa que... não há opção: temos de esperar anoitecer.

Raff assentiu com a cabeça.

— Cara, você viveu três anos aqui. Conhece o local. Vamos precisar de um esconderijo onde ninguém pensaria em nos procurar.

Os olhos dele deram uma geral nos arredores e pousaram na vegetação fechada que ficava na ponta mais afastada da praia.

— O manguezal. Cobras, crocodilos, mosquitos, escorpiões, sanguessugas e lama até a cintura. O último lugar que qualquer pessoa sã escolheria para se esconder.

Raff vasculhou um dos bolsos e puxou dele uma faca de aspecto singular. Entregou a arma a Jaeger.

— Fique com ela à mão, por precaução.

Jaeger tirou a faca da capa e passou o dedo na lâmina semi-serrilhada de doze centímetros para ver se estava bem afiada.

— Falsificada também?

Raff fez uma careta.

— Quando se trata de armamentos, eu não brinco em serviço, cara.

— Então os homens de Chambara estão vindo para cá — devaneou Jaeger —, sem dúvida com a intenção de nos levar de volta para Black Beach, e tudo que temos entre nós e eles é uma faca...

Raff puxou uma segunda, idêntica, do bolso.

— Acredite, só o fato de eu ter conseguido passar com essas duas pelo aeroporto de Bioko já foi um milagre.

Jaeger abriu um sorriso meio desanimado.

— Tá, uma faca para cada: somos imbatíveis.

Os dois homens fugiram protegidos pelas palmeiras em direção ao pantanal.

Visto de fora, o labirinto de raízes e galhos emaranhados parecia impenetrável. Sem se intimidar, Raff praticamente se deitou no chão, se arrastando por espaços apertadíssimos, criaturas invisíveis saindo do seu caminho. Não parou até ter avançado uns vinte metros, Jaeger rastejando em seu encalço.

A última coisa que Jaeger tinha feito na praia fora pegar alguns galhos de palmeira para apagar as pegadas na areia. Quando penetraram no âmago do manguezal, qualquer sinal de sua passagem já havia sido eliminado.

Os dois então afundaram na lama fétida que formava a base do pântano. Quando terminaram, apenas a cabeça permanecia na superfície, e mesmo esta

estava coberta por uma grossa camada de sujeira e lodo. A única coisa que os destacava do ambiente ao redor era o branco dos olhos.

Jaeger podia sentir a superfície escura do pântano borbulhando e fervilhando de vida ao seu redor.

— Isso quase me faz sentir saudades de Black Beach — disse.

Raff grunhiu em concordância, o brilho dos dentes sendo a única coisa que revelava sua posição.

Os olhos de Jaeger passearam pelo emaranhado de vegetação que formava uma catedral entrelaçada sobre a cabeça deles. Mesmo as árvores maiores não eram mais grossas que o pulso de um homem, e tinham no máximo seis metros de altura. Mas, no ponto em que as raízes se erguiam acima da lama e eram banhadas diariamente pela maré, cresciam por uns bons dois metros.

Raff pegou uma das raízes e a serrou no nível da superfície da lama, usando o lado serrilhado da faca. Fez um segundo corte na altura de mais ou menos um metro e entregou o pedaço de pau a Jaeger.

Jaeger lançou ao amigo um olhar inquisidor.

— Krav Maga — resmungou Raff. — A aula de luta com vara do cabo Carter. Não lembra?

Jaeger sorriu. Como poderia esquecer?

Pegou a faca e começou a afiar uma ponta da vara, deixando-a pontuda como uma flecha.

Lentamente, uma lança curta e afiada começou a tomar forma.

O cabo Carter tinha sido o decano dos armamentos e também dos combates corpo a corpo. Tanto ele quanto Raff haviam treinado a unidade de Jaeger em Krav Maga, uma arte marcial híbrida desenvolvida em Israel. Mistura de Kung Fu e briga de rua, ela ensinava como sobreviver em situações da vida real.

Ao contrário da maior parte das artes marciais, o objetivo do Krav Maga era pôr fim a uma luta rapidamente, causando o maior dano possível ao inimigo. Dano sistemático, como Carter chamava: o tipo criado para ser terminal. Não havia regras, e todos os movimentos tinham como objetivo atingir as partes mais vulneráveis do corpo — os olhos, o nariz, o pescoço, a virilha e o joelho. E com força.

As regras de ouro do Krav Maga eram velocidade, agressividade, surpresa. Além disso, bater primeiro e improvisar as próprias armas. Lutar com qualquer coisa que estivesse ao alcance — uma tábua de madeira, uma barra de metal, até uma garrafa quebrada.

Ou uma lança afiada feita de um pedaço de raiz do manguezal.

Os homens de Chambara chegaram pouco antes do anoitecer.

Havia duas dezenas deles em um caminhão. Eles se dirigiram à ponta mais distante da praia, esquadrinhando-a de um canto ao outro. Paravam de canoa em canoa, revirando-as na expectativa de que os fugitivos estivessem escondidos embaixo delas.

Teria sido um lugar óbvio para se esconder — o que o tornara completamente fora de cogitação para Raff e Jaeger.

Os soldados do exército de Bioko dispararam saraivadas de tiros de fuzil G3, furando o fundo de vários barcos. Mas não havia muita estratégia naquela ação, e Jaeger observou com todo cuidado quais das canoas não haviam sido perfuradas.

Não demorou muito para que os soldados encontrassem a canoa com as provisões. Uma ordem foi dada aos soldados na areia. Um par de vultos camuflados apressou o passo em direção ao vilarejo, retornando um minuto depois com uma figura humana diminuta carregada nos ombros.

A criança foi derrubada na areia aos pés do comandante.

Um homem grande, um pouco acima do peso. Jaeger reconheceu o comandante de uma visita que fizera a Black Beach para assistir às sessões de tortura e aos interrogatórios.

O comandante começou a dar pontapés nas costelas da forma humana prostrada a seus pés.

O pequeno Mo deixou escapar um grito abafado.

O som ecoou agonizante pela areia da praia.

Jaeger cerrou os dentes. O filho do chefe tinha sido como um filho para ele também. Um pupilo esperto, e sempre com um sorriso brincalhão que fazia Jaeger rir. Além disso, era craque no futebol de areia, o passatempo preferido deles depois que as lições diárias terminavam.

Mas não fora apenas isso que havia criado um vínculo tão profundo entre eles. Em muitos aspectos, o pequeno Mo lembrava a Jaeger seu próprio filho.

Ou pelo menos o filho que um dia tivera.

Capítulo 4

— Sr. JAEGER.

O chamado veio alto, cortando a linha de pensamento de Jaeger

— Sr. William Jaeger. Sim, eu me lembro bem do senhor, seu covarde. E, como pode ver, estou com o menino. — Uma mão enorme ergueu o pequeno Mo pelos cabelos até ele só poder se equilibrar na ponta dos pés. — Ele tem um minuto de vida. UM MINUTO! Seus branquelos filhos da mãe, apareçam, AGORA! Senão o menino vai levar uma bala bem no meio dos olhos!

Jaeger encarou Raff. O enorme maori balançou a cabeça.

— Cara, você sabe o que vai acontecer — sussurrou. — Se a gente der as caras, vai ser o fim de todo o vilarejo, de nós, e do pequeno Mo.

Sem dizer nada, Jaeger moveu os olhos de novo na direção dos vultos distantes. Raff estava certo, mas a imagem do garoto se equilibrando na ponta dos pés enquanto o enorme comandante o segurava pelos cabelos martelava no cérebro de Jaeger. Transportava sua mente para uma lembrança há muito enterrada — para uma paisagem montanhosa remota e uma lona retalhada a facadas...

Jaeger sentiu um enorme braço sobre ele. Poderoso. Restritivo.

— Calma, amigo, calma — sussurrou Raff. — Escute bem o que estou dizendo. Se você aparecer agora, estaremos todos mortos...

— O minuto acabou! — gritou o comandante. — SAIA! Agora!

Jaeger ouviu o barulho agudo, metálico e estalado de uma arma sendo carregada. O comandante levantou a pistola, empurrando o cano duro contra a têmpora do pequeno Mo.

— VOU CONTAR ATÉ DEZ. E então, não se enganem, britânicos filhos da mãe, eu atiro!

O comandante estava de frente para as dunas de areia, iluminando com uma lanterna os tufos de grama, na esperança de avistar Raff e Jaeger.

— Dez, nove, oito...

Uma voz diferente ecoou pela praia escura, os gritos infantis atravessando as palavras do comandante.

— Senhor, senhor! Por favor! *Por favor*!

— Sete, seis, cinco... Isso, menino, implore que seu amigo branquelo salve você... Três...

Jaeger sentiu seu enorme amigo maori afundando-o na lama, enquanto sua mente disparava aterrorizada entre memórias distantes: para um ataque num refúgio escuro e frio numa paisagem montanhosa; para o sangue na primeira neve do inverno. Para o momento em que sua vida implodira... E, agora, para o pequeno Mo.

— Dois! Um! *ACABOU*!

O comandante puxou o gatilho.

O clarão do disparo lançou um instante de luz e sombra na praia. Ele soltou o cabelo do menino, largando o pequeno corpo na areia.

Jaeger virou a cabeça em agonia e a pressionou contra as raízes do mangue. Se Raff não o estivesse segurando, ele teria saído do esconderijo, a lança e a faca na mão, o sangue nos olhos.

Teria morrido, mas não teria se importado.

O comandante berrou uma série de ordens ritmadas. Figuras camufladas se espalharam por todas as direções, algumas voltaram para o vilarejo, outras se dirigiram aos dois extremos da praia. Uma delas se aproximou dos limites do pântano.

— Então vamos continuar nosso joguinho — anunciou o comandante, ainda procurando em todas as direções. — Vamos buscar a próxima criança. Sou um homem paciente. Tenho todo o tempo do mundo. Vou ficar satisfeito em atirar em cada um dos seus pupilos, senhor Jaeger, se for necessário. Apareça. Ou será que o senhor é realmente o covarde branquelo que sempre pensei que fosse? Vamos, prove que estou errado.

Jaeger percebeu o movimento de Raff. Ele se deslocou silenciosamente, deslizando pela lama como uma cobra gigante e fantasmagórica. Por um brevíssimo instante, olhou de relance para Jaeger sobre o ombro.

— Que tal um momento de glória? — sussurrou.

Jaeger assentiu, uma expressão ameaçadora no rosto.

— Velocidade. Agressividade...

— Surpresa — Raff completou o mantra.

Jaeger se arrastou, seguindo no rastro de Raff. Enquanto progredia, observava admirado a capacidade do grande maori de se mover, de caçar, silenciosamente — como um animal; um predador nato. Através dos anos, Raff ensinara a Jaeger muitas dessas habilidades: a confiança total e a concentração necessária para

perseguir e matar.

Mas Raff continuava sendo o mestre; o melhor que já existiu.

Ele emergiu do pântano como uma sombra sem forma, bem na hora que outro garoto azarado era arrastado para a praia. O comandante começou a chutar a barriga da criança, seus homens sorrindo diante do espetáculo cruel que se desenrolava.

Foi então que Raff aproveitou a oportunidade. Encoberto pela escuridão, partiu para cima do soldado que estava mais próximo do pântano. Num movimento rápido, lançou o braço esquerdo ao redor do pescoço e da boca do sentinela em uma gravata de aço, bloqueando qualquer possibilidade de grito, puxando o queixo dele para cima e para o lado. No mesmo instante, seu braço direito serpenteou num impulso selvagem, enfiando a lâmina da faca até o cabo na garganta do homem, e aprofundando ainda mais para cortar a artéria e a traqueia.

Raff segurou o sentinela até ele se afogar no próprio sangue. Silenciosamente, largou o corpo na areia. Um segundo depois, estava de volta ao pântano, o fuzil do homem morto firme nas mãos cheias de sangue.

Ele se agachou, aumentando a largura da saída estreita para Jaeger.

— Venha — sussurrou. — Vamos!

Jaeger sentiu, de canto de olho, o movimento. Uma figura tinha se materializado do nada, o fuzil sendo erguido para mirar, Raff na linha de fogo.

Jaeger se ergueu com a faca em punho.

Foi um movimento instintivo. A lâmina rasgou o ar, rodando em pleno voo, e cravou fundo nas entranhas do inimigo.

O atirador gritou.

A arma dele disparou, mas os tiros se espalharam, muito longe de atingir o alvo. Assim que os ecos da arma de fogo se extinguiram, Jaeger se levantou e correu até ele, a lança empunhada.

Jaeger reconhecera o atirador.

Ele saltou e enfiou a lança no peito do homem. Sentiu a estaca afiada dividir costelas e cortar músculos e tendões, enquanto a enterrava com toda a sua força. Quando ele pegou o fuzil do homem caído, já o havia fixado à areia — a estaca atravessando peito e ombro.

O major Mojo, outrora carrasco de Jaeger, gritava e se contorcia como um porco no espeto — não iria a lugar nenhum, isso era certo.

Com um movimento lento, Jaeger levantou o fuzil, liberou a trava de segurança e abriu fogo. Do cano da arma saíram rajadas de tiros que cortaram a escuridão.

Jaeger mirava no tronco. Mirar na cabeça dos inimigos funcionava nos

treinamentos, mas num tiroteio de verdade, o melhor era buscar as vísceras. O alvo era maior e poucos sobreviviam a um ferimento na barriga.

Jaeger percorreu a praia com o fuzil em punho, procurando pelo comandante. Viu o menino do vilarejo lutando para se libertar e depois correndo para a segurança da parte de trás da palmeira mais próxima. Jaeger iniciou uma nova saraivada de tiros e viu o comandante se virar e correr. Ele viu os tiros rasgando os calcanhares do comandante e subindo até o tronco.

Percebeu o medo e a indecisão tomando conta da tropa inimiga quando seu líder caiu, gritando de medo na agonia de seus estertores.

Eram como uma cobra decapitada.

Agora era a hora de aproveitar a vantagem.

— Recarregar! — gritou Jaeger, enquanto pegava um pente do bolso do antigo carcereiro e o colocava na arma. — Vai! Vai! Vai!

Raff não precisou de uma nova ordem.

Em um segundo estava de pé, correndo e entoando um grito de guerra, Jaeger dando cobertura ao amigo. Enquanto o maori gigante e assustador avançava, Jaeger viu o primeiro inimigo se afastar e correr.

Raff avançou uns quase trinta metros e caiu de joelhos, mirando e lançando nova saraivada de tiros. E gritou para Jaeger:

— VAAAAAAI!

Jaeger se ergueu da areia, arma no ombro, toda sua raiva e fúria agora focadas na batalha. Correu pela praia, apenas os olhos e dentes brancos aparecendo em contraste com a sujeira e a lama negra que cobriam o corpo da cabeça aos pés, e atravessou como um raio a faixa de areia, a arma cuspindo fogo.

Em poucos instantes, os últimos soldados de Chambara saíram em debandada. Raff e Jaeger os perseguiram pelo palmeiral, mirando e atirando, até não sobrar nenhum inimigo à vista.

Segundos depois, a faixa escurecida de areia ficou silenciosa — exceto pelos gemidos dos moribundos e feridos.

Sem perder tempo, os dois procuraram a canoa do chefe e a arrastaram até a beira do mar. A grande canoa de madeira grossa era pesada fora d’água, e foi preciso usar toda a força dos dois para manobrá-la até o mar.

Estavam prestes a partir com ela quando Jaeger sinalizou para que Raff esperasse.

Ele se lançou às ondas e cruzou a praia até o local onde uma figura jazia pregada à areia ensanguentada. Jaeger removeu a lança, jogou o homem ferido sobre os ombros e voltou pelo mesmo caminho, atirando a massa semiconsciente de seu antigo carcereiro no centro da canoa.

— Mudança de planos! — gritou para Raff, enquanto os dois empurravam o

barco mar adentro. — Mojo vai com a gente. Além disso, nós vamos para o leste e depois para o sul. Os homens de Chambara vão presumir que estamos indo para o norte, para Camarões ou Nigéria. Nunca vai passar pela cabeça deles que fomos para o lado oposto, que voltamos para o país deles.

Raff pulou para dentro da canoa e estendeu a mão para ajudar Jaeger.

— Por que a gente vai voltar para esse inferno do Presidente Otário?

— Vamos para a parte continental. É o dobro da distância, mas nunca vão pensar em procurar a gente por lá. Além do mais, ali não é mais território de Chambara, lembra? Podemos falar com os caras que deram o golpe e tentar a sorte com eles.

Raff sorriu.

— *Ka mate, ka mate! Ka ora! Ka ora!* Vamos logo com essa porra!

Remaram rumo ao alto-mar, Jaeger se juntando ao coro com Raff, e rapidamente foram engolidos pela noite banhada pelo luar.

Capítulo 5

— Ok, senhores. Acho que vão gostar de saber que a história de vocês confere. Só precisei fazer algumas ligações. Suas reputações os precedem.

O jeito de falar era sul-africano, o da figura parada diante deles, forte e atarracada, com o rosto gordinho, vermelho e barbado de um típico bôer. O físico denunciava uma juventude passada jogando rúgbi, bebendo muito e servindo como soldado na savana africana, antes que a idade e a gota levassem a melhor.

Porém, Pieter Boerke não estava ali para lutar. Era o líder do golpe e tinha um exército de homens muito mais jovens e em melhor forma física para aguentar o rojão.

— Vocês ainda pretendem tomar Bioko? — perguntou Jaeger. — O Golpe Wonga nunca chegou a acontecer de verdade...

Vários anos antes, houvera uma tentativa de tirar o presidente Chambara do poder. Mas acabara sendo desastrosa e ganhara o apelido depreciativo de “Golpe Wonga”.

Boerke bufou.

— Meu jeito de operar é muito diferente. Este é o *Golpe Final*. Chambara está acabado. A comunidade internacional, as empresas de petróleo, os habitantes de Bioko, todo mundo quer derrubar o cara. Quem não ia querer? Ele é um animal. Come gente, principalmente os prisioneiros preferidos. — E olhou para Jaeger. — Aposto que ficou feliz em escapar de Black Beach, hein?

Jaeger sorriu. Ainda doía sorrir depois de ter passado três dias sendo açoitado por tempestades tropicais e lavado pela água do mar ao atravessar do Golfo da Guiné.

— Tenho vários aviões C-130 sendo carregados com armamento nesse exato instante — continuou Boerke —, os voos saem da Nigéria. Estamos nos preparando para o grande ataque. Pensando bem, algumas mãos extras poderiam ser úteis... caras como vocês, que conhecem o território. — Boerke encarou os

dois homens. — Que tal se juntarem a nós?

Jaeger olhou para Raff.

— De acordo com meu grande amigo maori aqui, nós temos negócios a tratar no Reino Unido.

— Infelizmente — grunhiu Raff. — Depois de experimentar a hospitalidade do Presidente Otário, eu adoraria dar um pontapé na porta da frente daquele palácio.

— Aposto que sim. — E Boerke deu uma risada. — Última chance, rapazes. Vocês me seriam úteis. Sério mesmo. Conseguiram escapar de Black Beach. *Ninguém consegue*. Fugiram da ilha com dois palitos de dente e um abridor de garrafas. Fizeram uma viagem de três dias até aqui de canoa. Como já disse, podem ser úteis.

Jaeger ergueu as mãos.

— Dessa vez, não. Bioko é passado para mim.

— Entendido. — Boerke se levantou, um feixe de energia andando de um lado para outro atrás de sua mesa. — Então, posso colocá-los no próximo C-130. Na Nigéria, vocês serão embarcados num voo da British Airways direto para Londres, sem que ninguém faça nenhuma pergunta. É o mínimo que posso fazer por vocês, depois de terem nos trazido aquele bosta.

E apontou o polegar por cima do ombro. A figura quase toda enfaixada do major Mojo jazia num canto do cômodo. Depois de três dias no mar e com os ferimentos que havia sofrido, o homem estava quase inconsciente.

Raff olhou para ele com desdém.

— Ficaria grato se dessem a esse aí o mesmo tipo de tratamento dado ao meu amigo aqui, com juros. Isto é, se ele sobreviver.

Boerke sorriu.

— Sem problemas. Temos muitas perguntas a fazer a ele. E, lembre-se: somos sul-africanos. Não fazemos prisioneiros. Agora, tem mais alguma coisa que eu possa fazer por vocês antes de nos separarmos?

Jaeger hesitou por um instante. Seus instintos diziam que ele podia confiar no sul-africano e, além disso, tinham algo em comum: a vida de soldado. De qualquer forma, se queria fazer chegar algum dinheiro ao chefe Ibrahim, Boerke parecia ser sua única opção.

Ele tirou um pedaço de papel do bolso.

— Depois de tomar Bioko, pode entregar isso ao chefe do vilarejo de Fernão? É o número de uma conta bancária em Zurique, com todos os códigos de acesso. Tem uma quantia razoável de dinheiro lá... a quantia que Raff pagou a Mojo para me tirar da prisão. O filho do chefe morreu por nossa causa. O dinheiro não vai trazer o menino de volta, mas talvez possa ajudar.

— Considere feito — confirmou Boerke. — Só uma coisa. Você fez uma boa ação trazendo o bosta do Mojo para cá. Ele conhece as defesas de Chambara. Se uma criança de Bioko precisou morrer para garantir esse tipo de informação, é uma pena. Vamos esperar que a morte dela traga vida a muitas outras.

— Talvez. Vamos torcer para isso — disse Jaeger. — Mas ele não era um de seus meninos; seu pupilo mais brilhante.

— Acredite, quando Chambara estiver fora de cena, cada criança de Bioko vai poder ter um futuro muito melhor. Porra, cara, o país poderia ser rico. Tem petróleo, gás natural, minerais... a coisa toda. Só de vender o iate e acessar as contas de Chambara em bancos estrangeiros já teremos um ótimo começo. Então, posso fazer mais alguma coisa?

— Talvez... — murmurou Jaeger. — Sabe, fiquei lá durante três anos. É bastante tempo para um lugar como Bioko. Resumindo, deu para estudar um pouco a história da ilha. Segunda Guerra Mundial. Perto do fim da guerra, os britânicos lançaram uma operação secreta para espionar um navio inimigo. O *Duchessa*. Um cargueiro ancorado na baía de Malabo. Fizemos um esforço incomensurável nessa operação. A pergunta é: por quê?

Boerke deu de ombros.

— Não faço a menor ideia.

— Aparentemente, o capitão do navio havia preenchido um manifesto de carga junto às autoridades portuárias de Bioko — continuou Jaeger. — Ele estava incompleto; listava seis páginas de cargas, mas estava faltando a sétima. Há rumores de que essa última página esteja guardada no cofre do Palácio do Governo em Malabo. Tentei de todas as formas colocar as mãos nesse papel. Quando tomar a capital, talvez você possa me enviar uma cópia?

Boerke assentiu.

— Não se preocupe. Deixe um e-mail e um telefone de contato. Mas fiquei curioso. O que você acha que o navio estava carregando? E por que o interesse?

— Fui atraído por todos os rumores; me pegou de jeito. Diamantes. Urânio. Ouro. É o que dizem. Algo que podia ser extraído na África; algo de que os nazistas precisavam desesperadamente para ajudá-los a vencer a guerra.

— O mais provável é o urânio — sugeriu Boerke.

— Talvez — Jaeger deu de ombros. — Mas a sétima página; ela seria a prova.

Capítulo 6

Um céu nublado e sombrio pesava sobre o topo do mastro da bandeira do navio *Global Challenger*, ancorado no rio Tâmisa. O táxi que trazia Raff e Jaeger do aeroporto de Heathrow encostou no meio-fio, os pneus repousando em uma poça cinzenta cheia de óleo.

Jaeger se surpreendeu ao calcular que a tarifa paga ao taxista seria suficiente para suprir uma sala de aula inteira em Bioko com livros. E quando Raff não deu uma gorjeta tão generosa quanto o motorista obviamente esperava, o cara acelerou sem dizer uma palavra, fazendo respingar a água da poça nos sapatos dos dois.

Londres em fevereiro. Algumas coisas nunca mudam.

Ele havia dormido praticamente o tempo inteiro durante os dois voos — da parte continental da Guiné Equatorial para a Nigéria, num avião de carga Hercules C-130, e de lá para Londres. De Lagos para Londres, os dois tinham viajado no maior luxo, mas Jaeger sabia por experiência própria que a Primeira Classe vinha sempre acompanhada de alguma condição.

Sempre.

Alguém estava pagando por essas passagens da British Airways e não era pouco. Quando pressionou Raff sobre isso, o gigante maori pareceu estranhamente reticente. Estava claro que alguém queria muito Jaeger de volta a Londres, e a cifra necessária não era problema, mas Raff não estava a fim de conversa.

E Jaeger confiava plenamente no amigo.

Quando chegaram a Londres, Jaeger começou a sentir o efeito acumulado das cinco semanas na prisão de Black Beach, somado à batalha travada antes da fuga e à viagem que se seguiu. Quando subiu a prancha de acesso do *Global Challenger*, seus membros rangiam como os de um ancião, e bem na hora uma chuva forte começou a cair.

Antigo navio de pesquisa do Ártico, o *Global Challenger* era agora o quartel-

general da Enduro Adventures, empresa que Jaeger havia fundado depois de deixar o exército, junto com Raff e outro colega militar. Este homem — Stephen Feaney — era quem o esperava agora no alto da prancha de acesso, levemente obscurecido pela chuva que caía.

Ele ergueu uma das mãos num cumprimento.

— Não achei que a gente fosse te encontrar. Você está com uma aparência péssima. Essa foi por pouco...

— Sabe como é. — Jaeger deu de ombros. — Esse maori filho da mãe... o presidente Chambara estava prestes a cozinhar e comer o cara no jantar. Alguém tinha que tirar ele de lá.

Raff bufou.

— Tá bom!

Todos riram. Os três homens compartilharam um momento de tranquilidade enquanto a chuva caía sobre o convés.

Era bom — gostoso — estar ao lado deles de novo.

Ser soldado de elite sempre fora trabalho para jovens. Jaeger, Raff e Feaney tinham estado onde poucos estiveram, e haviam feito coisas que as pessoas sequer imaginavam possíveis. As aventuras tinham sido realmente radicais, mas agora cobravam seu preço.

Alguns anos antes, os três tinham optado por desistir enquanto ainda estavam no auge. Aproveitaram as habilidades aprendidas à custa do dinheiro dos contribuintes e as usaram para abrir um negócio próprio. A Enduro Adventures, que tinha como slogan “O planeta Terra é nossa área de lazer”, foi o resultado.

Fruto de uma ideia de Jaeger, a Enduro se dedicava a levar indivíduos ricos — homens de negócio, atletas e algumas celebridades — para as experiências ao ar livre mais desafiadoras do planeta. Com o tempo, tinham construído um negócio lucrativo, atraindo grandes personalidades para alguns dos desafios mais incríveis que a Terra tinha a oferecer.

Mas, então, praticamente do dia para a noite, a vida de Jaeger sofreu um grande revés e ele desapareceu do mapa. Ele se tornou o sócio invisível da Enduro. Feaney fora forçado a assumir o lado financeiro da empresa, e Raff virou o homem de negócios das expedições — embora isso não fosse a praia de nenhum dos dois.

Jaeger, um capitão, era o único ex-oficial entre os três. Enquanto esteve no exército, comandou o Esquadrão D, uma unidade de sessenta homens do SAS. Jaeger trabalhara ombro a ombro com o comando sênior e tinha mais facilidade em circular pelo mundo dos grandes negócios.

Feaney era mais velho, e tinha trilhado um caminho árduo por vários postos do exército até acabar servindo a Jaeger como sargento-mor. Quanto a Raff, suas

bebedeiras e brigas sempre atrapalharam qualquer possibilidade de promoção, mas nada com que o gigante maori parecesse se importar.

Sem a presença do cabeça do negócio, os últimos três anos tinham se provado um grande desafio para a Enduro Adventures. Jaeger sabia que uma parte de Feaney se ressentia de seu desaparecimento em Bioko. Mas se o mesmo horror tivesse se abatido sobre Feaney, Jaeger achava que o amigo agiria de forma semelhante. O tempo e a experiência tinham lhe ensinado que todo homem tem um limite. E quando o seu foi atingido, ele fugiu para o último lugar do planeta em que alguém iria procurá-lo — Bioko.

Capítulo 7

Feaney os guiou para dentro. A sala de reuniões do *Global Challenger* era como um santuário de aventuras, as paredes cobertas de suvenires dos cantos mais remotos do planeta: bandeiras de metade dos exércitos do mundo; emblemas e boinas de grupos de elite que poucos sabiam que existiam; estantes de armamentos desativados — incluindo uma AK-47 banhada a ouro, vinda de um dos palácios de Saddam Hussein.

Mas também era um poderoso tributo às maravilhas do planeta: fotos de alguns dos biomas mais extremos e selvagens — um deserto seco e açoitado pelo vento; montanhas de gelo azul cobertas de neve; uma cabana na selva invadida pelos raios de um sol inclemente — enfeitavam as paredes, ao lado de imagens das equipes que a Enduro tinha levado até esses lugares.

Feaney abriu a porta do refrigerador que ficava atrás do bar.

— Cerveja?

Raff grunhiu.

— Depois de Bioko, eu poderia tomar a geladeira inteira.

Feaney entregou-lhe uma garrafa.

— Jaeger?

Jaeger negou com um movimento de cabeça.

— Não, obrigado. Fiquei sem beber em Bioko. Não no primeiro ano, mas nos dois seguintes. Uma cerveja e você vai ter de me desgrudar do teto.

Ele pegou uma garrafa d’água e os três se sentaram ao redor de uma das mesas. Bateram papo por um tempo, colocando em dia tudo o que tinha se passado em sua ausência, até que Jaeger redirecionou o foco para o xis da questão: a razão pela qual Raff e Feaney tinham ido até o fim do mundo para trazê-lo de volta.

— Então, sobre esse novo contrato, conte-me tudo. Raff me disse alguma coisa, mas sabe como é o estilo do maori: a conversa dele é capaz de fazer um olho de vidro se fechar de sono.

Raff colocou a cerveja na mesa.

— Sou um soldado, não um orador.

— Um beberrão, não um amante — ironizou Jaeger.

Eles riram.

Três anos fora e Jaeger tinha voltado um homem diferente do jovem soldado-aventureiro que desaparecera. Estava mais sério. Mais quieto. Mais fechado. Ainda assim, de vez em quando surgiam lampejos do humor e do charme que fizeram dele o garoto-propaganda perfeito para a Enduro Adventures.

— Acho que você já pôde perceber — começou Feaney —, mas nosso negócio, a Enduro, passou por tempos difíceis depois que você...

— Tive meus motivos — cortou Jaeger.

— Cara, não estou dizendo que não teve. Deus sabe que todos nós...

Raff levantou a mão enorme pedindo silêncio.

— O que Feaney está tentando dizer é que está tudo bem. O que é passado ficou no passado. E o futuro, para nós, vai existir com esse contrato novinho em folha. O problema é que, nas últimas semanas, ele começou a cheirar muito mal.

— Verdade — confirmou Feaney. — Essa é a versão resumida. Há uns dois meses, entrou em contato comigo Adam Carson, de quem você se lembra do período em que ele foi diretor das Forças Especiais.

— O brigadeiro Adam Carson? Lembro — assentiu Jaeger. — Quanto tempo ele ficou com a gente? Dois anos? O cara era um comandante eficiente, mas nunca gostei muito dele.

— Eu também não — concordou Feaney. — De qualquer forma, depois da carreira militar, ele foi procurado por um pessoal de televisão. E acabou como diretor-presidente de uma empresa cinematográfica chamada Wild Dog Media. Não é tão estranho quanto pode parecer: eles são especialistas em filmagens em áreas remotas, como expedições, vida selvagem... esse tipo de coisa. Empregam muitos ex-militares. O tipo de gente perfeita para nos juntarmos em parceria.

— É o que parece — confirmou Jaeger.

— Carson veio com uma proposta para nós... e bem lucrativa. Destroços de um avião foram descobertos no coração da Amazônia. Provavelmente da época da Segunda Guerra Mundial. Os militares brasileiros encontraram isso quando faziam uma inspeção aérea ao longo da fronteira oeste do país. Nem preciso dizer, o lugar fica totalmente no meio do nada. Enfim, a Wild Dog entrou na concorrência pela oportunidade de descobrir o que é esse avião caído.

— É no Brasil? — perguntou Jaeger.

— Sim. Bem... não. Quer dizer... mais ou menos. Ele está bem na fronteira... no ponto em que o Brasil, a Bolívia e o Peru se encontram. Parece que uma asa está na Bolívia, outra no Peru, e o rabo a meio caminho da praia de Copacabana.

Digamos assim: quem quer que tenha abandonado o avião por lá não dava a mínima para fronteiras internacionais.

— Isso me lembra do nosso tempo no regimento — comentou Jaeger, com certa frieza.

— Né? Houve uma guerra de interesses por um tempo, mas os únicos militares com capacidade de fazer algo a respeito eram os brasileiros, e a parada era difícil até para eles. Então enviaram propostas para ver se uma equipe internacional poderia ser formada para descobrir os segredos do avião. Seja lá de que tipo for, a aeronave é enorme. Carson pode dar mais detalhes, mas basta dizer que ela é um mistério embalado num enigma dentro de... e assim por diante. Carson propôs enviar uma expedição para filmar a coisa toda. Um grande evento televisivo, para ir ao ar no mundo inteiro. Levantou uma grana gigantesca para o projeto. Mas havia outras ofertas no páreo, e os sul-americanos não estavam se entendendo.

— Muito cacique... — começou Jaeger.

— Para pouco índio — completou Feaney. — E, por falar nisso, a região onde os destroços foram encontrados é o território de uma tribo indígena amazônica pouco amistosa. Os amahuacas, ou algo assim. Nunca tiveram contato com o homem branco. Muito satisfeitos em continuar desse jeito. E secos para atirar flechas e dardos em qualquer um que invada seu território.

Jaeger ergueu uma das sobrancelhas.

— Dardos envenenados?

— Nem queira saber. No quesito expedições de aventura, essa é uma boa lasca. — Feaney fez uma pausa. — Então, agora vem a parte que você entra na história. Os brasileiros estão no comando. Têm as informações e mantêm a localização exata da aeronave em segredo, de forma que ninguém possa se adiantar. Mas a Bolívia está para o Brasil, como a França para a Grã-Bretanha, e digamos apenas que os peruanos são os alemães. Ninguém confia em ninguém nesse lance.

— Nós gostamos dos vinhos dos franceses, dos carros dos alemães, mas só isso? — disse Jaeger, com um sorriso.

— Você pegou o espírito da coisa. — Feaney tomou um gole de cerveja. — Mas Carson é esperto. Ele conseguiu conquistar os brasileiros, e tudo por causa de uma indicação: a do seu nome para liderar as missões no Brasil. Você treinou os grupos de repressão a narcóticos deles, as forças especiais deles. Parece que causou uma boa impressão por lá, assim como Andy Smith, seu segundo em comando. Eles confiam em vocês. Totalmente. Você deve saber por quê.

Jaeger assentiu com a cabeça.

— O capitão Evandro ainda está com eles?

— É coronel Evandro, agora. E não só está com eles, como é o diretor das Forças Especiais brasileiras. Parece que você tirou da merda alguns dos melhores homens do cara. Ele nunca esqueceu. Carson prometeu que você ou Smith liderariam isso. De preferência os dois. Isso fez com que o coronel nos visse com bons olhos e ele conseguiu que os peruanos e os bolivianos colaborassem.

— O coronel Evandro é um bom homem — observou Jaeger.

— É o que parece. Pelo menos ele não esquece. Isso explica por que Carson, e a Enduro, conseguiram ganhar a parada. Foi por esse motivo que saímos à sua procura. E parece que chegamos na hora certa. — Feaney lançou um olhar a Jaeger. — Enfim, é um contrato grande. Muitos milhões de dólares. O suficiente para a Enduro dar a volta por cima.

— Parece bom. — Jaeger olhou para Feaney. — Talvez bom demais?

— Talvez — disse Feaney, fechando a cara. — Carson começou a recrutar uma equipe internacional, com homens e mulheres: tudo para fazer bonito na TV. Um monte de gente se candidatou. Carson ficou maravilhado. Enquanto isso, a gente não conseguia achar nenhuma pista de onde você estava. Então Smith concordou em tomar a frente da coisa sozinho, pois parecia que você... bem... tinha desaparecido da face da Terra.

A expressão no rosto de Jaeger permanecia inescrutável.

— Ou ido para Bioko dar aula de inglês. Depende do ponto de vista.

— É. Enfim... — Feaney deu de ombros. — Estava tudo pronto para o projeto na Amazônia; recebemos a luz verde para a expedição de uma vida; todos estavam ansiosos por uma descoberta bombástica.

— Aí os executivos de TV resolveram se meter — grunhiu Raff. — Começaram a pressionar, pressionar... os filhos da mãe gananciosos.

— Raff, amigo, Smithy *concordou* — protestou Feaney. — Ele concordou que era a coisa mais inteligente a se fazer.

Raff se levantou para buscar outra cerveja.

— Eles nos tiraram um cara bom pra caramba...

— Não podemos afirmar que foram eles! — cortou Feaney.

Raff bateu a porta da geladeira.

— Ah, podemos, sim.

Jaeger ergueu as mãos.

— Opa... Peraí, gente. O que aconteceu?

— Por um lado, Raff está certo. — Feaney retomou o fio da meada. — O pessoal da TV demandou coisas extras; queriam um capítulo preliminar, por assim dizer. Andy Smith teria que levar os recrutas para as montanhas escocesas, para prepará-los. Como se fosse um daqueles minicursos de seleção para o SAS.

Para eliminar os mais fracos. E tudo seria filmado.

Jaeger balançou a cabeça afirmativamente.

— Então foram para as montanhas da Escócia. E daí?

Feaney olhou de relance para Raff.

— Ele não sabe?

Raff colocou a cerveja na mesa, num movimento decidido.

— Cara, eu tirei o Jaeger de Black Beach quase morto, nós saímos da Ilha do Inferno portando apenas duas facas, depois tivemos que fugir em meio a tubarões e tempestades tropicais. Diga, quando teria sido uma boa hora para contar?

Feaney passou a mão no cabelo estilo reco e olhou para Jaeger.

— Smithy levou a equipe até a Escócia. Eles ficaram na costa oeste em pleno janeiro. O clima estava tenebroso. Diabólico. A polícia achou o corpo dele no fundo do desfiladeiro de Loch Iver.

Jaeger sentiu o coração parar por um minuto. *Smithy estava morto?* Ele tivera a estranha sensação de que alguma coisa muito ruim devia ter acontecido, mas nunca isso. Não com Smithy. Confiável e durão, Andy Smith era o cara que sempre estivera em sua retaguarda. Nunca perdia uma piada, mesmo que a situação fosse muito difícil. Poucos amigos se tornavam tão próximos.

— Smithy caiu e morreu? — perguntou Jaeger, incrédulo. — Impossível. O cara era indestrutível. Era um mestre das montanhas.

O silêncio tomou conta do ambiente. Feaney encarou a garrafa de cerveja, o olhar anuviado.

— A polícia disse que o nível de álcool no sangue dele estava alto. Disseram que bebeu uma garrafa de Jack Daniel’s, subiu as montanhas, tropeçou e caiu para a morte na escuridão.

Os olhos de Jaeger soltaram faíscas.

— Conversa fiada. Smithy bebia ainda menos que eu.

— Cara, foi exatamente o que a gente disse à polícia. Mas eles continuam mantendo essa versão: morte por negligência com possibilidade de suicídio.

— Suicídio? — Jaeger explodiu. — Mas por que razão Smithy ia querer se matar? Ele tinha mulher e filhos. Uma missão dessas para liderar. Qual é: *suicídio*? Cai na real. Smithy tinha todos os motivos para querer continuar vivendo.

— Melhor contar de uma vez, Feaney. — Era Raff de novo, e sua voz subiu de tom pela raiva reprimida. — *Tudo*.

Feaney se preparou visivelmente para o que estava por vir.

— Quando Smithy foi encontrado, seus pulmões estavam com água até a metade. Os policiais alegaram que ele dormiu a noite toda ao relento e inspirou

água da chuva. Também alegaram que a queda o matou instantaneamente. O pescoço quebrou. Bem, só que não dá para inspirar água quando você já está morto. A água tinha que ter entrado nos pulmões quando ele ainda estava vivo.

— Então o que vocês estão sugerindo? — Jaeger olhava de Feaney para Raff e de volta para Feaney. — Estão dizendo que Smithy “foi afogado”?

Raff apertou a garrafa de cerveja entre os dedos, os nós embranquecidos.

— Pulmões com água até a metade. Mortos não respiram. Isso não faz sentido. E tem mais.

O maori olhou para Feaney, apertando a garrafa cada vez com mais força.

Feaney se abaixou e pegou uma pasta de plástico que estava debaixo da mesa. Tirou dela uma foto, que deslizou pela superfície da mesa em direção a Jaeger.

— A polícia entregou isso aqui pra gente. Fomos até o necrotério, de qualquer forma, para checar outra vez. Essa marca, esse símbolo, estava entalhado no ombro esquerdo de Andy.

Jaeger olhou fixamente para o símbolo e um arrepio gelado subiu por sua espinha. Marcada na pele de seu ex-segundo em comando estava a figura de uma águia estilizada. Ela estava de pé sobre a cauda, o bico bem arqueado virado para a direita e as asas bem abertas, as garras segurando uma coisa bizarra de formato circular.

Feaney se inclinou para a frente, colocando um dedo sobre a foto.

— Não conseguimos ligar isso a nada. O símbolo da águia. Não parece querer dizer nada para ninguém. E, acredite, nós investigamos. — Ele olhou para Jaeger. — A polícia alega que é só uma imagem pseudomilitar qualquer. Que o próprio Smithy desenhou a águia. Automutilação. O que corrobora a história do suicídio.

Jaeger não conseguia falar. Mal tinha registrado as palavras de Feaney. E não conseguia tirar os olhos daquela imagem. Por alguma razão, aquilo eclipsava até mesmo os horrores que tinha sofrido na prisão de Black Beach.

Quanto mais olhava para aquele símbolo macabro da águia, mais sentia uma coisa queimar dentro de sua mente. Aquilo trazia à tona lembranças terríveis, escondidas.

A imagem era tão estranha, mas ao mesmo tempo tão familiar, e ameaçava trazer à superfície todas aquelas lembranças há tanto enterradas.

Capítulo 8

Jaeger pegou dois alicates robustos e escalou a cerca com a ajuda deles. Por sorte, a segurança da marina de Springfield, na parte leste de Londres, nunca fora muito boa. Ele havia abandonado Bioko praticamente com as mesmas roupas que usava agora. Não tivera tempo de pegar nenhuma de suas chaves — incluindo as que abriam os portões da marina. De qualquer forma, o barco era seu e se sentia no total direito de invadir a própria casa.

Tinha comprado os alicates numa lojinha do bairro. Antes de deixar Raff e Feaney, pediu aos dois — e também a Carson, o diretor-presidente da Wild Dog Media — um prazo de 48 horas. Dois dias para decidir se estava pronto para assumir o trabalho que Smithy havia começado — liderar a expedição de destino e sorte duvidosos na Amazônia.

Mas, apesar de ter pedido esse tempo, Jaeger sabia que não estava enganando ninguém. Eles já o tinham fisgado: por muitas razões, simplesmente não podia recusar o trabalho.

Em primeiro lugar, estava em débito com Raff. O enorme maori salvara sua vida. A menos que o exército mercenário de Pieter Boerke tivesse tomado Bioko em tempo recorde, Jaeger teria morrido na prisão de Black Beach — e sua morte teria passado despercebida para o mundo do qual havia se retirado.

Em segundo, sentia-se em dívida com Andy Smith. E Jaeger não deixava os amigos na mão. Nunca. Não existia a menor possibilidade de Smithy ter se suicidado. Então pretendia checar tudo outra vez, claro. Para ter certeza absoluta. Mas pressentia, desde já, que a morte do amigo devia estar ligada àquela misteriosa aeronave caída e abandonada na Amazônia. Que outro motivo — *que outra razão* — poderia haver?

Por puro instinto, algo dizia a Jaeger que o assassino de Smithy fazia parte da equipe da expedição. E o único jeito de encontrá-lo seria entrar nela e desmascará-lo.

Em terceiro, havia a aeronave propriamente dita. Pelo pouco que Adam

Carson tinha explicado por telefone, aquela era uma história intrigante. Irresistível. Como Feaney tentara citar, acabando por mencionar erroneamente a frase de Winston Churchill, era uma charada, embrulhada em um mistério, dentro de um enigma.

Para Jaeger, a situação era irresistível.

Não. Já estava decidido: *aceitaria*.

Havia pedido as 48 horas por motivos totalmente diferentes. Precisava fazer três visitas; três investigações — e as faria sem contar nada a ninguém. Talvez os últimos anos o tivessem tornado uma pessoa muito desconfiada. Não conseguia mais colocar a mão no fogo por ninguém.

Talvez os três anos em Bioko o tivessem transformado num solitário; satisfeito com a própria companhia.

E talvez também fosse melhor — *mais seguro* — assim. Era dessa forma que ele sobreviveria.

Jaeger tomou o caminho que margeava a marina, as botas rangendo sobre o cascalho liso e ensopado pela chuva. A tarde caía e a escuridão já se abatia sobre os barcos, enquanto o cheiro de comida sendo preparada ia se espalhando pelas águas paradas do inverno.

A cena — os barcos pintados de cores vivas, a fumaça subindo das chaminés — era um enorme contraste com os tons de cinza pálidos e com as árvores nuas da bacia do canal em fevereiro. Tinham sido três longos anos.

E parecia que havia passado uma vida inteira.

Jaeger se aproximou de uma embarcação próxima da dele no ancoradouro. As luzes estavam acesas no barco de Annie, e o antigo fogão a lenha produzia bastante fumaça.

Subiu a bordo e enfiou a cabeça pela escotilha que dava para a cozinha, sem se anunciar.

— Oi, Annie. Sou eu. Você está com minha chave reserva?

Um rosto se voltou para Jaeger, os olhos arregalados.

— *Will?* Meu Deus... Mas onde diabos... Todos pensamos... Quer dizer, nós temíamos que você...

— Estivesse morto? — perguntou Jaeger, sorrindo. — Não sou um fantasma, Annie. Só fiquei longe por um tempo. Lecionando. Na África. E estou de volta.

Annie balançou a cabeça, confusa.

— Meu Deus... A gente já sabia que você era do tipo introspectivo. Mas três anos na África... Quer dizer, um dia você estava aqui, no outro tinha ido embora sem dizer nada a ninguém.

O tom de Annie era cheio de ressentimento.

Com os olhos azuis-acinzentados e os cabelos negros e um tanto crescidos,

Jaeger era bonito de um jeito quase esculpido, ligeiramente magro e meio bruto. Quase não havia fios brancos em seus cabelos e ele parecia mais jovem do que de fato era.

Jaeger nunca tinha compartilhado muitos detalhes de sua vida pessoal com os outros na marina — e isso incluía Annie —, mas ele provara ser um vizinho leal e confiável, sem mencionar que estava sempre de prontidão para ajudar os amigos "barqueiros". A comunidade tinha certo orgulho de ser solidária. E isso era parte do que tinha atraído Jaeger. Isso e a possibilidade de ter uma casa com um pé no coração de Londres e o outro em campos verdejantes.

A marina ficava no Rio Lee, cujo vale formava um cinturão verde que se estendia do coração da cidade até os prados e colinas mais ao norte. Jaeger costumava voltar para lá depois de um dia de trabalho no *Global Challenger* e passear pelas trilhas que ladeiam o rio, descarregando a tensão e se exercitando para manter a forma.

Nunca precisava cozinhar: Annie sempre oferecia comidas caseiras, e Jaeger tinha especial predileção pelos sucos e vitaminas que ela fazia. Annie Stephenson: solteira, trinta e poucos anos, bonita de um jeito meio descuidado, meio hippie — há tempos Jaeger suspeitava que a vizinha tinha uma queda por ele. Mas era definitivamente homem de uma mulher só.

Ruth e o garoto: eles eram sua vida.

Ou pelo menos tinham sido.

Annie — por mais que fosse uma vizinha maravilhosa, e por mais que Jaeger gostasse de caçoar dela por ser tão hippie — nunca tivera a menor chance.

Ela procurou a chave e a entregou a Jaeger.

— Ainda não acredito que você esteja de volta. Digo... é ótimo que tenha voltado. Foi isso que eu quis dizer. Sabe, George, o latoeiro, já estava querendo pegar sua moto. Mas deixa isso para lá. O fogo está aceso. — E sorriu. Um riso nervoso e ao mesmo tempo esperançoso. — Vou fazer um bolo para comemorar, o que acha?

Jaeger sorriu. Parecia tão jovem nos raros momentos em que as trevas se afastavam dele.

— Sabe de uma coisa, Annie, senti falta da sua comida. Mas não vou ficar muito por aqui. Tenho algumas coisas para resolver primeiro. Terei bastante tempo para comer um pedaço de bolo e botar a conversa em dia depois.

Jaeger pisou em terra firme, passando pelo barco de George. Sorriu meio torto: era bem típico daquele latoeiro filho da mãe ficar de olho na sua moto.

Poucos minutos depois, Jaeger subia em sua própria embarcação. Afastou as pilhas de folhas caídas e inclinou o corpo em frente à porta. A corrente e o forte cadeado estavam no lugar. Acorrentar o barco tinha sido uma das últimas

providências que tomara antes de deixar Londres e pegar um voo para o fim do mundo.

Jaeger apertou a corrente com o alicate, empregou toda a força dos membros doloridos e conseguiu parti-la. Colocou a chave reserva que estava com Annie na fechadura e abriu a porta que dava acesso ao interior do barco. Era uma embarcação conhecida como *Thames Barge*. Mais largo e fundo que a maioria dos barcos da marina, o modelo oferecia espaço para que se desfrutasse de um certo conforto. Mas não no barco de Jaeger.

O interior era bem vazio. Estritamente funcional. Desprovido de tudo, exceto de alguns objetos de uso pessoal.

Um dos ambientes era uma academia improvisada. Outro era um quarto bem espartano. Havia uma cozinha pequena e uma "sala de estar", com alguns tapetes e almofadas velhos espalhados pelo chão de madeira. Mas a maior parte do interior do barco era tomada por uma grande mesa de trabalho, já que esse era o local onde Jaeger preferia trabalhar sempre que a ida para a sede da empresa — o *Global Challenger* — podia ser evitada.

Não ficou dentro do barco por muito tempo. Pegou um segundo molho de chaves que estava pendurado num prego e saiu. Amarrada à proa do barco e coberta estava a moto Triumph Tiger Explorer de Jaeger. A moto era como uma velha amiga. Jaeger a tinha comprado de segunda mão há mais de uma década para comemorar o sucesso no teste de seleção do SAS.

Desamarrou a lona que cobria a moto e a enrolou de lado. Abaixou-se na direção de uma segunda corrente de segurança, cortou-a, e já ia se erguer quando ouviu um leve ruído, um barulho abafado de pés pesados no cascalho molhado e oleoso. Em uma fração de segundo já havia enrolado uma volta da grossa corrente numa das mãos, deixando uns sessenta centímetros pendurados, com o pesado cadeado balançando na ponta.

Ele se virou, a arma improvisada preparada como se fosse uma bola de ferro medieval.

Uma sombra gigante apareceu na escuridão.

— Achei que ia te encontrar aqui. — E os olhos se voltaram para a corrente. — Só imaginei que seria mais bem recebido.

Jaeger liberou a tensão dos músculos.

— Nada mais justo. Quer um chá? Posso oferecer um leite de três anos atrás e uns saquinhos de chá velho.

Eles entraram. Raff passou os olhos pela embarcação.

— Parece uma volta ao passado, cara.

— É mesmo. Passamos bons momentos aqui.

Jaeger se encarregou de esquentar a água na chaleira e depois entregou a Raff

uma caneca de chá quente.

— O açúcar está duro como pedra. Os biscoitos, moles como cocô. Imagino que você vá abrir mão de ambos.

Raff deu de ombros.

— Só o chá tá legal. — E deu uma espiada na moto pela porta entreaberta. — Está pensando em dar uma voltinha?

Jaeger não daria nenhuma dica.

— Sabe como é: eu vivo para pilotar.

Raff remexeu o bolso e entregou a Jaeger um pedaço de papel.

— É o novo endereço da família de Smithy. Não adianta ir ao endereço antigo. Eles se mudaram duas vezes nos últimos três anos.

O rosto de Jaeger permanecia inexpressivo.

— Alguma razão em particular? Para se mudarem tanto?

Raff deu de ombros.

— Smithy estava ganhando uma boa grana trabalhando para a gente. Para a Enduro. Parece que precisava de mais espaço. Queria uma casa maior. Estava planejando mais um filho, era o que dizia.

— Não é exatamente um comportamento suicida.

— Não exatamente. Precisa de uma mão com a moto?

— Preciso, obrigado.

Os dois homens manobraram a Triumph por uma prancha improvisada até a margem do rio. Jaeger sentiu os pneus meio vazios. Precisava enchê-los. Voltou ao barco para pegar alguns acessórios. Jaqueta impermeável. Botas. Luvas grossas de couro. O capacete, daqueles modelos abertos no rosto. Por último, pegou um cachecol e um par de óculos modelo aviador da Segunda Guerra Mundial.

Em seguida, arrancou a gaveta da mesa, virou-a de ponta-cabeça e abriu o envelope preso com fita adesiva na parte de baixo. Contou o dinheiro dentro do envelope: mil libras, exatamente a quantia que havia deixado ali.

Jaeger colocou o dinheiro no bolso, fechou o barco e foi se juntar novamente a Raff. Acoplou um compressor elétrico e encheu os pneus. Tinha deixado a moto ligada numa bateria solar. Mesmo no auge do inverno, a pouca luz do sol era suficiente para carregar a bateria. Foi só girar o mecanismo algumas vezes e o motor pegou.

Jaeger enrolou o cachecol no rosto, do nariz para baixo, colocou o capacete e ajeitou os óculos nos olhos. Eram especiais para ele. Preciosos. Seu avô, Ted Jaeger, os tinha usado durante a Segunda Guerra Mundial, quando andava com uns uniformes de quem fazia algo sigiloso. Nunca havia falado muito a respeito, mas pelas fotos em abundância nas paredes, ficava claro que Ted tinha visitado

com seu jipe conversível lugares remotos e devastados pela guerra.

Jaeger se arrependia com frequência de não ter feito mais perguntas quando Ted ainda estava vivo, sobre o papel que seu avô desempenhara durante a guerra. E, depois das últimas horas, arrependia-se mais do que nunca de não ter feito isso.

Subiu na Triumph e olhou para a caneca vazia na mão de Raff.

— Deixe isso aí no barco, por favor.

— Tá. — Raff hesitou, depois colocou a mão enorme no guidão da moto. — Cara, saquei a expressão nos seus olhos quando você viu a foto de Smithy. Seja lá o que estiver planejando, seja lá aonde estiver indo, tenha cuidado.

Jaeger encarou Raff por algum tempo. Mas seu olhar parecia estar voltado para dentro.

— Eu sempre tenho cuidado.

Raff agarrou o guidão com mais força ainda.

— Sabe o que mais? Algum dia você vai ter de se abrir com alguém. Nenhum de nós sabe o que você sofreu. Não temos nem como imaginar. Mas somos seus amigos. Seus irmãos. Nunca se esqueça disso.

— Eu sei. — Jaeger fez uma pausa. — Só 48 horas. E volto com uma resposta.

Acelerou a moto, saiu deslizando pelo cascalho e desapareceu.

Capítulo 9

Jaeger fez uma única parada na estrada rumo ao oeste — numa loja da Carphone Warehouse, para comprar um smartphone pré-pago. Tinha mantido a velocidade da Explorer em quase 130 km/h na rodovia M3 e só quando desviou para a A303 para pegar as estradas menores de Wiltshire foi que finalmente começou a desacelerar.

Durante a longa etapa na rodovia, sua mente divagara. Andy Smith. Amigos assim não eram fáceis de encontrar. Jaeger podia contar os seus — incluindo Raff — nos dedos de uma das mãos. E agora um deles se fora, e ele faria o possível e o impossível para descobrir exatamente como e por que Smithy tinha morrido.

O treinamento do grupo de repressão a narcóticos com os brasileiros fora uma das últimas missões em que os dois serviram juntos. Jaeger abandonara a farda pouco depois para fundar a Enduro Adventures. Smithy continuara na ativa. Dissera que, com uma esposa e três crianças para sustentar, não podia deixar de lado a segurança do pagamento regular que o exército oferecia.

Foi durante o terceiro treinamento com as equipes brasileiras que houve uma reviravolta inesperada. Em teoria, Jaeger e seus homens estavam no país unicamente para treinar a Brigada de Operações Especiais (BOE). Mas, com o tempo, foram se apegando aos brasileiros e passaram a odiar os traficantes — e suas gangues — quase tanto quanto os caras da BOE.

Quando uma das equipes BOE, liderada pelo capitão Evandro, desapareceu, Jaeger e seus homens tomaram a frente na missão de resgate que se tornaria a maior patrulha a pé da história das Forças Especiais brasileiras. Jaeger liderava o grupo, que contava também com um grupo da BOE. O esconderijo da gangue dos traficantes na floresta foi encontrado, observado durante vários dias para, só então, sofrer um ataque feroz.

No banho de sangue que se seguiu, todos os bandidos foram mortos. Oito dos doze homens do capitão Evandro foram resgatados com vida, o que, naquelas

circunstâncias, foi um bom resultado. Mas, durante essa missão, o próprio Jaeger esteve perto de morrer, e foram a bravura e o altruísmo de Smithy que o salvaram.

E, assim como o capitão Evandro, Jaeger não era homem de esquecer.

Deixou a estrada principal na altura da placa que indicava a direção de Fonthill Bishop. Chegou aos arredores do verdadeiro cartão-postal que é o vilarejo de Tisbury, e direcionou o olhar para a direita, para uma casa recuada. Luzes fracas iluminavam as janelas — como olhos pesarosos piscando para um mundo assustador.

O chalé Millside: Jaeger reconhecera o endereço quando Raff lhe entregou o papel.

Típico chalé inglês, com telhado de colmo, rodeado de plantas trepadeiras subindo cada vez mais alto, um riacho próprio e dois mil metros quadrados de terra — Smithy sempre estivera de olho naquela casa, desde que havia se mudado para a região no intuito de ficar mais próximo de seu ex-comandante e melhor amigo, Will Jaeger. Era evidente que Smithy finalmente havia conseguido comprar a casa dos seus sonhos — só que Jaeger já devia estar desaparecido há uns bons dois anos quando isso aconteceu.

Jaeger passou pela casa em direção ao vilarejo e pegou uma rua que parecia uma montanha-russa e levava até Tuckingmill e East Hatch. Desacelerou a moto embaixo da ponte de trilhos por onde passava o trem para Londres — o mesmo que tantas vezes tinha usado quando o clima estava frio e chuvoso para uma viagem de moto.

Por um momento, o farol de sua Triumph iluminou a placa para New Wardour Castle. Jaeger virou à direita, subiu uma pequena rua e atravessou o portão que se abria a partir de um muro de pedras.

Os pneus da moto deslizaram pela estrada de cascalho que levava ao casarão, uma via protegida por fileiras de castanheiras que a margeavam feito um grupo de sentinelas fantasmas. Wardour, uma imponente casa de campo, tinha sido comprada quando estava caindo aos pedaços por um amigo de escola de Jaeger. Nick Tattershall fizera fortuna no mercado financeiro e usara o dinheiro para devolver ao New Wardour Castle sua antiga glória.

Ele dividira o casarão em vários apartamentos, reservando o maior deles para si. Porém, quando a reforma estava quase terminada, a Grã-Bretanha entrou em uma de suas recessões cíclicas, e a propriedade perdeu valor. Tattershall correu o risco de perder tudo.

Jaeger foi o primeiro a adquirir um dos apartamentos do casarão, que ainda não estava pronto na ocasião, e seu voto de confiança atraiu outros compradores. Tinha fechado negócio a um preço baixo, uma quantia com a qual, em

circunstâncias normais, jamais poderia comprar um apartamento como aquele.

Com o tempo, o local se provou perfeito para uma casa de família.

Localizado no coração de uma área verde maravilhosa e vasta, permitia privacidade e tranquilidade — e ficava a poucas horas de moto ou de trem de Londres. Jaeger organizava seu trabalho para que pudesse ser realizado em parte em Wardour, em parte no seu barco, em parte no *Global Challenger* — sem nunca ficar tempo demais longe da família.

Estacionou a moto em frente à imponente fachada de calcário. Colocou a chave na fechadura da porta principal e avançou pela fria entrada de mármore, chegando até as escadas. Porém, assim que pisou no primeiro degrau, suas pernas pareceram sentir o peso de tantas lembranças — boas e ruins.

Tinha passado momentos maravilhosos aqui.

Tanta felicidade.

Como tudo podia ter terminado tão mal?

Parou na porta de seu apartamento. Já sabia o que o aguardava. Preparou-se psicologicamente, virou a chave e entrou.

Acendeu as luzes. A maioria dos móveis estava coberta por lençóis, mas, uma vez por semana, sua fiel faxineira, a Sra. Sampson, vinha tirar o pó e passar o aspirador, de forma que o local estava limpíssimo.

Jaeger ficou parado por um instante. Bem diante dele, pendurado na parede, estava um quadro enorme de um impressionante sabiá-laranjeira, um dos símbolos nacionais do Brasil. Pintado por um renomado artista brasileiro, o quadro fora um presente do capitão Evandro — sua forma muito especial de agradecimento.

Jaeger adorava aquela pintura. E por isso a posicionara na parede oposta à entrada, para que fosse a primeira coisa a ser vista quando se entrava na casa.

Quando partiu para Bioko, Jaeger pediu à Sra. Sampson para não cobrir o quadro. Não sabia bem o motivo. Talvez esperasse voltar logo, e quisesse ter o pássaro à vista, como sempre, para saudá-lo.

Jaeger se virou para a esquerda e avançou pela ampla sala de estar. Não havia razão para abrir as enormes persianas de madeira, já que há muito era noite fechada do lado de fora. Acendeu as luzes e seus olhos se fixaram na escrivaninha encostada à parede.

Caminhou em direção a ela e, com muito cuidado, tirou o lençol que a cobria.

Jaeger estendeu uma das mãos, os dedos tocando o rosto da linda mulher da foto no porta-retratos. Manteve as pontas dos dedos ali, momentaneamente grudados no vidro. Depois se abaixou, até que os olhos ficassem no mesmo nível da mesa.

— Estou de volta, Ruth — sussurrou. — Foram três longos anos, mas estou de

volta.

Jaeger deixou os dedos escorregarem pelo vidro, parando sobre as feições de um garotinho em pé ao lado da mãe, a postura protetora. Os dois estavam vestidos com camisetas com os dizeres “Salvem os Rinocerontes” compradas durante uma viagem em família ao Parque Nacional Amboseli, no Quênia. Jaeger jamais esqueceria o passeio à meia-noite que os três tinham feito junto com os guias massais. Caminharam na savana iluminada pela lua, entre hordas de girafas, gnus e, o melhor de tudo, rinocerontes — o animal preferido da família.

— Luke, papai voltou... — murmurou Jaeger. — E só Deus sabe o tamanho da saudade que senti de vocês.

Jaeger ficou quieto, deixando o silêncio pesado ecoar pelas paredes da casa.

— Mas, sabe, nunca houve nenhuma pista... nenhuma prova de que estavam vivos. Se vocês tivessem me enviado alguma coisa... um sinal, por menor que fosse. Qualquer coisa. Smithy ficou de olho. Sempre alerta. Sempre. Ele prometeu me avisar.

Jaeger pegou a foto e a abraçou.

— Fui aos confins da terra para tentar encontrar vocês. Eu teria ido até o fim do universo. Lugar nenhum seria longe o suficiente para me impedir. Mas, por três anos inteiros, não consegui nada.

Ele passou a mão no rosto, como se tentasse apagar a dor dos anos perdidos. Quando baixou a mão, tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Acho que, se formos honestos e verdadeiros uns com os outros, talvez tenha chegado a hora. Talvez seja a hora de dizer adeus... Talvez seja a hora de aceitar que vocês realmente... se foram.

Jaeger inclinou a cabeça para a frente. Encostou os lábios no retrato. Beijou o rosto da mulher. Beijou o do filho. Depois colocou gentilmente o porta-retratos de volta à mesa, deitado sobre o lençol.

Virado para cima, para que pudesse ver os dois e lembrar.

Capítulo 10

Jaeger atravessou a sala de estar toda até chegar a uma porta dupla que dava acesso ao que a família costumava chamar de sala de música. Uma das paredes era inteiramente coberta por prateleiras de CDs. Escolheu um deles: o *Requiem* de Mozart. Ligou o aparelho de som, colocou o disco e a música começou a tocar.

A melodia delicada trouxe tudo de volta. Todas as recordações da família. Pela segunda vez em poucos minutos, Jaeger se pegou tendo de conter as lágrimas. Não podia se permitir desabar, viver o luto. Ainda não.

Havia outra coisa — algo profundamente perturbador — que ele fora ali com a intenção de fazer.

Puxou o velho baú que estava ao pé da estante de partitura. Por alguns segundos, seus olhos se demoraram nas iniciais gravadas na tampa: W. E. J. — William Edward "Ted" Jaeger. O baú de guerra de seu avô, e com o qual Jaeger fora presenteado antes de ele morrer.

Quando o *Requiem* atingiu seu primeiro *crescendo*, Jaeger se lembrou das vezes que o avô Ted o levara escondido até seu escritório e permitira que ele desse uma tragada em seu cachimbo, compartilhando momentos preciosos ao fuçar justamente aquele baú.

O cachimbo do avô Ted, sempre preso entre os dentes. O cheiro: cigarros Player's Navy Cut e tabaco aromatizado com uísque. Jaeger quase podia ver a cena ali agora — círculos de fumaça soprados no ar pelo avô, fazendo uma dança suave e etérea à luz da lâmpada.

Jaeger abriu os fechos e levantou a pesada tampa do baú. No topo estava um de seus objetos antigos favoritos: uma pasta de couro, com letras vermelhas e gastas gravadas nela que diziam: *TOP SECRET*. Altamente confidencial. E, logo abaixo, *Oficial Comandante da Unidade de Ligação No 206.*

Jaeger sempre achara estranho o fato de o conteúdo da pasta não corresponder às expectativas do que trazia gravado na capa.

Dentro dela havia folhetos de radiofrequência e códigos da Segunda Guerra Mundial, diagramas dos principais carros de combate, plantas de turbinas, bússolas e motores. Tudo aquilo parecia fascinante aos olhos de uma criança, mas, depois de adulto, Jaeger se deu conta de que não havia nada ali tão relevante quanto indicava a capa, ou que justificasse todo aquele cuidado.

Era quase como se seu avô tivesse guardado aqueles documentos ali só para fascinar e entreter o neto adolescente, sem revelar nada realmente confidencial ou de valor.

Depois da morte do avô, Jaeger tinha tentado pesquisar a Unidade de Ligação N0 206 para conhecer melhor sua história. Mas não encontrara nada. O Arquivo Nacional, o Museu Imperial da Guerra, o Ministério da Defesa: todos os lugares que deveriam ter guardado algum tipo de registro — um diário de guerra que fosse — não faziam qualquer menção a ela.

Era quase como se a Unidade de Ligação N0 206 jamais tivesse existido, como se fosse um esquadrão fantasma.

Mas um dia ele descobriu algo. Ou melhor, Luke descobriu.

Com oito anos, seu filho Luke era igualmente fascinado pelo conteúdo do baú: a pesada faca comando do bisavô, a boina surrada, a bússola de ferro. Um dia, as mãos do filho de Jaeger foram lá no fundo e chegaram a um item que ficara escondido todo aquele tempo.

Num impulso febril, Jaeger fazia agora algo semelhante ao que o filho fizera, esvaziando o conteúdo do baú no chão. Havia tantos objetos nazistas ali: um broche da SS com a caveira sorrindo de um jeito enigmático; um punhal da juventude hitlerista, com uma foto do Führer no cabo; uma gravata dos "*Lobisomens*" — obstinada resistência nazista montada para continuar lutando mesmo depois que a guerra propriamente dita já havia sido perdida.

Algumas vezes, Jaeger havia se perguntado se o avô não tinha acabado por se aproximar demais do regime nazista, tantos eram os objetos do regime presentes no baú. O que quer que ele tivesse feito durante a guerra, será que isso teria de alguma forma colocado seu avô perto demais do mal e das trevas? Teria se infiltrado em sua mente, tomado posse dele?

Jaeger não acreditava nisso, mas nunca conseguira ter conversas desse tipo com o avô antes que ele morresse de forma inesperada.

Ele se fixou por um momento num livro de aparência muito característica, que tinha praticamente esquecido que estava no baú. Era uma cópia rara do manuscrito Voynich, um texto medieval ricamente ilustrado e escrito em um idioma misterioso. Estranhamente, aquela obra estivera sempre em cima da escrivaninha do avô, e Jaeger a herdara junto com o conteúdo do baú.

Essa era outra informação que Jaeger jamais havia conseguido levantar com o

avô: por que a fascinação por um manuscrito medieval obscuro e ininteligível?

Jaeger retirou do baú o livro pesado, o que revelou o fundo falso de madeira. Ele nunca chegou a uma conclusão sobre se o avô deixara o documento ali por acidente, ou se o tinha feito de propósito, esperando que um dia o neto descobrisse o compartimento secreto.

Fosse como fosse, tinha ficado ali, escondido em meio a um monte de objetos da guerra, aguardando três décadas ou mais para ser descoberto.

Os dedos de Jaeger entraram por baixo das placas de madeira, encontraram o fecho do compartimento e o abriram. Jaeger tateou e puxou o envelope gordo e amarelado, segurando-o com mãos trêmulas. Uma parte de si não queria olhar dentro do envelope de jeito nenhum, mas outra, maior, sabia que era preciso fazê-lo.

Tirou o documento de lá. Escrito à máquina, grampeado ao longo de uma das laterais, ele era exatamente como Jaeger se lembrava. Na parte de cima, escrita com a tipografia gótica característica do nazismo, estava a palavra *KRIEGSENTSCHEIDEND.*

O conhecimento de alemão de Jaeger era praticamente inexistente, mas, com a ajuda de um dicionário, tinha conseguido traduzir as poucas palavras presentes na capa. *Kriegsentscheidend* era o mais alto nível de confidencialidade dado a um documento pelos nazistas. O equivalente mais próximo, para os britânicos, seria algo como “Ultra Top Secret”.

Abaixo, vinha escrito: *Aktion Werwolf*. “*Operação Lobisomem.”*

Embaixo disso, uma data que não requeria tradução: 12 de fevereiro de 1945.

E, por fim, *Nur fur Augen Sicherheitsdienst Standortwechsel Kommando*. Ou seja, para ser lido apenas por camaradas do *Sicherheitsdienst Standortwechsel Kommando.*

O *Sicherheitsdienst* era o Serviço de Segurança da SS e do Partido Nazista — o ápice do mal. *Standortwechsel Kommando* podia ser traduzido como o “Comando de Realocação”, o que não dizia praticamente nada a Jaeger. Ele havia procurado pelo *Google* ambas as referências misteriosas, “Operação Lobisomem” e “Comando de Realocação”.

Não conseguira nada. Nem uma única referência.

Isso foi o mais longe que Jaeger tinha chegado nas investigações, porque as trevas — e sua partida para Bioko — vieram pouco depois. Mas tinha sido claramente um documento altamente confidencial nos tempos da guerra e que havia, por alguma razão, caído nas mãos de seu avô.

Mas foi a página seguinte que desencadeou as lembranças de Jaeger, arrastando-o de Londres para Wiltshire e de volta à casa — totalmente abandonada — da família.

Abriu a capa, uma sensação de mau agouro invadindo seu ser.

Encarando-o do papel estava uma imagem carimbada em preto. Jaeger a observou, a cabeça a mil por hora. Exatamente como temera, sua memória não o havia enganado.

A imagem negra era de uma águia estilizada de pé sobre a cauda, as asas abertas e o bico curvado em expressão de crueldade — as garras presas a um símbolo circular gravado com inscrições ilegíveis.

Capítulo 11

Jaeger sentou-se à mesa da cozinha, fechado em si mesmo.

Diante dele estavam enfileiradas três fotografias: a primeira era do corpo de Andy Smith, o símbolo da águia entalhado profundamente em seu ombro esquerdo; a segunda, uma foto do símbolo da águia no documento da Operação Lobisomem, que Jaeger havia tirado com o smartphone.

A terceira era a foto de sua mulher e de seu filho.

Durante o tempo no exército, Jaeger não fora exatamente do tipo que queria se casar. Uma união longeva e feliz não combinava com a vida de alguém que servia nas forças especiais. A cada mês aparecia uma nova missão, que acabava por colocá-lo em algum deserto castigado pelo sol, numa selva úmida ou numa montanha de gelo. Houvera pouco tempo para romances duradouros.

Mas, então, aconteceu o acidente. Durante um salto em queda livre de altitude elevada sobre a savana africana, seu paraquedas apresentou defeito. Foi sorte ter sobrevivido. Jaeger passou meses no hospital com fraturas nas vértebras e, embora tivesse se esforçado para recuperar a forma física, seus dias no SAS ficaram contados.

Foi nesse período — o longo ano de recuperação — que conheceu Ruth. Seis anos mais nova, ela foi apresentada por um amigo comum e, no primeiro contato, os dois não se deram lá muito bem. Ruth — uma estudante de graduação e ativista obstinada de proteção ao meio ambiente e à vida selvagem — tomou Jaeger como seu extremo oposto.

Já Jaeger presumiu que uma mulher do tipo que abraçava árvores desprezaria um soldado de elite como ele. Mas a combinação do humor afiado e provocador de Jaeger com o jeito determinado e a aparência deslumbrante de Ruth, gradualmente, fez com que os dois passassem a se admirar mutuamente... e acabaram se apaixonando.

Com o tempo, perceberam que compartilhavam um interesse — a paixão pela vida selvagem.

Ruth estava grávida de três meses de Luke quando os dois se casaram, e Andy Smith foi o padrinho. Quando Luke nasceu, e durante os meses e anos que se seguiram, os dois experimentaram o milagre de ver se desenvolver uma miniversão deles mesmos.

Cada dia com Luke e Ruth fora um maravilhoso desafio e uma aventura, o que tornou o vazio da perda de ambos ainda mais impossível de suportar.

Por quase uma hora, Jaeger ficou olhando as três imagens — o amarelado e embolorado documento nazista e a foto feita pela polícia de uma suposta vítima de suicídio, ambos exibindo a mesma imagem da águia; e a foto de Ruth e Luke —, tentando imaginar que conexão poderia existir entre elas. Ele não conseguia se livrar da sensação de que, de alguma forma, o símbolo da águia estava ligado à morte — não: ao *desaparecimento* — de sua mulher e de seu filho.

Por algum motivo desconhecido — algo que ele não conseguia compreender de jeito nenhum —, havia uma sensação perturbadora de causa e efeito ali. Alguns chamam de sexto sentido de soldado, mas ele tinha aprendido a confiar naquela voz interior ao longo dos anos. Ou talvez isso tudo não passasse de um tremendo papo furado. Talvez os três anos em Bioko e as cinco semanas na prisão de Black Beach tivessem afetado seu juízo, a paranoia devorando-o como um ácido corrosivo, corrompendo suas faculdades mentais.

Jaeger não se lembrava de quase nada da noite em que a mulher e o filho foram extirpados de sua vida. Tinha sido um calmo fim de tarde de inverno, num local de beleza e serenidade estonteantes. Estavam acampando nas montanhas do País de Gales, com o vasto céu salpicado de estrelas acima deles. Era o típico lugar onde Jaeger se sentia mais feliz.

A fogueira havia sido reduzida a cinzas e o último pensamento consciente de Jaeger fora o de engatinhar para dentro da barraca, fechar o zíper dos sacos de dormir e de ter a mulher e o filho se aconchegando a ele para se esquentar. Jaeger fora deixado num estado de semiconsciência — alguém bombeara gás tóxico dentro da barraca, o que o deixou totalmente indefeso — e, por isso, o fato de não lembrar de nada não chegava a surpreender. E, quando acordou, estava na UTI, a mulher e o filho desaparecidos havia dias.

E, no entanto, o que ele não conseguia compreender — o que o aterrorizava — era a forma como o símbolo da águia parecia invadir aquelas recordações há muito enterradas.

Os psicólogos do exército tinham dito que as lembranças estariam em algum lugar da sua mente. E que, muito provavelmente, um dia começariam a ressurgir, como galhos de árvores arrastados pelo oceano e devolvidos à praia pelo mar revolto.

Mas por que justamente esse símbolo — essa águia macabra — ameaçava ir

tão fundo e trazer à tona essas lembranças?

Capítulo 12

Jaeger passou a noite sozinho no apartamento.

Ele teve aquele sonho mais uma vez; o mesmo que o assombrara por tanto tempo depois que Ruth e Luke desapareceram. Como sempre, o sonho o conduzira até o momento em que os dois eram arrancados dele — as imagens nítidas e claras, como se fosse ontem.

Mas no momento em que o terror o atingiu, ele acordou gemendo num emaranhado de lençóis encharcados de suor. Era uma tortura — essa incapacidade de ir além, de se lembrar, mesmo que na segurança relativa dos próprios sonhos.

Ele se levantou cedo.

Pegou um par de tênis do guarda-roupa e saiu para correr nos campos gelados. Foi na direção sul, seguindo um leve declive que levava a um vale, cercado a distância pela floresta de Grove Coppice. Chegou à pista que ziguezagueava entre as árvores e aumentou a velocidade, entrando num ritmo constante e familiar.

Essa sempre fora sua parte favorita do circuito — as árvores da floresta funcionavam como um escudo que o protegia de olhos bisbilhoteiros, e a fileira alta de pinheiros abafava o som de suas passadas. Jaeger deixou a mente entrar no ritmo da corrida; a pulsação meditativa dos passos aquietando os pensamentos conturbados.

Quando saiu da floresta para a luz do dia, na parte norte de Pheasant Copse, sabia exatamente o que precisava fazer.

De volta a Wardour, tomou um banho rápido e ligou o computador. Mandou uma mensagem para o capitão — agora coronel — Evandro, esperando que o endereço de e-mail continuasse o mesmo. Depois das formalidades de praxe, fez a pergunta: quais foram as empresas que concorreram com a Wild Dog Media para participar da expedição?

Na cabeça de Jaeger, se alguém tinha motivo para assassinar Andy Smith, os

concorrentes deviam ser os primeiros suspeitos.

Feito isso, pegou a preciosa foto da mulher e do filho, recolocou os documentos confidenciais no compartimento secreto do baú de guerra do avô Ted, trancou o apartamento e ligou a Triumph. Pilotou tranquilamente pela Hazeledon Lane — ainda era cedo e ele tinha algumas horas de sobra.

Estacionou em frente à delicatessen Tisbury na Beckett Street. Eram nove da manhã e eles tinham acabado de abrir. Pediu ovos pochê, bacon defumado e café puro. Enquanto esperava pela comida, seus olhos foram atraídos para a estante de jornais. A manchete do diário mais próximo anunciava: *Golpe na África Central: Presidente Chambara, da Guiné Equatorial, capturado.*

Jaeger pegou o jornal e passou os olhos pela matéria, saboreando a notícia, assim como o excelente café da manhã.

Pieter Boerke havia acertado na mosca: seu Golpe Final tinha cumprido tudo que ele prometera. Boerke conseguira, de alguma forma, transportar seus homens pelo Golfo da Guiné durante uma forte tempestade tropical. Tinha escolhido fazer isso propositalmente porque, de acordo com o serviço de inteligência local — muito provavelmente o major Mojo —, as tropas de Chambara ficariam em terra por conta do clima instável.

Os homens de Boerke iniciaram o combate numa noite infernal de temporal. Os guardas de Chambara foram pegos de surpresa e a resistência ruiu rapidamente. O presidente foi capturado enquanto tentava fugir do país em seu jatinho particular, no aeroporto de Bioko.

Jaeger sorriu.

Talvez fosse colocar as mãos na sétima página do manifesto de carga do *Duchessa*, no fim das contas — não que isso parecesse importar muito agora.

Quinze minutos depois, Jaeger apertava a campainha de uma casa. Havia deixado a moto no vilarejo e subido a ladeira a pé, tendo primeiro telefonado para avisar a Dulce que estava a caminho.

Dulce. *Doce.* A mulher de Smith certamente merecia seu nome.

Smith a conhecera no Brasil, durante a segunda missão de treinamento dos dois — Dulce era uma prima distante do coronel Evandro. O casamento veio depois de um rápido namoro, e Jaeger não podia culpar Smithy por ter se amarrado àquela garota.

Com um 1,75 m de altura, olhos negros e sensuais, pele macia — Dulce era muito sexy. E era também o tipo de mulher para se casar, como Jaeger deixou claro em seu discurso de padrinho, no qual também alertou Dulce, delicadamente, sobre os maus hábitos de Smithy, mas também sobre sua lealdade incondicional.

A porta do chalé Millside se abriu. Lá estava ela, linda como sempre, um

sorriso corajoso no semblante anuviado. Mas não havia sorriso que escondesse seu pesar. Jaeger entregou a cesta de café da manhã que havia comprado na delicatessen e também um cartão no qual escrevera algo às pressas.

Dulce fez café, enquanto Jaeger a atualizava com a versão resumida dos três anos em que estivera fora. Jaeger mantivera contato com o marido de Dulce, mas tinha sido uma via de mão única — Smithy avisando por e-mail que não havia novidades sobre a mulher e o filho.

O acordo que Jaeger tinha feito com o melhor amigo era de que seu paradeiro permaneceria em segredo absoluto até que mudasse de ideia. Havia uma condição, porém: se Smithy morresse ou ficasse, de alguma forma, incapacitado, o advogado de Jaeger revelaria os detalhes de seu paradeiro. Jaeger supôs que tinha sido por isso que Raff e Feaney o encontraram, mas não se dera ao trabalho de perguntar. Com a morte de Smithy, tudo isso se tornara irrelevante.

— Você consegue pensar em alguma coisa? — perguntou Jaeger, enquanto os dois comiam os pastéis de nata feitos por Dulce, à mesa da cozinha. — Qualquer coisa que sinalizasse que Smithy estava infeliz? Que poderia tirar a própria vida?

— Claro que não! — E os olhos de Dulce soltaram faíscas. Ela sempre tivera um lado inflamável. — Como você pode perguntar isso? Nós éramos felizes. Ele estava muito feliz. Não. Andy nunca teria feito o que disseram que fez. Simplesmente não é possível.

— Ele não tinha nenhum problema financeiro? — sondou Jaeger. — Nenhuma preocupação com os meninos na escola? Preciso da sua ajuda. Estou tentando de tudo para encontrar alguma razão.

Dulce deu de ombros.

— Não existe nenhuma.

— Ele andava bebendo? Tinha começado a beber?

— Jaeger, ele se foi. E não, *amigo*, ele não andava bebendo.

Os olhos de Dulce encontraram os de Jaeger. Pesarosos. Anuviados. Marejados.

— Ele tinha uma marca — tentou Jaeger. — Meio como se fosse uma tatuagem. No ombro esquerdo?

— Que marca? — Dulce pareceu perplexa. — Ele não tinha nada. Eu saberia.

Jaeger se deu conta naquele momento de que a polícia não havia mostrado a foto da águia macabra entalhada no ombro do marido a Dulce. E não podia culpar os policiais. Os fatos já eram suficientemente traumáticos para ela; seria desnecessário confrontá-la com os detalhes sórdidos.

Jaeger mudou de assunto rapidamente.

— E essa expedição à Amazônia, como ele se sentia em relação a isso? Algum problema com o grupo? Com Carson? Com a empresa de filmagem?

Alguma coisa?

— Você sabe como Andy se sentia em relação à floresta: ele a adorava. Estava muito empolgado. — Uma pausa. — Talvez tivesse uma coisa. Mas perturbava mais a mim do que a ele. A gente fazia piada a respeito. É que conheci a equipe. E havia uma mulher russa. Irina. Irina Narov. Loira. Ela se acha a mulher mais linda do mundo. A gente não se deu muito bem.

— Continue — disse Jaeger.

Dulce refletiu por um momento.

— Era quase como se ela se considerasse uma líder nata. Pensava que era melhor que ele. Como se quisesse a expedição para si, *como se desejasse tirá-la dele*.

Jaeger fez uma anotação mental para investigar mais sobre Irina Narov. Nunca tinha ouvido falar de alguém que cometesse um assassinato por uma razão tão banal. Mas, que diabos, parecia haver muito em jogo aqui: com a exposição global pela TV, a promessa de fama internacional e uma potencial fortuna como consequência.

Talvez servisse como motivação, no fim das contas.

Jaeger rumou para o norte, a Triumph em alta velocidade.

Por mais estranho que fosse, a visita a Dulce o acalmara. Tinha confirmado o que já sabia lá no fundo — que tudo estava bem na vida de Andy Smith. O amigo não cometera suicídio, fora assassinado. Agora, precisava encontrar os assassinos.

Jaeger se despediu de Dulce insistindo que se ela ou as crianças precisassem de alguma coisa — *qualquer coisa* — era só ligar.

Foi uma longa viagem de Tisbury até a fronteira com a Escócia.

Jaeger nunca compreendera por que seu tio-avô Joe tinha escolhido se mudar para tão longe da família e dos amigos. Sempre achou que ele estava se escondendo, mas não sabia exatamente do quê. Buccleuch Fell, a leste de Langholm, abaixo do Lago Hellmoor — difícil encontrar um lugar mais remoto e escondido e ainda estar no planeta Terra.

A Triumph era uma moto híbrida para trechos de cidade e off-road. Quando Jaeger virou para entrar na trilha que levava à cabana do tio Joe, como a chamavam, ficou muito feliz por ter chegado. Pegou a primeira neve da temporada e, quanto mais subia na trilha, piores eram as condições climáticas.

Encravada entre Mossbrae Height e Law Kneis — dois picos de uns 500 metros de altitude —, a cabana se encontrava em uma das raras clareiras de uma vasta área de floresta, a cerca de 300 metros de altitude. Jaeger pôde ver, pela camada espessa de gelo, que ninguém subia por ali havia dias.

Trazia uma caixa com mantimentos amarrada no *rack* da moto — leite, ovos, bacon, salsichas, aveia, pão. Tinha feito uma parada numa loja de conveniência de estrada, a Westmorland, uma das últimas antes de ele sair da rodovia M6. Quando avançou pela clareira do tio-avô Joe, teve que usar os dois pés para estabilizar a moto, conforme ia passando entre montes de neve acumulada de trinta centímetros de altura ou mais.

No verão, o lugar era quase o paraíso. Jaeger, Ruth e Luke dificilmente deixavam passar a oportunidade de fazer uma visita.

Mas nos longos meses de inverno...

Três décadas atrás, tio Joe comprara o terreno da Comissão Florestal. E construíra a cabana praticamente sozinho — embora, na verdade, a casa fosse suntuosa demais para ser chamada de cabana. Ele havia desviado um riacho para o terreno e escavado uma série de pequenos lagos, um caindo em cascata sobre o outro. Todo o entorno tinha sido transformado num paraíso ecológico, completo com cantos à sombra para o plantio de hortas.

Com painéis solares, fogão à lenha e energia eólica, o local chegava perto de ser autossuficiente. Não havia telefone, nem sinal de celular, portanto, Jaeger não tinha conseguido avisar sobre a visita. Uma espessa fumaça branca escapava do cano de aço da chaminé que se projetava da lateral da cabana. A lenha da lareira vinha da floresta e em geral mantinha a temperatura agradável dentro de casa.

Aos 95 anos, o tio-avô Joe precisava do ambiente aquecido, principalmente quando o tempo estava ruim daquele jeito.

Jaeger estacionou e foi afundando as pernas na neve até chegar à porta. Precisou bater algumas vezes antes de ouvir uma voz vinda de dentro.

— Já vai, já vai! — A porta foi destrancada e aberta.

Um par de olhos espiou por baixo de um tufo de cabelo branco como a neve.

Olhos brilhantes, cheios de vida, que pareciam não ter perdido nada de sua vivacidade ao longo dos anos.

Jaeger levantou a caixa com os mantimentos.

— Achei que você poderia estar precisando disso.

O tio-avô Joe encarou-o com as sobrancelhas arqueadas. Desde a morte do avô Ted, “tio Joe”, como Jaeger o chamava, tinha assumido o papel de avô honorário, e fora aprovado com louvor. Os dois eram bastante próximos.

Os olhos de tio Joe se iluminaram quando ele reconheceu o visitante inesperado.

— Will, meu menino! Nem preciso dizer que não estava esperando... Mas venha. Entre. Tire essas roupas molhadas que vou fazer um chá. Ethel não está. Saiu para dar um passeio na neve. Está com 83 e ainda acha que tem 16.

Uma frase típica de tio Joe.

Fazia quatro anos que Jaeger não o via. Enviara ao tio um cartão-postal ou outro de Bioko, com algumas poucas, mas preciosas, notícias, apenas para que soubessem que estava vivo. Agora chegara sem se anunciar, e Joe o recebia sem pestanejar.

Era apenas mais um dia em Buccleuch Moor.

Primeiro, contaram as novidades da vida de cada um. Jaeger relatou de forma resumida o tempo passado em Bioko. E o tio-avô Joe contou sobre os últimos quatro anos em Buccleuch — onde não houve grandes mudanças. Então Joe perguntou sobre Ruth e Luke. Não pôde evitar, embora soubesse em seu íntimo que, se Jaeger tivesse notícias, ele seria um dos primeiros a saber. Jaeger confirmou que o desaparecimento dos dois permanecia um mistério.

Depois de terem colocado a conversa em dia, Joe encarou Jaeger com um de seus olhares intensos — uma expressão parte inquisitiva, parte irônica.

— Então não venha me dizer que você viajou toda essa lonjura no meio do inverno só para me trazer uns mantimentos, mesmo eu tendo gostado muito deles. Diga logo, por que veio até aqui?

Como resposta, Jaeger colocou a mão no bolso de sua jaqueta Belstaff e puxou o celular. Procurou a foto com o símbolo da águia — a que constava no documento da Operação Lobisomem.

E colocou o telefone diante de Joe sobre a mesa da cozinha.

— Perdoe eu só ter a imagem digital, mas isso aqui significa alguma coisa para você?

O tio-avô Joe apalpou os bolsos de seu cardigã.

— Vou precisar dos meus óculos.

Pegou o celular e segurou-o com o braço esticado, virando-o de um lado para o outro. Era evidente que não estava familiarizado com aquela tecnologia, mas, no momento em que seus olhos captaram a imagem, uma mudança dramática e inesperada pôde ser vista em seu rosto.

Em questão de segundos, ele ficou completamente pálido. Branco como um fantasma. Com as mãos trêmulas, recolocou o telefone na mesa. Quando ergueu o rosto, havia uma expressão em seus olhos que Jaeger nunca vira, e que nunca imaginou que veria.

Medo.

Capítulo 13

— Eu.... eu meio que esperava... sempre temi... — Tio-avô Joe respirava com dificuldade, e apontou para a pia.

Jaeger se apressou em buscar um copo d'água.

O velho pegou o copo com a mão trêmula e bebeu alguns goles, derramando metade na mesa da cozinha. Quando seus olhos encontraram os de Jaeger novamente, toda sua vivacidade tinha desaparecido. Ele olhou ao redor, quase como se a casa fosse assombrada; como se tentasse se lembrar onde estava, e se ancorar no aqui e agora, no presente.

— Onde diabos você conseguiu *isso*? — sussurrou, apontando para a imagem no celular. — Não, não, não responda! Sempre *temi* que esse dia fosse chegar. Mas nunca imaginei que chegaria por você, meu menino, e depois de tudo que você sofreu...

Seus olhos se desviaram para um canto distante do cômodo.

Jaeger não sabia bem o que dizer. A última coisa que queria na vida era causar desconforto e aborrecimento ao velho tio-avô. Que direito tinha ele de fazer isso, bem quando Joe chegava ao crepúsculo da vida?

— Meu menino, é melhor você vir até o meu escritório — observou o velho, saindo de seu estado de devaneio. — Não gostaria que Ethel ouvisse... bem... o que vamos conversar. Apesar dos passeios pela neve, ela não é mais tão forte quanto antes. Nem ela, nem eu.

Ele ficou de pé, apontando para o copo.

— Você pode trazer minha água?

E se virou na direção do escritório. Enquanto seguia na frente, ele pareceu a Jaeger uma pessoa diferente. Estava encurvado — quase dobrado para a frente —, como se carregasse todos os problemas do mundo nos ombros.

O tio-avô Joe suspirou profundamente, produzindo um ruído como o do vento seco soprando nas montanhas.

— Sabe, achamos que carregaríamos nossos segredos para a cova. Seu avô. Eu. Os outros. Homens honrados; homens que conheciam, que compreendiam, o código. Todos soldados, que sabiam o que era esperado de nós.

Eles haviam se trancado no escritório. Lá, o tio-avô pediu que Jaeger contasse cada mínimo detalhe, cada acontecimento que levara ao momento presente. Quando Jaeger terminou, o velho ficou em silêncio, absorto em pensamentos.

Quando finalmente quebrou o silêncio, foi quase como se falasse sozinho ou com outras pessoas no cômodo — os fantasmas daqueles há muito falecidos.

— Pensamos, era o que desejávamos, que o mal tivesse acabado — sussurrou. — Que cada um de nós poderia ir para o descanso final com nossas almas em paz, com a consciência limpa. Imaginamos que já tínhamos feito o suficiente, há tantos anos.

Os dois estavam sentados num par de poltronas de couro gastas e confortáveis, um de frente para o outro. As paredes ao redor exibiam muitas recordações da guerra. Fotos em preto e branco do tio-avô Joe de uniforme, bandeiras esfarrapadas, insígnias icônicas, sua faca comando, uma boina bege.

Havia apenas algumas exceções ao tema. Joe e Ethel nunca tiveram filhos. Jaeger, Ruth e Luke eram sua família adotada. Algumas fotos — a maioria delas de Jaeger com a família nos feriados passados na cabana — preenchiam a mesa juntamente com um livro de aparência muito característica, e que parecia estar fora de contexto em meio aos objetos da época da guerra.

Era uma segunda cópia do manuscrito Voynich, aparentemente idêntica à que estava guardada no baú de guerra do vovô Ted.

— E então esse menino vem aqui, esse menino precioso — continuou o tio-avô Joe —, com... com isso. *Ein Reichsadler!* — As últimas palavras foram ditas com veemência, e o olhar do velho se fixara novamente no celular de Jaeger. — Aquela terrível, desgraçada maldição! Pelo que o menino diz, parece que o mal está de volta... E, nesse caso, será que estou autorizado a quebrar o silêncio?

Ele deixou a pergunta pairar no ar. As paredes espessas de material isolante da cabana abafavam qualquer som, mas ainda assim o cômodo pareceu ecoar uma advertência sinistra.

— Tio Joe, eu não vim aqui para meter o nariz onde... — Jaeger começou, mas o velho levantou a mão, pedindo silêncio.

Com um esforço visível, ele pareceu voltar para o presente.

— Meu garoto, acho que não posso contar tudo — murmurou. — Primeiro, porque seu avô nunca aprovaria. A menos que as circunstâncias fossem completamente desesperadoras. Mas você merece *algumas* respostas. Pergunte. Você deve ter vindo aqui com perguntas a fazer. Pergunte e verei o que posso responder.

Jaeger fez que sim com a cabeça.

— O que você e o vovô Ted fizeram durante a guerra? Perguntei a ele quando ainda estava vivo, mas só recebi evasivas. No que vocês trabalharam para que ele acabasse em posse de documentos como este? — E apontou para o celular.

— Para entender o que fizemos durante a guerra, você precisa primeiro entender contra quem estávamos lutando — começou baixinho o tio-avô Joe. — Muitos anos já se passaram, muito foi esquecido. A mensagem de Hitler era simples e aterrorizante. Lembre-se do slogan dele: *Denn heute gehört uns Deutschland, und morgen die ganze Welt*. Ou seja: hoje a Alemanha nos pertence: amanhã, o mundo inteiro. A proposta do Reich de Mil Anos era construir um império global. Nos moldes do Império Romano. Berlim passaria a se chamar Germânia e seria a capital do mundo. Hitler argumentava que os alemães eram a raça dominante ariana, os *Übermensch*. A intenção era usar a *Rassenhygiene*, a higiene racial, para livrar a Alemanha dos *Untermensch*, os "sub-humanos", e, com isso, tornar a nação invencível. Os *Untermensch* foram explorados, escravizados e assassinados impunemente. Oito, dez, doze milhões, ninguém sabe ao certo quantos foram exterminados.

O tio-avô Joe continuou:

— Nós tendemos a pensar neles apenas como os judeus. Mas eles não foram o único alvo: os nazistas perseguiam qualquer pessoa que não pertencesse à raça dominante. Os *Mischlings*, meio-judeus ou mestiços, homossexuais, comunistas, intelectuais e os que não eram brancos, e isso incluía poloneses, russos, europeus do sul, asiáticos... Os *Einsatzgruppen*, esquadrões da morte da SS, saíram exterminando todos eles. E ainda havia os *Lebensunwertes Leben*, ou os de "vida indigna de viver", pessoas com deficiências ou doenças mentais. Com o programa *Aktion T4*, os nazistas começaram a matá-los também. Imagine isso! *Os deficientes.* Assassinar os seres humanos mais vulneráveis de uma sociedade. E você sabe os meios que utilizavam para isso? Eles colocavam os *Lebensunwertes Leben* num ônibus especial, usando alguma desculpa, e andavam com eles pela cidade, bombeando a fumaça que deveria sair pelo escapamento para dentro do ônibus, enquanto essas pessoas apreciavam a vista da janela.

O velho encarou Jaeger, uma expressão de assombro no rosto.

— Seu avô e eu vimos muitas dessas coisas com nossos próprios olhos.

Ele tomou um gole d'água. Fez um esforço visível para se acalmar.

— Mas não era apenas o extermínio. Acima dos portões dos campos de concentração era colocada a frase: *Arbeit macht frei*, o trabalho liberta. Claro, isso não poderia estar mais longe da verdade. O Reich de Hitler era uma *Zwangswirtschaft*, uma economia baseada no trabalho forçado. Os *Untermensch*

eram um vasto exército de trabalhadores escravos; milhões de pessoas forçadas a trabalhar até morrer.

Então sussurrou:

— E sabe o que é pior? *Aquilo funcionou.* Nos termos de Hitler, pelo menos, o plano funcionou. Os resultados falavam por si. Foguetes extraordinários, mísseis guiados de última geração, mísseis de cruzeiro, aeronáutica superavançada, asas voadoras turbinadas, submarinos Stealth tipo XXI, novas armas químicas e biológicas, equipamentos de visão noturna... os alemães foram pioneiros em quase tudo. Estavam anos-luz à nossa frente.

E prosseguiu:

— Hitler tinha uma crença fanática nos poderes da tecnologia. Lembre-se: com o V-2, os alemães foram os primeiros a lançar um foguete ao espaço; não os russos, como muita gente pensa. Hitler acreditava de verdade que a tecnologia os faria vencer a guerra. E, acredite, tirando a corrida nuclear, que ganhamos mais por sorte que intenção, em 1945 ela quase fez isso. Pegue o submarino tipo XXI, por exemplo. Era um modelo muito superior aos outros. Nos anos 1970, ainda tentávamos copiar o projeto dele. Com trezentos submarinos desse tipo, os alemães poderiam ter cercado o Reino Unido e nos forçado a declarar rendição. Ao fim da guerra, Hitler tinha uma frota de 160 deles prontos para atacar pelo mar. Ou, ainda: pegue o V-7, que fazia o V-2 parecer um brinquedo de criança. Com um alcance de quase cinco mil quilômetros, se fosse carregado com alguma das armas químicas secretas deles, sarin ou tabun, poderia lançar dos céus a morte sobre nossas maiores cidades. Acredite em mim, William, eles chegaram bem perto, se não de ganhar a guerra, de atingir seu *Tausendjahriges Reich*, pelo menos de forçar os Aliados a buscar um acordo de paz. E se isso tivesse acontecido, Hitler, e o nazismo, esse mal maior, teria sobrevivido. Porque era só com isso que Hitler e seu grupo de fanáticos se importavam: proteger seu *Drittes Reich* e governar por mil anos. E chegaram bem perto...

O velho suspirou, exausto.

— De muitas formas, nosso trabalho, o do seu avô e o meu, era tentar impedi-los.

Capítulo 14

O tio-avô Joe abriu a gaveta da escrivaninha e começou a vasculhá-la. Tirou algo de lá, abriu o embrulho de papel de seda e entregou-o a Jaeger.

— O distintivo original do SAS. Aqui está a imagem do punhal com os dizeres *QUEM OUSA, VENCE*. Usávamos essa insígnia junto com as asas que representam os paraquedistas, o que deu origem à famosa combinação de asas e punhal usada pela unidade hoje em dia. Como você já deve saber, seu avô e eu servimos no SAS. Atuamos no norte da África, na parte leste do Mediterrâneo e, por fim, no sul da Europa. Sei que não há nada demais nisso. Mas, entenda, meu garoto, nossa geração simplesmente não falava desses assuntos. Por isso mantivemos nossas insígnias e nossas histórias de guerra escondidas e protegidas.

Suspirou e continuou:

— Foi no outono de 1944, no norte da Itália, que a gente se feriu. Foi uma operação surpresa, uma emboscada, um tiroteio sangrento. Seu avô e eu fomos evacuados para um hospital, primeiro no Egito e depois em Londres. Você deve imaginar que nem eu nem ele estávamos muito a fim de ficar de cama por muito tempo. Quando apareceu uma oportunidade de nos apresentarmos como voluntários para uma unidade secreta... bem... nós aproveitamos na hora.

O tio-avô olhou para Jaeger, no rosto uma nuvem de incerteza.

— Seu avô e eu juramos segredo. Mas… diante disso tudo — e apontou para o celular. — Seu avô tinha uma patente mais alta e, nessa época, foi promovido a coronel. Em janeiro de 1945, virou comandante da unidade Target Force. Eu me tornei um dos subordinados.

O velho precisou de um momento para se recompor.

— Deixa eu dizer uma coisa, garoto: nunca falei disso até hoje. Nem mesmo a Ethel. A Target Force foi uma das unidades mais secretas que já existiram. É por isso que você, sem dúvida, nunca ouviu falar nela. Tínhamos uma missão muito específica. Nosso objetivo era caçar os maiores segredos dos nazistas: sua

tecnologia de guerra; sua *Wunderwaffe,* as extraordinariamente avançadas máquinas de guerra; além dos mais renomados cientistas.

Agora que o velho soldado havia começado a falar, parecia não querer mais parar. As palavras saltavam de sua boca como se ele estivesse desesperado por se livrar do peso de tantas recordações e segredos.

— Tínhamos de encontrar as *Wunderwaffe* antes dos russos, que já eram, mesmo naquela época, vistos como nossos novos inimigos. Recebemos uma "lista negra" com locais-chaves: fábricas, laboratórios, áreas de testes, túneis de vento. E também com a identificação dos cientistas e especialistas de ponta que não deveriam, de forma alguma, cair nas mãos dos russos. Os russos estavam avançando do leste. Era uma corrida contra o tempo, que nós ganhamos.

— Foi assim que ele acabou com aquele documento em mãos? — questionou Jaeger, sem conseguir evitar a pergunta. — O relatório sobre a Operação Lobisomem?

— Aquilo não é um relatório — murmurou o tio-avô Joe. — É um plano operacional. E não, não foi assim. Um documento com aquele grau de confidencialidade, cuja existência era oficialmente negada e só circulava de forma clandestina, estava além até mesmo da nossa área de atuação, mesmo da Target Force.

— Então onde… — começou Jaeger.

O tio-avô levantou uma das mãos exigindo silêncio novamente.

— Seu avô era um soldado de primeira classe: destemido, inteligente, moralmente incorruptível. Durante o tempo em que esteve na T-Force, descobriu algo tão chocante, tão terrivelmente macabro, que raramente falava a respeito. Havia uma operação para além da T-Force, formada completamente na clandestinidade. A missão era levar os nazistas do topo da hierarquia do regime e mais indesejados, os absolutamente intocáveis, para lugares onde ainda pudéssemos nos "beneficiar" deles.

O tio-avô Joe fez uma pausa.

— Nem preciso dizer que seu avô ficou estarrecido quando soube da missão. Horrorizado. Acima de tudo, ele sabia o quanto aquilo estava errado. Sabia o quanto aquilo acabaria por nos corromper a todos se levássemos o mal para dentro de casa. Ele acreditava que *todos* os criminosos de guerra nazistas deveriam ser julgados em Nuremberg… Mas agora estamos avançando para a seara sobre a qual jurei manter segredo absoluto.

E lançou um olhar rápido para Jaeger.

— Será que terei de quebrar meu juramento?

Jaeger pousou a mão no braço do tio.

— Tio Joe, o que você me disse até agora já é muito mais do que eu sabia, ou

esperava saber.

O tio-avô Joe deu tapinhas carinhosos na mão de Jaeger.

— Meu garoto, agradeço pela paciência e compreensão. Isso… está longe de ser fácil… No fim da guerra, seu avô voltou para o SAS. Ou quase isso, já que não havia mais o SAS na época. Oficialmente, a unidade foi dissolvida imediatamente após a guerra. Extraoficialmente, Winston Churchill, o maior líder que um país poderia desejar ter, manteve a unidade viva, graças a Deus.

E prosseguiu:

— O SAS sempre foi a menina dos olhos de Churchill. Depois da guerra, ele comandou a unidade de forma secreta, fora dos registros, a partir de um hotel localizado no centro de Londres, com bases clandestinas por toda a Europa. O objetivo deles era encontrar os peixes graúdos nazistas que tinham escapado da rede, especialmente aqueles que eram responsáveis pelos mais terríveis abusos durante a guerra. Talvez você já tenha ouvido falar da *Sonderbehandlung*, a Ordem Expressa, de Hitler? Ela decretava que todos os integrantes das Forças Especiais Aliadas capturados fossem entregues à SS, para receber um tratamento especial... em outras palavras, para serem torturados e executados. Centenas desapareceram no que os nazistas chamavam de *Nacht und Nebel*, ou seja, noite e nevoeiro.

O tio-avô Joe fez uma pausa. O esforço de mergulhar tão fundo na escuridão se mostrava exaustivo.

— O SAS secreto de Churchill saiu para caçar os nazistas que ainda estavam livres. Todos eles, não importava o nível hierárquico. A *Sonderbehandlung* vinha diretamente de Hitler. As pessoas mais proeminentes do regime nazista estavam na mira do seu avô, e isso o colocava em conflito direto com os agentes designados para transportar esses mesmos homens em segredo para lugares seguros.

— Então, estávamos lutando contra nós mesmos? — perguntou Jaeger. — Uma parte tentando acabar com os piores entre os piores e outra tentando protegê-los?

— Possivelmente — confirmou o velho. — Muito possivelmente.

— Quanto tempo isso durou? — perguntou Jaeger. — A guerra secreta do vovô Ted, de Churchill?

— Para seu avô, acho que ela nunca acabou. Não até o dia em que ele foi… em que ele morreu.

— Então todos aqueles objetos nazistas — começou Jaeger. — O broche de caveira da SS, a insígnia da Operação *Lobisomem*, tudo foi adquirido no decurso da caçada?

— Sim. Troféus, se preferir. Cada um deles representava uma recordação

sinistra do mal ceifado, como deveria ter sido — disse tio Joe.

— E o documento da Operação *Lobisomem*? — questionou Jaeger. — Foi adquirido dessa mesma maneira?

— Possivelmente. Provavelmente. Eu não saberia afirmar. — O velho se ajeitou na cadeira, desconfortável. — Sei muito pouco a respeito disso. E nem preciso dizer que não sabia que seu avô tinha guardado uma cópia. *Ou que havia deixado isso para você*. *Só* ouvi menção a isso uma ou duas vezes, entre sussurros. Seu avô sem dúvida sabia mais a respeito. Mas levou para o túmulo os segredos mais profundos e macabros. Uma morte precoce, por sinal.

— E a *Reichsadler*? — perguntou Jaeger. — O que ela significa? O que ela representa?

O tio-avô Joe encarou Jaeger por algum tempo.

— Essa *coisa* no seu celular não é uma *Reichsadler* comum. A águia nazista padrão está sentada numa suástica. — O velho deu uma olhada no celular de Jaeger novamente. — Esta é bem diferente. Repare bem no símbolo circular embaixo da cauda da águia. — Ele estremeceu. — Apenas uma... organização usou esse símbolo, e foi *depois* da guerra, quando o mundo já estava supostamente em paz e o nazismo, morto e enterrado...

Estava quente no escritório, o calor da lareira da cozinha se espalhava, mantendo a casa aquecida — mas ainda assim Jaeger detectou um frio sinistro invadindo o cômodo.

O tio-avô Joe suspirou, uma expressão assustada nos olhos.

— Nem é preciso dizer que não vejo uma dessas, bem, há quase setenta anos. E estava satisfeito em não ver. — Ele fez uma pausa. — Então. Agora estou com medo de ter ido longe demais. Se fui, seu avô e os outros... eles precisam me perdoar.

Fez uma pausa.

— Há uma coisa que me sinto obrigado a perguntar: você sabe como seu avô morreu? É parte do motivo de eu ter me mudado para cá. Não suportava ficar perto do local onde tínhamos sido tão felizes.

— Só sei que foi uma morte inesperada. Precoce. Eu só tinha 17 anos... era muito jovem para que alguém me contasse alguma coisa — respondeu Jaeger, após dar de ombros.

— Eles estavam certos em não contar. — O velho fez nova pausa, torcendo o boné com o símbolo do SAS nas mãos frágeis. — Seu avô tinha 79 anos e estava em ótima forma. Obstinado como sempre, claro. Disseram que foi suicídio. Uma mangueira ia do cano de descarga à janela do carro. O motor ligado. Intoxicado pela fumaça do escapamento. Deprimido pelas lembranças da guerra. Que baboseira!

Uma raiva pungente começou a arder nos olhos de tio Joe.

— Isso lembra alguma coisa? A mangueira na janela do carro? Aposto que sim! Ele não era, claro, um *Lebensunwertes Leben*, um dos incapacitados, um dos que os nazistas consideravam como tendo uma "vida indigna de viver".

E fitou Jaeger desesperado.

— Mas existiria maneira melhor de se vingarem?

Jaeger acelerou a moto, o poderoso motor de 1.200 cc roncando, a trilha sonora de uma Triumph em alta velocidade numa estrada escura e deserta. Mas, ainda assim, ao pegar a rodovia M6 para o sul, ele se sentia tudo menos triunfante. Na verdade, a visita ao tio-avô Joe deixara sua cabeça a mil por hora.

A revelação final de Joe foi o que realmente o afetou.

O avô Ted tinha sido encontrado morto em seu carro cheio de fumaça, aparentemente asfixiado até a morte pelos gases do escapamento. A polícia argumentara que suicídio e automutilação eram as possíveis causas da morte. Sinistramente, um desenho tinha sido entalhado em seu ombro esquerdo: uma *Reichsadler.*

Os paralelos com a morte de Andy Smith eram enervantes.

Jaeger havia evitado pensar a respeito até sair da cabana. Tinha ajudado Ethel a entrar em casa. Partilhara um jantar de salmão defumado com os dois. Depois havia levado o casal até a cama, o tio-avô parecendo mais exausto e perturbado do que em qualquer outra ocasião. Então, Jaeger se despediu e pegou a estrada.

Tinha prometido a Raff, Feaney e Carson que daria a resposta pessoalmente, em 48 horas. O relógio estava avançando e ele ainda tinha mais uma parada antes da longa viagem de volta a Londres.

Ele havia deixado a cabana esperando que, em seu isolamento na floresta rodeada de neve, Joe e Ethel estivessem seguros. Mas, durante a longa viagem em direção ao sul, Jaeger sentiu como se os fantasmas do passado o estivessem perseguindo pela escuridão.

Caçando-o pela *Nacht und Nebel* — noite e nevoeiro.

Capítulo 15

— Veja que banquete para os olhos! — disse Adam Carson, jogando um maço de fotografias aéreas em cima da mesa.

Cabelo curto, queixo quadrado, barba feita, astuto, orador talentoso — Carson nascera para ser um vencedor. Jaeger não gostava tanto dele assim. Respeitava-o como comandante militar. Mas poderia confiar nele? Nunca soubera ao certo.

— Cordillera de los Dios: Montanha dos Deuses — continuou Carson. — Uma área quase do tamanho do País de Gales coberta por floresta virgem. Sempre debaixo de nevoeiro e chuva, é cercada por enormes montanhas com quatro a cinco mil metros de altitude, e tem de tudo: tribos indígenas, cascatas do tamanho de catedrais, cavernas que se estendem por quilômetros e quilômetros, ravinas profundas e perigosos desfiladeiros. Talvez até uma manada de *Tyrannosaurus rex*. Para resumir, um autêntico Mundo Perdido.

Jaeger analisou as imagens, uma a uma.

— Parece uma realidade bem distante de Soho Square.

— Não é? — Carson botou um segundo maço de fotos aéreas na frente de Jaeger. — Se você ainda tiver alguma dúvida, dê uma olhada *nestas* aqui. Não é uma maravilha? Uma beleza de monstro misterioso, obscuro e intrigante. Uma sereia dos céus, chamando por nós de três mil quilômetros de floresta, por todos esses anos.

Jaeger observou as imagens. A misteriosa aeronave acidentada repousava num mar verde-esmeralda, destacando-se ainda mais porque a floresta no entorno estava totalmente descolorida. Morta. Galhos sem folhas se erguiam em direção aos céus, como uma miríade de dedos esqueléticos, o corpo da floresta completamente nu.

— Floresta de ossos — murmurou Jaeger, indicando a área sem vida que cercava a aeronave misteriosa. — Alguma ideia do que provocou isso?

— Nenhuma. — Carson sorriu. — Deve ser algo bastante tóxico. Há muitas substâncias candidatas em potencial. Você vai levar roupas especiais e máscara

de gás, obviamente. Vai precisar da proteção apropriada, ou seja, se *for mesmo* participar da missão.

Jaeger ignorou a provocação. Sabia que todos ali estavam esperando uma resposta sua. As 48 horas haviam se esgotado. E era por isso que Adam Carson, um grupo de executivos de televisão e a equipe da Enduro Adventures estavam reunidos no luxuoso escritório da Wild Dog Media no Soho.

Aparentemente, qualquer pessoa bem-sucedida na TV precisava ter um escritório no Soho, bairro badalado na zona central de Londres, onde os poderosos da mídia se reuniam. Carson, como era típico do seu caráter, não deixara por menos, e alugara um conjunto de escritórios logo na cobiçada Soho Square.

— A aeronave parece estar impressionantemente intacta — observou Jaeger. — Quase como se tivesse *pousado* ali. Temos alguma ideia do local de onde ela estava vindo, para onde ia, e em que ano?

Carson deslizou um terceiro maço de fotos pela mesa.

— *Close-up* das pinturas na fuselagem. Como você pode ver, estão bem desgastadas pela ação do tempo, mas parece que a aeronave estava decorada com as cores da Força Aérea Americana. Julgando pelo nível de desbotamento, certamente está ali há décadas... Todo mundo suspeita de que seja da época da Segunda Guerra. Mas, se for mesmo desse período, é extremamente ímpar: um fenômeno, décadas à frente de seu tempo.

E Carson se dirigiu aos executivos de TV:

— É só comparar com um Hercules. O C-130 é um avião moderno de transporte usado pela maioria das forças da OTAN. Nossa aeronave misteriosa tem 34 metros do nariz à ponta da cauda, enquanto que o C-130 tem 12, ou seja, ela é quase *três vezes maior*. Além disso, ela tem seis motores, enquanto que o C-130 tem quatro, além de uma maior envergadura das asas.

— Então ela teria uma capacidade de carga bem maior? — perguntou Jaeger.

— Teria — confirmou Carson. — O único avião dos Aliados na Segunda Guerra Mundial vagamente comparável é o Boeing B-29 Superfortaleza, o mesmo tipo que jogou as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki. Mas o formato desta aeronave é muito diferente, mais aerodinâmico e simplificado, e o B-29 tinha apenas metade do tamanho dela. E isso, basicamente, resume o enigma: que tipo de aeronave é essa?

O sorriso de Carson se alargou, ainda mais confiante, quase presunçoso.

— A aeronave foi apelidada de “O Último Grande Mistério da Segunda Guerra Mundial”. E é isso o que ela é. — Ele falava como um vendedor empolgado, discursando para sua plateia. — Então tudo que precisamos é do homem certo para liderar a missão. — Ele lançou um olhar a Jaeger. — E aí?

Está dentro?

Jaeger percorreu com os olhos os rostos reunidos na sala. Carson: megaconfiante de ter conseguido seu homem. Raff: inescrutável, como sempre. Feaney: o rosto um poço de preocupação, o futuro da Enduro Adventures em xeque. Além dos vários executivos de TV: todos com trinta e poucos anos, roupas da moda, os nervos à flor da pele com o fato de sua extravagância televisiva estar se equilibrando por um fio.

E ainda havia o Sr. Simon Jenkinson, o arquivista. Com cinquenta e muitos anos, era, de longe, o mais velho do grupo: a postura como a de um urso hibernando, barba salpicada de fios grisalhos, óculos fundo de garrafa, paletó de *tweed* comido pelas traças e uma cabeça sonhadora ancorada nas nuvens.

— E o senhor, Sr. Jenkinson — perguntou Jaeger. — Se entendi bem, é o especialista do grupo? É membro da SAAD, Sociedade Arqueológica para Aeronaves Desaparecidas, e especialista em assuntos da Segunda Guerra Mundial. Nós não deveríamos ouvir sua opinião sobre o que seria essa aeronave?

— Quem? Eu? — O arquivista olhou ao redor, como se acordasse de uma longa soneca, o bigode mexendo nervosamente. — Eu? Ouvir minha opinião? Acho que não. Não sou muito bom em discussões em grupo.

Jaeger deu uma risada amigável. Tinha ido com a cara do sujeito de imediato. Gostou do fato de ele não ser pretensioso, nem posudo.

— Estamos com certa pressa — cortou Carson, passando os olhos pelos executivos de TV. — Faz sentido falarmos com o arquivista, mas depois de termos discutido o ponto-chave de nossa pauta, não acha? Ou seja: você está nessa ou não?

— Sempre que preciso tomar uma decisão, quero que ela seja bem fundamentada — respondeu Jaeger. — Então, Sr. Jenkinson, qual é seu palpite? O que é essa aeronave?

— Bem... é... sem querer parecer presunçoso… — O arquivista pigarreou. — Existe uma aeronave que bate com as especificações desta. O Junkers Ju-390. Um avião alemão, obviamente. Por sinal, ele fazia parte de um dos projetos preferidos de Hitler. Foi feito para encabeçar o *Amerika Bomber*, programa que envolvia um voo transatlântico para bombardear os Estados Unidos, perto do fim da guerra.

— Eles conseguiram? — perguntou Jaeger. — Washington? Nova York? Chegaram a ser bombardeados?

— Existem relatos dessas missões — confirmou Jenkinson. — Nenhuma totalmente confirmada. Mas o Ju-390 possuía as especificações adequadas para elas. A aeronave tinha capacidade de reabastecer durante o voo, e os pilotos podiam operá-la usando o *Vampir,* um equipamento de visão noturna de última

geração que transformava a noite em quase dia, o que significa que era possível decolar e pousar no breu total.

Jenkinson bateu com um dedo nas fotos aéreas.

— E veja aqui: o Ju-390 possuía uma abóbada no topo da fuselagem para observações celestes. A tripulação podia navegar por vastas distâncias usando as estrelas como guia, sem precisar recorrer a radar ou rádio. Resumindo, era a aeronave perfeita para voos secretos e não detectáveis até o outro lado do mundo. Então, sim, se eles quisessem jogar gás sarin em Nova York, isso estava dentro das possibilidades. — Jenkinson olhou para as outras pessoas na sala, nervoso. — Hum… perdão por essa última afirmação. O lance do sarin em Nova York… Me deixei levar. Vocês estão seguindo meu raciocínio?

Todos fizeram que sim com a cabeça. Aquilo era estranho para Simon Jenkinson, mas ele parecia ter seus espectadores absolutamente fisgados.

— Menos de uma dezena de Ju-390 foram construídos — continuou. — Felizmente, os nazistas perderam a guerra antes que o programa *Amerika Bomber* pudesse se tornar uma terrível realidade. Porém, o mais estranho é que nenhum dos Ju-390 foi encontrado. Quando a guerra terminou... bem... eles desapareceram. Se o avião misterioso *for* um Ju-390, vai ser o primeiro a ser encontrado na história, obviamente.

— Alguma ideia de o que um avião de guerra alemão estaria fazendo no coração da Amazônia? — perguntou Jaeger. — E pintado com cores americanas?

— Não faço ideia. — O arquivista sorriu, sem jeito. — Na verdade, devo confessar que essa é uma das coisas que tem me preocupado quando penso no assunto lá da clausura da sala de arquivos. Não existe registro, em lugar nenhum, de uma dessas aeronaves ter voado para a América do Sul. Quanto a estar pintada com as cores da Força Aérea dos Estados Unidos: bem... isso é um total mistério...

— Se existisse registro disso, você teria encontrado? — perguntou Jaeger.

O arquivista assentiu com a cabeça.

— Até onde sei, este é o avião que nunca existiu. Um voo fantasma.

Jaeger sorriu.

— Sabe de uma coisa, Sr. Jenkinson, é um desperdício o senhor ficar fechado nos arquivos. O senhor deveria estar inventando roteiros para programas de TV.

— O avião que nunca existiu — ecoou Carson. — O voo fantasma. Genial. Will, isso não aumenta ainda mais seu apetite pela missão?

— Aumenta — confirmou Jaeger. — Então, tenho uma última pergunta e uma condição. Depois, acho que estou dentro.

Carson espalmou as mãos, num gesto convidativo.

— Manda bala.

Jaeger deixou a pergunta cair como uma bomba na sala.

— Andy Smith... alguma novidade sobre por que ele foi assassinado?

O rosto de Carson se manteve inescrutável, e apenas um vago tremor no músculo da bochecha revelou o quanto a pergunta o havia enervado.

— Bom, foi uma morte acidental ou suicídio, pelo menos é o que a polícia nos disse. Portanto, embora o fato tenha causado um certo desconforto em todos na expedição, vamos dar a volta por cima e seguir em frente. — Uma pausa. — E a condição?

Como resposta, Jaeger deslizou uma pasta pela mesa. Ela continha vários folhetos em papel brilhoso, cada um com um modelo de dirigível estampado na capa, parecendo remontar à Era Espacial.

— Fui até o hangar da Cardington Airfield, em Bedford, essa manhã, onde fica a sede da Hybrid Air Vehicles. Acho que você conhece Steve McBride e o resto do pessoal de lá.

— McBride? Sim, conheço — disse Carson. — Um bom operador, competente. Mas por que o interesse em aeronaves híbridas?

— McBride me garantiu que consegue manter um Airlander 50, o maior deles, voando acima dessa área da Amazônia. — Jaeger se voltou para os executivos de TV, dois dos quais eram britânicos, e um, o cara do dinheiro, americano. — Para simplificar, o Airlander 50 é um dirigível moderno. Funciona à base de gás hélio, em vez de hidrogênio, que é muito inerte. Em outras palavras, não é um Hindenburg: não corre o risco de explodir e virar uma bola de fogo. Com 120 metros de comprimento por 60 de largura, o Airlander é projetado para duas funções. Uma: vigilância contínua de grandes áreas, ou seja, vigiar o que está acontecendo em terra. A outra: levantar grandes cargas.

Jaeger fez uma pausa.

— A capacidade do Airlander é de 60 mil quilos de carga útil. McBride acha que um avião de guerra com essas dimensões deve pesar metade disso, uns 30 mil quilos. Talvez uns 50 mil quilos se estiver carregado. Se usarmos um Airlander 50, ele pode ficar de olho na gente e nós vamos poder içar a aeronave, tudo de uma vez.

O executivo americano deu um tapa na mesa, empolgado.

— Sr. Jaeger, Will, se você está dizendo o que acho que está dizendo, essa é uma proposta incrível. *Incrível*. Se vocês podem ir até lá, encontrar essa coisa e ainda tirá-la do local em segurança, que diabos, nós vamos dobrar nossa contribuição para a verba do projeto. E, me corrija se eu estiver errado, Carson, mas nós estamos pagando a parte do leão aqui, né?

— Estão, Jim — confirmou Carson. — E por que não usar um Airlander? Se

McBride disse que pode funcionar, e se vocês estão dispostos a cobrir os gastos extras, então nós não só vamos encontrá-la, como também trazê-la para casa!

— Uma pergunta — cortou um dos executivos britânicos. — Se, como você diz, esse Airlander pode sobrevoar a floresta e içar a aeronave, por que você não coloca seu pessoal diretamente em cima dela? Quer dizer, o plano até agora era que vocês descessem de paraquedas na floresta a uma distância que levaria vários dias a pé até o avião. O Airlander não pouparia esse trabalho todo?

— Boa pergunta — replicou Carson. — Três razões para não fazer isso. Primeira: nunca se joga uma equipe diretamente numa região onde há uma substância tóxica desconhecida. Seria praticamente suicídio. Você parte de um lugar seguro para identificar e avaliar a ameaça. Segunda: dê uma olhada na área acima da aeronave. É uma massa de galhos mortos e quebrados. Se a gente jogar a equipe ali, vai perder metade dela espetada nas árvores.

Carson assentiu para o executivo americano.

— E, por último, Jim quer um salto de paraquedas pela emoção que ele vai adicionar ao programa, tudo diante das câmeras. Para que isso aconteça, o salto tem de ser feito em terreno aberto, limpo e seguro. Então é por isso que eles precisam continuar com o plano inicial, usando a área de pouso que já conseguimos identificar.

Capítulo 16

Um *brunch* foi servido na sala de reuniões — uma empresa terceirizada entrou com bandejas cheias de petiscos frios, cada uma coberta com plástico. Jaeger deu uma olhada e decidiu que não ia comer nada. Resolveu dar uma volta pela sala até conseguir cercar o arquivista em um ponto razoavelmente reservado.

— Interessante — observou Jenkinson, estudando um sushi de aparência borrachuda. — Acho incrível como acabamos gostando da comida de antigos inimigos… Prefiro fazer meus sanduíches e levar para a sala dos arquivos. Com queijo cheddar e picles de Branston.

Jaeger sorriu.

— Poderia ser pior: poderiam nos servir *sauerkraut*.

Foi a vez de Jenkinson rir.

— *Touché*. Sabe, uma parte de mim quase inveja você por estar indo ao encontro daquela aeronave misteriosa. Só que, claro, eu seria praticamente inútil em campo. Bem, você vai fazer história. Vai viver isso. É imperdível.

— Eu poderia arrumar um lugar para você na equipe — sugeriu Jaeger, em tom de conspiração. — Poderia fazer disso uma condição para eu aceitar a missão.

O arquivista cuspiu sem querer um pedaço de peixe cru.

— Ops. Foi mal. O gosto era horrível, mesmo. — Ele o enrolou num guardanapo de papel e colocou-o numa estante próxima. — Não, não, não, não... estou mais do que feliz enfiado na sala dos arquivos.

— E por falar em arquivos… — começou Jaeger. — Por um instante, esqueça tudo o que você sabe com certeza. Estou atrás de algumas conjecturas. Baseado em tudo o que você já viu e ouviu, o que acha que essa aeronave misteriosa é de verdade?

Os olhos de Jenkinson se mexeram nervosamente por trás das lentes grossas dos óculos.

— Não tenho o hábito de conjecturar. Não é bem a minha praia. Mas já que

perguntou… Só dois cenários fazem sentido. A: é um Ju-390, e os nazistas pintaram a fuselagem com as cores americanas para espionar sem ninguém notar. B: é um avião de guerra americano ultrassecreto do qual ninguém nunca ouviu falar.

— Qual o cenário mais provável? — perguntou Jaeger.

Os olhos de Jenkinson se fixaram no guardanapo úmido na estante.

— Para mim, a opção B é tão provável quanto eu vir a gostar de sushi. A opção A, bem, você ficaria surpreso ao saber o quanto esse tipo de falsificação era comum. Nós capturamos aeronaves deles, eles capturaram nossas. Pintamos as cores do inimigo para investigar todo tipo de negócios escusos. Eles também fizeram isso.

Jaeger ergueu uma das sobrancelhas.

— Vou me lembrar disso. Agora, mudando ligeiramente de assunto. Tenho um enigma para você. Uma charada. Você deve gostar de uma boa charada, não é? Mas queria que isso ficasse entre a gente, tudo bem?

— Nada me deixa mais feliz do que ter uma charada para resolver — confirmou Jenkinson, os olhos brilhando —, especialmente se tenho que mantê-la em segredo.

Jaeger baixou o tom de voz.

— Dois homens. Veteranos da Segunda Guerra Mundial. Serviram em unidades secretas. Tudo muito confidencial. Ambos têm os escritórios decorados com objetos da guerra. Com uma exceção: cada um tem sobre a escrivaninha um antigo manuscrito redigido numa língua desconhecida. A questão é, por quê?

— Você quer dizer, por que cada um deles teria um exemplar? — Jenkinson afagou a barba, pensativo. — Não há provas de um interesse mais amplo? Nenhuma obra de referência? Textos similares? Nenhum registro de estudo mais extenso dos fenômenos?

— Nada. Só aquele livro. Só isso. Na escrivaninha do escritório de cada um deles.

Os olhos de Jenkinson brilharam. Era evidente que estava gostando daquilo.

— Existe uma coisa chamada livro-código. — Ele pegou um envelope velho do bolso do paletó e começou a rabiscar. — Sua beleza é sua absoluta simplicidade; isso e o fato de ser totalmente indecifrável... a menos, claro, que você saiba qual livro cada pessoa está usando como referência.

Ele rabiscou uma sequência aparentemente aleatória de números: 1.16.47/5.12.53/9.6.16/21.4.76/3.12.9/22.5.2.

— Agora, imagine que você e uma outra pessoa tenham uma mesma edição de um livro. Essa pessoa envia para você esses números. Começando com a primeira sequência, 1.16.47, você vai ao capítulo um, página dezesseis, linha

quarenta e sete. Ela começa com “I”. Em seguida: capítulo cinco, página doze, linha cinquenta e três: começa com “D”. Capítulo nove, página seis, linha dezesseis, começa com “I” de novo. Capítulo vinte e um, página quatro, linha setenta e seis: “O”. Capítulo três, página doze, linha nove: “T”. Capítulo vinte e dois, página cinco, linha dois: “A”. Juntando tudo, o que você obtém?

Jaeger soletrou.

— I-D-I-O-T-A. Idiota.

Jenkinson sorriu.

— Foi você quem disse.

Jaeger não conseguiu conter uma risada.

— Muito engraçado. Você acabou de jogar fora o convite para ir à Amazônia.

Jenkinson deu uma risadinha contida, os ombros chacoalhando.

— Perdão. Foi a primeira palavra que me veio à cabeça.

— Cuidado. O remendo está sendo pior que o soneto. — Jaeger fez uma pausa. — Mas digamos que o livro seja escrito numa língua e num sistema de escrita desconhecidos? Como se daria isso? Certamente complicaria o funcionamento do código?

— Não se você tiver uma tradução. Sem a tradução, você teria uma palavra de seis letras ininteligível. Sem a tradução, ela não faria sentido. Mas, com a tradução, é acrescentada uma outra camada de codificação, só isso. Ambos os indivíduos precisam ter o original e a tradução à mão, claro, para decodificar a mensagem. É um golpe de mestre, na verdade.

— Um código como esse pode ser decifrado? — perguntou Jaeger.

Jenkinson negou com um movimento da cabeça.

— É muito difícil. Quase impossível. Essa é a beleza da coisa. Você precisa saber qual livro essas duas pessoas estão usando como referência e, nesse caso, ter acesso à tradução também. Torna quase impossível decifrar... a menos que você capture os dois velhinhos e os torture.

Jaeger olhou intrigado para o arquivista.

— Você tem uma mente doentia, Sr. Jenkinson. Mas obrigado pela ajuda. E continue a procurar mais informações sobre nosso voo misterioso. — Jaeger anotou seu endereço de e-mail e número de telefone na base do envelope de Jenkinson. — Ficarei feliz em saber de qualquer novidade que você descobrir.

— Com certeza — sorriu Jenkinson. — Gostei de ver que alguém finalmente está se mostrando interessado de verdade.

Capítulo 17

— Espelho de duas direções — anunciou Carson. — Usamos isso para ter uma ideia de quem vai agradar mais aos telespectadores. Ou, pelo menos, essa é a baboseira da teoria.

Jaeger e ele estavam num cômodo escuro diante do que parecia ser uma enorme parede de vidro. Do outro lado estava um grupo de pessoas comendo sanduíches frios, aparentemente sem saber que estavam sendo vigiadas. Carson mudara o tom do discurso. Tinha passado da formalidade ao que claramente supunha ser uma conversa entre camaradas militares.

— Você não faz ideia do que eu passei pra reunir essa equipe — continuou. — Os executivos de TV só queriam esquisitões, glamurosos ou bonitinhos. Material de primeira, como dizem. E eu queria ex-militares durões que pudessem ter uma chance de sair vivos dessa missão. Este grupo aí — e apontou para o vidro com o polegar — é o maldito resultado disso.

Jaeger apontou para as bandejas de sanduíches que a equipe da expedição estava ocupada em devorar.

— Por que não serviram aquele negócio indigesto…

— Sushi? É uma regalia só para os gerentes — cortou Carson. — Nós ficamos com a comida indigesta e obscena de tão cara. Vou mostrar quem são os integrantes da equipe e, depois, sugiro que você vá até lá e diga algumas palavras introdutórias amigáveis.

Carson apontou para um dos homens do outro lado do vidro.

— O grandão é Joe James. Neozelandês. Era do SAS Kiwi. Perdeu muitos companheiros em combate e sofre de estresse pós-traumático, o que explica o cabelo comprido e oleoso, e a barba *à la* Osama Bin Laden. Parece o cruzamento de um ciclista com um mendigo... e os executivos de TV adoram o cara, claro. Mas não julgue o livro pela capa: ele continua sendo um soldado durão e engenhoso... bom, pelo menos foi o que me disseram.

“O segundo: o negro musculoso. Lewis Alonzo. Ex-integrante do grupo SEAL

da marinha americana. Hoje trabalha como guarda-costas, mas sente falta do fluxo de adrenalina dos combates, por isso se candidatou para nosso jogo. É um dos caras mais confiáveis do grupo. Nunca, de jeito nenhum, perca esse aí na floresta. Como o executivo ianque deixou claro na reunião, eles estão garantindo a parte do leão nessa conta. Precisam de americanos na equipe, de preferência participando de atos heroicos, para agradar a audiência americana.

"Terceiro: o Canal Plus, da TV francesa, bancou boa parte da verba. Por isso temos a elegante mocinha francesa, Sylvie Clermont, na equipe. Ela serviu no CRAP, *Commandos de Recherche et d'Action en Profondeur*. Pense num SAS sem a parte do especial. Ela vestiu Dior durante toda a triagem nas montanhas escocesas. As roupas caíam muito bem nela, a propósito. Não deve tomar muito banho; as mocinhas francesas não têm esse costume, mas acho que eu poderia perdoar essa falha..."

Carson riu da própria piada. Deu uma olhada em Jaeger, como se esperasse que ele o acompanhasse nas risadas. Mas não obteve nem a sombra de um sorriso. Deu de ombros — inabalável; calejado como um hipopótamo — e continuou.

— Quarto: o tipo asiático. Hiro Kamishi, escolha do canal NHK do Japão. Hiro no nome, herói por natureza. Ex-capitão das Forças Especiais do Japão, Tokusha Sakusen Gun. Faz o tipo samurai moderno. Um soldado *top* de linha. Atingiu certa fama como historiador de guerra, muito por conta da culpa que os japoneses sentem em relação à Segunda Guerra Mundial. Pessoalmente, não sei que motivo eles têm para sentir culpa. Nós ganhamos. Eles perderam. Ponto final.

Carson riu mais uma vez, agora sem se importar em buscar a aprovação de Jaeger. A mensagem era clara: eu mando no programa aqui, vou dizer o que me der na telha e gosto de tudo que digo.

— Quinto e sexto: a dupla de caras de cabelo comprido cuja barba mal começou a aparecer. Mike Dale e Stefan Kral. Um australiano e um eslovaco. São cinegrafistas da Wild Dog Media. Você não vai precisar se preocupar muito com esses aí. Já trabalharam em áreas remotas e regiões de conflito, e devem saber se cuidar sozinhos. O lado bom: vão estar por trás das câmeras filmando o programa, então não devem ficar no seu caminho. O lado ruim: você tem idade suficiente para ser pai dos dois.

Carson gargalhou. Essa tinha sido claramente sua piada favorita sobre o programa até agora.

— Sétimo: Peter Krakow. Alemão-polonês. O canal alemão ZDF o escolheu. Ex-GSG9. O que mais preciso dizer? Um *Kraut*. Tem a personalidade de um tatu-bola e o senso de humor de uma minhoca. É obstinado, bem no estilo

teutônico. Se a aeronave for alemã, pode contar com Krakow para ficar lembrando isso a você o tempo todo.

“Oitavo: garota sexy. Letícia Santos, forçada a entrar na equipe pela brigada dos ‘abraçadores de árvores’. Uma gata brasileira que trabalha atualmente para a Funai, agência governamental que cuida dos índios da Amazônia. A moça fez parte da BOE, as forças especiais do seu amigo coronel Evandro. E parece que tem um novo mantra agora: abrace um índio da Amazônia. Enfim, Letícia é o mais próximo que o coronel conseguiu chegar de ter um homem na sua missão.

“E, finalmente, a nona participante. A loira de parar o trânsito. Incrivelmente sexy. Irina Narov. Ex-oficial da Spetsnaz russa. Agora tem cidadania americana e vive em Nova York. Narov é fria como gelo. Altamente capacitada. E decididamente agradável aos olhos. Ah, claro, você nunca a verá sem uma faca na mão. Nem preciso dizer que os executivos amam Narov. Acham que vai elevar a audiência ao máximo.”

Carson se voltou para Jaeger.

— Contando com você, são dez pessoas. Então, o que acha? A equipe dos sonhos, hein?

Jaeger deu de ombros.

— Presumo que seja tarde demais para mudar de ideia e cair fora?

Um sorriso de orelha a orelha se abriu no rosto de Carson.

— Confie em mim, você vai amar isso. Você é o cara perfeito para fazer deles uma equipe coesa.

Jaeger bufou.

— Tem uma coisa. Quero Raff como meu segundo em comando. Preciso de um parceiro confiável para dar conta do batente e me ajudar a lidar com esse bando de malucos.

Carson negou com a cabeça.

— Infelizmente, não vai dar. Como soldado, não há outro melhor. Mas Raff não é um dos caras mais simpáticos do mundo, nem o mais agradável ao olhar. Os executivos de TV já bateram o martelo. Isso significa que você vai ter a maravilhosa Irina Narov, americana honorária, como seu braço direito... bem, sua braço direito.

— A decisão já está tomada?

— Sim. É a loiraça ou nada.

Jaeger se voltou para o espelho e ficou observando Irina Narov por um bom tempo. Estranhamente, tinha a sensação de que a russa sabia que estava sendo observada — como se pudesse sentir seu olhar atravessando o vidro.

Capítulo 18

O dia começava a raiar.

A hora de ligar os motores do Lockheed Martin C-130J Super Hercules e ganhar os céus estava chegando. O restante da equipe de Jaeger já estava embarcado, pronto para partir. Todos com os cintos de segurança dos assentos de lona afivelados, com a máscara do sistema de oxigenação da aeronave acoplados, e se preparando psicologicamente para o que sabiam que estava por vir — o salto do topo do mundo para o desconhecido.

Essa normalmente era a hora em que Jaeger tirava uns minutos para ficar sozinho, bem quando o avião da missão — ou, nesse caso, da expedição de uma vida — estava para decolar.

Estavam prontos para ganhar os céus.

Sinal verde. O sinal para a partida.

Sem chance de voltar atrás. Comprometidos para além de toda a lógica.

Esses eram os minutos finais antes que a luta pela sobrevivência se tornasse prioridade. Jaeger caminhou pela pista, buscando alguns segundos de privacidade — sem dúvida, os últimos que teria nos dias e semanas vindouros. Este era um hábito que adquirira no grupo militar de elite. E agora o repetia como preparação para liderar essa expedição ao coração da Amazônia.

O avião ia decolar da Base Aérea do Cachimbo, localizada no centro da Serra do Cachimbo. O local era um ponto equidistante entre o Rio de Janeiro, na costa do Atlântico, e o extremo oeste da Amazônia — o que fazia dele a metade do caminho para o destino que desejavam alcançar.

Era difícil, para eles, se dar conta do tamanho do Brasil, e da vastidão da bacia Amazônica. O Rio de Janeiro ficava a quase dois mil quilômetros a leste da Serra do Cachimbo; e a aeronave desaparecida também estava a cerca de dois mil quilômetros dali, nos rincões da floresta tropical. E basicamente tudo entre o local em que eles estavam e a aeronave era verde.

Reservado para uso militar, o aeroporto do Cachimbo era o ponto de

decolagem perfeito para a inserção do grupo de Jaeger naquele Mundo Perdido real. Como bônus, o coronel Evandro, comandante da BOE, decretara que não haveria filmagem antes da decolagem. Ele argumentara que o local não poderia ser registrado em vídeo, por causa de todas as missões especiais que ele coordenava e que partiam do aeroporto do Cachimbo. Mas a verdade é que o coronel fizera a exigência a pedido de Jaeger, que estava cansado de ser perseguido por uma câmera 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Os cinegrafistas já tinham acompanhado o grupo durante a maior parte das duas últimas semanas, filmando cada mínimo movimento, desesperados em não perder uma única pista de algum drama que estivesse se desenrolando. E Jaeger não estava acostumado a intrusões constantes.

Para piorar, ele tinha de dar conta de Irina Narov — supostamente seu braço direito, mas, na cabeça de Jaeger, a principal suspeita do assassinato de Andy Smith. O restante da equipe havia sido receptivo, já Narov não fazia esforço para esconder sua hostilidade.

A explosiva loira russa parecera se ressentir da presença de Jaeger desde o início, e seu comportamento começava a irritá-lo. Era quase como se Narov estivesse esperando liderar o grupo depois de Andy Smith ter sido tirado do caminho; como se suas ambições tivessem sido frustradas.

Os ossos fraturados das mãos e dos pés, cortesia da prisão de Black Beach, ainda doíam. Estavam envoltos em bandagens. Jaeger se considerava em forma para lidar com o que quer que viesse pela frente — desde que conseguisse evitar que Narov lhe enfiasse a faca quando estivesse de costas. Jaeger não conseguia compreender o motivo da hostilidade, mas imaginava que tudo seria revelado no caldeirão da floresta.

E ele percebeu uma outra dinâmica se desenrolando ali. Desde o princípio, Letícia Santos, a integrante brasileira do grupo, e Irina Narov trocaram farpas. Jaeger deduziu se tratar de um caso clássico e previsível de disputa entre duas mulheres bonitas.

Porém, uma parte dele não pôde evitar pensar que, embora elas estivessem com inveja uma da outra, por alguma razão ele era a fonte desse ciúme e dessa tensão.

Ele se obrigou a tirar esse pensamento da cabeça. Havia chovido durante a noite e ele pôde sentir o cheiro característico da fresca tempestade tropical sobre a terra quente, torrada de sol. Era algo sem paralelo. O cheiro o transportou para a primeira vez que estivera “nas árvores”, como o pessoal do SAS se referia à selva.

O treinamento na selva era uma parte importante na seleção do SAS — o teste brutal a que os soldados tinham que se submeter e passar, para poder entrar na

unidade. Desde o primeiro dia “nas árvores”, Jaeger percebeu que possuía uma afinidade natural com a vida selvagem. Ele deduziu que deviam ser a densa vegetação rasteira, a lama e a chuva que despertavam algo nele — lembrando-o das aventuras ao ar livre com o pai quando criança. Tentar sobreviver a vários dias de lama, chuva e mata fechada e claustrofóbica forçava qualquer um a improvisar, e Jaeger gostava disso — de ser obrigado a pensar de forma inteligente a cada passo.

Fechou os olhos e respirou fundo, o cheiro de terra molhada enchendo os pulmões.

Era nessas horas que Jaeger se conectava com sua voz interior, com seu sexto sentido de soldado.

Sempre estivera atento a essa voz interior, desde os dias passados nas colinas que cercavam o Wiltshire rural de sua infância, ou dos fins de semana acampando na floresta, sobrevivendo com a ajuda de sua inteligência e com o que a natureza tinha para oferecer.

Orientado pelo pai, Jaeger aprendera a pegar trutas com as mãos: passava os dedos pela água ondulante, movendo-os lentamente bem próximo à carne fria e escamosa do peixe, quase fazendo “cócegas”, para depois capturá-lo com um movimento rápido e levá-lo para fora do rio. Aprendera a fazer armadilhas para coelhos e a construir uma cabana com o que havia à disposição nos bosques britânicos.

Já naquele tempo a voz interior tinha se mostrado digna de atenção, lembrando a Jaeger da ordem natural da vida ao ar livre. Em anos posteriores, como soldado de elite, aquele mesmo instinto servira para fortalecer seu espírito. Durante a semana de treinamento na seleção para o SAS, Jaeger fora contra o plano de todos os outros candidatos, a ponto de ser ridicularizado — mas sua voz interior falou mais alto e ele confiou nela. A decisão se provou correta quando ele foi um dos dois únicos a passar na seleção durante aquele inverno rigoroso.

Aquela voz interior sempre servira para centrá-lo.

Ou pelo menos o fizera até agora.

Por alguma estranha razão, a empreitada atual o assombrava bastante, o que não fazia o menor sentido. Essa expedição não era uma daquelas em que se tem de surpreender o inimigo por trás, estando em menor número e desarmado. Jaeger não conseguia entender o que exatamente o estava incomodando.

O mais provável é que tivesse sido a morte de Andy Smith e tudo que acontecera depois.

Antes de pegar o voo para deixar o Reino Unido, Jaeger tinha comparecido ao funeral de Smithy; mas, quando ficou ao lado de Dulce e das crianças prestando

a última homenagem ao amigo, aquilo tudo parecera a ele mais esquisito do que já era. Depois do enterro, foi tomar uma cerveja com Raff. E foi então que o grande maori compartilhou com ele um detalhe crucial sobre a forma como Andy Smith morrera.

Não havia sinal de arrombamento no quarto de hotel de Smithy. De acordo com a polícia, ele teria saído por conta própria, escalado as colinas totalmente bêbado e mergulhado para a morte. Mas, se não fora suicídio, então Andy claramente não tinha feito qualquer esforço para impedir que os assassinos entrassem no quarto.

Isso sugeria que Andy os conhecia.

Sugeria que os conhecia e que confiava neles.

O grupo estava hospedado no remoto hotel Loch Iver, num janeiro açoitado por tempestades. Fora as pessoas da expedição, praticamente não havia hóspedes, o que, por sua vez, sugeria que o assassino tinha de estar na equipe de Jaeger.

Em resumo, ele ou ela muito provavelmente estava infiltrado entre eles.

Jaeger tinha suas suspeitas de quem poderia ser, mas as manteve em sigilo, muito porque não queria alertar nenhum dos integrantes da equipe para o fato de ele ou ela ser um suspeito. Além de Irina Narov, os únicos com quem ele não havia simpatizado eram o convencido do Mike Dale e Stefan Kral — os cinegrafistas —, mas não fazia nenhum sentido eles serem os assassinos de Andy Smith.

Alimentado pela desconfiança inerente que nutria por tudo que se relacionava aos meios de comunicação de massa, Jaeger viu em Dale e Kral dois tagarelas fúteis. Por sua vez, os dois tinham claramente achado Jaeger intransigente e pouco cooperativo toda vez que botavam as câmeras na sua cara. Com certeza Andy Smith tinha se mostrado um personagem mais fácil de lidar e maleável, o que fazia deles as últimas pessoas com algum motivo para assassiná-lo.

De todos os ângulos que analisava, Jaeger se mantinha convicto de que a resposta de como e por que seu amigo fora assassinado — e estava convicto de que *fora* assassinato — estava escondida em algum lugar nas profundezas da floresta a ser explorada por eles. Ele sentiu uma necessidade urgente de entrar em movimento. Era hora de pôr as botas no chão e comprovar isso de uma vez por todas.

Jaeger não era de fazer as coisas pela metade. Uma vez que concordara em liderar a expedição, se lançara nela de corpo e alma. Ele teria de começar de onde Smithy tinha parado e mandar brasa. A preparação frenética consumiu cada minuto do seu dia, deixando pouquíssimo tempo para qualquer outra coisa.

Só havia conseguido dar um rápido telefonema para seus pais antes da partida.

Alguns anos antes, eles se mudaram para as Bermudas — atrás de sol constante, furacões ocasionais e a maravilha da vida isenta de impostos. Durante a ligação apressada, ele lhes disse o básico: voltara de Bioko; não tinha notícias de Luke e Ruth; estava indo para a Amazônia numa expedição pela Enduro Adventures; e planejava ir visitá-los, para perguntar mais sobre a vida do avô Ted, e também sobre como ele morrera.

Prometeu aos pais que a visita se daria em breve e desligou. Não falou das suspeitas sobre a morte do avô Ted. Não pareceu certo fazer isso pelo telefone numa ligação de longa distância cheia de ecos. Uma conversa assim precisava ser cara a cara. Logo que terminasse o trabalho na Amazônia, pegaria um voo para as Bermudas.

Jaeger e a equipe da expedição já estavam no Brasil havia uma semana, sendo ciceroneados pelo coronel Evandro e suas equipes da BOE. Durante esse tempo, o calor brasileiro — tanto o calor humano quanto o do clima — havia amenizado o pior de seus medos. Gradualmente, a sensação que o espreitara no Reino Unido, de que havia algo de sinistro ali, havia perdido força em sua mente.

Foi só agora — enquanto eles se preparavam para entrar realmente nas profundezas da Amazônia — que essas preocupações começaram a se avolumar de novo.

Capítulo 19

A pista do aeroporto do Cachimbo ficava num vale de floresta densa, um impenetrável tapete de vegetação exuberante e emaranhada cobrindo os declives dos dois lados. Os primeiros raios de sol começavam a brilhar sobre o horizonte irregular da floresta — sua ação dissipando os tufos de névoa agarrados aos topos das árvores. O inclemente sol tropical em breve levaria embora o frescor da aurora.

Pessoas que trabalham na mesma área de atuação de Jaeger dizem que só há dois tipos de reação à floresta: amor ou ódio à primeira vista. Os que a odiavam a viam como um lugar escuro, repugnante e agourento. Claustrofóbico. Repleto de perigos. Mas para Jaeger sempre fora o oposto. Sentia-se irresistivelmente atraído pela selvagem e exuberante luta pela vida — pelo inspirador e reverente ecossistema da floresta tropical.

Ele se empolgava ante a perspectiva de um lugar totalmente selvagem, desprovido de todas as armadilhas da civilização humana. Mas, na verdade, a selva era neutra. Não era nem inerentemente hostil, nem amigável para seres humanos. Se você compreender seu funcionamento, entrar em sintonia com seus sons, se sentir integrado com sua essência, a selva pode se mostrar uma amiga fantástica e um refúgio perfeito.

Dito isso, a natureza pura e remota da Cordillera de los Dios — a Cordilheira dos Deuses — era diferente de tudo neste planeta. E, é claro, havia também a aeronave misteriosa, escondida no âmago remoto da região.

Do céu, um pássaro que parecia uma águia emitiu um grito estridente. O grito em resposta veio do topo de uma das mais altas árvores dentre as gigantes da floresta. Era uma “emergente” — uma enorme coluna de madeira que media uns 45 metros a partir do solo escuro e sombrio da floresta. A copa atravessava a cobertura das outras árvores, indo longe, e alto, em sua disputa pela luz solar.

Lá estava ela, banhada pelos primeiros raios gloriosos do alvorecer.

A rainha de tudo o que vigiava.

Os galhos mais altos ofereciam à águia um posto de observação perfeito a partir do qual podia caçar suas presas. Jaeger percorreu com os olhos a vegetação da árvore, pulverizada com um tom rosado de flores. Estava em plena floração. Aquilo chamava atenção — um caminho de cor iridescente rodeado por um mar de verdes escuros.

Jaeger viu o ninho. Era um casal de águias.

Sem dúvida, havia filhotes famintos para alimentar.

Por um instante, Jaeger se imaginou como aquela águia, voando alto sobre a floresta com asas de dois metros de envergadura. Ele se viu mergulhando naquela área remota e distante onde a misteriosa aeronave estava escondida. Com a visão de uma águia, ele poderia rastrear um camundongo se deslocando no solo de uma altura de várias centenas de metros. Avistar o local onde repousava aquela aeronave caída — os galhos secos e esqueléticos mortos e despidos de vegetação — seria brincadeira de criança.

Com os olhos da mente, ele pairou lá no alto, a cena abaixo parecendo tão artificial. Congelada. Sem vida. Fantasmagórica, até.

O que teria feito a floresta perecer daquele jeito?

Que segredos — *que perigos* — a aeronave misteriosa abrigava?

Observando as águias, Jaeger se lembrou da *Reichsadler*. No turbilhão caótico dos últimos dias, tivera pouco tempo para pensar naquele símbolo cruel; naquelas trevas proféticas. Estranho como um pássaro tão magnífico podia representar tanto o mal quanto a liberdade e a beleza da vida selvagem.

Fora Sun Tzu, o velho estrategista chinês, quem cunhara a frase *conhece teu inimigo*.

Durante o tempo na ativa, Jaeger fizera dessa frase seu mantra.

Estava acostumado a enfrentar inimigos que conhecia e entendia bem. Inimigos que havia analisado, utilizando imagens de satélite, fotos de vigilância e relatórios fornecidos pelas melhores agências de inteligência do mundo. Usando interceptação de sinais. Empregando agentes de inteligência em terra: espiões ou fontes infiltradas no exército inimigo.

Antes de qualquer missão, Jaeger se certificava de conhecer intimamente o inimigo, o que o ajudava a derrotá-lo. Mas aqui e agora, eles estavam prestes a enfrentar uma pletora de perigos potenciais, nenhum dos quais eles conheciam ou compreendiam.

Quaisquer que fossem os riscos, permaneciam ocultos.

Quem quer que fossem os inimigos, não tinham rosto.

Desconhecidos.

Sem dúvida isso assombrava Jaeger — enfrentar esse perigo sem nome e irreconhecível.

Mas pelo menos agora ele havia botado a cabeça no lugar.

Pelo menos agora tinha essa consciência.

Após se dar conta disso, Jaeger sentiu-se de alguma forma mais tranquilo. Virou-se para encarar o avião. Ouviu o barulho aumentar conforme os motores das turbinas gigantes eram ligados. Lenta e pesadamente, as lâminas em formato de gancho das hélices começando a girar como se estivessem mergulhadas em uma substância densa como melado.

Um Land Rover surgiu percorrendo uma estrada de terra que ladeava a pista, levantando poeira. Jaeger imaginou que alguém estivesse indo buscá-lo para levá-lo ao avião que o aguardava. O veículo parou bruscamente e a figura inconfundível do coronel Evandro saltou dele.

Um metro e noventa de altura, olhos negros, aparência atlética e flexível apesar da idade, o coronel da BOE não havia mudado nada durante os anos desde que Jaeger servira com ele pela primeira vez. Ele optara por passar pelo verdadeiro inferno da seleção do SAS só para poder preparar melhor sua equipe, de acordo com os parâmetros britânicos — e Jaeger o admirava muito por isso.

— É hora de entrar no avião — anunciou ele. — Sua equipe está finalizando os preparativos para decolar.

Jaeger assentiu.

— Tem certeza que não vai com a gente?

O coronel sorriu.

— Quer a verdade? Nada me deixaria mais feliz. Levantamento de caneta não é bem o meu forte. Mas com esse posto de comando vem todo um pacote de chatices.

— Melhor eu andar logo, então.

O coronel estendeu a mão.

— Boa sorte, meu amigo.

— Acha que vamos precisar de sorte?

Ele encarou Jaeger por um bom tempo.

— É a Amazônia. Espere o inesperado.

— Espere o inesperado — ecoou Jaeger. Sábias palavras.

Juntos, subiram no Land Rover e se dirigiram para o Hercules, que os aguardava.

Capítulo 20

Jaeger parou alinhado à cabine do piloto. Uma cabeça surgiu na janela lateral, lá no alto.

— O tempo está bom na zona do salto — gritou o piloto. — Vamos decolar em quinze minutos. Tudo bem?

Jaeger fez que sim com a cabeça.

— Para falar a verdade, não vejo a hora. Odeio esperar.

A tripulação era americana e, pelo comportamento e postura deles, Jaeger deduziu que fossem ex-militares. Carson havia fretado o Hercules C-130 de uma empresa aérea particular, e garantira a Jaeger que aqueles eram os melhores caras do ramo. Estava confiante de que o levariam ao ponto exato no céu de onde ele e a equipe deveriam saltar.

— Tem alguma música especial que você queira que a gente bote para tocar — perguntou o piloto. — Digo, na hora do salto?

Era uma antiga tradição entre as unidades aéreas preparar uma música para o momento do *vai-vai-vai*.

Isso ajudava a disparar a adrenalina e acelerar o pulso antes de saltar para a guerra ou, nesse caso, para a misteriosa jornada até esse Mundo Perdido moderno.

O momento em que Jaeger e a equipe se lançariam da rampa do avião para o vazio.

— Alguma música clássica — sugeriu Jaeger. — Talvez Wagner? O que vocês têm aí?

A escolha musical de Jaeger para a hora do salto sempre fora algo dessa natureza. Os companheiros achavam antiquado, mas as músicas antigas ajudavam a centrá-lo. E nesta ocasião ele certamente precisaria estar centrado.

Jaeger lideraria o salto, para poder guiar os que viessem logo atrás. Mas não estaria sozinho.

Irina Narov se juntara tarde à equipe. Tarde demais para que Andy Smith

conseguisse fazer com ela o curso de reciclagem de HAHO — a sigla do salto em grande altitude com acionamento de paraquedas também em grande altitude, um tipo de manobra que permite aos soldados flutuar por quilômetros até chegar ao alvo. Esse tinha sido o modo de inserção escolhido para a expedição.

Jaeger teria de fazer um salto *tandem*, um salto duplo, pulando no vazio a 30 mil pés de altitude com outra pessoa, Irina Narov, presa ao seu corpo. E achava que uma dose de música calmante seria extremamente útil.

— Tenho "Highway to Hell", do AC/DC — anunciou o piloto. — Ou "Stairway to Heaven", do Led Zeppelin. ZZ Top, Motörhead. Tenho alguma coisa do Eminem, do 50 Cent e do Fatboy. Escolhe aí, cara.

Jaeger enfiou a mão no bolso, tirou dele um CD e entregou-o ao piloto.

— Tente este aqui. Faixa quatro.

O piloto deu uma olhada no CD.

— "Cavalgada das Valquírias" — zombou. — Tem certeza que não quer "Highway to Hell"?

Ele começou a cantar a música, tamborilando os dedos na carenagem do Hercules no ritmo da canção do AC/DC.

Jaeger sorriu.

— Vamos guardar essa para a volta, que tal?

O piloto revirou os olhos.

— Vocês britânicos têm que se soltar um pouco. Ainda vamos conseguir fazer vocês se divertirem!

Jaeger tinha a sensação de que a "Cavalgada das Valquírias" — música-tema do icônico *Apocalypse Now*, filme sobre a guerra do Vietnã — se provaria incrivelmente adequada para a presente missão. E também era uma escolha relativamente aproximada à do piloto, e, pela experiência de Jaeger, era sempre importante deixar a tripulação satisfeita.

O piloto e sua equipe tinham a difícil tarefa de posicionar a aeronave no ponto exato onde os dez integrantes da expedição deveriam saltar, o ponto que os levaria ao alvo — uma pequena clareira dez quilômetros abaixo.

Naquele momento, o piloto praticamente teria a vida de Jaeger — e de todo o seu grupo — nas mãos.

Jaeger caminhou até a parte de trás do avião e subiu a bordo. Lá dentro, deixou os olhos se acostumarem com o escuro. A única luz vinha das esparsas lâmpadas vermelhas de baixa potência junto ao piso. Jaeger contou nove pessoas, dez, contando com ele. Ao contrário do que acontecia nas missões militares, não conhecia bem nenhuma delas. Tinham tido alguns dias de preparação juntos, e só.

Todos os integrantes da equipe estavam prontos. Cada um vestia um traje

grosso e pesado de Gore-Tex especialmente produzido para saltos do tipo HAHO. Ter de usar o traje era um tormento, porque, assim que tocassem o solo, o calor se tornaria insuportável. Mas, sem a roupa especial, poderiam congelar durante a longa queda de paraquedas no céu gélido e azul.

Na altitude de salto de 30 mil pés, eles estariam uns mil pés mais elevados que o topo do Everest, numa zona de frio congelante permanente. A temperatura seria de menos 50 graus centígrados e os ventos naquela altitude — a mesma em que companhias aéreas comerciais voam — seriam violentos. Sem as roupas especiais, máscaras, luvas e capacetes, morreriam por causa do frio num piscar de olhos — e ficariam sob seus paraquedas por muito mais tempo que um piscar de olhos.

Eles não podiam saltar de uma altitude mais baixa porque a complexidade do percurso que teriam de percorrer no ar até chegar ao alvo exigia que eles pairassem sob seus paraquedas por uns quarenta quilômetros, e só seria possível cobrir esse tipo de distância com um salto de uma altitude de 30 mil pés. Além disso, um salto do tipo HAHO possuía a vantagem de aumentar a emoção para as câmeras de TV.

No meio do Hercules havia dois contêineres no formato de rolo de papel higiênico gigante. Os dois para-tubos eram tão pesados que foram colocados sobre um par de trilhos, montados ao longo do piso do avião. Dois dos saltadores mais experientes de Jaeger — Hiro Kamishi e Peter Krakow — seriam amarrados aos tubos pouco antes do salto para levá-los até a área de pouso.

Dentro dos recipientes estavam as canoas infláveis da equipe e equipamentos auxiliares — coisas volumosas e pesadas demais para serem levadas nas mochilas. Kamishi e Krakow “surfariam” nos tubos, por assim dizer. O esforço físico que teriam de fazer seria terrível, mas Jaeger confiava totalmente nos dois.

Sua tarefa era ainda mais desafiadora. Mas lembrou a si mesmo de que fizera saltos duplos dezenas de vezes e de que não precisava se estressar por ter que fazer Irina Narov chegar inteira ao solo.

Ele se posicionou de frente para a equipe. Eles estavam espalhados pelos assentos encostados na parede lateral interna do Hercules. Na parede oposta estavam os MS — mestres de salto, cujo trabalho era fazer com que todos saltassem da aeronave com segurança.

Com vários participantes da expedição vindos de diferentes lugares do mundo, tudo teria de funcionar em horário padrão. O que Jaeger estava prestes a fazer era exatamente o que faria se estivesse em uma operação militar. Abaixou-se sobre um dos joelhos e arregaçou a manga esquerda.

— Atenção — anunciou, tendo de gritar ainda mais alto que o barulho das turbinas do avião. — Confirmar o horário Zulu.

Uma fileira de pessoas começou a lutar contra as roupas volumosas para conseguir enxergar os relógios. Assegurar-se de que todos tinham sincronizado os relógios corretamente era vital para o que estava por vir.

A equipe da expedição e o dirigível que orbitaria acima deles estariam, por vezes, operando no fuso horário da Bolívia. A tripulação do C-130 estava voando do Brasil, que ficava uma hora a mais do horário boliviano, enquanto que a sede da Wild Dog Media, em Londres, estaria ainda duas horas a mais.

Não adiantaria nada Jaeger chamar o avião de resgate ao fim da missão se eles ou o avião chegassem com três horas de atraso, por conta das diferenças de fuso. A hora Zulu era o padrão global aceito e utilizado por todos os militares — e a expedição trabalharia nesse mesmo esquema dali em diante.

— Em trinta segundos, serão 0500, no horário Zulu — anunciou Jaeger.

Cada integrante do grupo fixou o olhar no ponteiro dos segundos nos relógios.

— Vinte e cinco segundos e contando — anunciou Jaeger. Ergueu os olhos para o grupo. — Tudo bem?

Todos responderam com gestos afirmativos, os olhos brilhando de empolgação por trás das volumosas máscaras de oxigênio. Ao fazer um salto HAHO, a pessoa precisa ter oxigênio puro pressurizado forçado para dentro dos pulmões. É necessário começar antes da decolagem, para reduzir o perigo de mal-estar por causa da altitude, o que poderia rapidamente deixar a pessoa incapacitada ou até levá-la à morte.

As máscaras não permitiam nenhuma conversa, mas mesmo assim Jaeger ficou animado. Sua equipe parecia mais do que pronta para saltar e pisar na Cordillera de los Dios.

— 0500 Zulu em dez segundos... — contou. — Sete.... quatro, três, dois: marcar!

Ao seu sinal, cada pessoa do grupo assentiu. Estavam todos prontos — sincronizados na hora Zulu.

Todos usavam relógios de qualidade, mas sem ostentação. A regra de ouro era: quanto menos botões e funções, melhor. A última coisa que se poderia querer era um relógio com um milhão de funções. Botões ou mostradores grandes demais costumavam quebrar ou soltar.

“Quanto mais simples, melhor, idiota” eram palavras de aconselhamento que ficaram impregnadas em Jaeger desde a época da seleção para o SAS.

Ele mesmo usava um relógio verde e simples do exército britânico. Emitia uma luminosidade baixa, portanto não chamava atenção no escuro, e não possuía metais cromados nem que produzissem reflexo — nada que brilhasse com a luz do sol quando menos desejasse. Durante o tempo que passou no exército, Jaeger usara esse relógio por outra razão também: ele não o distinguia, e podia passar

por um soldado qualquer.

Quando capturado por um inimigo, a última coisa que um soldado pode querer é estar carregando algo que o distinga dos outros. Na verdade, Jaeger e seus homens costumavam se "limpar" antes de cada missão, livrando-se das etiquetas das roupas e de qualquer peça de identificação que os posicionasse segundo unidade ou patente.

Assim como os homens de seu esquadrão, Jaeger tinha treinado para ser um homem sem identidade.

Bem, quase.

Nas missões militares, assim como na atual, Jaeger fazia apenas uma concessão à regra. Sempre carregava duas fotografias, plastificadas e escondidas na sola da bota esquerda. A primeira era de uma cadela que tivera quando criança, uma *mountain collie*, presente do avô. Era bem adestrada, totalmente leal e costumava segui-lo para todo canto. A outra era de Ruth e Luke. Uma parte grande de Jaeger se recusava a deixar de lado essa lembrança deles.

Carregar tais fotos era um enorme erro em qualquer missão, mas algumas coisas na vida eram mais importantes que seguir regras.

Capítulo 21

Depois de sincronizar os relógios, Jaeger andou até onde estava seu paraquedas. Prendeu os mosquetões, ajustou as alças e fechou a presilha de metal em frente ao peito com um estalo. Por fim, ajustou os tirantes das pernas. Tinha agora o equivalente a um grande saco de carvão preso às costas, e isso era apenas o começo.

Quando os primeiros saltos do tipo HAHO foram feitos, os pioneiros usavam um sistema em que tanto a mochila quanto o paraquedas ficavam presos atrás do corpo. Por conta disso, sentiam as costas pesadas demais. Se, por alguma razão, o paraquedista ficasse inconsciente durante o salto, ter o peso todo nas costas causaria a inversão da posição do corpo durante a queda livre.

O paraquedas estava programado para abrir automaticamente a uma certa altitude, mas se o saltador estivesse desmaiado e caindo de costas, abriria embaixo dele. Assim, cairia dentro do paraquedas, que o envolveria como um saco de roupa suja, e ambos despencariam em direção à terra como uma pedra.

Felizmente, Jaeger e a equipe estavam usando um sistema bem mais moderno — o BT80. Com ele, a pesada mochila ficava dentro de um saco de lona amarrado ao peito. Assim, se o paraquedista desmaiasse, o peso o faria cair de frente, com o rosto virado para baixo. Quando o paraquedas fosse automaticamente acionado, abriria acima do saltador — e salvaria sua vida.

Os MS se movimentavam ao redor de Jaeger, apertando as alças e fazendo pequenos ajustes em tudo o que estava preso nele. O procedimento era vital. Num salto como aquele, eles flutuariam sob o paraquedas por até uma hora. Se o peso não estivesse equilibrado no corpo, ou se as alças estivessem frouxas, o equipamento sairia do lugar e ficaria balançando, deixando a pele em carne viva e desequilibrando a descida.

A última coisa de que Jaeger precisava era chegar à floresta com a virilha e os ombros machucados e doloridos. No calor e na umidade, as feridas poderiam infeccionar. E um ferimento assim significaria o fim da expedição para a vítima.

Jaeger colocou o capacete robusto. Os MS prenderam nele seu tanque de oxigênio e lhe entregaram sua máscara, que estava conectada ao tanque por um tubo de borracha. Ele pressionou a máscara contra o rosto e respirou fundo, para garantir que tudo estivesse hermeticamente vedado.

A 30 mil pés havia pouco oxigênio, se é que havia algum.

Se o equipamento de oxigenação falhasse, mesmo que por poucos segundos, ele seria um homem morto.

Jaeger sentiu uma onda de euforia — o oxigênio puro e gelado chegando ao cérebro. Calçou as luvas de couro primeiro, e em seguida as que eram feitas de Gore-Tex, para proteger do frio cortante das altas altitudes.

Saltaria com uma arma — uma Benelli M4, espingarda de combate com coronha retrátil — pendurada no ombro esquerdo, o cano virado para baixo e presa ao corpo. Sempre havia a possibilidade de que, durante o salto, a mochila se soltasse, por isso era vital ter a arma principal à mão.

Jaeger não esperava encontrar nenhuma força de combate hostil quando chegasse ao solo, mas teriam de lidar com aquela tribo isolada — os índios amahuacas. O último sinal que deram de sua presença foi quando atiraram dardos envenenados num grupo de garimpeiros que invadiu seus domínios.

Os mineradores saíram correndo desesperados, e quase não sobreviveram para contar a história.

Jaeger não culpava os índios por defenderem o território de forma tão resoluta. Se tudo que o mundo exterior era capaz de oferecer a eles eram o garimpo ilegal e, muito provavelmente, a exploração madeireira ilegal, então era totalmente solidário com os índios — pois a mineração e a extração madeireira são as causas da poluição e da destruição de sua floresta nativa.

Porém, isso significava que qualquer forasteiro que invadisse o território indígena — incluindo Jaeger e sua equipe — poderia ser visto como ameaça, principalmente porque cairiam do céu bem no coração do território da tribo. A verdade é que Jaeger não sabia bem que tipo de inimigo, se é que haveria algum, eles poderiam encontrar assim que chegassem ao solo, mas seu treinamento o havia ensinado a estar sempre preparado.

Por isso a escolha da espingarda como arma. Era perfeita para um combate a curta distância na selva densa. Disparava várias pelotas de chumbo numa área do formato de um grande cone, portanto, não seria necessário ter de enxergar o alvo e mirar no inimigo no escuro da vegetação fechada.

Você só precisava apontar a arma mais ou menos na direção desejada e abrir fogo.

Capítulo 22

No fundo, Jaeger desejava muito que, se chegassem a encontrar aquela tribo, o contato fosse pacífico. Uma parte dele adorava essa possibilidade: se tinha alguém que entendia os mistérios da floresta tropical, eram os índios da Amazônia — o conhecimento adquirido através de vários séculos era a chave para desvendar seus segredos milenares.

Preso ao equipamento volumoso, Jaeger ocupou seu assento.

Era o mais próximo da rampa. Pronto para ser o primeiro a pular.

Narov estava a seu lado.

Todo amarrado, volumoso e pesado assim, Jaeger se sentia como um abominável homem das neves. Estava quente ali e o ambiente era claustrofóbico. E ele detestava a espera.

A rampa do avião se fechou com um ruído.

O interior da aeronave se transformou num túnel escuro.

Como um caixão de aço gigante.

Eles tinham quatro horas de voo pela frente, portanto, se tudo saísse de acordo com o plano, chegariam à zona de lançamento lá pelas 0900 Zulu. Então se lançariam para fora do avião, dez corpos vestidos de verde e cáqui, rostos pintados com tinta de camuflagem, suspensos por seus paraquedas negros.

Seriam invisíveis, e inaudíveis, para quaisquer observadores quando tocassem o solo. Tudo seria bem dramático, o que era ótimo para as câmeras de TV. Mas Jaeger se sentia mais seguro chegando sem estardalhaço, sem ser visto.

O avião deu uma sacudida para a frente e começou a taxiar pela pista ensolarada. Jaeger sentiu o movimento lento, e em seguida o ronco das turbinas aumentou conforme o avião girou no lugar, virando-se para a direção da decolagem. Ele sentiu uma onda de adrenalina quando os motores roncaram ainda mais alto, o piloto fazendo as últimas verificações antes de soltar os freios.

Dentro da aeronave, o ar estava denso por causa da fumaça do combustível de aviação sendo queimado, mas tudo que Jaeger conseguia sentir era o gosto e o

cheiro do oxigênio puro. Preparado com todo o aparato necessário para aquele salto — traje, luvas, alças, tanque de oxigênio, paraquedas, capacete, máscara, óculos de proteção —, sentia-se extremamente confinado. Aprisionado até.

Era difícil manter qualquer senso de perspectiva.

O oxigênio tendia a alterar o estado de consciência — sensação parecida com a provocada por um porre bem grande, mas sem a preocupação da ressaca no dia seguinte.

Houve uma mudança perceptível no barulho das turbinas e o C-130 avançou, acelerando bastante. Alguns segundos depois, Jaeger o sentiu decolar e abrir caminho pelo ar. Esticou a mão para trás e se conectou ao sistema de comunicação da aeronave, para poder sintonizar no canal do piloto.

Isso sempre ajudava a acalmá-lo na preparação para um salto.

— Velocidade do ar a cento e oitenta nós — afirmou a voz do piloto. — Altitude, mil e quinhentos pés. Subindo a...

Nesse ponto, a única coisa que poderia ameaçar a chegada deles ao destino seria a tempestade que se formava sobre a floresta. A 30 mil pés, as condições eram bastante previsíveis — frio congelante, ventos fortes, mas estáveis —, fossem quais fossem as condições nas altitudes mais baixas. Mas, se uma tempestade tropical caísse ao nível do solo, isso poderia tornar o pouso impossível.

E se houvesse ventos de mais de quinze nós, eles também enfrentariam problemas na descida. Os paraquedas, e as pessoas presas a eles, poderiam ser arrastados de lado, o que seria duplamente perigoso, já que o ponto de aterrissagem escolhido estava cercado de perigos por todos os lados.

Um rio enorme — o Rio de los Dios — cortava a floresta, serpenteando por onde passava. Em um trecho especialmente tortuoso, o rio havia formado um banco de areia estreito que permanecia livre de qualquer tipo de vegetação. Era uma das poucas áreas limpas na vasta extensão da selva, e esse foi o motivo de o local ter sido escolhido para o pouso.

Só que a escolha dava pouca margem a erros.

De um lado, o delgado banco de areia era margeado pelo rio, demarcado por um paredão de floresta densa. Se qualquer um deles saísse do curso, se espatifaria nas árvores. Se fosse levado para a direção oposta, cairia no Rio de los Dios, e a pesada carga o puxaria para o fundo.

— Altitude, três mil e quinhentos pés — anunciou a voz do piloto. — Velocidade do ar, duzentos e cinquenta nós. Subindo para altitude de cruzeiro.

— Está vendo aquele buraco na floresta? — perguntou o navegador. — Vamos seguir aquele rio na direção oeste pela próxima hora, mais ou menos.

— Entendido — confirmou o piloto. — Que bela manhã.

Enquanto ouvia a conversa dos dois, Jaeger sentiu uma onda de náusea subir pela garganta. Em geral não tinha enjoo em viagens. O que achava debilitante era estar amarrado e preso em todo aquele equipamento.

Durante o treinamento para aquele tipo de salto, ele havia passado por uma série de testes para checar sua resistência a altas altitudes, baixos níveis de oxigênio e desorientação extrema. Fora colocado dentro de uma câmara de compressão, que o levara a passar pelos estágios dos tipos de condições encontradas a 30 mil pés.

A cada aumento de três mil pés na altitude, ele tinha de retirar a máscara de oxigênio e gritar nome, patente e número de série, antes de colocar a máscara de novo.

Essa parte ele havia achado tranquila.

Mas então chegou a hora de entrar na temida centrífuga.

A centrífuga era como uma máquina de lavar gigante e superpoderosa. A pessoa girava sem parar, cada vez mais rápido, até chegar ao limite do desmaio. Antes de perder a consciência, ela “via tudo escuro”, ou seja, a visão começava a se perder num caleidoscópio de cinzas. Era preciso saber quando isso estaria para acontecer, para poder reconhecer esse instante num salto de verdade, e fazer o que fosse necessário para sair da rotação.

A centrífuga tinha sido, para ele, um terrível indutor de vômito.

Jaeger havia recebido um vídeo do teste para levar de lembrança. A sensação de ver tudo escurecer não era nada agradável. Os olhos saltavam como os de uma vespa atingida por um jato de inseticida, o rosto parecia estar sendo esvaziado e ficava macilento, as bochechas batiam e eram sugadas, as feições distorcidas como o diabo.

A centrífuga chegara perto de vencer Jaeger e acabar com ele. Para um homem que amava a vida ao ar livre, tinha odiado entrar naquele tambor de metal — aquele caixão de aço sufocante. A sensação era de estar numa prisão. Como estar no próprio caixão.

Jaeger detestava se sentir preso ou impedido de ser mexer naturalmente.

Como agora, empacotado no traje completo para aquele tipo de salto e aguardando o momento de pular.

Ele se recostou e fechou os olhos, tentando se forçar a dormir. Essa foi a primeira regra que aprendeu no treinamento do grupo de elite: jamais perca uma oportunidade de comer ou dormir, porque nunca se sabe quando haverá outra.

Algum tempo depois, sentiu uma mão mexendo em seu ombro para acordá-lo. Era um dos MS. Por um instante, achou que aquela deveria ser a hora do show, porém, ao olhar para a fila de saltadores, percebeu que ninguém estava se preparando para pular.

O MS se inclinou e gritou no ouvido dele:

— O piloto está vindo falar com você.

Jaeger olhou para a frente e viu uma figura contornar o navegador empoleirado em seu assento dobrável na parte de trás da cabine.

Ele deve ter deixado o copiloto no controle do avião, pensou Jaeger. O piloto se aproximou e se inclinou, gritando para se fazer ouvir acima do ronco dos motores:

— Como estão as coisas por aqui?

— Eu estava dormindo como um bebê. É um prazer voar com profissionais de verdade.

— É sempre bom tirar uma soneca — concordou o piloto. — Então... parece que nós temos um problema. Achei melhor avisar. Não tenho ideia do que pode ser de fato, mas... Logo depois que decolamos, tive a sensação de que estávamos sendo seguidos. Uma vez Night Stalker, sempre Night Stalker, se é que você me entende.

Jaeger ergueu uma das sobrancelhas.

— Você era do SOAR? Do 1600?

— Positivo — disse o piloto. — Antes de ficar velho demais e não servir mais para ser soldado.

O 1600 SOAR, Regimento de Aviação de Operações Especiais — também conhecido como Night Stalkers — era a principal unidade de operações aéreas secretas dos Estados Unidos. Em várias ocasiões, quando em território inimigo, com caras maus fungando em seu cangote, Jaeger chamou um helicóptero de combate de busca e resgate do SOAR.

— Não existe unidade melhor — disse Jaeger ao piloto. — Tenho grande respeito por vocês. Vocês me tiraram da merda muitas vezes.

O piloto vasculhou um dos bolsos e tirou dele uma moeda militar. Colocou-a na mão de Jaeger.

Era do tamanho e do formato de uma moeda de chocolate, do tipo que Jaeger costumava colocar na meia de Luke no Natal. O Natal sempre fora uma festa especial para a família Jaeger; até o último — que havia sido enterrado na escuridão absoluta. A lembrança provocou uma pontada de dor momentânea em Jaeger.

A medalha do SOAR era pesada, volumosa e fria. Tinha o brasão da unidade de um dos lados e seu lema do outro: *A Morte Espera no Escuro*. Era tradição entre os militares americanos oferecer uma moeda da unidade a um companheiro de combate, tradição esta para a qual infelizmente o exército britânico não tinha equivalente.

Jaeger se sentiu honrado em receber a moeda e resolveu levá-la consigo

durante a expedição.

— Então, fiz uma varredura de 360 graus — continuou o piloto. — Como eu previra, havia algum tipo de pequena aeronave civil no horizonte vindo atrás de nós. Quanto mais tempo ela permanecia ali, no meu ponto cego, mais eu tinha certeza de que estávamos sendo seguidos. Ela ainda está lá, mantendo uma distância de cerca de quatro milhas, e estamos com uma hora e vinte de voo.

O piloto prosseguiu:

— Pela indicação no radar deve ser um Learjet 85. Um jatinho particular pequeno, rápido e muito luxuoso. Quer que eu tente contato e pergunte que diabos estão fazendo com o nariz no nosso traseiro?

Jaeger pensou por um segundo. Normalmente, uma aeronave se comportando dessa forma estaria numa missão de vigilância — tentando descobrir o que os caras da frente estariam aprontando. Guerras foram vencidas ou perdidas dependendo de quem tinha a melhor equipe de inteligência, e Jaeger nunca gostou de ser espionado.

— Alguma chance de ser coincidência? Talvez um voo comercial que por acaso está no mesmo vetor e na mesma velocidade de cruzeiro que a gente?

O piloto negou com um movimento de cabeça.

— Sem chance. A altitude de cruzeiro de um Learjet 85 deveria ser de 49 mil pés. Nós estamos a 30 mil pés, altitude para salto. Os pilotos sempre voam em diferentes altitudes, para não haver conflito no espaço aéreo. E a velocidade de cruzeiro de um Learjet é uns bons cem nós mais rápida que a do Hercules.

— Eles podem nos causar algum tipo de problema? — perguntou Jaeger. — Com o salto?

— Um Learjet contra um Super Hercules? — O piloto riu. — Queria ver eles tentarem. — E encarou Jaeger. — Mas o avião está se mantendo na retaguarda e no ponto cego. Sem sombra de dúvida... estamos sendo seguidos.

— Vamos deixar os caras pensarem que nós não percebemos a presença deles. Assim teremos mais opções.

O piloto assentiu com a cabeça.

— Talvez. Vou deixar os caras se perguntando se foram vistos.

— Talvez seja uma agência amigável? — sugeriu Jaeger. — Só querendo saber o que estamos fazendo aqui?

O piloto deu de ombros.

— Pode ser. Mas você sabe o que dizem por aí: a presunção é a mãe de todas as cagadas.

Jaeger sorriu. Essa fora uma de suas frases favoritas no SAS.

— Vamos supor que quem está nos seguindo não seja o Papai Noel com um trenó carregado de presentes. Fique de olho. E me avise se houver alguma

mudança.

— Positivo — confirmou o piloto. — Enquanto isso, vamos manter o curso, e você vai poder tirar mais um cochilo.

Capítulo 23

Jaeger se reclinou e tentou dormir, mas se sentiu estranhamente inquieto. Por qualquer ângulo que olhasse, não fazia ideia do que pensar daquele avião não identificado. Colocou a moeda dos Night Stalkers que ganhara do piloto no bolso e, nisso, roçou a mão num pedaço de papel. Quase tinha se esquecido de que estava ali.

Pouco antes de deixar o Rio de Janeiro, ele recebera um e-mail inesperado. Era de Simon Jenkinson, o arquivista. Como não estava levando laptop nem smartphone na expedição — a chance de haver eletricidade ou sinal de celular no local para onde estava indo era zero — ele imprimira uma cópia. Releu a mensagem de novo.

> *Você me pediu para mantê-lo informado se encontrasse algo de interessante. O Arquivo Nacional Britânico acabou de liberar para consulta pública um documento confidencial de 70 anos atrás: AVIA 54/1403A. Quando vi, mal pude acreditar. Alucinante. Quase sinistro. Acho que é o tipo de documento que as autoridades nunca permitiriam que viesse a público se os censores estivessem fazendo seu trabalho direito. Pedi uma cópia do arquivo inteiro, mas isso pode demorar séculos. Enviarei os documentos completos por e-mail assim que chegarem. Consegui tirar algumas fotos com o iPhone do que era mais relevante. Uma delas segue anexada. O nome-chave é Hans Kammler, ou SS Oberst-Gruppenführer Hans Kammler, como o chamavam durante a guerra. Sem dúvida, Kammler é a chave.*

O Arquivo Nacional Britânico, localizado em Kew, a oeste de Londres, abriga cofres com documentos sobre as atividades do governo britânico remontando há muitos séculos. Qualquer pessoa pode consultar os documentos pessoalmente,

mas é necessário fazer uma requisição por fotocópias se a intenção for levá-los para análise posterior. Ninguém pode fazer as próprias cópias.

O fato de Jenkinson ter tirado fotos sem ninguém ver e conseguido enviá-las pelo iPhone deixou Jaeger impressionado.

Claramente, o arquivista tinha uma reserva secreta de coragem.

Ou talvez os documentos tenham parecido tão extraordinários — tão alucinantes, nas palavras do próprio Jenkinson —, que ele não resistira à tentação de infringir algumas regras.

Jaeger tinha feito o download da foto enviada por Jenkinson. A imagem borrada trazia um relatório do serviço de inteligência do Ministério do Ar britânico da época da guerra. No topo da página estava estampado em vermelho: *TOP SECRET — Para ser mantido fechado a chave e nunca sair desse recinto.*

Nele, lia-se:

> Sinal interceptado, 3 de fevereiro de 1945. Segue tradução:
>
> O Führer para o plenipotenciário do Führer, Hans Kammler, SS Oberst-Gruppenführer e General da Waffen SS.
>
> Assunto: Tarefa Especial para o Führer — referente a *Aktion Adlerflug* (Operação Voo da Águia).
>
> Status: *Kriegsentscheidend* (extremamente confidencial).
>
> Ação: Kammler, plenipotenciário do Führer, deve assumir o comando de todos os departamentos do Ministério do Ar alemão, tanto de pessoal em terra quanto no ar, e de concessão e desenvolvimento de aeronaves e outros assuntos de logística, incluindo combustível, organização em terra e pistas de pouso. O Reichssportfeld HQ de Kammler deverá ser a sede das alocações de equipamentos e suprimentos.
>
> Kammler deve ser colocado no comando do programa que deverá deslocar armamentos vitais para longe do alcance do inimigo. Kammler deve montar centros de informação de realocação de comando, equipados com o Esquadrão 200 (LKW Junkers), que vão remover sistemas de armamentos, evacuação e transporte, com o intuito de redistribuir tudo apropriadamente para lugares seguros pré-identificados.

Jenkinson acrescentara uma nota explicativa de que LKW Junkers era a designação alternativa dos nazistas ao Ju-390.

Jaeger consultara no Google a palavra “plenipotenciário”. O que conseguiu compreender é que se tratava de um emissário especial a quem eram concedidos

poderes extraordinários. Em outras palavras, Kammler fora o braço direito de Hitler, com poder de fazer o que fosse necessário.

O e-mail de Jenkinson era intrigante. Parecia sugerir que Hans Kammler havia recebido a tarefa de deslocar todos os armamentos-chave dos nazistas ao fim da guerra, deixando-os fora do alcance dos Aliados. E se Jenkinson estivesse certo, a maneira encontrada para fazer isso fora utilizar um esquadrão de aviões de guerra Ju-390.

Jaeger enviara um e-mail para Jenkinson perguntando o que o arquivista achava que o documento inteiro poderia significar. Mas não recebera resposta, pelo menos não antes de embarcar no voo que o levaria ao coração da Amazônia. Jaeger teve de se resignar com o fato de que não obteria mais informações — pelo menos não antes que a expedição chegasse ao fim.

— Salto em vinte. — O anúncio do piloto trouxe Jaeger de volta à realidade. — Previsão de tempo bom e claro; curso inalterado.

Um vento congelante soprava para dentro da aeronave. Jaeger esfregou as mãos para ver se conseguia mantê-las aquecidas. Mataria por uma xícara de café agora.

O Super Hercules estava 200 quilômetros a leste do ponto do salto. Por meio de um monte de cálculos malucos — que levavam em conta a velocidade e direção do vento a 30 mil pés de altitude e em todas as outras altitudes — eles haviam calculado o ponto exato do céu em que os saltadores deveriam pular.

Dali seriam quarenta quilômetros planando até o banco de areia.

— Salto em dez — anunciou o piloto.

Jaeger ficou de pé.

À direita, viu uma fila de pessoas se levantando dos assentos, batendo nas pernas para afastar o frio. Ele reclinou o corpo e prendeu a pesada mochila na frente das tiras do paraquedas, usando uma série de presilhas grossas de aço — mosquetões — para isso. Quando pulasse, a mochila ficaria pendurada pelo peito, suspensa por um sistema de polias.

— Salto em oito — anunciou o piloto.

A mochila de Jaeger pesava uns 35 quilos. Ele levava um peso similar na mochila do paraquedas às costas. Além disso, carregava quinze quilos de armamentos e munição, mais o equipamento de oxigênio.

Eram quase noventa quilos ao todo. Mais do que seu próprio peso.

Jaeger tinha 1,75 m de altura, era bastante ágil, e cada centímetro de seu corpo era feito de puro músculo. As pessoas tendem a pensar nos soldados de elite como monstros, verdadeiras montanhas humanas. É claro que existem alguns tipos — como Raff — que são de fato gigantes, mas a maioria é como Jaeger: magros como leopardos, rápidos e mortais.

O MS Precursor deu um passo atrás para que todos pudessem vê-lo. Abriu uma das mãos mostrando os cinco dedos: *Salto em cinco.* Jaeger já não conseguia mais ouvir o piloto; tinha se desconectado do sistema de comunicação da aeronave. A partir daquele momento, as instruções para o salto seriam todas dadas por meio de sinais.

O MS levantou o punho direito e assoprou nele. Seus dedos se abriram, como o desabrochar de uma flor. Ele manteve a mão aberta, mostrando os cinco dedos duas vezes. Era o sinal para a velocidade do vento no nível do solo: dez nós. Jaeger suspirou aliviado. Dez nós era uma velocidade razoável para realizar o pouso.

Apertou as alças e tirantes uma última vez e checou o equipamento. O MS mostrou três dedos na frente dos seus óculos de proteção: três minutos para o salto. Era hora de se amarrar a Irina Narov para o salto duplo.

Jaeger virou o corpo para a traseira do Hercules. Começou a andar desajeitadamente, carregando a pesada mochila com uma das mãos e usando a outra para se segurar na lateral interna da aeronave. Precisava chegar o mais próximo possível da rampa antes que a companheira de salto fosse amarrada a ele.

Ouviu um estalo vindo de cima, seguido por um ruído mecânico e uma corrente de ar gelado. A rampa havia sido aberta e começava a baixar, e a cada centímetro a ventania barulhenta entrava com mais força no corpo do avião.

Ao se aproximar do cone de aspiração, Jaeger esperava ouvir os primeiros acordes de Wagner soando nos alto-falantes da aeronave. Era nessa hora que o piloto normalmente botava a música para tocar.

Em vez disso, ele ouviu uma explosão de *riffs* pesados de guitarra, seguida um instante depois pelas batidas fortes de uma bateria. Aí veio a voz aguda e rouca do vocalista de uma icônica banda de rock...

Era “Highway to Hell”, do AC/DC.

O piloto era definitivamente um Night Stalker: tinha decidido que as coisas seriam feitas do jeito dele.

O refrão contagiante soou na hora que o MS principal empurrou um corpo até Jaeger: Irina Narov — pronta para ser amarrada.

Highway to hell...

O piloto — e o nome da música — pareciam sugerir que Jaeger e sua equipe estavam numa viagem só de ida a caminho da danação eterna.

Será que estavam?, perguntou-se Jaeger. Estariam indo direto para o inferno?

Era para lá que essa missão os estava levando?

Ele rezava para que um destino muito melhor estivesse aguardando por eles na floresta.

Mas, por um lado, temia que estivessem saltando para dentro do pior tipo de tormento.

Capítulo 24

Jaeger tentou ao máximo bloquear a cantoria frenética e delirante que invadia sua cabeça. Por um instante, os olhares dele e da russa alta de músculos definidos se encontraram. Ela parecia estar em ótima forma: não havia sinal de um único grama de peso a mais em nenhum lugar de seu corpo esguio.

Jaeger não sabia exatamente o que depreender da expressão dela.

Apreensão? Medo? Ou talvez algo beirando o pânico?

Narov era ex-Spetsnaz, o mais próximo que os russos tinham do SAS. Por princípio, como ex-oficial Spetsnaz, ela deveria ser dura na queda. Mas Jaeger conhecera muitos soldados de primeira linha que amarelavam na hora de mergulhar da rampa para o congelante azul do céu.

Na altitude em que estavam, a curvatura da Terra ficava visível, se estendendo pela linha do horizonte. Pular da rampa de um C-130 já era assustador nas melhores condições. Fazer isso do ponto extremo da atmosfera terrestre era um total ato de fé, e podia ser aterrorizante.

Mas, ao olhar fundo nos olhos azuis de Narov, tudo o que Jaeger pôde ver foi uma calma inescrutável e indecifrável. Um vazio surpreendente os preenchia; uma calma resoluta — quase como se nada, nem mesmo um mergulho no vazio a 30 mil pés de altitude, pudesse afetá-la.

Narov desviou o olhar, deu as costas a Jaeger e assumiu a posição para o salto.

Ambos se aproximaram.

Num salto duplo, os paraquedistas pulam com o rosto voltado para a mesma direção. O paraquedas de Jaeger deveria ser suficiente para segurar o peso combinado dos dois, dando a eles uma extensão de tecido compartilhado sob a qual ambos planariam até tocar o chão. Os MS posicionados ao lado deles os prenderam bem firme.

Jaeger tinha feito saltos duplos inúmeras vezes. Sabia que não devia estar se sentindo daquele jeito — constrangido e desconfortável por ter o corpo de outro ser humano tão perto do seu.

Até aquele momento, ele sempre fizera saltos duplos com um companheiro do grupo de elite, um irmão de armas. Alguém que conhecia bem e com quem lutaria ombro a ombro de bom grado, caso alguma coisa ruim acontecesse. Mas Jaeger estava longe de se sentir confortável ao ser amarrado daquele jeito a uma pessoa desconhecida, e a uma mulher.

Ainda por cima, Narov era a integrante da equipe em quem ele menos confiava: a principal suspeita do assassinato de Andy Smith. Mas Jaeger não tinha como negar — a beleza estonteante da russa estava mexendo com ele. Por mais que tentasse afastar esse pensamento e se concentrar no salto, não conseguia.

A música também não ajudava — aquela letra alucinada do AC/DC martelando no crânio.

Jaeger deu uma rápida olhada para trás. Agora tudo estava acontecendo bem rápido.

Pôde ver os MS deslizando os dois para-tubos nos trilhos que se estendiam pelo interior da aeronave. Kamishi e Krakow se deslocaram e se curvaram como se estivessem rezando acima dos tubos. Os MS começaram a amarrar os para-tubos às presilhas no peito deles. Os dois arrastariam os tubos pelos trilhos e saltariam com eles, apenas alguns segundos depois que Jaeger e Narov tivessem pulado.

Jaeger virou o rosto para trás a fim de ver os raios de sol lá fora.

De repente, o barulho estridente dos alto-falantes pareceu morrer. “Highway to Hell” parou de tocar. Houve alguns segundos de silêncio antes que Jaeger pudesse distinguir o som de outra música. No lugar da canção do inferno do AC/DC, uma melodia poderosa e evocativa começou a pulsar no interior do C-130.

Inconfundível.

Clássica.

Jaeger se permitiu um sorriso.

O piloto tinha feito uma brincadeira com ele por um tempo, mas acertara as coisas no fim. Era a “Cavalgada das Valquírias”, de Wagner — alguns segundos antes do salto.

A música acompanhava Jaeger havia um bom tempo.

Antes de entrar para o SAS, tinha servido nos Royal Marines, onde recebera treinamento em paraquedismo. A “Cavalgada das Valquírias” tocara na cerimônia em que Jaeger recebera o emblema do paraquedas com asas. Muitas vezes havia saltado de um C-130 com seus colegas do SAS ao som da composição clássica de Wagner.

Era o hino não oficial das unidades aéreas britânicas.

E uma música excelente para a hora do salto, ainda mais numa missão como aquela.

Enquanto se preparava para pular, Jaeger pensou por um instante no avião que os seguia. O piloto do C-130 não comentara mais nada. Jaeger imaginou que o avião tivesse desaparecido — talvez abandonado a perseguição depois que o Hercules cruzou a fronteira com a Bolívia.

Certamente não iria interferir no salto, senão o piloto não permitiria que seguissem adiante.

Jaeger tirou isso da cabeça.

Empurrou Narov para a frente, dirigindo-se juntos para a rampa aberta. Nas duas laterais, os MS se amarravam à aeronave para evitar serem sugados pelo vendaval barulhento do lado de fora.

O segredo para um bom salto HAHO era sempre ter consciência da sua localização espacial; saber exatamente onde você estava em relação aos outros paraquedistas. Como líder do salto, era vital que Jaeger mantivesse todos juntos. Se perdesse alguém, não poderia usar o rádio para chamar a pessoa de volta; a turbulência e o barulho do vento tornavam a comunicação impossível durante a queda livre.

Jaeger e Narov pararam bem na beirada da rampa.

Os outros se enfileiraram atrás deles. Jaeger sentiu o coração batendo como se fosse uma metralhadora, conforme a adrenalina jorrava em suas veias. Estavam no topo do mundo ali, no reino dos céus estrelados.

Os MS fizeram uma última verificação visual em cada um dos paraquedistas, assegurando-se de que não havia alças soltas nem enroladas. No caso de Jaeger, era preciso ter certeza de que todos os pontos de contato entre ele e Narov estavam bem ajustados.

O MS Precursor começou a berrar as instruções finais.

— Última checagem de equipamento!

— DÉCIMO, PRONTO — gritou o último paraquedista da fila.

— NONO, PRONTO!

Depois que cada um dos participantes da expedição gritava seu status, tocava o ombro do que estava logo à frente. Se não houvesse o toque, era sinal de que havia algo errado.

— TRÊS, PRONTO! — Jaeger sentiu o toque do integrante logo atrás dele. Era Mike Dale, o jovem cinegrafista australiano que filmaria, com uma minicâmera presa ao capacete, ele e Narov pulando da rampa.

Antes que as palavras ficassem presas na garganta, Jaeger se esforçou para gritar:

— UM E DOIS, PRONTOS!

A fila se moveu adiante, todos mais próximos que nunca. Se ficassem muito separados, corriam o risco de se perder durante a queda livre.

Jaeger olhou para a luz que autorizava o salto.

Ela começou a piscar na cor vermelha: *preparar*.

Ele olhou para a frente, espiando por cima do ombro de Narov. Sentiu alguns fios do cabelo solto dela batendo em seu rosto, a silhueta retangular da rampa contra a boca devoradora dos céus.

Do lado de fora, um turbilhão de luz pura, lancinante, cegante. Ele sentiu o vento batendo forte no capacete e tentando arrancar os óculos de proteção de seu rosto. Abaixou a cabeça e respirou fundo.

De canto de olho, viu a luz vermelha ficar verde.

O MS deu um passo atrás:

— VAI! VAI! VAI!

E então Jaeger se viu empurrando Narov para a frente e mergulhando no ar. Como se fossem um só, ambos caíram no ruidoso vazio. Porém, assim que saltaram da rampa, Jaeger sentiu um puxão, e foi tão forte que rasgou algo, deixando uma ponta solta, o que tirou o equilíbrio dos dois. Ele soube, imediatamente, o que estava acontecendo: haviam feito uma saída instável.

A saída fora desajeitada e eles já estavam começando a girar.

Isso tinha o potencial de ser um grande problema.

Jaeger e Narov foram sugados pela goela tormentosa do cone de aspiração da aeronave, a violenta turbulência lançando-os para longe cada vez mais rápido. Cuspidos para fora do rastro do avião, começaram a despencar em direção à terra, girando e girando como um pião gigante alucinado.

Jaeger tentou se concentrar em contar os segundos antes de se arriscar a abrir o paraquedas.

— Três mil e três, três mil e quatro...

Mas, conforme ia contando, percebeu que as coisas estavam piorando rapidamente. Em vez de estabilizar, o giro simplesmente parecia que não ia mais parar. Era o pesadelo da centrífuga de novo, só que dessa vez a 30 mil pés de altitude, e a vera.

Ele tentou calcular a rapidez da rotação — para ver se podia arriscar abrir o paraquedas. A única forma de medir isso seria contando quão rápido o ar à sua volta mudava de azul para verde para azul para verde e para azul de novo. Azul significava que ele estava com o rosto virado para o céu; verde, que estava virado para a selva.

Azul-verde-azul-verde, azul-veeeeerrrdddee.... Aaarrgghh!

Nesse momento, além de se esforçar para captar o que via, Jaeger lutava para não ficar inconsciente.

Capítulo 25

O plano para o salto era que todos se juntariam durante a queda livre e acionariam os paraquedas assim que Jaeger o fizesse. Dessa forma, cairiam quase como um só, planando em direção à zona de aterrissagem juntos. Mas, com Jaeger e Narov num salto duplo e com a rotação catapultando os dois pelos céus — eles já começavam a se afastar dos outros.

Despencavam em direção ao solo, girando cada vez mais rápido. Conforme a velocidade do ar ia aumentando, a intensidade da força g também crescia, o vento açoitando a cabeça de Jaeger como um violento furacão. Ele se sentia como se estivesse preso a uma supermoto gigante e descontrolada acelerando a 400 km/h num túnel em espiral.

Considerando a sensação térmica, a temperatura devia estar em torno dos 70 graus negativos. E conforme a rotação ficava ainda mais violenta, Jaeger começava a sentir a escuridão espreitando pelo canto dos globos oculares congelados.

Sua visão estava embaçada e distorcida. Ele tinha dificuldade de respirar, de inalar o oxigênio. Os pulmões queimavam, lutando para inspirar uma quantidade suficiente de ar do cilindro. Sua percepção sensorial — a habilidade de julgar onde estava ou até quem era — rapidamente se esvaía.

A espingarda batia nele como se fosse um taco de beisebol, a coronha retrátil atingindo o capacete. Ela havia sido bem amarrada na lateral do corpo, mas, de alguma forma, havia se soltado durante a queda livre, o que deixava os dois ainda mais instáveis.

Jaeger estava a ponto de perder a consciência.

Não queria nem imaginar em que estado Narov devia estar.

Com a cabeça latejando e a mente a mil por hora por causa da tontura e da desorientação, Jaeger se forçou a manter a concentração. *Tinha de estabilizar a queda deles*. Narov contava com ele, assim como todos os outros da equipe.

Havia apenas um jeito de parar a rotação.

Tinha que tentar agora.

Juntou os braços em frente ao peito, depois abriu tanto os braços quanto as pernas formando uma estrela rígida com o corpo, fortalecendo as costas para combater as forças insuportáveis que ameaçavam rasgá-lo membro a membro. Os músculos tentavam resistir à dor e à pressão. Jaeger soltou um grito agudo de agonia enquanto mantinha a postura e tentava estabilizar os dois em pleno no ar.

— *Aaaaarrrggghhhh!*

Pelo menos ninguém o ouviria gritar, pois estavam sozinhos ali no topo do mundo.

Com braços e pernas afastados e rígidos para fazer quatro âncoras, seu corpo arqueou no ar rarefeito. O ar congelante uivava a seu redor enquanto os membros travavam de dor. Se ao menos conseguisse manter o formato de estrela por tempo suficiente para estabilizar a alucinada queda espiralada, talvez conseguissem sair dessa com vida.

Gradualmente, bem devagar, de um jeito muito agoniante, Jaeger começou a sentir as rotações diminuindo.

Por fim, Narov e ele pararam de girar.

Jaeger obrigou sua mente fragilizada a se concentrar.

E viu que olhava para o azul cegante.

Azul significava céu.

Soltou vários palavrões. *Direção errada*.

Os dois caíam a uma velocidade criminosa com as costas viradas para o solo. Cada segundo os levava 300 pés mais perto de um impacto pulverizante, enquanto despencavam em direção à densa selva. Mas se Jaeger acionasse o paraquedas na atual posição, abriria embaixo deles. Ambos cairiam dentro do paraquedas, mergulhando em direção ao solo como um par de cadáveres sepultados num manto de tecido emaranhado.

Seriam arremessados na floresta a 400 km/h.

Dois mortos.

Um homem e uma mulher, amarrados em um abraço assassino.

Jaeger mudou de posição, forçando o braço direito junto à lateral do corpo. E jogou o ombro oposto para cima, tentando virar os dois ao contrário. Precisava fazer com que estivessem de frente para o verde. Urgentemente.

Verde significava terra.

Mas, por alguma razão, tudo o que conseguiu com a manobra foi piorar a situação — a virada abrupta fez com que retomassem o giro.

Por um momento, sentiu-se à beira do pânico. Uma das mãos seguiu instintivamente para o cordão que acionava o paraquedas, mas Jaeger se controlou. Ele se lembrou de como haviam repetido essa manobra várias vezes

com um manequim durante os saltos de teste.

Abrir o paraquedas durante a rotação era sinônimo de encrenca. *Das grandes*. Os fios iriam se enrolar, como uma criança enrolando espaguete no garfo. Uma péssima ideia.

Enquanto a rotação se intensificava, Jaeger sabia que a perda da visão se aproximava. O desmaio viria a seguir. Era como a centrífuga, mas dessa vez em uma altitude extrema e sem botão de desligar. Sua visão foi ficando borrada e embaralhada, a mente começou a se desligar. Estava a um segundo de desmaiar.

— Mantenha o foco! — rosnou.

Começou a se xingar, tentando sair do estado de confusão.

— MANTENHA O FOCO! *MANTENHA O FO-CO!*

Cada segundo era precioso agora. Ele devia voltar à posição da estrela e levar Narov a fazer o mesmo. Dessa forma, teriam uma chance bem maior de se estabilizar.

Não havia como se comunicar com ela, exceto por meio da linguagem corporal e de gestos. Ele já ia segurar os braços dela e sinalizar o que planejava quando, mesmo com seus sentidos em frangalhos, percebeu que ela havia começado a lutar violentamente com ele.

Em meio à confusão cegante, algo reluziu um brilho prateado no ar.

Uma lâmina.

Uma faca comando.

Sendo empunhada contra ele, pronta para atingir a região do tórax.

Num segundo, Jaeger deduziu o que estava acontecendo. Era inacreditável, mas era verdade. Narov se preparava para esfaqueá-lo com a faca dela.

Jaeger se lembrou do aviso de Carson: *Você nunca a verá sem uma faca na mão.*

A lâmina se dirigiu até ele num golpe selvagem.

Jaeger conseguiu bloqueá-lo ao mover o braço direito, utilizando o resistente altímetro que havia prendido no pulso para amortecer o impacto. A lâmina resvalou no espesso vidro, cortando, em seguida, a manga da roupa de Gore-Tex.

Jaeger sentiu uma pontada de dor no braço direito.

Ela havia feito um corte nele no primeiro golpe.

Por alguns segundos desesperadores, ele continuou a bloquear e se esquivar, enquanto Narov o atacava repetidamente.

Ela agiu mais uma vez, golpeando bem mais embaixo, parecendo tentar atingir as vísceras dele. O braço de Jaeger — congelado como um bloco de gelo — se moveu um segundo lento demais.

Ele falhou em se esquivar do golpe.

E se preparou para sentir a agonia de uma lâmina entrando em seu abdômen.

Mas não importava muito onde ela iria atingi-lo.

Se abrisse um buraco nele nessa altitude, despencando mil pés ou mais a cada três segundos em direção ao solo, ele seria um homem morto.

Capítulo 26

A faca entrou num golpe rápido e direto.

Mas, estranhamente, quando desapareceu de vista na base do seu estômago, Jaeger não sentiu dor. Nenhuma. Em vez disso, percebeu a primeira das alças que o atavam a Narov se soltando conforme a lâmina a cortava.

O braço dela foi para a frente, voltou para trás, e de novo a faca afiada acertou o alvo, cerrando a lona dura e o náilon.

Quando terminou de soltar as alças que estavam ao alcance da mão direita, Narov mudou de lado. Usou a lâmina invertida repetidas vezes, cortando freneticamente as alças do lado esquerdo.

Mais alguns golpes e o serviço estava feito.

Com isso, Irina Narov, a ovelha negra da equipe de Jaeger, afastou o corpo do dele.

No exato momento em que ela se libertou, Jaeger a viu abrir os braços e as pernas num formato de estrela. Quando os membros desaceleraram a queda e ela começou a se estabilizar, Jaeger passou girando por ela. Pouco depois, ouviu um barulho acima de sua cabeça que se assemelhava ao da vela de um barco contra o vento, e um paraquedas se abriu no céu.

Irina Narov havia acionado o paraquedas de segurança.

Livre do peso morto de um segundo corpo, a chance de sobrevivência de Jaeger de repente era muito maior que cinco segundos antes, quando era nula.

Por um instante que parecia não ter fim, ele lutou desesperadamente para controlar a própria rotação, tentando fazer cessar os giros alucinantes e se estabilizar.

Jaeger já havia passado dois minutos do previsto na queda livre quando finalmente arriscou abrir o paraquedas — liberando 33 metros quadrados de tecido.

Um instante depois, sentiu como se uma grande mão o estivesse puxando para cima com força pelos ombros. Desacelerar de uma queda livre monstruosa como

essa era como bater um carro numa velocidade absurda contra um muro de concreto, todos os *airbags* sendo acionados de uma só vez.

Jaeger havia passado da perspectiva de um impacto iminente, esmagador e mortal com a floresta para a constatação de que o paraquedas o salvara. Ou melhor, de que os golpes de faca de Irina Narov haviam salvado os dois. Ele olhou para o alto para checar se o paraquedas estava em boas condições. Esticou as mãos e deu uma série de puxões nas cordas, soltando os freios e permitindo que o paraquedas voasse livremente.

Graças a Deus parecia estar tudo bem.

O barulho ensandecido e monstruoso do vento durante a queda livre em parafuso tinha se transformado em pura calma e tranquilidade. Apenas uma lufada ocasional remexia o velame acima dele. Por um momento, ele se concentrou em controlar os batimentos cardíacos e em se acalmar para conseguir relaxar.

Arriscou uma olhada no altímetro. Estava a 1.800 pés. Tinha acabado de completar uma queda de 28 mil pés. O paraquedas demorara seis segundos para abrir de todo. Jaeger o havia acionado menos de dez segundos antes de se chocar com a terra, a mais de 200 km/h.

Essa fora por muito pouco. Àquela velocidade, não teria sobrado muito dele. Os colegas teriam que raspar os troncos e samambaias para encontrar algum resto mortal para enterrar.

Jaeger aproveitou para vasculhar o céu com o olhar.

Fora Narov, não havia nenhum outro paraquedista à vista.

Forçou os olhos doloridos a olhar para baixo, analisando a cobertura verde e aveludada das árvores. Estava chegando perto e não havia nenhuma clareira à vista.

Calculou que ele e Narov deviam estar a mais de trinta quilômetros da zona de pouso programada. O plano tinha sido abrir o paraquedas a 28 mil pés e planar por mais ou menos quarenta quilômetros até o banco de areia. Mas, com a saída instável do avião e a queda em parafuso que se seguira, o plano fora arruinado.

Jaeger tinha perdido todos os outros integrantes da equipe, exceto a indiscutivelmente durona e corajosa Narov.

Agora eram apenas dois paraquedistas solitários no ar abafado e úmido, sem lugar para aterrissar.

Não dava para ficar muito pior.

Por um momento, Jaeger se perguntou se sua arma é que teria engatado na rampa do Hercules, jogando os dois naquele giro quase fatal. Mas como os MS deixaram isso passar? Era trabalho deles garantir que todos os paraquedistas estivessem livres de obstruções; que nada que pudesse engatar estivesse solto. E,

além disso, ele tinha certeza de que havia prendido bem a arma antes de saltar.

Trabalhara com inúmeras equipes de MS durante os anos. Todos excelentes profissionais. Sabiam que tinham as vidas dos paraquedistas nas mãos e que qualquer erro, por menor que fosse, poderia ser fatal. Foi apenas por pura sorte — e, precisava admitir, graças à presença de espírito de Narov — que ambos ainda estavam vivos.

Não fazia sentido os MS terem deixado a arma dele frouxa na hora do salto. Aquilo não fechava. Na verdade, bastante coisa não fechava até ali. Primeiro, Smithy ter morrido — ou melhor, ter sido assassinado. Depois, o avião não identificado os seguindo. E agora isso.

Teria um dos MS tentado sabotar o salto deles? Jaeger não sabia, mas estava começando a se perguntar o que mais poderia dar errado.

Na verdade, muito ainda podia dar errado, pois agora seria preciso lidar com o maior de todos os problemas.

Numa escala de risco, depois da abertura do paraquedas, o momento da aterrissagem era o mais perigoso — *sempre* —, especialmente quando não se tinha a menor ideia de onde descer. Um instrutor de paraquedismo tinha alertado Jaeger, certa vez, de que não era a queda livre que matava as pessoas — era o chão.

Jaeger havia se afastado uns cem pés de Narov, depois que ela se soltara dele. Estavam reduzidos a uma equipe de dois. A prioridade era se manterem próximos para a aterrissagem e o que quer que viesse depois. Jaeger se concentrou em tentar desacelerar, para que ela pudesse alcançá-lo.

Planando acima dele, Narov executou uma série de curvas acentuadas para a esquerda, percorrendo uma trajetória descendente em espiral, rapidamente perdendo altura a cada rotação. Jaeger também manobrou o paraquedas, recorrendo aos freios para desacelerar a queda.

Depois de alguns segundos, ele sentiu uma leve lufada de ar ao seu lado, e lá estava Narov. Seus olhos se encontraram. Apesar da “luta de faca” épica no ar, sua expressão era fria como uma pedra de gelo. Era como se nada de estranho tivesse acontecido.

Jaeger fez o gesto de positivo com o polegar.

Narov o imitou.

Ele sinalizou que a guiaria para a aterrissagem. Ela balançou a cabeça afirmativamente. Posicionou-se atrás dele e se manteve algumas dezenas de metros acima. Faltavam poucas centenas de pés para chegarem ao solo.

Felizmente, Jaeger havia treinado para o que estava por vir — o impacto com a copa das árvores. A manobra estava longe de ser fácil. Apenas os saltadores mais experientes conseguiam realizá-la. Mas, pelo que Narov tinha feito,

soltando-se dele durante a queda em parafuso, Jaeger deduziu que ela teria boas chances de se sair bem.

Ele analisou o terreno para localizar uma área que parecesse menos densa que o restante; algum ponto pelo qual pudessem atravessar. A maioria dos paraquedistas que descia na floresta densa o fazia por acidente; eram pessoas que tinham abandonado a aeronave ou porque fora baleada ou porque sofrera falha mecânica — ou até por falta de combustível.

Atingiam a cobertura de árvores sem ter a menor ideia do que fazer, e sem nenhum treinamento de sobrevivência. Normalmente se feriam na hora do impacto — quebravam braços ou pernas. E isso nem era o pior. Mesmo que o paraquedista conseguisse atravessar a copa das árvores, o paraquedas raramente passava. Engatava nos galhos mais altos, deixando o saltador suspenso no ar, pendurado.

E isso, em geral, era sua sentença de morte.

Um paraquedista preso dessa forma tem três opções. Ficar suspenso no paraquedas e esperar algum tipo de resgate. Cortar as cordas e enfrentar uma queda de até vinte metros. Tentar alcançar um galho, se houver um próximo o suficiente, e descer pelo tronco da árvore até o chão.

Com maior frequência, os paraquedistas escolhem permanecer pendurados, já que as outras opções são quase suicidas. Feridos, desorientados, sofrendo de choque e desidratação, e atacados por insetos ávidos por sangue, eles ficam esperando o resgate.

A maioria leva vários dias para morrer.

Não era o destino que Jaeger queria para si, nem para Irina Narov.

Capítulo 27

Através da névoa, Jaeger avistou um trecho de vegetação de um verde amarelado mais claro no meio do tapete escuro de floresta nativa que se estendia até o horizonte. Vegetação nova. As árvores mais jovens deviam ter mais folhas, ser mais flexíveis, mais maleáveis; os galhos, menos propensos a quebrar e formar lanças afiadas.

Pelo menos era o que Jaeger esperava.

Olhou para o altímetro — o mesmo com o qual se defendeu quando imaginou que os golpes de faca vinham com a intenção de estripá-lo.

Quinhentos pés para o impacto.

Ele estendeu a mão até as duas alavancas de metal presas à alça da mochila. Sentiu então a pesada carga cair, pairando dez metros abaixo dele pendurada por uma corda.

A última coisa que fez quando as copas das árvores já estavam bem próximas foi apertar o botão do GPS de pulso. Antes que a selva os engolisse, decidiu marcar o ponto onde estavam para saber sua localização exata — supôs que não teria outra chance de fazê-lo tão cedo.

Nos segundos finais antes do impacto, concentrou-se em manejar o paraquedas com os batoques da esquerda e da direita, para conseguir descer em cima do trecho de vegetação mais clara.

Jaeger viu a massa de copas de árvores se aproximando rapidamente. Puxou os batoques com força, expandindo mais o paraquedas e desacelerando a descida. Se conseguisse manter os batoques nesta posição, essa seria a forma de diminuir bem a velocidade e facilitar a passagem.

Logo em seguida, ele ouviu o barulho da mochila de 35 quilos atingindo as árvores mais altas, quebrando os galhos e desaparecendo na floresta.

Jaeger ergueu as pernas, dobrou os joelhos e posicionou os braços diante do peito e do rosto, para protegê-los. Segundos depois, sentiu as botas e os joelhos adentrando a vegetação, seguindo o caminho aberto pela mochila. Galhos

pontudos atingiram suas nádegas e em seguida os ombros, antes que ele entrasse como uma bala na escuridão abaixo das copas.

Ele colidiu com alguns galhos mais grossos, arquejando com a dor do impacto, e despencou vários metros antes que o paraquedas atingisse as copas, interrompendo sua queda por completo. Jaeger ficou sem fôlego pela desaceleração súbita. Uma cortina de folhas, galhos quebrados e matéria vegetal girou ao redor dele enquanto lutava para respirar. Mas, enquanto balançava de um lado para o outro como um pêndulo, Jaeger agradeceu mil vezes pela sorte que teve.

Não havia se ferido, e ainda estava bastante vivo.

Houve um segundo barulho vindo de cima e, pouco depois, Narov apareceu ao seu lado, também pendurada e balançando de um lado para o outro.

Lentamente, a atmosfera ao redor deles clareou.

A luz ofuscante do sol atravessou os buracos que eles abriram nas copas, seus raios bailando no ar.

No silêncio que se seguiu, era como se cada ser vivo da selva estivesse prendendo a respiração, como se perplexos com o fato de duas criaturas estranhas terem caído em seu mundo.

O balanço dos paraquedas foi diminuindo.

— Você está bem? — perguntou Jaeger a Narov.

Depois de tudo que tinham passado, perguntar isso parecia a piada do século.

Narov deu de ombros.

— Estou viva. Você também está. Poderia ser pior.

Como exatamente? Jaeger sentiu vontade de perguntar. Mas se conteve. Embora o inglês de Narov fosse bastante fluente, o sotaque russo era forte, e seu jeito de falar soava frio e monocórdico.

Jaeger olhou para cima, na direção de onde tinham despencado. Arriscou um sorriso.

— Por um momento lá em cima, achei que você estava tentando me matar. Com a faca.

Ela o encarou.

— Se quisesse matá-lo, teria matado.

Jaeger resolveu ignorar o sarcasmo.

— Eu estava tentando nos estabilizar. Alguma coisa enganchou na saída, desprendendo minha espingarda. Eu tinha quase conseguido dar um jeito naquilo quando você se soltou. Faltou fé da sua parte.

— Talvez. — Narov o encarou por um breve instante, o rosto inexpressivo. — Mas você falhou. — E desviou o olhar. — Se eu não tivesse me soltado, nós dois estaríamos mortos.

Não havia nada que Jaeger pudesse argumentar diante disso. Girou no paraquedas, tentando dar uma olhada no terreno logo abaixo.

— E por que eu ia querer matar você? — continuou Narov. — Sr. Jaeger, o senhor precisa aprender a confiar na sua equipe. — E olhou para a copa da árvore. — Então, a pergunta agora é: como vamos descer daqui? Não treinamos para isso na Spetsnaz.

— E você tinha treinado para cortar as cordas do salto duplo durante uma queda livre em parafuso? — perguntou Jaeger. — Seu manejo da faca foi habilidoso.

— Nunca treinei isso. Mas não havia outra opção. — Narov fez uma pausa. — "Seja qual for a missão, seja qual for a hora, seja qual for o local: o que for preciso." É o lema da Spetsnaz.

Antes que Jaeger conseguisse pensar num comentário adequado, ouviu um estalo enorme vindo de cima, como uma explosão. Um pesado galho se quebrou, caindo para a floresta abaixo. Pouco depois, Narov despencou vários metros quando uma das células do velame do paraquedas rasgou, cedendo à pressão.

Narov olhou para Jaeger.

— Então, você tem alguma ideia de como vamos descer? Alguma alternativa a cair? Ou vou ter que tirar a gente dessa também?

Jaeger balançou a cabeça, frustrado. Deus do céu, aquela mulher era difícil. No entanto, depois do desempenho de Narov com a faca no ar, Jaeger estava começando a duvidar de que a russa pudesse ser a assassina de Smithy. Aquela tinha sido a oportunidade perfeita para ela enfiar a faca em Jaeger e matá-lo, e mesmo assim não o fizera.

Mas não custava testá-la mais um pouco, pensou Jaeger.

— Acho que tem um jeito de a gente sair dessa. — Ele apontou para os paraquedas emaranhados nas copas das árvores. — Mas primeiro vou precisar da sua faca.

Jaeger tinha a própria faca presa ao corpo. Era a Gerber com que Raff o tinha presenteado em Bioko. Ela agora tinha um significado especial para ele, já que ajudara a salvar a vida do amigo. A faca estava numa bainha, presa diagonalmente no peito de Jaeger. Mas ele queria testar se Narov entregaria de bom grado a arma com a qual quase retalhara suas entranhas.

Ela não hesitou muito.

— Minha faca? Só não a deixe cair. É uma velha amiga. — Ela pegou a arma, segurou-a pela lâmina e a lançou pela curta distância que os separava.

— Pegue! — gritou enquanto a lâmina refletia a luz do sol e atravessava as sombras.

A faca que Jaeger pegou parecia estranhamente familiar. Por um instante,

revirou-a nas mãos, a lâmina fina de dezessete centímetros reluzindo. Não havia dúvidas: era semelhante à que estava dentro do baú de seu avô Ted no apartamento em Wardour Castle.

Quando Jaeger completou 16 anos, seu avô Ted permitiu que ele desembainhasse aquela faca, enquanto ambos compartilhavam umas baforadas de cachimbo. O cheiro aromático da fumaça voltava à sua memória, assim como o nome da faca: estava gravado no cabo.

Jaeger analisou a arma de Narov e em seguida ergueu o olhar.

— Bacana. Uma Fairbairn-Sykes de combate. Uma antiguidade, da Segunda Guerra Mundial, se não me engano.

— Isso mesmo. — Narov deu de ombros. — Como vocês do SAS puderam comprovar na época, excelente para matar alemães.

Jaeger encarou Narov por alguns segundos.

— Você acha que vamos matar alemães? Nesta expedição?

A resposta de Narov — em tom de desafio — ecoou as palavras macabras do tio-avô Joe, e soou no que pareceu ser um alemão fluente: "*Denn heute gehört uns Deutschland, und morgen die ganze Welt.*" Hoje a Alemanha nos pertence: amanhã, o mundo inteiro.

— É pouco provável encontrarmos alguém vivo dentro daquela aeronave, sabe? — Um toque de sarcasmo permeou a frase de Jaeger. — Depois de setenta e poucos anos nas profundezas da Amazônia, diria que é praticamente impossível.

— *Schwachkopf!* Idiota! — Narov olhou furiosa para ele. — Pensa que não sei disso? Por que não faz algo de útil, Sr. Líder da Expedição, e nos tira dessa enrascada em que nos colocou?

Capítulo 28

Jaeger explicou a Narov o que tinha em mente.

O paraquedas de emergência que ela fora obrigada a acionar era menor que o BT80 de Jaeger. Ele parecia ter ficado bastante rasgado depois que ela mergulhou nas copas das árvores. Por isso, Jaeger propôs que tentassem se estabilizar sob ambas as copas, formando um ponto forte do qual poderiam se baixar até o chão.

Quando Jaeger terminou de explicar o plano, os dois se livraram das cargas que até então estavam suspensas por cordas abaixo deles. As pesadas mochilas atravessaram as camadas de vegetação, cada uma atingindo o chão da floresta com um estrondo. Era impossível completar a série de manobras que Jaeger tinha em mente com 35 quilos pendurados abaixo de seus pés.

Então Jaeger pediu a Narov que se balançasse na direção dele, que fez o mesmo, ambos usando sua copa como âncora. Com os braços segurando as cordas acima, eles ficaram se balançando até que cada um fosse capaz de alcançar o outro no limite mais extremo de sua oscilação pendular.

As pernas de Jaeger enfim alcançaram o corpo de Narov, e se engataram nos quadris dela. Em seguida, Jaeger segurou o tronco de Narov e prendeu seu arnês de peito no dela com um mosquetão. Estavam agora presos um ao outro num ponto no meio do caminho entre os dois paraquedas.

Mas, ao contrário do que ocorrera no salto duplo, estavam frente a frente, presos pelo grosso mosquetão. Para Jaeger, a posição e a proximidade eram desconfortáveis, principalmente porque ele estava derretendo de calor — o traje de sobrevivência grosso e pesado, somado ao restante dos acessórios para o salto HAHO, estava praticamente assando Jaeger vivo.

Mas, que diabos, qualquer coisa valia para fazer os dois descerem dali inteiros. Usando um segundo mosquetão, Jaeger prendeu os dois paraquedas pela base do cordame — o ponto mais estreito de cada um. Em seguida, pegou um pedaço de *paracord* — uma corda de alta tensão cáqui de espessura similar à da

corda de varal comum, mas com uma resistência extraordinária. Ela deveria aguentar cerca de 230 quilos, mas Jaeger a usou dobrada, como garantia.

Passou a corda duas vezes no dispositivo de freio — um equipamento de alpinismo para rapel — para que houvesse atrito adicional, amarrando a extremidade superior nos paraquedas. O restante da corda foi desenrolado cuidadosamente para baixo por cerca de trinta metros até o solo. Por fim, Jaeger acoplou o dispositivo de freio no mosquetão que havia prendido ao arnês de peito, para que ele e Narov ficassem seguros na corda de rapel improvisada.

Estavam ainda pendurados nos paraquedas, mas agora também amarrados à corda do rapel. E o momento crucial chegou: era hora de se soltar dos paraquedas, cortando as cordas, e de Jaeger executar um rapel livre, dessa forma baixando-os ao chão.

Tanto Jaeger quanto Narov se livraram dos capacetes, óculos de proteção e máscaras de oxigênio, deixando tudo cair na floresta. Jaeger suava como um porco depois de todo o esforço. Podia sentir a transpiração escorrendo pelo rosto e encharcando a parte da frente da roupa, no lugar que estava encostado em Narov. Jaeger sentiu como se pudesse traçar cada contorno do corpo dela.

— Dá para ver que você está desconfortável — disse Narov. Sua voz tinha um tom mecânico. — Esse tipo de proximidade é necessário por vários motivos. Um: necessidades práticas. Dois: troca de calor corporal. Três: sexo. Nosso motivo agora é o número um. Concentre-se no que tem que fazer.

Blá-blá-blá, pensou Jaeger. *Era só o que me faltava: ficar preso na selva com a donzela de gelo como companhia*.

— Então, você fez isso tudo para poder me abraçar — continuou Narov, sem demonstrar qualquer emoção. Ela apontou para o alto. — Seja lá qual for o próximo passo, sugiro que ande logo.

Jaeger olhou para a direção que ela estava indicando. A cerca de um metro de sua cabeça havia uma aranha gigante. Era do tamanho de sua mão e à meia-luz parecia emitir um brilho prateado — o corpo carnudo, as pernas como oito dedos macilentos se aproximando dele.

Jaeger podia ver os olhos vermelhos redondos brilhando, as mandíbulas salivando e movendo-se avidamente. A aranha ergueu as pernas da frente, movimentando-as de forma agressiva e se aproximando cada vez mais. O que era pior, Jaeger conseguia ver as presas — provavelmente cheias de veneno — posicionadas para o ataque.

Ele levantou a faca, pronto para cortar a aranha em pedacinhos, mas Narov segurou sua mão.

— Não! — sussurrou.

Ela puxou sua faca extra, sem tirá-la da bainha, deslizou o lado mais estreito

por baixo do corpo peludo da aranha e a atirou longe. O bicho girou algumas vezes, o tronco reluzindo ao refletir os raios de sol, e em seguida despencou, as mandíbulas sibilando de raiva por seus planos terem sido frustrados.

Sem tirar os olhos do topo das árvores, Narov falou:

— Mato apenas quando é preciso. E quando é a coisa sábia a fazer.

Jaeger seguiu o olhar da russa. Havia um monte de aracnídeos rastejando em direção aos dois. O cordame parecia estar vivo.

— *Phoneutria* — continuou Narov. — Em grego quer dizer assassina. Também chamada de aranha-armadeira. Provavelmente acertamos um ninho delas quando caímos. — E encarou Jaeger. — Colocar as patas da frente para cima é uma postura defensiva. Se você cortar uma delas, o corpo vai exalar um cheiro que alertará as outras, e é aí que elas atacam de verdade. Seu veneno contém a neurotoxina PhTx3. Age no sistema nervoso. Os sintomas são semelhantes aos de um ataque com gás neurotóxico: perda do controle muscular e da respiração, seguido de paralisia e asfixia.

— Se a senhora diz, Dra. Morte — murmurou Jaeger.

Narov lançou um olhar penetrante para ele.

— Vou afastá-las... e você tira a gente daqui.

Jaeger estendeu a mão por trás de Narov e começou a cortar com a faca comando o grosso material parecido com lona que ligava o arnês ao cordame. Conforme ia cortando, via a faca de Narov atirar ao longe uma segunda e uma terceira aranhas.

Ela afastava cada vez mais daqueles bichos, mas, pelo visto, deve ter deixado escapar uma delas. A aranha seguiu pulsando para cima de Jaeger, as patas da frente erguidas, as presas a poucos centímetros da sua mão. Agindo por instinto, ele lançou a faca nela, a parte cortante da lâmina atravessando o corpo do bicho. Quando o sangue escorreu, a aranha se enrolou e caiu em direção ao chão da floresta.

No mesmo instante, Jaeger sentiu um alardear pulsante entre as dezenas de aracnídeos logo acima deles quando perceberam que um deles havia morrido.

Como se fossem uma, as aranhas partiram para o ataque.

— Agora estão vindo de verdade! — sussurrou Narov.

Ela tirou a faca da bainha e golpeou para a esquerda e para a direita, apunhalando a massa sibilante de aracnídeos. Jaeger redobrou os esforços. Depois de mais alguns golpes, conseguiu liberar Narov, o peso dela a puxando para baixo num ritmo alarmante, mas logo a queda foi interrompida pelo mosquetão que a prendia a Jaeger.

Por um segundo, Jaeger teve medo de que a copa da árvore em que estava preso cedesse com o peso extra, mas felizmente aguentou firme. Jaeger esticou o

braço para cima, golpeando o cordame loucamente até também conseguir se soltar.

Era como se estivessem em queda livre de novo. Por um ou dois segundos, Jaeger os deixou cair — a corda passando livremente pela placa do dispositivo de frenagem — até julgar que estavam fora do alcance do exército de aranhas assassinas. Então cerrou o punho em torno do pedaço de *paracord* e puxou-o verticalmente para baixo com bastante força.

Capítulo 29

Mal tinham descido três metros quando um tranco na corda os fez parar repentinamente. Uma alça solta do traje HAHO de Narov prendera no mecanismo de frenagem, emperrando-o.

Jaeger praguejou.

Agarrou o pedaço de tecido com a mão que estava livre e tentou retirá-lo. Enquanto fazia isso, sentiu algo leve e macilento aterrissar em seu cabelo com um chiado ameaçador.

Uma lâmina afiada passou a milímetros do seu escalpo.

Jaeger sentiu a ponta da faca rasgar a armadeira, que se contorceu em agonia, perdeu o contato com o cabelo e mergulhou no ar. Repetidamente, a faca de Narov golpeava as sombras enquanto se livrava das aranhas e Jaeger lutava para soltar a alça teimosamente emperrada.

Finalmente, conseguiu liberar o freio e os dois retomaram a descida em rapel.

— Elas não desistem facilmente — rosnou ele, enquanto deixava a corda deslizar pela placa de frenagem.

— Não mesmo — confirmou Narov.

Ergueu um dos braços diante do rosto de Jaeger. Ele já havia reparado que Narov era canhota. Havia um vergão vermelho e preto de aparência sinistra se espalhando pelo dorso de sua mão esquerda, e dava para ver a marca de duas picadas.

Os olhos de Narov estavam inundados de dor.

— Se você matar uma armadeira, todas as outras atacam — disse, repetindo o que já tinha falado antes. — As vítimas descrevem a dor da picada como fogo correndo pelas veias. A descrição é bem precisa.

Jaeger estava sem fala.

Narov tinha sido picada por uma das aranhas que caíram sobre eles, e mesmo assim não tinha dado um grito sequer. Estaria Jaeger prestes a perder um dos integrantes da expedição, antes até de terem começado?

— Tenho um soro antídoto — disse, e olhou para baixo. — Mas está dentro da mochila. Temos que descer, e rápido.

Jaeger esticou o braço o máximo que pôde e manobrou a corda com a mão direita. A corda chiou ao passar pela placa de frenagem, e os dois despencaram em direção ao chão em velocidade máxima. Jaeger se sentiu grato pelas luvas, já que, mesmo dobrada, a corda ainda era cortante.

Ele cuidou para que suas botas atingissem o solo primeiro, recebendo o impacto pelos dois. Normalmente, ele teria usado a corda e o freio para diminuir a velocidade e parar antes de tocar o chão. Mas estavam numa corrida contra o veneno da armadeira, e o tempo estava se esgotando. Ele tinha de pôr logo as mãos no antídoto.

Os dois aterrissaram na escuridão sombria.

Muito pouco da luz do sol que se infiltra pelas copas das árvores chega até o chão. Cerca de 90% da iluminação disponível são sugados pela massa de vegetação faminta da camada de cima — tornando o nível do solo um ambiente escuro.

Até seus olhos se acostumarem com a pouca luz, não seria fácil para Jaeger enxergar possíveis perigos — *como aranhas*.

Era quase certo que nenhuma armadeira conseguiria segui-los por toda a extensão da queda, mas gato escaldado tem medo de água fria. Ele olhou para cima. Com a ajuda de um dos poucos raios de sol que penetravam a floresta, pôde ver o brilho sinistro de vários fios de teias, cada um trazendo na ponta uma emissária da morte venenosa.

Por incrível que pudesse parecer, as armadeiras ainda estavam vindo e, pelo que Jaeger podia ver, Narov estava praticamente incapacitada de se deslocar.

Enquanto as aranhas desciam pela corda, Jaeger arrastou Narov para alguns metros dali. Então desamarrou a espingarda, mirou na direção das aranhas e abriu fogo. O barulho estrondoso da sucessão de tiros era ensurdecedor. *Cabum! Cabum! Cabum!*

A Benelli tinha um dispositivo de municiamento e um carregador com sete cartuchos contendo balas de chumbo de 9 mm. Uma onda de balas atingiu os aracnídeos.

Cabum! Cabum! Cabum!

Os últimos disparos saíram da arma com uma horda de armadeiras praticamente na boca do cano, os tiros transformando-as instantaneamente num purê de aranha. Era exatamente isso que Jaeger adorava na Benelli: bastava apontar mais ou menos para a direção desejada e apertar o gatilho. O que ele nunca tinha pensado era que usaria a arma contra aranhas.

As últimas explosões ensurdecedoras ecoaram ao seu redor, o som

reverberando nos grossos troncos das árvores de cada lado. Ele ouviu os gritos de pânico do que parecia ser um grupo de primatas no topo das árvores. Rapidamente, os macacos saíram em debandada, fugindo rapidamente de galho em galho na direção oposta.

O barulho dos tiros tinha sido realmente ensurdecedor e estranhamente sinistro.

Não havia dúvida, Jaeger acabara de anunciar a chegada deles a quem estivesse ouvindo... Mas, que se dane — tinha precisado de algo com real poder de fogo para acabar com a maré de armadeiras, e a espingarda de combate era perfeita para a tarefa.

Ele jogou a arma para as costas e soltou a corda que prendia Narov à linha de rapel. Arrastou-a para longe dali, as botas transpondo o solo arenoso coberto de folhas podres, e deitou-a apoiada na parede de uma raiz tubular — uma das várias raízes em formato de V invertido que serpenteavam da base de uma árvore imensa.

A floresta tropical era um verdadeiro castelo construído sobre a areia — o solo abaixo da selva era fino como uma hóstia. Sob os efeitos intensos da umidade e do calor, a vegetação morta tendia a apodrecer rapidamente, os nutrientes liberados sendo logo reciclados por plantas e animais. Como consequência, a maioria das árvores gigantes se apoiava numa rede de raízes tubulares, seus sistemas de estirpe penetrando apenas centímetros do solo pobre.

Tendo apoiado Narov em uma dessas, Jaeger correu para pegar a mochila. Ele tinha treinamento médico — uma das habilidades especiais que aprendera na vida militar — e conhecia bem os efeitos de uma neurotoxina como aquela: ela matava atacando o sistema nervoso de tal forma que as terminações nervosas ficavam sendo constantemente estimuladas, daí os horríveis espasmos e convulsões que Narov começava a exibir.

A morte, em geral, resultava da incapacidade dos músculos envolvidos na respiração de continuar funcionando da maneira certa. O corpo acabava literalmente se sufocando até a morte.

O tratamento requeria que uma ComboPen fosse injetada três vezes em rápida sucessão. Isso tratava os sintomas do envenenamento, pois introduzia no corpo as substâncias atropina, pralidoxima e avizafona, o que ajudava os músculos que controlavam a respiração a voltar a funcionar normalmente.

Jaeger pegou seu kit médico e procurou a seringa. Por sorte, ela estava bem embalada e quase tudo parecia ter sobrevivido à queda. Pegou a ComboPen, elevou-a acima da cabeça e injetou o antídoto em Narov.

Capítulo 30

Alguns minutos depois, Jaeger já tinha acabado de ministrar o tratamento. Narov continuava consciente, mas estava nauseada, sua respiração era superficial, e ainda era acometida por espasmos. Entre a picada e o antídoto, poucos minutos haviam se passado, mas ainda havia o risco de as toxinas da aranha causarem a sua morte.

Jaeger ajudou-a a tirar o traje do salto HAHO e a fez beber o máximo possível de água de uma garrafa, que deixou ao lado dela. Narov precisava se manter hidratada porque os fluidos ajudariam a eliminar o pior das toxinas do corpo.

Jaeger também tirou o traje especial e ficou só com uma calça de combate de algodão grosso e uma camisa de malha. Suas roupas estavam ensopadas e o suor ainda aflorava. Calculou que a umidade do ar deveria estar em 90%. Por causa disso, apesar do intenso calor tropical, pouca transpiração iria evaporar. Enquanto permanecessem na selva, ficariam suados, então o melhor a fazer era se acostumar.

Jaeger fez uma pausa para organizar os pensamentos.

Eram 0903 Zulu quando os dois penetraram a selva, depois da violenta queda livre. Tinham levado pelo menos uma hora para chegar ao solo. Devia ser por volta de 1030 Zulu, portanto, e eles estavam em apuros — como Jaeger jamais poderia ter previsto, mesmo nos piores cenários que tinha delineado antes da partida.

Um de seus instrutores no SAS lhe dissera certa vez que “nenhum plano sobrevive ao primeiro contato com o inimigo”. Que merda. Era verdade — e especialmente quando se tratava de despencar em queda livre de 30 mil pés de altitude dentro da Amazônia com uma rainha de gelo amarrada a você.

Jaeger voltou a atenção para sua mochila. Era uma Alice Pack verde de 75 litros, fabricada nos Estados Unidos e projetada especialmente para ser usada na selva. Ao contrário da maior parte das mochilas grandes, essa tinha uma moldura de metal que a mantinha alguns centímetros afastada das costas, o que permitia

que o suor escorresse livremente, reduzindo o risco de brotoejas ou de os quadris e ombros ficarem em carne viva.

A maioria das mochilas grandes tendem a ter um corpo largo e bolsos laterais. São, portanto, mais largas que os ombros de um homem, e poderiam se prender e rasgar em galhos na mata. A Alice Pack era mais fina em cima e mais larga embaixo, e todos os bolsos ficavam na parte de trás. Assim, Jaeger sabia que se ele conseguisse passar por algum lugar, a mochila também passaria.

A Alice Pack vinha forrada com um saco estanque de borracha que a tornava impermeável e que lhe permitia flutuar. Como bônus, fornecia uma camada extra de estofamento para ajudar a lidar com uma queda de trinta metros, como a que acabara de sofrer.

Jaeger examinou o conteúdo da mochila. Como temia, nem tudo sobrevivera à queda. O telefone por satélite da Thuraya tinha sido guardado num dos bolsos traseiros, para estar à mão. A tela estava quebrada e, quando tentou ligá-lo, nada aconteceu. Havia mais um de reserva embalado num dos para-tubos que Krakow e Kamishi tinham levado no salto, mas ele não era de grande valia agora.

Pegou seu mapa. Por sorte, esse era praticamente indestrutível. Jaeger mandara plastificá-lo, para que ficasse resistente à água, e já o tinha deixado dobrado na página certa.

Ou pelo menos teria sido a página certa: o problema era que ele e Narov tinham descido a quarenta quilômetros ou mais do ponto planejado para a aterrissagem.

Usando a mochila como assento, ele se recostou numa das raízes tubulares e reconfigurou o mapa, deixando na página que, agora, supôs que seria a correta. Partir para uma missão com o mapa dobrado era um grande tabu no universo militar. Isso instantaneamente informava ao inimigo sobre qual era o seu foco, se você fosse capturado. Mas Jaeger não estava em operação militar. Essa era para ser uma expedição civil, no fim das contas.

Do GPS de pulso, Jaeger obteve as coordenadas que tinha marcado pouco antes de mergulhar na copa das árvores.

O aparelho lhe forneceu seis dígitos: 837529.

Ele verificou as coordenadas no mapa e viu imediatamente o lugar onde se encontravam.

Pensou por um instante.

Estavam 27 quilômetros a nordeste da zona de aterrissagem pretendida — o banco de areia. Não era bom, mas poderia ter sido pior. Entre eles e o banco de areia havia uma curva larga do Rio de los Dios. Presumindo que o restante da equipe da expedição tivesse chegado ao banco de areia, como planejado, o rio estava no meio do caminho entre eles.

Não havia como contornar o rio e Jaeger sabia disso. Além do mais, atravessar 27 quilômetros de selva densa com uma pessoa ferida não seria nada fácil; isso era certo.

O procedimento combinado no caso de qualquer um falhar em aterrissar no local correto era a equipe esperar 48 horas. Se a pessoa não chegasse, o próximo ponto de encontro seria uma curva específica do rio, aproximadamente a um dia de viagem correnteza abaixo, com mais dois pontos de encontro, cada um a um dia de viagem do anterior, sempre descendo o rio.

O Rio de los Dios fluía na direção que precisavam seguir para chegar à aeronave — outra razão para terem escolhido aquele banco de areia como ponto de aterrissagem. Seguir viagem a partir dali pelo rio seria um jeito relativamente mais fácil de se deslocar pela selva. Mas cada ponto de encontro combinado ficava mais a oeste que o anterior, o que o colocava cada vez mais longe da localização atual de Narov e Jaeger.

O banco de areia era o ponto mais próximo, o que significava que tinham 48 horas para chegar até lá. Se falhassem, o restante da equipe da expedição se deslocaria mais a oeste, e Narov e Jaeger provavelmente nunca os alcançariam.

Com o telefone por satélite da Thuraya destruído, Jaeger não tinha como fazer contato com ninguém para contar o que tinha acontecido. Mesmo que pudesse fazer o telefone funcionar, duvidava que conseguisse sinal. Era preciso ver o céu, do contrário as mensagens não poderiam ser enviadas nem recebidas através dos satélites.

Presumindo que conseguissem atravessar o Rio de los Dios, enfrentariam em seguida uma caminhada desafiadora pelo coração da floresta. Jaeger também estava ciente de outro grande problema — além da quase total impossibilidade de Narov de realizar uma viagem como essa: o coronel Evandro tinha tratado a localização da aeronave com a mais absoluta discrição, para manter o local em segredo. A única pessoa a quem passou as coordenadas foi Jaeger, e o fez pessoalmente, pouco antes de o C-130 levantar voo. Jaeger havia, por sua vez, concordado em guardar a informação para si, em grande parte por causa das dúvidas que nutria sobre quais pessoas da equipe eram de fato confiáveis.

Planejara repassar a informação sobre sua rota exata para o restante do grupo quando todos tivessem fincado as botas no banco de areia — momento em que estariam efetivamente “no mesmo barco”. Mas quando Jaeger estabelecera o esquema de pontos de encontro para emergências, não imaginou que justo *ele* não chegaria à zona de aterrissagem. Agora, ninguém mais sabia as coordenadas da aeronave, o que significava que não poderiam ir muito longe sem ele.

Jaeger olhou para Narov. Seu estado parecia ter piorado. Um braço servia de apoio para a mão na qual fora picada. Seu rosto estava molhado de suor e sua

pele apresentava uma palidez mórbida.

Jaeger recostou de novo a cabeça na raiz tubular e respirou fundo algumas vezes. A questão agora não era mais só a expedição: era uma questão de vida ou morte.

De sobrevivência. E as decisões que tomasse certamente iriam determinar se ele e Narov sairiam dali com vida.

Capítulo 31

Uma faixa azul mantinha o cabelo loiro-claro de Narov afastado do rosto. Seus olhos estavam fechados, como se ela tivesse dormido ou desmaiado. A respiração era fraca. Por um momento, Jaeger pensou em como Narov era bonita e em como estava vulnerável.

De repente, os olhos se abriram.

Por um instante, encarou Jaeger — o olhar vazio como um céu azul tomado por nuvens de tempestade. E então, com um esforço visível, pareceu fazer a mente voltar a funcionar.

— Estou com dor — falou, baixinho, os dentes cerrados. — Não vou conseguir sair daqui. Você tem 48 horas para encontrar os outros. Estou com a minha mochila: tenho água, comida, uma arma de fogo, minha faca. Vá logo.

Jaeger balançou a cabeça.

— Sem chance. — E fez uma pausa. — Fico entediado com minha própria companhia.

— Então você *é* um maldito *Schwachkopf*. — Jaeger viu um vestígio de sorriso se manifestar nos cantos dos olhos dela. Era a primeira vez que a via demonstrar qualquer traço de emoção além da animosidade velada. — Mas não me surpreende que você fique entediado com sua própria companhia — continuou. — Você *é* um tédio. Bonitão, sim. Mas também muito entediante...

O vestígio de sorriso nos olhos dela se desfez em um espasmo de convulsão. Jaeger desconfiou do que Narov estava tentando fazer. Tentava provocá-lo; levá-lo ao ponto em que a abandonaria, como acabara de sugerir. Mas havia uma coisa que ela não sabia sobre Jaeger: ele não abandonava amigos em apuros. Nem os malucos.

— Então. Isso é o que nós vamos fazer — anunciou ele. — Vamos deixar tudo que não for absolutamente essencial e o Sr. Tédio aqui vai carregar esse seu traseiro infeliz para longe daqui. E antes de começar a protestar, saiba que estou fazendo isso porque preciso de você. Sou a única pessoa da equipe que conhece

as coordenadas de onde está a aeronave. Se eu não conseguir chegar até eles, é o fim da missão. Mas agora vou repassar as coordenadas a você. Assim, você pode assumir o comando se algo acontecer comigo. Entendeu?

Narov deu de ombros.

— Que heroico. Mas você nunca vai conseguir chegar até eles. Só o que vai fazer é me afastar da minha mochila, e, sem água e comida, eu vou acabar morrendo. O que faz de você, além de entediante, um burro também.

Jaeger riu. Ele se sentiu parcialmente tentado a reconsiderar, e deixá-la para trás. Mas, em vez disso, ele se pôs de pé e pegou as duas mochilas para separar o que era essencial: um kit médico, comida para os dois para as próximas 48 horas, poncho para a hora de dormir, munição para sua arma, mapa e bússola.

Acrescentou ainda duas garrafas d'água cheias, mais um filtro purificador Katadyn, para poder produzir água potável rapidamente.

Pegou sua mochila e colocou dois sacos estanques no fundo, seguidos pelos equipamentos mais leves. Os itens mais pesados — comida, água, faca, facão e munição — Jaeger ajeitou em cima, para que a maior parte do peso ficasse na altura dos ombros.

O restante das coisas ficaria onde estava e seria absorvido pela floresta.

Isso feito, Jaeger jogou a mochila nas costas, posicionando tanto a arma de Narov quanto a sua num dos ombros, viradas para a frente do corpo. Por fim, acomodou os três itens mais importantes — duas garrafas d'água, bússola e mapa — nos compartimentos presos ao cinturão militar.

Agora estava pronto. Seu GPS funcionava num sistema semelhante ao telefone por satélite — ou seja, dependia de conexão com satélites. Portanto, o aparelho também seria praticamente inútil sob as copas das árvores na floresta densa. Teria de cruzar quase trinta quilômetros de selva recorrendo a um processo conhecido como orientação a passo e bússola, uma forma de navegação tão antiga quanto as montanhas.

Felizmente, em plena era de modernidade tecnológica, essa era uma habilidade na qual o SAS ainda confiava e exigia que todos os seus integrantes dominassem.

Antes de pegar Narov, Jaeger repassou para ela as coordenadas da aeronave — fazendo com que as repetisse várias vezes para se assegurar de que havia memorizado. Sabia que se ficasse ressaltando que precisava dela, isso a ajudaria a não se entregar.

Mas uma parte de Jaeger se perguntava se conseguiria mesmo chegar ao destino: uma distância tão grande num terreno como aquele, carregando esse tipo de peso — isso mataria a maioria dos homens.

Jaeger se agachou e segurou Narov, colocando-a sobre o ombro, como faria

um bombeiro. A barriga e o tórax da russa estavam acima da mochila, o que dividia boa parte do peso, exatamente como Jaeger havia planejado. Ajustou todos os fechos e alças da mochila, deixando-a bem presa ao tronco, para que o peso se espalhasse pelo corpo — quadris e pernas incluídos.

Por fim, verificou a bússola. Fixou o olhar numa árvore bastante característica que estava uns trinta metros à frente dele, definindo-a como primeiro local a alcançar.

— Tudo bem — rosnou. — Então, não era para ter sido desse jeito, mas vamos lá.

— Fala sério. — Narov fez uma careta de dor. — Como eu disse, entediante e burro.

Jaeger a ignorou.

Começou a andar num ritmo forte, contando cada passada conforme seguia adiante.

Capítulo 32

Os sons da floresta se avolumavam ao redor de Jaeger — os gritos de animais selvagens na copa das árvores, o sibilar de milhares de insetos pulsando da mata, o coaxar ritmado de um coro de sapos, indicando que o solo ficaria mais pantanoso num ponto logo à frente.

Jaeger podia sentir a umidade aumentando e o suor escorrendo. Porém, algo mais o incomodava — uma coisa que ia além da precariedade daquela situação. Era como se não estivessem sozinhos. Aquele parecia um sentimento irracional, mas Jaeger não conseguia se livrar dele.

Fazia de tudo para deixar a menor quantidade possível de sinais de sua passagem porque, conforme o tempo corria, a certeza de que estavam sendo vigiados crescia — essa estranha sensação que ardia na nuca e nos ombros.

Mas seu deslocamento era dolorosamente difícil, ainda mais com todo o peso que carregava.

A selva era, sob muitos aspectos, o ambiente mais difícil para uma operação. Na neve do Ártico, a única coisa com a qual você precisava se preocupar era permanecer aquecido. A navegação por lá era de uma simplicidade total, porque o sinal de GPS era de fácil captação. No deserto, os principais desafios eram se proteger do calor e beber água suficiente para se manter vivo. O deslocamento era feito durante a noite e o descanso acontecia à sombra, durante o dia.

A selva, por outro lado, oferecia uma quantidade enorme de perigos — do tipo que nenhum outro ambiente apresentava: fadiga, desidratação, infecções, pé de imersão, desorientação, feridas, picadas, cortes, hematomas, doenças transmitidas por insetos e mosquitos vorazes, animais selvagens, sanguessugas e cobras. A selva era uma contínua luta contra um terreno hermético e sufocante, enquanto o Ártico e o deserto eram espaços totalmente abertos.

E também, claro, havia as aranhas assassinas — e tribos hostis.

Jaeger era constantemente lembrado de tudo isso enquanto abria caminho pela densa mata de solo escorregadio e traiçoeiro. Suas narinas eram agredidas pelo

cheiro forte e sinistro de matéria orgânica. O declive do terreno aumentava conforme se aproximavam do Rio de los Dios. Em breve, chegariam à margem norte do rio — ponto em que a diversão ia realmente começar.

Na selva, quanto mais alto era o terreno, mais fácil de caminhar — pois era invariavelmente mais seco e com mata menos densa. Mas, cedo ou tarde, o Rio de los Dios teria de ser atravessado, e isso significava que o terreno ia ficar cada vez mais denso e pantanoso.

Jaeger parou por um instante para recuperar o fôlego e avaliar a rota adiante.

Logo à frente havia uma ravina profunda, que sem dúvida escoava água para o rio durante o período de chuvas. O solo parecia úmido e alagadiço, totalmente carente de sol. A ravina estava cheia de árvores de médio porte, cada uma ostentando pontas afiadas que se projetavam do tronco por vários centímetros.

Jaeger conhecia essas árvores cobertas de espinhos muito bem. As pontas não eram venenosas, mas isso não importava. Havia caído em uma dessas certa vez, durante um treinamento na selva. Os duros espinhos lenhosos tinham furado seu braço em vários lugares, as feridas infeccionando rapidamente. Desse dia em diante, passou a chamá-las de “árvores filhas da mãe”.

Entrelaçadas nos troncos havia trepadeiras armadas com espinhos de aparência cruel. Jaeger pegou a bússola para se orientar. A ravina levava ao sul, caminho que precisavam seguir, mas que era melhor evitar.

Então, virou para oeste e fixou o olhar num grupo de árvores maduras num terreno mais alto logo à frente. Decidiu contornar a ravina e depois seguir para o sul um pouco mais adiante, o que deveria levá-lo diretamente ao rio. A cada vinte minutos, Jaeger tirava Narov das costas, para recobrar o fôlego e beber um gole d’água. Mas nunca demorava mais de dois minutos nisso, e logo seguia caminho.

Enquanto subia, jogou o peso de Narov mais alto nos ombros e se perguntou por um instante se ela estava se aguentando bem. Ela não tinha dito uma palavra sequer desde que começaram a se deslocar. Se desmaiasse, a travessia do rio seria praticamente impossível, e Jaeger seria forçado a pensar em um plano de ação diferente.

Quinze minutos depois, Jaeger desceu derrapando por uma encosta ligeiramente íngreme, parando diante de um muro de vegetação fechada. Do outro lado, pôde distinguir uma massa em movimento, o sol refletido em lampejos.

Água. Estava quase chegando ao rio.

A floresta madura — uma vegetação que permanecera imperturbada por séculos — geralmente consistia em uma mata de copas altas, com vegetação relativamente escassa no nível do solo. Porém, onde tal floresta tropical virgem

havia sido incomodada — por exemplo, por ocasião da construção de uma estrada ou, naquele caso, pela formação de um rio —, uma vegetação secundária surgia intensa nas clareiras abertas.

O Rio de los Dios abriu um túnel de luz de sol através da floresta e, em ambas as margens, a mata era densa e entrelaçada. A vegetação que se apresentava à frente de Jaeger era como um penhasco escuro e impenetrável — árvores gigantes rodeadas por arbustos menores cheios de trepadeiras e samambaias que desciam até o solo. Era quase impossível vencer o terreno com a carga que levava nas costas.

Virou para o leste, seguindo a margem do rio até alcançar a ravina da qual tinha desviado. No trecho onde mergulhava no rio, o terreno estava praticamente livre de vegetação, resultando numa espécie de praia rochosa tão estreita quanto as tradicionais estradinhas rurais da Inglaterra.

Era o suficiente. A partir dali, poderiam iniciar a travessia do rio — se Narov ainda fosse capaz de fazê-lo.

Jaeger tirou-a dos ombros e a colocou no chão. Havia poucos sinais de vida e, por um momento tenso, Jaeger temeu que as toxinas da aranha tivessem matado Narov enquanto a carregava pela mata. Mas, quando verificou seu pulso, percebeu tremores e espasmos nos membros conforme o veneno da armadeira tentava penetrar mais fundo em seu corpo.

Mas os tremores não estavam tão intensos quanto de início, portanto, o antídoto devia estar funcionando. Ainda assim, ela parecia estar em coma, insensível a qualquer estímulo. Jaeger ergueu a cabeça de Narov, apoiando-a com uma das mãos enquanto tentava fazê-la tomar um pouco de líquido. Ela engoliu uns goles, mas ainda não dava sinais de conseguir abrir os olhos.

Jaeger pegou o GPS de dentro da mochila. Precisava checar se tinha espaço aberto de céu suficiente para conseguir sinal. O aparelho bipou uma, duas, três vezes, enquanto os ícones do satélite piscavam na tela. Ele verificou a posição em que estavam, e as coordenadas fornecidas pelo GPS comprovaram que sua navegação tinha sido precisa até ali.

Por um momento, Jaeger observou o rio, contemplando a travessia que os aguardava. O rio tinha uns quinhentos metros de largura, talvez mais. A água escura era interrompida aqui e ali por pequenos bancos de lama, que mal apareciam na superfície.

E, o que era pior, em um ou dois deles Jaeger viu o que mais temera encontrar ali: as silhuetas brilhosas de criaturas gigantes com forma de lagarto tomando banho de sol no calor da manhã.

Os animais diante deles eram os maiores predadores que a Amazônia tinha a oferecer. Crocodilos.

Ou, mais precisamente, já que se tratava da América do Sul, jacarés.

Capítulo 33

O jacaré-açu — *Melanosuchus niger* — pode medir cinco metros de comprimento e pesar até 400 quilos, ou seja, mais de cinco vezes o peso de um homem. Extremamente fortes e com o couro mais grosso que o de um rinoceronte, eles não têm predadores naturais.

Isso não chega a surpreender, pensou Jaeger. Certa vez, tinha ouvido alguém descrever os bichos como “crocodilos sob o efeito de esteroides”. Não havia jacarés mais agressivos. Jaeger fez uma anotação mental: fique atento.

Mas se lembrou de que o jacaré-açu tinha uma visão relativamente ruim, mais adaptada a caçadas no escuro. Mal conseguia enxergar embaixo d’água, especialmente em rios tão barrentos. Eles precisavam colocar a cabeça para fora quando iam atacar — e isso significava terem de se expor.

O mais comum era usarem o olfato para guiá-los até as presas. Por um momento, Jaeger procurou o corte que Narov fizera nele quando tentava se desviar dos golpes de faca durante aquela queda livre desesperadora. A ferida parara de sangrar havia muito tempo, mas seria melhor mantê-la fora da água.

Na ausência de qualquer plano alternativo, ele foi em frente com o único que tinha. Abriu a mochila e tirou dela os sacos estanques. Esvaziou o restante do conteúdo da mochila, dividindo tudo entre os dois sacos, para que o peso ficasse equilibrado.

Então colocou um dos sacos dentro da mochila, inflou-o e o fechou, dobrando a vedação duas vezes e prendendo-a com firmeza. Depois, fez o mesmo com o segundo saco. Usando os fechos da mochila, amarrou-a no saco. Depois, pegou as armas dele e de Narov e amarrou um pedaço de *paracord* em cada uma, prendendo as pontas soltas nos dois cantos da embarcação improvisada com nós fáceis de desatar. Assim, se alguma das armas caísse no rio, poderia recuperá-la.

Em seguida, Jaeger escolheu um bambu grosso de uma parte da vegetação que crescia próxima da água. Cortou-o em varas de um metro e meio de comprimento com seu facão. Usando a lâmina afiada, dividiu duas das varas ao

meio para fazer um quadrado com partes que se cruzavam transversalmente nas pontas. Então colocou quatro bambus inteiros lado a lado sobre ele, prendeu as extremidades com *paracord* e atou todos os pontos para fazer uma moldura que, por sua vez, foi amarrada aos sacos estanques.

Arrastou a jangada improvisada para a parte mais rasa e se sentou nela para testar a resistência. A embarcação comportou confortavelmente seu peso, flutuando bem acima da água, exatamente como ele planejara.

Estava tudo pronto. Jaeger não tinha dúvidas de que a jangada aguentaria o peso de Narov.

Puxou novamente o barco improvisado para a terra e parou para filtrar um pouco d'água. Era sempre bom manter as garrafas cheias, especialmente com a quantidade de suor que estava produzindo. Usando o filtro purificador Katadyn, sugou água suja e lamacenta do rio pelo tubo de captação, o filtro derramando água potável na garrafa. Tomou o máximo que conseguiu e encheu novamente as garrafas.

Já terminava a tarefa quando uma voz cansada foi ouvida no calor sufocante: frágil, carregada de dor, rouca de exaustão.

— Entediante, burro... e meio doido. — Narov tinha acordado e estava observando Jaeger testar a jangada. Apontou para ela com esforço. — Você não vai conseguir me carregar nisso. É hora de aceitar o inevitável e seguir sozinho.

Jaeger ignorou o comentário. Colocou as armas nas laterais da jangada, voltadas para a frente, e foi até Narov, agachando diante dela.

— Capitã Narov, sua carruagem a aguarda. — E fez um gesto em direção à jangada. Estava com um frio na barriga só de pensar no que os aguardava, mas fez o melhor que pôde para não demonstrar nada. — Vou carregar você até lá. A jangada está razoavelmente estável, mas tente não se mexer muito, nem derrubar as armas na água.

Sorriu para ela com o intuito de encorajá-la, sem sucesso.

— Correção — sussurrou Narov. — Você não é meio doido: é *clinicamente insano*. Mas, como pode ver, não estou em condição de discutir.

Jaeger a ergueu.

— Essa é a minha garota.

Narov fez uma careta. Estava claramente fraca demais para responder à altura.

Jaeger a deitou com cuidado na jangada, alertando-a para que mantivesse as longas pernas dentro dela. Narov se encolheu em posição fetal, a jangada afundando uns bons quinze centímetros por causa do peso, mas, ainda assim, a maior parte da embarcação ficou acima da superfície.

Estavam prontos para partir.

Jaeger foi afundando as botas na espessa camada de lama no fundo do rio,

empurrando a jangada à frente. A água estava morna e cheia de sedimentos. De vez em quando, suas botas encontravam algum calombo de vegetação podre — possivelmente um galho de árvore — incorporado ao lodo. Conforme caminhava, via bolhas do gás liberado pela decomposição subindo até a superfície.

Quando a água estava na altura do peito, Jaeger começou a nadar, empurrando Narov. A correnteza estava mais forte do que o esperado, e Jaeger não teve dúvida de que seriam levados rapidamente pela força da água. Mas era o que estava à espreita no rio que realmente fazia Jaeger desejar que a travessia acabasse de uma vez.

Capítulo 34

Jaeger nadou pelo primeiro trecho do rio, mantendo as mãos na jangada. Narov estava deitada logo à frente, enrolada em posição fetal, imóvel. Era crucial que ele continuasse seguindo reto e com firmeza. Se a jangada fosse balançada com violência ou perdesse o equilíbrio, Narov cairia e não teria chance dentro da água.

Estava fraca demais para se virar sozinha, ou para nadar de volta.

Jaeger perscrutou o rio de um lado a outro. Seus olhos estavam quase totalmente nivelados com a superfície da água, proporcionando a ele uma perspectiva estranha e única. Imaginou que os jacarés do Rio de los Dios deveriam ver tudo sempre assim enquanto cruzavam as águas, quase submersos, na perseguição de suas presas.

Olhava para a esquerda e para a direta, à procura de sinais de aproximação de algum deles.

Estavam a uns dezoito metros do banco de lama à frente quando o primeiro apareceu. O deslocamento do animal foi o que chamou a atenção. Jaeger ficou apenas observando enquanto o jacaré deslizava para dentro do rio uns cem metros de distância correnteza acima. Desajeitado em terra, o enorme animal se moveu com uma graça assassina e grande velocidade ao entrar na água, e Jaeger sentiu cada músculo do corpo se contrair.

Mas em vez de seguir a correnteza, em direção a Jaeger e Narov, o jacaré nadou para o norte, farejando alguma coisa e seguindo uns cinquenta metros rio acima. Então o bicho subiu em outro banco de lama e voltou a fazer o que estivera fazendo antes — a tomar banho de sol. Jaeger suspirou aliviado. Aquele era um jacaré que não devia estar com fome.

Alguns instantes depois, sentiu as botas tocarem o chão. Agora patinhando, empurrou a jangada para o primeiro trecho de terra — uma área de sedimentos pantanosos com cerca de três metros de diâmetro. Passou para a frente da embarcação, rebocando-a, seus membros queimando com o esforço. A cada

passo, suas pernas se afundavam até os joelhos na lama pegajosa e escura.

Duas vezes, perdeu o controle da jangada, caindo de quatro e se sujando na lama pútrida. Por um momento, lembrou do pântano em que ele e Raff tinham se escondido na ilha de Bioko. A diferença era que lá não havia jacarés gigantes à espreita.

Quando chegou ao limite das águas profundas novamente, Jaeger estava coberto dos pés à cabeça de lama e matéria orgânica em decomposição, e seu coração batia acelerado como uma metralhadora pelo esforço.

Ele se deu conta de que havia mais dois bancos de lama que não poderiam ser contornados — seria forçado a atravessá-los. Não tinha dúvida de que estaria arrasado quando chegassem ao outro lado do rio.

Se chegassem ao outro lado do rio.

Começou a patinhar de novo, puxando a jangada, e em seguida passando para trás da embarcação. Quando voltou a nadar e impulsionou a jangada em direção ao centro do rio, a correnteza começou a puxá-la com mais intensidade. Jaeger teve de usar todas as forças para manter o equilíbrio da jangada, suas pernas batendo vigorosamente para conseguir pequenos avanços.

Rio abaixo a água era mais rasa, porém mais veloz perto da margem. Jaeger percebeu que o rio ficava turbulento, chocando-se contra as pedras e criando um trecho de espuma branca. Era preciso atravessar antes que fossem atirados nas corredeiras.

A jangada se aproximou do segundo banco de lama. E Jaeger sentiu um toque inesperado. Alguma coisa roçara em seu braço direito. Ergueu o olhar e descobriu que era a mão de Narov. Ela esticou os dedos, fechou-os ao redor dos dele e apertou de leve.

Jaeger não sabia o que ela estava tentando dizer — saber o que se passava na sua cabeça era simplesmente impossível. Mas, talvez, apenas talvez, a rainha de gelo estivesse começando a derreter um pouquinho.

— Sei o que está pensando. — A voz de Narov mal podia ser ouvida, reduzida a um murmúrio pelas toxinas que queimavam em seu corpo. — Mas não estou sendo carinhosa. Estou tentando alertar você. O primeiro jacaré... está vindo.

Controlando a jangada com os punhos, Jaeger posicionou as mãos nas duas armas. Os dedos nos gatilhos, os canos girando para a esquerda e para a direita, os olhos vasculhando a superfície da água.

— Onde? — murmurou. — De que lado?

— Onze horas — sussurrou Narov. — Quase em frente. A uns dez metros. Se aproximando depressa.

O bicho estava se aproximando deles no ponto cego de Jaeger.

— Segure firme — gritou Jaeger.

Soltou a mão da arma que estava à esquerda, desatou o nó que prendia a espingarda de combate, segurou-a e largou a jangada, mergulhando debaixo dela, batendo as pernas com força. Voltou à superfície do outro lado da embarcação e viu o enorme jacaré se aproximando com os olhos para fora da água, o corpo estriado e blindado uns cinco metros à frente.

Era sem dúvida um jacaré-açu, um verdadeiro monstro.

Jaeger nivelou a arma exatamente quando as mandíbulas do animal se abriam diante dele. Dava para ver a garganta do bicho. Não deu tempo de mirar. Jaeger puxou o gatilho à queima-roupa, a mão esquerda puxando o mecanismo de ação de bomba para trás e inserindo dois cartuchos no tubo carregador.

O impacto das balas arrancou a cabeça do réptil gigante, lançando-a para fora da água, mas não foi suficiente para interromper o deslocamento dele. O animal morreu instantaneamente, a saraivada de tiros dilacerando seu cérebro, mas o cadáver ensanguentado atingiu Jaeger com toda a força de um jacaré de 400 quilos.

Jaeger sentiu o ar sendo expelido dos pulmões enquanto afundava sob a jangada, as águas escuras e turbulentas se fechando sobre ele.

Na superfície, a massa ensanguentada que se tornara a extremidade frontal do jacaré parou de se deslocar com um ruído triturante, os olhos vidrados, mortos, a mandíbula dilacerada batendo na parte da frente da jangada.

A frágil embarcação balançou de forma assustadora, o impacto quebrando-a em duas. Segundos depois, o peso mole e sem vida do cadáver do jacaré começou a afundar no rio.

A embarcação atingida virou um pouco mais, a água barrenta começando a envolver a cabeça e os ombros de Narov depois de colidir com uma pedra e ser arrastada para a primeira das corredeiras.

Narov sentiu que a jangada ia submergir. Por um momento, seus músculos se contraíram, enquanto tentava se segurar.

Mas o esforço era demais para ela.

Finalmente, Jaeger conseguiu voltar à superfície, os pulmões expulsando a água fétida do Rio de los Dios. Tinha ficado um bom tempo submerso, lutando para sair vivo dali, e se sentia semiafogado. Lutou por alguns minutos para conseguir respirar, o corpo gritando por oxigênio.

Por todos os lados era possível ver outros jacarés que se aproximavam do cadáver do monstro que Jaeger acabara de matar. Vinham atraídos pelo cheiro do sangue. Ao ser carregado para o leito do rio, Jaeger perdera a espingarda de combate e agora estava praticamente indefeso, mas os jacarés não prestavam a

menor atenção nele.

Tinham um bicho da própria espécie para o banquete, e o gosto do sangue na água os deixava loucos.

Durante alguns segundos, Jaeger tentou se orientar, mas logo foi arrastado para as corredeiras também. Tentou proteger o tronco ao ser atirado nas pedras, mantendo os pés à frente para afastar quaisquer obstáculos e os braços abertos para equilibrar o corpo.

Conseguiu se deslocar para a corrente mais lenta ao largo da água espumosa e girou o corpo em 360° procurando a jangada. Mas ao percorrer com os olhos o rio ao seu redor, Jaeger não conseguiu localizar a embarcação em parte alguma. A frágil jangada tinha desaparecido completamente, e essa constatação fez seu sangue gelar.

Continuou procurando, sentindo-se cada vez mais desesperado, mas ainda não via a jangada.

E quanto a Irina Narov — não havia sinal dela em lugar algum.

Capítulo 35

Jaeger se arrastou até a margem do rio.

Caiu de joelhos, exausto, encharcado, os membros queimando pelo esforço e ainda lutando para respirar. Para qualquer observador externo, Jaeger pareceria mais um bicho semiafogado e incrustado de lama do que um ser humano — não que ele esperasse uma plateia ali.

Por várias horas, ele vasculhou o Rio de los Dios procurando por Irina Narov. Esquadrinhou o rio de margem a margem, olhando em todos os lugares e gritando seu nome. Mas não encontrou a menor pista dela, nem da embarcação. Então avistou o que mais temia encontrar: sua mochila e o saco estanque, ainda amarrados um ao outro, mas rasgados por dentes e garras de jacaré.

Os pedaços da jangada tinham ido parar em águas rasas, a uma boa distância rio abaixo. Em um dos bancos de lama adjacentes, Jaeger encontrou um sinal desencorajador da mulher que tentara tão desesperadamente salvar: a faixa azul do cabelo, agora reduzida a um trapo sujo de lama.

Mesmo assim, Jaeger continuou a procurar nas margens do rio, e foi o mais longe que conseguiu. Porém, mesmo enquanto o fazia, já sabia que seus esforços seriam em vão. Jaeger deduziu que Narov devia ter caído da jangada, talvez até no mesmo instante em que o cadáver do jacaré o afundara.

As corredeiras e os jacarés teriam se encarregado do resto.

Ele havia lutado para voltar à superfície por mais ou menos um minuto, mas foi tempo suficiente para a jangada sumir de vista. Se ainda estivesse intacta e boiando, ele a teria encontrado. Teria podido buscá-la e trazê-la para terra firme.

E se Irina Narov ainda estivesse nela, Jaeger talvez tivesse conseguido salvá-la.

Mas... Bem, não era agradável ficar tentando imaginar exatamente qual havia sido o destino de Narov. No entanto, Jaeger não tinha dúvidas de que ela se fora. Narov estava morta — ou afogada no rio, ou dilacerada por jacarés-açu. E o mais provável é que tivesse sido uma combinação das duas coisas.

E ele, Will Jaeger, não fora capaz de salvá-la.

Ele se esforçou para ficar de pé e foi cambaleando pela margem enlameada do rio. Naquele momento de agonia e desespero, os anos de treinamento de Jaeger começaram a vir à tona. Ele entrou em modo de sobrevivência; era tudo o que sabia fazer. Tinha perdido Narov, mas o resto da expedição ainda o aguardava em algum lugar da selva. Havia oito pessoas provavelmente esperando naquele banco de areia distante; pessoas que contavam com ele.

No momento, o grupo não tinha as coordenadas e não podia avançar em direção à aeronave. E, sem um destino determinado, não era fácil encontrar a saída desse Mundo Perdido selvagem, não havia uma estratégia de fuga. Escapar de um lugar tão remoto e intransponível quanto a Cordillera de los Dios requeria um grande planejamento e muito preparo, como Jaeger bem sabia.

Para que a perda de Narov tivesse valido alguma coisa, ele precisava encontrar o restante da equipe e colocá-los em movimento. Precisava guiá-los até o local onde estava a carcaça do avião, e, para isso, tinha de chegar ao banco de areia — embora as chances de conseguir isso estivessem diminuindo rapidamente.

Esvaziou o conteúdo das bolsinhas presas ao cinturão. Depois do caos da travessia do rio, não tinha a menor ideia do que ainda restava. A mochila estava destruída — mastigada pelos jacarés e esvaziada de seu conteúdo —, mas, ao investigar o que sobrara de suas posses, Jaeger viu que tivera sorte.

A parte mais vital do kit — sua bússola, guardada no fundo de um dos bolsos da calça — ainda estava lá. Com aquele único equipamento, tinha uma chance de chegar ao banco de areia. Jaeger tirou o mapa do bolso lateral da calça. Estava encharcado, mas ainda servia para alguma coisa.

O mapa e a bússola eram um começo.

Ele verificou a faca que tinha levado acoplada ao peito. Ainda estava no lugar, presa com firmeza dentro da bainha; a faca que Raff lhe dera. Aquela que tivera um bom uso durante a batalha épica na praia de Fernão; a batalha na qual o pequeno Mo havia sido assassinado.

Tanta morte; e agora ainda mais uma.

Capítulo 36

Jaeger daria qualquer coisa para ter Raff a seu lado. Se o grande maori estivesse ali, Narov poderia ter sobrevivido. Não havia garantia alguma, claro, mas Raff o teria ajudado a dar conta do jacaré assassino, e um deles provavelmente teria escapado ileso do primeiro ataque, e assim teria sido capaz de defender a jangada e sua preciosa carga.

Mas Jaeger estava sozinho e Irina Narov se fora. Precisava superar isso. Não havia escolha. Tinha de ir em frente.

Continuou a verificar o que havia sobrado: duas garrafas d'água cheias penduradas no cinturão — embora o filtro Katadyn tivesse se perdido —, um pouco de comida de emergência, o rolo de *paracord* que tinha usado para descer ambos das copas das árvores, e mais duas dúzias de cartuchos da espingarda.

Jogou a munição fora. Era um peso morto e inútil sem a arma.

Dentre os outros poucos pertences revelados pela conferência do kit, seu olhar repousou na forma cintilante da moeda do piloto do C-130. O lema dos Night Stalkers reluziu ao sol: *A Morte Espera no Escuro*. Era fato: a morte encarnada em dentes e garras estivera à espreita nas águas escuras do Rio de los Dios.

E os tinha encontrado. Ou, pelo menos, encontrara Narov.

Mas nada do que havia acontecido era culpa do piloto, claro.

Ele havia posicionado o C-130 no ponto exato em que o grupo deveria saltar. Isso não era tarefa fácil. O incidente que se seguiu não teve nada a ver com o piloto. Jaeger guardou a moeda — com suas outras poucas posses — no fundo de um dos bolsos. A esperança era o que mantinha as pessoas vivas, repetiu para si mesmo.

O último item que Jaeger pegou foi o mais difícil de contemplar: a faca de Irina Narov.

Depois de tê-la usado para libertá-los da linha de rapel, Jaeger a guardara no cinto. No meio de todo aquele caos, e com Narov tão incapacitada pela picada da aranha, parecera a coisa certa a fazer. E agora era tudo o que lhe restava da russa.

Segurou a faca nas mãos por um longo momento. Os olhos fixos no nome gravado no cabo de aço. Conhecia a história por trás daquela lâmina, pois havia pesquisado a do avô.

Nos meses que se seguiram à *blitzkrieg* de Hitler — estratégia de guerra relâmpago que expulsara as tropas aliadas da França na primavera de 1940 —, Winston Churchill ordenou a criação de uma força especial para lançar ataques de surpresa ao inimigo, do tipo "matar e correr". Esses voluntários especiais foram ensinados a encarar a guerra de uma maneira bem pouco britânica — deveriam agir de forma suja e rápida. E valia tudo.

Num centro de treinamento secreto de mutilações e assassinatos, esses homens aprenderam a espancar, ferir e matar com facilidade. Seus instrutores foram os lendários William Fairbairn e Eric "Bill" Sykes — que ao longo dos anos aperfeiçoaram formas de matar silenciosamente na luta corpo a corpo.

Sykes e Fairbairn encomendaram à Wilkinson Sword uma faca de combate para ser usada pelos voluntários especiais de Churchill. Tinha uma lâmina de dezessete centímetros com um cabo pesado, para permitir uma pegada firme, ambas as bordas cortantes e uma ponta bem afiada.

Um número limitado dessas facas foi produzido pela Wilkinson Sword. Gravadas no cabo de cada uma estavam as palavras: "Faca de combate Fairbairn-Sykes". Fairbairn e Sykes ensinaram aos voluntários especiais que não havia arma mais letal na luta corpo a corpo e, ainda mais importante: "A munição não acaba."

Jaeger não teve a oportunidade de ver Narov manejar a faca numa situação de fúria. Mas o fato de ter escolhido aquela lâmina em especial — a mesma que seu avô tinha usado — provocara, de alguma forma, certa simpatia em Jaeger. Era uma pena que não tivesse tido a chance de perguntar a Narov onde a havia conseguido, ou o que a arma significava exatamente para ela.

Jaeger se perguntou como a russa teria tido acesso à faca: uma veterana da Spetsnaz com uma faca comando britânica. E por que aquele comentário que fizera — *excelente para matar alemães*? Durante a guerra, cada comando britânico e soldado do SAS tinha recebido uma dessas facas; sem dúvida a lâmina icônica havia contabilizado boa parte das baixas nazistas.

Mas isso tinha acontecido muitas décadas atrás e num mundo muito diferente do atual.

Jaeger recolocou a faca no cinto.

Por um breve instante, ele se perguntou se teria agido mal insistindo que Narov seguisse com ele. Se tivesse feito o que ela pedira, deixando-a para trás, era possível que ainda estivesse viva. Mas estava no DNA de Jaeger nunca deixar um homem para trás — ou mulher, no caso — e, de qualquer forma,

quanto tempo ela teria durado?

Não. Quanto mais pensava no assunto, mais tinha certeza de que agira da maneira certa. Da única forma possível. Narov teria morrido de qualquer jeito. Se a tivesse deixado para trás, ela só teria demorado mais para morrer e teria morrido sozinha.

Jaeger se forçou a parar de pensar em Narov.

Fez um balanço da situação. Tinha uma jornada desafiadora pela frente: mais de vinte quilômetros de floresta densa com apenas dois litros de água potável para sustentá-lo. O ser humano consegue sobreviver sem comida por vários dias, mas não sem água. Tinha de racionar o líquido rigorosamente: um gole a cada hora, nove goles por garrafa, dezoito horas de caminhada no máximo.

Olhou o relógio. Só restavam duas horas de luz do dia. Se pretendia chegar ao banco de areia a tempo de encontrar o restante do grupo, precisaria caminhar durante a noite, o que era um enorme problema na selva, onde não é possível enxergar nada no breu total abaixo das copas das árvores.

Ele não tinha com o que se defender além das próprias mãos e da faca. Se deparasse com uma situação de grande dificuldade, a única coisa que podia fazer era correr. Apenas um detalhe estava a seu favor: sem Narov, não tinha mais o peso para diminuir seu ritmo.

Estava equipado apenas com o que carregava no corpo, o que significava que poderia se locomover mais rapidamente. Levando todos os fatores em conta, ainda tinha uma chance. Mas, mesmo assim, estava com medo do que o aguardava.

Jaeger se pôs de pé, colocou a bússola na palma da mão e se orientou. O ponto que estabeleceu como meta foi o tronco de uma árvore caída mais ou menos ao sul — direção que devia seguir. Guardou a bússola, agachou-se e pegou dez pedrinhas, colocando-as no bolso. A cada dez passos, transferiria uma das pedrinhas para o outro bolso. Quando tivesse trocado todas as pedrinhas de bolso, teria completado cem passos.

Por experiência, Jaeger sabia que, em terreno plano e sem muito peso, setenta passadas com o pé esquerdo cobriam cem metros. Se estivesse com a mochila cheia nas costas e carregando arma e munição, seriam oitenta, já que a largura da passada diminuía com o excesso de peso. Se estivesse subindo uma ladeira, seriam necessárias cem passadas.

A transferência das pedrinhas era um sistema simples que funcionara muitas vezes para Jaeger durante caminhadas épicas em terrenos complicados. E essa dinâmica de passar as pedras de um bolso para o outro também ajudava a manter a mente ocupada e concentrada.

Ele tomou uma última providência antes de começar a marcha: pegou uma

caneta e marcou a posição em que estava. Em seguida, escreveu: “Última localização conhecida de Irina N.”

Assim, se tivesse oportunidade, poderia voltar para procurar mais metodicamente, com tempo e ajuda, seus restos mortais. Pelo menos assim teriam alguma coisa para enviar à família — não que Jaeger tivesse qualquer noção de quem seriam e onde viveriam.

Começou a caminhar: agora era andar e contar.

Embrenhou-se pela floresta, mudando uma pedra de um bolso para o outro a cada dez passos. Uma hora depois, chegara o momento de tomar um gole d’água e olhar o mapa.

Marcou sua posição nele — dois quilômetros ao sul pela margem do rio —, verificou a bússola e foi em frente. Em teoria, podia cobrir toda a distância entre sua atual posição e o banco de areia somente aplicando a técnica da orientação a passo e bússola. Se ia conseguir, na prática, com apenas dois litros d’água e sem nenhuma arma, eram outros quinhentos.

Mas ainda que sua presença solitária estivesse sendo engolida pela escuridão da floresta densa, Jaeger continuava sentindo olhos misteriosos observando-o das sombras.

Conforme avançava na selva escura e melancólica, a mão esquerda se enterrava no bolso cheio de pedrinhas, seus lábios se movendo enquanto contava as passadas.

Capítulo 37

Longe dali, algumas centenas de quilômetros selva adentro, uma voz dizia:

— Lobo Cinzento, aqui é Lobo Cinzento Seis. Lobo Cinzento, aqui é Lobo Cinzento Seis. Câmbio.

O dono da voz estava debruçado sobre um rádio, dentro de uma barraca camuflada montada às margens de uma pista de pouso meio improvisada. Por todos os lados havia fileiras de árvores inclinadas, com montanhas a distância se elevando contra um céu cinzento. Uma fila de helicópteros pretos com os rotores em posição de repouso ladeava a pista de terra. Tirando isso, não havia mais nada.

O cenário lembrava a Serra de los Dios, mas não exatamente.

Era parecido, mas não igual.

Tratava-se de um trecho de selva na América do Sul, porém numa região mais alta nas montanhas; algum local remoto e intocado, escondido entre as colinas andinas selvagens e sem lei que se estendiam pela Bolívia e pelo Peru. Um lugar perfeito para o tipo de operação clandestina destinada a fazer desaparecer para sempre uma aeronave da Segunda Guerra Mundial.

— Lobo Cinzento, aqui é Lobo Cinzento Seis — repetia o operador do rádio. — Câmbio.

— Lobo Cinzento Seis, aqui é Lobo Cinzento — confirmou uma voz do outro lado da linha. — Vá em frente.

— A equipe foi introduzida como planejado — anunciou o operador. — Aguardando novas ordens.

E então o operador ficou ouvindo por alguns instantes o que quer que estivesse sendo dito. E quem quer que fosse esse homem — esse soldado —, não havia um único sinal em seu uniforme militar camuflado que revelasse unidade ou patente, nem nacionalidade. Ao seu redor, a barraca também não continha qualquer identificação. Nem os helicópteros alinhados na pista possuíam decalques, números de registro, ou bandeiras de qualquer país.

— Sim, senhor — confirmou o operador. — Tenho sessenta pares de botas no chão. Não foi fácil, mas os colocamos lá.

Ouviu as instruções por alguns segundos, e então repetiu as ordens para confirmá-las.

— Usar de todos os meios para obter as coordenadas da aeronave. Não poupar ninguém para conseguir as informações de sua localização. Entendido.

Ouve ainda alguma outra breve ordem antes que o operador desse sua resposta final.

— Entendido, senhor. A força deles é de dez, e todos devem ser eliminados. Nada de sobreviventes. Lobo Cinzento Seis, câmbio e desligo.

Depois disso, a chamada por rádio foi desligada.

Capítulo 38

Jaeger caiu de joelhos, as mãos segurando com força a cabeça que doía e latejava.

Podia sentir o cérebro girando, fora de controle, como se estivesse a ponto de explodir pela testa, tamanho era o estresse causado pela exaustão.

A vegetação retorcida e nodosa perdia os contornos diante de seus olhos, transformando-se em uma horda de monstros assustadores. Ele devia estar prestes a enlouquecer de vez. A desorientação começara horas antes, quando a desidratação atingiu níveis críticos e foi seguida por dores crescente e alucinações.

Longe do rio havia pouca água disponível, e ainda não tinha chovido, algo com que Jaeger contava para reanimá-lo. As garrafas d'água estavam vazias há um bom tempo, depois do que, ele passou a ter de beber a própria urina. Já fazia mais de uma hora que Jaeger parara de urinar — e de suar —, um sinal claro do colapso iminente do corpo. Ainda assim, continuava seguindo em frente.

Apenas por pura força de vontade, ele continuava se arrastando, colocando um pé diante do outro.

— Aqui é Will Jaeger! — A voz soou rouca, gutural e seca, o som ecoando pela confusa massa de árvores que se fechavam ao redor. — Aqui é Will Jaeger!

Gritava na esperança de que o chamado pudesse chegar à equipe que devia estar reunida pouco adiante, no banco de areia — terreno que Jaeger esperava e rezava para alcançar, embora, por causa do estado em que se encontrava nas últimas horas, tivesse começado a questionar a própria localização. Afinal, o banco de areia não era mais do que uma clareira numa enorme área de selva: sua margem de erro teria que ser muito pequena.

Continuou a marcha errática, exausto, a mente girando, e, por incrível que pudesse parecer, ainda contando os passos e transferindo as pedrinhas de um bolso para o outro para marcar o progresso — sabe-se lá como.

Era fato que nenhuma jornada pela selva acontecia estritamente como

planejado, ainda mais em se tratando de um homem que tinha sido obrigado a se deslocar durante a noite e que se encontrava nesse estado. Foi assim que os 27 quilômetros haviam se transformado em 45. Com pouca água, aquele era um feito hercúleo.

Tentou gritar mais uma vez:

— Aqui é Will Jaeger!

Nenhuma resposta. Jaeger parou, tentando ouvir alguma coisa, mas se sentia exausto e fatigado.

Tentou mais uma vez, mais alto.

— Aqui é Will Jaeger!

Houve um instante de silêncio antes que ouvisse uma resposta.

— Fique parado onde está ou eu atiro!

Era a voz inconfundível de Lewis Alonzo, o ex-SEAL, que ecoava em meio às árvores.

Jaeger fez o que Alonzo ordenou, e caiu de joelhos.

O companheiro de expedição surgiu diante dele, uns cinquenta metros à frente. O afro-americano era uma mistura do físico de Mike Tyson com a aparência e o humor de Will Smith — ou pelo menos foi assim que Jaeger passou a vê-lo depois das duas curtas semanas de convívio.

Só que agora o que Jaeger via diante de si era o cano de um fuzil de assalto Colt, e o dedo indicador de Alonzo no gatilho.

— Fique de pé e se identifique! — gritou Alonzo, num tom agressivo. — Fique de pé e se identifique!

Jaeger fez um grande esforço para ficar de pé, dando um passo à frente.

— William Jaeger. Sou eu, o Jaeger.

Não surpreendia o fato de Alonzo não conseguir reconhecê-lo. Sua voz estava diferente por causa da fadiga e da garganta seca e mal conseguia pronunciar as palavras. O rosto estava encovado, vermelho e cheio de picadas de insetos e cortes. Jaeger estava coberto de lama dos pés à cabeça, as roupas rasgadas.

— Mãos ao alto! — gritou Alonzo. — Jogue a arma no chão!

Jaeger ergueu os braços.

— Sou William Jaeger e estou desarmado, porra.

— Kamishi! Me dê cobertura! — gritou Alonzo.

Jaeger percebeu a aproximação de alguém que saía do meio dos arbustos. Era Hiro Kamishi, o veterano das Forças Especiais do Japão. Logo Jaeger estava na mira de mais uma arma.

Alonzo se aproximou, o fuzil em punho.

— Deite no chão, pernas abertas.

— Deus do céu, Alonzo. Estamos do mesmo lado — argumentou Jaeger.

A única resposta do americano foi se aproximar e dar uma rasteira nele. Jaeger caiu com as pernas abertas na lama.

Alonzo se posicionou diante dele.

— Responda — berrou —, quem é a sua equipe e o que veio fazer aqui?

— Viemos encontrar uma aeronave caída, identificá-la e tirá-la da selva.

— Dê o nome do contato local. Quem é o brigadeiro brasileiro?

— É um coronel — corrigiu Jaeger. — Coronel Evandro. Rafael Evandro.

— Dê os nomes de todos os integrantes da equipe.

— Alonzo, Kamishi, James, Clermont, Dale, Kral, Krakow, Santos.

Alonzo se ajoelhou para poder olhar Jaeger nos olhos.

— Esqueceu um. Somos dez.

— Não esqueci. Narov está morta. Ela se foi quando tentávamos atravessar o Rio de los Dios para encontrar vocês.

— Deus do céu! — Alonzo passou a mão pelos cabelos. — Então somos cinco.

Jaeger fitou-o, confuso. Certamente não tinha entendido direito. O que ele estava querendo dizer com *somos cinco*?

Alonzo tirou uma garrafa do cinturão e a deu a Jaeger.

— Cara, você não imagina o que aconteceu por aqui nos últimos dois dias. E, só para constar, sua aparência está horrível.

— Posso dizer o mesmo de você — sussurrou Jaeger.

Ele pegou a garrafa d'água, abriu a boca e bebeu tudo de um gole só. Mostrou o recipiente vazio a Alonzo, que fez um sinal a Kamishi. Jaeger continuou tomando uma depois da outra, até saciar a sede.

Alonzo chamou uma terceira pessoa que estava atrás das árvores.

— Dale, o Natal chegou mais cedo! Tenho um presente pra você. Luz verde! Roda isso aí!

Mike Dale avançou com uma câmera sobre o ombro. Jaeger pôde ver a luz verde na frente da câmera passando para a cor vermelha, o que queria dizer que ele estava filmando.

Encarou Alonzo. O americano deu de ombros.

— Foi mal, cara. Mas o moleque não para de me encher o saco. *Se Jaeger e Narov sobreviverem, vou poder filmar a chegada deles... se Jaeger e Narov sobreviverem, vou poder filmar a chegada deles*.

Dale avançou alguns passos para perto dos outros, abaixando-se para deixar a câmera no nível dos olhos de Jaeger. Filmou por alguns instantes e apertou o botão de desligar. A luz vermelha apagou.

— Cara, não dá para fingir uma coisa dessas — sussurrou Dale. — Foi demais.

Ele encarou Jaeger por trás da câmera.

— Ei, Sr. Jaeger, que tal se o senhor encenasse uma chegada por trás dos arbustos? É que... sabe... eu perdi essa parte.

Jaeger encarou o câmera por um segundo.

Dale. Vinte e poucos anos. Cabelo longo, boa aparência, a barba calculadamente desleixada. Tinha um estilo meio arrumadinho que desagradava Jaeger. Talvez fosse apenas a aversão instintiva que sentia pela câmera. Aquilo era tão desrespeitoso e invasivo. Na verdade, para resumir, era assim que Jaeger via Dale.

— Encenar minha chegada para a câmera? — rosnou Jaeger. — Sinto muito. Não vai dar. E sabe o que mais? Se filmar mais um segundo sequer, vou pegar essa câmera, quebrá-la todinha e fazer você comer os pedacinhos.

Dale levantou as mãos — uma delas ainda presa à câmera — num sarcástico gesto de rendição.

— Ei, tudo bem. Você passou por dificuldades. Já saquei. Mas, Sr. Jaeger, é nesses momentos que a câmera precisa estar ligada, quando as coisas não vão bem. É aí que nós temos que trabalhar. Isso é o que faz um bom programa de televisão.

Apesar da água que havia bebido, Jaeger ainda se sentia um morto-vivo, e não estava com disposição para gracinhas.

— Bom programa? Você ainda acha que vamos fazer um programa? Dale, tem uma coisa que você precisa entender: nosso objetivo agora é sair dessa com vida. A questão agora é sobrevivência. A sua e a de todos os outros. Isso não é mais um programa de televisão. *Isso é realidade*.

— Mas se eu não puder filmar, não teremos material para a série de TV — argumentou Dale. — E as pessoas que estão pagando, os executivos da televisão, estarão jogando dinheiro fora.

— Os executivos não estão aqui — esbravejou Jaeger. — Nós estamos. Se você filmar qualquer coisa sem a minha autorização, seu filme vai virar lenda. E você também.

Capítulo 39

— Então, diga logo, o que diabos aconteceu aqui?

Jaeger estava sentado no acampamento improvisado que Alonzo erguera na selva, num local onde a densa floresta encontrava o banco de areia. Eles podiam desfrutar da clareira e, ao mesmo tempo, da sombra de algumas árvores. Era o mais confortável que se podia conseguir num terreno como aquele.

Jaeger havia conseguido tomar um banho rápido no rio sempre repleto de animais de todo tipo. Depois tinha tirado uma mochila de dentro de um dos para-tubos e pegara o essencial para ajudá-lo a se recuperar da épica viagem pela selva: comida, garrafas d'água, sais de reidratação e repelentes. Com isso, Jaeger começara a se sentir vagamente humano de novo.

O grupo da expedição — ou, mais precisamente, o que restou dele — estava reunido para trocar ideias. Mas havia uma estranha tensão no ar, uma sensação de que forças hostis rondavam o acampamento, à espreita. Jaeger tinha novamente uma arma em punho, que pegara de um dos para-tubos, e não era o único a manter dois olhos na selva e um dedo no gatilho.

— É melhor eu começar do início, quando nos perdemos de vocês durante a queda livre. — A voz de Alonzo era grave, meio solene, o que combinava com aquele afro-americano grandalhão.

Como Jaeger já havia percebido, Alonzo era o tipo de cara transparente com relação às emoções. As palavras saíam carregadas de arrependimento pelo que havia ocorrido.

— Perdemos vocês dois de vista logo depois do salto, então eu liderei o pouso. Fizemos um bom trabalho. Todos chegaram sem ferimentos, um pouso firme e correto. Levantamos acampamento, arrumamos os equipamentos, fizemos uma lista de quem ficaria de sentinela a cada hora e achamos que estava tudo bem: a gente só tinha que esperar você e Narov chegarem, já que o primeiro ponto de encontro combinado era aqui mesmo. Só que, depois, acabamos nos dividindo em dois acampamentos. Tinha o meu grupo, a Brigada dos Guerreiros,

por assim dizer, que queria sair para patrulhar a área na direção em que vocês tinham descido, para ver se podíamos ajudar a trazê-los de volta, se ainda estivessem vivos... E a outra era a Brigada dos Abraçadores de Árvores, liderada pelo James e pela Santos. Eles queriam ir para aquele lado.

E Alonzo apontou para oeste.

— Diziam ter encontrado uma trilha nas margens do rio que havia sido feita pelos índios. Todo mundo sabia que a tribo devia estar por perto. A gente podia sentir os olhos nos observando da floresta. A questão é que a Brigada dos Abraçadores de Árvores queria encontrar os índios para fazer um contato pacífico com eles.

Alonzo encarou Jaeger.

— Contato pacífico! Sabe, passei um ano fazendo operações de contato pacífico no Sudão, nas montanhas Nuba. Um dos lugares mais remotos do planeta. Algumas dessas tribos Nuba ainda andam de bunda de fora. Sabe de uma coisa, cara, eu aprendi a adorar os caras. Mas a lição que trouxe comigo foi: se esse tipo de gente quer fazer contato pacífico, eles vão dar um jeito de informar você disso.

Alonzo deu de ombros.

— Para encurtar a história, o James e a Santos saíram perto da hora do almoço, no primeiro dia. A brasileira disse que sabia o que estava fazendo, que vinha trabalhando com tribos amazônicas há muitos anos. E o James, cara, é um doido. Escreveu cartazes para os índios. Desenhou figuras. — Virou-se para Dale. — Você tem o registro disso?

Dale pegou a câmera, abriu a tela lateral e procurou nos arquivos digitais armazenados no cartão de memória. Depois apertou *play*. Uma imagem apareceu na tela — um *close-up* de um dos rabiscos no cartaz. A voz grossa e com forte sotaque australiano de Joe James podia ser ouvida ao fundo.

— Ei, moradores da Amazônia! Vocês querem paz. Nós queremos paz. Vamos nos encontrar em paz! — O ângulo da câmera se abria e revelava a enorme barba à moda de Bin Laden e o físico de motoqueiro de James. — Estamos entrando em seus domínios para dizer oi e fazer um contato pacífico.

Dale meneou a cabeça, incrédulo.

— Dá para acreditar nesse cara? Um maluco... Passei um tempo com ele no outro lado do acampamento. Perfeito para as câmeras. Mas totalmente inadequado para a expedição!

Jaeger sinalizou que já tinha visto o suficiente.

— Ele é meio doido. Mas quem não é? Qualquer pessoa totalmente boa da cabeça não estaria aqui. Ser um pouco doido é até necessário.

Alonzo cofiou a barba.

— Você está certo, cara, mas esse aí, o James, está bem fora da escala. De qualquer forma, ele e a Santos partiram. Vinte e quatro horas depois, não havia sinal deles, mas também não havia sinal de problemas. Então, o pessoal que sobrou da Brigada dos Abraçadores de Árvores, a francesa, Clermont, e, por incrível que pareça, o alemão, Krakow, que eu nunca teria imaginado que seria um abraçador genuíno, saíram para procurar o James e a Santos.

Ele começou a falar de um jeito desesperado:

— Eu não devia ter deixado eles irem. Tive um pressentimento ruim. Mas, que porra, você e Narov estavam desaparecidos, estávamos sem um líder e sem substituto. Perto do meio-dia, uma hora depois que Clermont e Krakow tinham partido, ouvimos gritos e tiros. Parecia um tiroteio, como se fosse uma emboscada com resistência da parte atacada.

Alonzo encarou Jaeger.

— E foi isso: os abraçadores se foram. Formamos uma equipe de busca, seguimos a trilha de Clermont e Krakow por uns 800 metros. Aí chegamos a uma área de vegetação rasteira. E havia sangue fresco. Além de vários desses aqui.

Alonzo tirou algo da mochila e passou a Jaeger.

— Cuidado. Imagino que possa estar envenenado.

Jaeger estudou o objeto. Era um fino canudo de madeira de uns quinze centímetros de comprimento, todo trabalhado e esculpido, e tinha uma das pontas afiada e manchada com um tipo de fluido viscoso escuro.

— Nós prosseguimos — continuou Alonzo —, e encontramos a trilha do James e da Santos. Achamos o acampamento, mas nem sinal deles. Não havia vestígio de luta. Nem sangue. Nem dardos. Nada. Foi como se tivessem sido abduzidos por extraterrestres.

Alonzo fez uma pausa.

— E então encontrei isto. — Tirou do bolso a cápsula de uma bala. — Encontrei no caminho de volta. Meio sem querer. — Entregou a cápsula a Jaeger. — Calibre 7,62mm. Provavelmente de uma GPMG ou de um AK-47. Com certeza não é de uma das nossas armas.

Jaeger rolou a cápsula entre os dedos por alguns segundos.

Algumas décadas atrás, as balas de calibre 7,62mm eram usadas pelas forças da OTAN. Durante a guerra do Vietnã, os americanos experimentaram um calibre menor: 5,56mm. Com balas mais leves, um soldado a pé conseguia carregar mais munição, o que significava mais tempo de poder de fogo — crucial em missões longas a pé na selva. Desde então, a 5,56mm se tornara o calibre mais comum da OTAN, e nenhum dos integrantes da equipe de Jaeger tinha uma arma com balas de 7,62mm.

Jaeger encarou Alonzo.

— E nem sinal de nenhum dos quatro?

— Não.

— Então o que você acha que aconteceu? — perguntou.

A expressão de Alonzo ficou séria.

— Cara, não sei... Tem alguma força hostil por aí, isso é certo, mas até agora o resto é mistério. Se fossem os índios, como teríamos armas de 7,62mm envolvidas? Desde quando uma tribo isolada do mundo tem um poder de fogo como esses?

— Me diga uma coisa — falou Jaeger. — Como era esse sangue?

— Na emboscada? Como em qualquer outra. Sangue espalhado.

— Muito sangue?

Alonzo deu de ombros.

— O suficiente.

Jaeger segurou nas mãos o canudo de madeira que Alonzo tinha lhe dado.

— Zarabatana. Sabemos que os índios usam esse tipo de arma envenenada. E sabe o que eles usam como veneno? Curare... É um composto extraído de algumas plantas. Ele mata porque impede o funcionamento dos músculos do diafragma. Em outras palavras, morte por asfixia. Não é um bom jeito de morrer. Aprendi um pouco sobre isso quando estive por aqui treinando a equipe da BOE do coronel Evandro. Os índios usam esse veneno para caçar macacos no alto das árvores. Os macacos caem, a tribo captura o bicho e recupera o dardo. Todos são esculpidos e os índios não costumam deixá-los para trás. A questão é que, se você é atingido, quase não sangra. E tem mais uma coisa.

Jaeger pegou o dardo e colocou a ponta na boca, provando o líquido escuro.

O restante da equipe se assustou.

— Ele não funciona quando ingerido — garantiu Jaeger. — Tem que entrar direto na corrente sanguínea. E, além disso, o veneno tem gosto amargo. E isso aqui, para mim, é um xarope feito com açúcar queimado. — Jaeger sorriu. — Juntando todas as peças, o que a gente tem? — Ele encarou os remanescentes do grupo.

Alonzo: queixo quadrado, rosto franco, exalando honestidade e simplicidade — um ex-SEAL da cabeça aos pés. Kamishi: quieto, ansioso, corpo flexível como uma mola. Dale e Kral: duas estrelas em ascensão do mundo da mídia cuja única intenção era fazer uma boa filmagem.

— Ninguém foi atingido por dardos. — Jaeger respondeu a própria pergunta. — Foram emboscados por homens armados. Só o sangue já provaria isso. Portanto, a não ser que a tribo isolada tenha conseguido se armar até os dentes, temos inimigos misteriosos por aqui. O fato de terem deixado isso — e ergueu o

dardo —, e de terem feito o possível para limpar a área, tirando os projéteis do caminho, sugere que os caras tentaram botar a culpa nos índios.

Jaeger encarou o dardo por um segundo.

— Ninguém deveria estar aqui, exceto nós e a tribo isolada. No momento, não temos ideia de quem seja esse grupo armado, não sabemos como chegou aqui nem por que veio. — Deu uma olhada na equipe, a expressão séria. — Uma coisa está clara: a natureza desta expedição mudou irreversivelmente.

Agora havia uma frieza congelante no olhar de Jaeger.

— Cinco de nós se foram. Mal colocamos os pés na floresta e já perdemos metade do grupo. Temos que considerar nossas opções, com bastante cautela.

Jaeger fez uma pausa. Seus olhos estavam cheios de determinação. Não conhecia muito bem nenhum dos outros integrantes da equipe, mas se sentia responsável pelas perdas.

Nutria simpatia pela espontaneidade e falta de malícia do grande australiano Joe James. E lembrou, com pesar, que Letícia Santos era a presença do coronel Evandro na equipe.

Santos tinha uma aparência impressionante. Era como uma versão menos glamurosa — talvez mais selvagem — da atriz Taís Araújo. Olhos e cabelos escuros, impetuosa e calorosa, praticamente o oposto da gelada Irina Narov.

Para Jaeger, ter perdido Narov fora uma tragédia. Mas perder cinco pessoas em 48 horas de expedição era simplesmente impensável.

Capítulo 40

— Opção um — começou Jaeger, a voz repleta de tensão. — Decidir que a missão não é mais possível e chamar a equipe de resgate. Temos boas condições de comunicação, estamos em uma zona de aterrissagem apropriada, poderíamos provavelmente ser tirados daqui sem dificuldades. Estaríamos fora de perigo, mas deixaríamos nossos amigos para trás, e, no atual momento, não temos certeza se estão vivos ou mortos.

Após uma breve pausa, prosseguiu:

— Opção dois: fazer uma operação de busca dos integrantes desaparecidos do grupo. Trabalharíamos com a possibilidade de eles estarem vivos, até que se prove o contrário. O lado bom: estaríamos fazendo a coisa certa por nossos amigos; não viraríamos as costas para eles no primeiro sinal de problemas. O lado ruim: somos uma equipe pequena, temos poucas armas e nosso inimigo parece ter maior poder de fogo. E pode estar em vantagem numérica.

Jaeger fez outra pausa.

— Enfim, temos a opção três: continuar com a expedição como planejado. Suspeito que, e se trata apenas de uma sensação instintiva, ao fazer isso, vamos descobrir o que aconteceu com nossos amigos. Afinal, alguém está querendo nos impedir de ir em frente. Se continuarmos, estaremos forçando essas pessoas a aparecer. Isto não é uma operação militar. Se fosse, eu estaria dando ordens. Mas somos um bando de civis e precisamos tomar a decisão coletivamente. Para mim, essas são as três opções possíveis. Agora precisamos votar. Porém, antes disso, alguém tem alguma pergunta? Sugestões? Sintam-se à vontade para falar, já que a câmera está desligada.

Jaeger lançou um olhar ameaçador a Dale.

— A câmera está desligada, certo, Sr. Dale?

Dale prendeu os cabelos longos.

— Você vetou meu trabalho. Disse que eu não podia filmar esta reunião.

— Correto — confirmou Jaeger, olhando ao redor para ver se alguém tinha

alguma pergunta.

— Estou curioso — observou Hiro Kamishi, calmamente, com seu sotaque japonês. — Se essa fosse uma operação militar, qual seria a ordem que você daria a seus homens?

— A opção três — respondeu Jaeger, sem hesitar um segundo sequer.

— Se importaria de me dizer por quê? — perguntou Kamishi, parecendo escolher cuidadosamente cada palavra.

— Porque é a mais improvável — replicou Jaeger. — A reação humana normal ao estresse e ao perigo é ou lutar ou correr. Correr seria ir embora. Lutar seria ir diretamente atrás do inimigo. A opção três é a menos óbvia, e é a que vai forçá-los a cometer o erro de se revelar.

Kamishi assentiu.

— Obrigado. Foi uma boa explicação. Concordo com ela.

— Sabe, cara, não são cinco — rosnou Alonzo. — São seis. Contando com Andy Smith, são seis que se foram. Nunca acreditei que a morte de Smith tenha sido um acidente, e agora menos ainda.

Jaeger concordou.

— Com Smith são seis.

— Então, quando teremos as coordenadas da aeronave? — perguntou uma voz.

Era Stefan Kral, o câmera eslovaco da equipe de Jaeger — a pergunta foi feita com um sotaque forte e gutural. Jaeger olhou para Kral. Baixinho, atarracado, quase albino, a pele cheia de marcas de espinhas. Kral era a Fera e Dale era a Bela. Era seis anos mais velho que Dale, mas não parecia. Nem que fosse só por direito de antiguidade, Kral é que deveria estar dirigindo a filmagem, mas era o contrário. Carson havia colocado Dale no comando, e Jaeger sabia bem por quê. Dale e Carson eram bichos da mesma espécie. Dale era magro, elegante e sociável, além de ser um mestre em filmagens na selva. Por sua vez, Kral era atrapalhado e ansioso. E estava tendo dificuldades em provar seu valor na indústria televisiva.

— Sem Narov, meu substituto será Alonzo — disse Jaeger. — Compartilharei as coordenadas com ele.

— Quando? E quanto a nós? — insistiu Kral.

Toda vez que Kral falava, um meio sorriso esquisito surgia em sua boca, não importando quão sério fosse o assunto.

Jaeger achava que era um tique nervoso, mas, ainda assim, o sorrisinho o incomodava bastante.

Conhecera vários caras como Kral no exército — os semi-introvertidos, aqueles que se esforçam para conseguir se relacionar com os outros. Jaeger

sempre tentava encorajar caras desse tipo que caíam em sua unidade. Na maioria das vezes eles se provavam leais e se tornavam verdadeiros demônios, totalmente destemidos, quando chegava a hora do combate.

— Se votarmos pela opção três, vocês vão receber as coordenadas assim que estivermos no rio — respondeu Jaeger. — Esse foi o acordo que fiz com o coronel Evandro. Assim que tivermos começado nossa jornada no Rio de los Dios.

— Como você perdeu a Narov? — insistiu Kral. — O que aconteceu exatamente?

Jaeger encarou o colega.

— Já expliquei como a Narov morreu.

— Queria que você contasse de novo — pressionou Kral. — Só para entender bem. Só para esclarecer tudo.

Jaeger ainda sentia o peso da perda de Narov. Não estava a fim de contar o que ocorrera mais uma vez.

— Foi uma confusão total, tudo aconteceu muito rápido. E, acredite, não pude fazer nada para salvá-la.

— Por que está tão convencido de que ela morreu? — persistiu Kral. — E por que acha que o James, a Santos e os outros não morreram?

Jaeger semicerrou os olhos.

— Só estando lá para entender — respondeu, calmamente.

— Mas com certeza você poderia ter feito *alguma* coisa. Era só o primeiro dia, e vocês estavam cruzando o rio...

— Atiro nele agora? — interrompeu Alonzo, o tom de voz ameaçador. — Ou mais tarde, depois que a gente cortar a língua?

Jaeger encarou Kral. Era possível distinguir uma nota de ameaça na voz do líder da equipe agora.

— Que coisa engraçada, Sr. Kral. Tenho a impressão de que o senhor está me entrevistando. Não está fazendo isso, está?

Kral negou com a cabeça, nervosamente.

— Só estou questionando algumas coisas. Só para esclarecer.

Jaeger passou de Kral para Dale. A câmera repousava a seu lado no chão. E uma das mãos de Dale estava encostada no equipamento.

— Sabem, rapazes. Eu também preciso *esclarecer* uma coisa. — E fitou o equipamento. — Vocês cobriram a luz vermelha com uma fita isolante preta. E a câmera está no chão, a lente virada na minha direção. Imagino que ela já estivesse ligada antes de vocês a posicionarem ali. — Encarou Dale, que pareceu tremer ao encontrar os olhos de Jaeger. — Vou falar uma vez só. Uma só. Prepare uma armadilha dessas de novo, e eu vou enfiar essa câmera tão forte no

seu rabo que você vai poder limpar as lentes como se fossem seus dentes. Estamos entendidos?

— Sim... mas... é que... — Dale deu de ombros.

— É que nada — cortou Jaeger. — E quando acabarmos de conversar, você vai apagar tudo o que filmou, e vai fazer isso na minha frente.

— Mas se eu não puder filmar cenas como essa, não vamos ter nada para a televisão — argumentou Dale. — E os executivos...

O olhar que Jaeger lançou a Dale foi suficiente para calar o câmera.

— Tem uma coisa que você precisa entender: neste momento, eu não dou a mínima para os seus executivos. Neste momento, só tem uma coisa que me importa. E essa coisa é tirar o máximo de integrantes da minha equipe daqui com vida. Já perdi cinco... seis. Portanto, não estou muito feliz. E isso me deixa perigoso — continuou Jaeger. — Estou puto da vida. E quando fico puto, a tendência é eu ter vontade de quebrar alguma coisa. Então, Sr. Dale, desligue essa merda agora mesmo.

Dale esticou a mão para a câmera, acionou alguns botões e deligou o aparelho. Tinha sido descoberto, mas agia como se fosse a parte ofendida.

— Você me fez perguntar essas coisas idiotas — murmurou Kral. — Que ideia imbecil.

Jaeger conhecera caras como Dale e Kral. Alguns dos seus colegas das forças de elite tinham tentado entrar para o mundo da mídia — o mundo da fantasia dos *reality shows*. Descobriram tarde demais o quanto a vida era dura por lá. As pessoas eram mastigadas e cuspidas sem a menor cerimônia. Honra e lealdade eram uma coisa rara.

Era o mundo dos puxa-tapetes. Caras como Dale e Kral — sem mencionar o chefe deles, Carson — só tinham um objetivo: vencer, muitas vezes em detrimento dos outros. Era um mundo em que você precisava filmar as pessoas tomando decisões de vida ou morte mesmo se tivesse prometido que não o faria — porque só assim conseguiria uma boa história.

Era preciso estar preparado para derrubar o colega de profissão, se isso significasse tirar algum proveito próprio. Jaeger detestava essas práticas. E tinha sido isso, em grande parte, que o tornara tão pouco receptivo aos dois desde o início. Colocou Kral e Dale na lista negra — junto com aranhas venenosas, jacarés gigantes, tribos selvagens e o grupo armado não identificado que parecia ter a intenção de travar uma luta sangrenta.

— Ok. Então, com a câmera realmente desligada, vamos votar — anunciou. — Opção um: cair fora e abandonar a missão. Alguém?

Todas as mãos permaneceram abaixadas.

Aquilo foi um alívio.

Pelo menos por enquanto não iriam meter o rabo entre as pernas e fugir da Serra de los Dios.

Capítulo 41

— Se importa se eu filmar? — perguntou Dale.

Jaeger estava agachado na beira d'água fazendo suas abluções noturnas — a arma apoiada ao lado do corpo, só por garantia.

Jaeger cuspiu na água.

— Você é persistente. Isso não posso negar. *Líder da expedição escova os dentes*. É isso que você quer?

— Não exatamente. Mas preciso filmar alguns desses momentos. Para ambientar a filmagem. Estabelecer como é a vida em comunhão com... — E fez um gesto mostrando o rio e a selva. — Em comunhão com tudo isso.

Jaeger deu de ombros.

— Faça o que quiser. Dou até a manchete: Líder da expedição lava o rosto imundo.

Dale continuou a filmar a tentativa de Jaeger de usar o Rio de los Dios como toalete. Num determinado momento, o câmera afundou as botas na água, de costas para o rio, para filmar de um ângulo baixo, as lentes se aproximando do rosto de Jaeger.

Jaeger desejou que um jacaré de cinco metros viesse dar uma mordida no traseiro de Dale, mas não teve a sorte de ser atendido.

Tirando Alonzo, que havia optado por caçar os inimigos, a decisão fora unânime. A opção número três — continuar com a expedição como planejado — havia sido a escolha dos demais. Jaeger precisaria esclarecer as coisas com Carson, mas uma ligação pelo telefone por satélite da Thuraya resolveu o problema.

No contato, Carson enfatizou suas prioridades de forma clara e concisa: nada deveria impedir o progresso da expedição. Desde o recrutamento, todos os participantes estavam cientes do perigo. Cada integrante do grupo havia assinado um contrato reconhecendo estar em uma missão na qual poderia perder a vida. As cinco pessoas desaparecidas eram apenas isso — *pessoas desaparecidas* —,

até que se provasse o contrário.

Carson tinha um show de doze milhões de dólares, a ser televisionado para todo o globo, a fortuna da Wild Dog Media e até mesmo o futuro da Enduro Adventures nas mãos. E tudo dependia do sucesso da missão. Fosse como fosse, Jaeger precisava levar a equipe até a aeronave, desvendar os segredos do local e, se possível, tirar a carcaça de metal do meio da selva.

Se alguém se ferisse ou fosse morto na missão, o infortúnio individual seria ofuscado pela incrível descoberta — ou pelo menos esse era o argumento de Carson. Tratava-se, afinal, do Último Grande Mistério da Segunda Guerra Mundial, ressaltou Carson. *O avião que nunca existiu, o voo fantasma*. Era engraçado como Carson havia se apropriado rapidamente da frase do arquivista Simon Jenkinson.

Carson chegara até a tentar dissuadir o líder da expedição de impedir as filmagens — o que fazia supor que Dale havia telefonado para a base para reclamar. Mas Jaeger deu a Carson uma resposta curta e grossa: era o líder da expedição e, ali, na selva, sua palavra era lei. Se Carson não estivesse satisfeito, podia pegar um voo para a Serra de los Dios e assumir o posto.

Feita a ligação para Carson, Jaeger procedeu a um segundo contato — dessa vez, com o dirigível. A nave gigante tinha demorado um pouco para deixar o Reino Unido, mas se dirigia agora para o ponto acima deles. Jaeger conhecia o piloto, Steve McBride — os caminhos dos dois haviam se cruzado no exército; um cara de confiança no comando do dirigível. Mas Jaeger tinha outra razão para estar satisfeito com a equipe aérea. Antes de deixar Londres, fechara um acordo com Carson: se não podia ter Raff na selva, queria o maori como seu observador lá do alto. Carson capitulara, e Raff tinha sido nomeado oficial de operações de McBride no dirigível.

Jaeger ligou para Raff. O maori não tinha novidades sobre a morte de Andy Smith, o que não chegou a surpreender Jaeger. Mas tinha uma notícia bombástica envolvendo Simon Jenkinson.

O apartamento do arquivista, em Londres, fora arrombado. Três coisas haviam sido levadas: o arquivo sobre o voo fantasma Ju-390; seu iPhone, com o qual tinha secretamente tirado fotos dos documentos de Hans Kammler, e seu laptop. Jenkinson ficara assustado com o furto, mas o que o apavorara mesmo fora sua tentativa posterior de acessar os documentos no Arquivo Nacional mais uma vez.

O número de referência do arquivo sobre Hans Kammler era AVIA 54/1403. Mas o Arquivo Nacional argumentou que nunca houve um documento com esse registro. Jenkinson tinha visto o arquivo com os próprios olhos. Tinha até mesmo tirado algumas fotos com seu celular, sem ninguém ver. Mas, com o furto no apartamento, ou seja, com todas as evidências que possuía tendo

desaparecido, era como se o AVIA 54/1403 jamais tivesse existido.

O voo fantasma agora tinha seu próprio arquivo fantasma.

Capítulo 42

Jenkinson estava assustado, mas não parecia disposto a esquecer o assunto, explicou Raff. Muito pelo contrário. Jurou que iria recuperar as fotos, custasse o que custasse. Felizmente, o arquivista havia salvado as imagens “na nuvem”. Assim que conseguisse um novo computador, iria fazer o download de todo o material.

As notícias a respeito de Jenkinson só podiam significar uma coisa, pensou Jaeger: quem quer que estivesse por trás disso tinha o poder e a influência de fazer um arquivo inteiro do governo britânico desaparecer.

As implicações disso eram preocupantes, mas não havia muito a fazer estando no coração da Amazônia.

Pediu a Raff que mantivesse vigilância constante e repassasse as novidades sempre que fosse possível estabelecer uma comunicação entre a equipe em solo e o dirigível.

Jaeger guardou o kit de higiene bem enrolado. Pela manhã, seguiriam rio abaixo, e o espaço nas canoas infláveis era limitado. Dale já parecia ter filmado o suficiente, pois desligou a câmera, mas Jaeger sentiu que ele estava ciscando em volta, como se quisesse falar alguma coisa.

— Olha, eu sei que você não fica muito confortável com isso — começou Dale. — Com a filmagem, digo. E sinto muito pelo que aconteceu. Eu saí da linha. Mas é que minha cabeça vai estar a prêmio se eu não recolher material suficiente para fazer essa história funcionar.

Jaeger não disse nada. Não gostava muito do cara, ainda mais depois do episódio da filmagem furtiva.

— Sabe, temos uma frase famosa no meu meio — continuou Dale. — Na indústria televisiva. É de Hunter S. Thompson. Se importa se eu citar?

Jaeger pegou a espingarda.

— Sou todo ouvidos.

— “O mundo da televisão é uma trincheira cruel e superficial” — começou

Dale —, “um cômodo de plástico onde os ladrões e cafetões ficam livres e os homens corretos morrem como cães.” Não lembro se é exatamente assim, mas a parte que fala que os *homens corretos morrem como cães* resume bem como as coisas funcionam.

Jaeger olhou para Dale.

— Tem um dito similar no meu meio: o tapinha nas costas é só o começo da facada.

Jaeger fez uma pausa.

— Olha, eu não tenho que gostar de você para trabalhar com você. E também não estou aqui para atrapalhar sua vida. Seguindo algumas regras, tudo pode dar certo.

— Que tipo de regras?

— Coisas razoáveis. Que você pode acatar sem problemas. Por exemplo, regra um: você não tem que pedir minha permissão para filmar. Filme o que achar melhor. Mas se eu disser para não filmar, obedeça.

Dale assentiu.

— Justo.

— Regra dois: se algum outro integrante da equipe pedir para você não filmar, acate. Você pode vir reclamar comigo depois, mas primeiro atenda o pedido.

— Mas isso quer dizer que todo mundo tem direito a veto — argumentou Dale.

— Não. Só eu tenho esse direito. Esta é a minha expedição e você e Kral são da minha equipe. Se eu achar que vocês devem filmar, vou ficar do lado de vocês. Vocês têm um trabalho difícil e desafiador para fazer. Respeito isso e arbitrarei de forma justa.

— Tá bom. Acho que não tenho muita escolha.

— Não tem — confirmou Jaeger. — Regra três: se em algum momento você tentar fazer o que fez hoje cedo, filmar quando concordou em não filmar, sua câmera vai para o fundo do rio. Não estou brincando. Já perdi cinco pessoas. Não me provoque.

Dale abriu as mãos num gesto de arrependimento.

— Como eu já disse, sinto muito.

— A quarta regra, a regra final — Jaeger encarou Dale por algum tempo. — Nenhuma das regras anteriores pode ser transgredida.

— Saquei — confirmou Dale. Depois de uma pausa, disse: — Tem uma coisa que você poderia fazer para deixar tudo mais fácil para a gente. Se eu pudesse entrevistá-lo, aqui nas margens do rio mesmo, poderia fazer você recapitular tudo o que aconteceu hoje. O que não pudemos filmar.

Jaeger pensou a respeito por um momento.

— E se você fizer perguntas que eu não quero responder?

— Não precisa responder. Você é o líder da expedição. É a pessoa perfeita para uma entrevista.

Jaeger deu de ombros.

— Tá bom. Eu topo. Mas lembre-se: regras são regras.

Dale sorriu.

— Já entendi. Já entendi.

Dale foi buscar Kral. Os dois armaram a câmera em um tripé, ajeitaram um microfone de lapela em Jaeger para conseguir um som decente e, enquanto Kral se posicionava atrás da câmera para cuidar do enquadramento, Dale se preparou para fazer a entrevista. Ajeitou-se ao lado da câmera e pediu a Jaeger que se dirigisse a ele, tentando ignorar a lente apontada para o seu rosto e recapitular os acontecimentos das últimas 48 horas.

Conforme a entrevista avançava, Jaeger teve de admitir que Dale era bom no que fazia. Ele extraía as informações que queria fazendo o interlocutor sentir como se estivesse num bar batendo um papo com um amigo.

Quinze minutos de entrevista, e Jaeger quase esquecera que estava sendo filmado.

Quase.

— Era bastante óbvio que você e Irina Narov, quando estavam juntos, eram como dois leões se preparando para uma briga — aventurou-se Dale. — Então por que arriscou tudo para levá-la junto na travessia do rio?

— Ela era da minha equipe — respondeu Jaeger. — Isso diz tudo.

— Mas quando você estava enfrentando o jacaré de cinco metros — pressionou Dale —, quase perdeu a vida. Você se lançou nessa por uma pessoa que parecia não gostar de você. Por quê?

Jaeger encarou Dale.

— Há uma antiga regra na minha profissão: você nunca deve falar mal de uma pessoa que está morta. Agora, vamos seguir...

— Tudo bem — concordou Dale. — Então, esses caras misteriosos armados, você tem alguma ideia de quem podem ser e o que estão querendo?

— Não tenho a menor ideia — respondeu Jaeger. — Nesta parte remota da Serra de los Dios, não deveria haver ninguém além de nós e dos índios. Agora, o que eles estão querendo, acho que talvez estejam atrás da localização da aeronave, talvez queiram nos impedir de chegar até ela. Nenhuma outra hipótese faz sentido. Mas isso é só uma intuição, nada mais.

— Isso é uma teoria e tanto, que uma força rival esteja procurando a aeronave — forçou Dale. — Essa suposição tem alguma base concreta?

Antes que Jaeger pudesse responder, Kral fez um estranho barulho com a

boca. Na verdade, Jaeger já havia reparado que o câmera eslovaco tinha o infeliz hábito de sugar os dentes.

Dale virou para o colega e deu uma bronca:

— Cara, estou tentando fazer uma entrevista. Vê se fica concentrado e para com essa porcaria de barulho.

Kral se voltou para Dale.

— Estou concentrado. Estou atrás da droga da câmera, apertando os malditos botões, se você não notou.

Ótimo, pensou Jaeger. Estavam ali há apenas alguns dias e os dois câmeras já estavam brigando. Como isso iria acabar depois de algumas semanas juntos na selva?

Dale se voltou para Jaeger. Revirou os olhos, como se dissesse *olha o que eu tenho que aguentar*.

— Essa força inimiga, estamos falando sobre suas suspeitas...

— Pense um pouco — respondeu Jaeger. — Quem conhece a localização exata da aeronave? O coronel Evandro. Eu. Alonzo. Se existe outra equipe por aí tentando localizá-la, eles vão ter que nos seguir. Ou forçar alguém da nossa equipe a falar. Tínhamos um avião não identificado nos seguindo quando voamos para cá. Então talvez, eu repito, talvez, estejamos sendo seguidos desde o começo.

Dale sorriu.

— Perfeito. Terminado. — Fez um gesto para Kral: — Desligue. Foi muito bom — disse para Jaeger. — Você se saiu muito bem.

Jaeger abraçou a espingarda.

— Seria melhor se você insistisse um pouco menos em assuntos difíceis. Mas ainda prefiro vocês se metendo onde não são chamados durante uma entrevista do que filmando escondido.

— Entendido. — Dale fez uma pausa. — Escute, você toparia fazer isso que fizemos hoje todos os dias? Como um diário de viagem?

Jaeger começou a caminhar pelo banco de areia em direção ao acampamento.

— Talvez, se tudo der certo... — Depois deu de ombros. — Vamos ver o que acontece.

Capítulo 43

A noite caiu rapidamente na selva.

Depois que o sol se pôs, Jaeger passou repelente e enfiou a barra da calça para dentro das botas, tentando impedir que algum bicho rastejante tentasse invadir seus pés durante a noite.

Iria dormir totalmente vestido, com as botas calçadas e com a espingarda nos braços.

Assim, se fossem atacados durante a noite, estaria pronto para lutar.

Mas, por enquanto, os piores adversários na Serra de los Dios pareciam ser os mosquitos. Jaeger nunca tinha visto insetos tão monstruosos. Podia ouvir o zumbido inquieto dos bichos que o circundavam como se fossem minimorcegos vampiros querendo sugar seu sangue e espalhar doenças. O pior é que os mosquitos conseguiam picar através da calça.

Jaeger já sentia o ataque dos bichos.

Subiu na rede com o corpo queimando de exaustão.

Depois da luta para salvar Narov e da travessia solitária pela selva, estava muito fatigado. Mal tinha descansado na noite anterior. Não tinha dúvidas de que dormiria um sono profundo, especialmente porque Alonzo prometera se manter de guarda durante a noite toda.

O ex-SEAL montara um esquema de sentinela para que sempre houvesse um par de olhos observando a floresta. Se alguém precisasse sair do banco de areia por qualquer razão, mesmo que fosse para fazer cocô, era obrigado a ir com companhia, sempre em par. Assim, todo mundo teria cobertura no caso de surgir algum problema.

Uma escuridão densa e aveludada envolvia o banco de areia, e com ela veio a cacofonia dos sons noturnos: a batida rítmica das cigarras — *priii*, *priii*, *priii* — que continuaria até o amanhecer; as pancadas pesadas de besouros e outros bichos cascudos contra as árvores; os guinchos barulhentos dos morcegos gigantes dando rasantes na água, caçando em pleno voo...

O ar sobre o Rio de los Dios estava cheio deles, as asas batendo no escuro. Jaeger conseguia distinguir a silhueta da frota de morcegos bruxuleando à luz parca das estrelas, filtrada pelas copas das árvores. As sombras assustadoras dos morcegos contrastavam com o brilho pulsante dos vaga-lumes.

A luz dos vaga-lumes salpicava a noite sedosa como se fosse poeira estelar. Por toda a extensão do rio, os insetos formavam uma mancha de um azul-esverdeado fluorescente, aparecendo entre as árvores. Vez ou outra, um deles desaparecia — *pluft* — a luz sendo ceifada por um morcego. Exatamente como as quatro pessoas da equipe de Jaeger que tinham sido engolidas pela escuridão de um inimigo fantasmagórico e sombrio.

Sozinho durante a noite, Jaeger se deixou invadir pelas dúvidas que se esforçara para repelir durante o dia. Estavam há pouquíssimo tempo na selva e cinco pessoas já haviam desaparecido. De alguma forma, Jaeger precisava resgatar a confiança da equipe e, verdade seja dita, não sabia como poderia fazer isso.

Mas essa não era a primeira vez que se sentia tão arrasado. Já havia conseguido reverter situações muito piores antes. Ele possuía uma força interior que aflorava nessas situações; uma parte de si prosperava em momentos de incerteza e diante de cenários assustadores.

De uma coisa Jaeger tinha certeza: a resposta para tudo — para todos os infortúnios que vinha enfrentando nos últimos dias — estava no âmago da floresta, no local onde a aeronave danificada se encontrava.

E isso era o que continuava a impulsioná-lo para a frente.

Jaeger ergueu um dos pés e alcançou o cadarço da bota esquerda. Desamarrou-o, tirou a bota e pegou alguma coisa de baixo da sola. Jogou a luz da lanterna na foto e dois rostos miraram o dele — os olhos verdes e os cabelos escuros da sua linda mulher, e o menino tão parecido com Jaeger, agarrando-se a ela.

Algumas noites — muitas noites — Jaeger ainda rezava por eles. Tinha feito isso durante os anos em Bioko. E o fazia novamente naquela noite, deitado em uma rede pendurada entre duas árvores num banco de areia no Rio de los Dios. Na aeronave distante, Jaeger sabia que encontraria respostas, talvez até para a pergunta mais importante de sua vida: o que teria acontecido com sua mulher e seu filho?

Relaxou o corpo, ainda agarrado à foto.

Conforme ia se deixando levar pelo sono, sentiu que uma trégua havia sido decretada por quem quer que estivesse contra eles. Pela primeira vez desde que descera de paraquedas na Serra de los Dios, não sentia a presença de olhos vigilantes — não parecia haver olhos hostis nas sombras da selva.

Mas sabia que essa era uma situação temporária. Tinha lutado a primeira batalha. As primeiras baixas foram contabilizadas.

Mas a guerra propriamente dita estava só começando.

Capítulo 44

Estavam há três dias navegando no Rio de los Dios — e durante esse tempo Jaeger repassara com todos os planos do próximo estágio da jornada até quase fritar o cérebro.

Três dias viajando a oeste num rio que fluía a uma velocidade de aproximadamente 6 km/h: pela água, eles haviam percorrido uns bons 120 quilômetros.

Jaeger estava satisfeito com o progresso da equipe. Uma distância dessas por terra exigiria muito mais horas e teria sido muito mais exaustiva — sem mencionar o perigo.

Estavam no meio da tarde do terceiro dia quando Jaeger avistou o que estivera procurando todo tempo: o Encontro das Águas. O local onde o Rio de los Dios se juntava ao Rio Ouro — menor e mais fraco. Enquanto o Rio de los Dios era cheio de resíduos da floresta e tinha uma cor marrom-escura, quase preta, o Rio Ouro era dourado, e suas águas eram ricas em sedimentos que desciam das montanhas.

No local onde os dois rios convergiam, as águas frias e densas do Rio Ouro se mostravam relutantes em se misturar àquelas quentes e menos densas do Rio de los Dios — por isso, era possível distinguir a divisão das águas, que corriam lado a lado por um ou dois quilômetros, quase sem se misturar.

No Encontro das Águas, o menor dos rios — Rio Ouro — acabava por se fundir ao Rio de los Dios. Nesse ponto, Jaeger e sua equipe puderam determinar que estavam a menos de três quilômetros do ponto em que deveriam desembarcar — isso porque mais à frente havia uma barreira instransponível, o ponto em que o rio virava uma queda-d’água de mais de trezentos metros, a Catarata do Diabo.

Até agora, a viagem tinha acontecido num planalto camuflado pela selva. Mas o local onde o Rio de los Dios se derramava na Catarata do Diabo marcava um ponto em que o planalto se dividia em dois por uma linha irregular gigantesca. A

parte a oeste ficava uns trezentos metros mais baixa e formava um gigantesco tapete de floresta de várzea.

A localização pretendida por Jaeger — o local onde estava a aeronave — ficava trinta quilômetros adiante da Catarata do Diabo, no meio da floresta de várzea.

Jaeger ajustou a posição da canoa, o remo entrando na água silenciosamente, mal formando ondas no rio. Ex-fuzileiro naval dos Royal Marines, sentia-se bastante à vontade na água. Tomou a frente, escolhendo o melhor trecho do rio e ajudando os que vinham atrás a navegar pelos baixios mais traiçoeiros. Pensou nos próximos passos. As decisões agora teriam consequências críticas.

A viagem pelo rio tinha sido tranquila, pelo menos quando comparada ao que acontecera antes em terra. Mas Jaeger temia que, com o desembarque, esse período transitório de calmaria estivesse prestes a acabar.

Detectou uma nova ameaça pairando no ar: um rugido gutural encheu seus ouvidos, parecido com o som do estouro de uma boiada de milhares de animais na planície africana.

Olhou adiante.

No horizonte, era possível distinguir uma torre de névoa formada pela espuma do Rio de los Dios ao cair em cascata numa das mais altas e poderosas cataratas do mundo.

Não seria possível descer de canoa a Catarata do Diabo — isso ficara óbvio pelas fotos aéreas.

A única rota possível era uma trilha na mata que levava escarpa abaixo, mas que ficava a um dia de caminhada para norte de onde estavam.

O plano de Jaeger era deixar o rio em breve e fazer a última parte da viagem — incluindo a descida da escarpa — a pé.

Contornar a Catarata do Diabo os desviaria um pouco do caminho, mas não havia alternativa. Jaeger estudara o local de todos os ângulos possíveis e o caminho pela escarpa era a única opção para continuar.

Quem ou o que havia feito a trilha ainda era um mistério.

Podia ter sido feita por animais selvagens.

Podia ter sido feita pelos índios.

Ou podia ter sido feita pelos inimigos que estavam em algum lugar da selva — armados, hostis e perigosos.

Capítulo 45

Havia um problema secundário que Jaeger vinha enfrentando: sempre visualizaram essa parte da viagem como um desafio para dez pessoas. Só que agora o grupo estava reduzido a cinco, e Jaeger não tinha certeza do que fazer com o kit dos integrantes desaparecidos. Tinha colocado as bagagens de todos dentro das canoas, mas não seria possível carregá-las dali em diante.

Abandonar o kit seria o equivalente a telegrafar a aceitação de que os desaparecidos estavam mortos. Mas não havia outra saída.

Jaeger olhou para trás.

Sua canoa estava orientando o caminho para as outras, que vinham atrás em fila. Havia cinco canoas no total — embarcações infláveis semidobráveis de quatro metros e meio. As canoas tinham sido trazidas nos para-tubos, amarrados aos paraquedas de Kamishi e Krakow. Cada canoa pesava 25 quilos e podia ser dobrada num cubo de um metro quadrado. Porém, quando aberta, a canoa carregava até 249 quilos.

Os integrantes da equipe haviam desembrulhado as canoas quando ainda estavam no banco de areia. Lá, foram infladas com bombas de ar e lançadas, com todo o equipamento que haviam trazido, dentro da água. Cada canoa tinha um casco triplo, extremamente resistente, apoiado em ligas de alumínio para aumentar a estabilidade, e também contava com assento ajustável, o que permitia cobrir longas distâncias sem ficar com escoriações por atrito repetitivo.

Com seis câmaras infláveis, além de sacos estanques, a canoa era praticamente impossível de afundar — como a equipe pudera comprovar nos trechos de corredeiras que havia enfrentado.

Originalmente, Jaeger planejara ter cinco canoas na água, cada uma com duas pessoas da equipe. Mas com os desfalques no grupo, o plano foi refeito e cada um ficou acomodado em uma canoa. Dale e Kral pareciam os mais aliviados de não ter que enfrentar uma jornada de três dias compartilhando a mesma canoa.

Jaeger achava que a animosidade entre os câmeras era fruto de uma única

razão. Kral se ressentia da posição de Dale. Dale estava dirigindo as filmagens, enquanto Kral era apenas o produtor-assistente, e a antipatia do eslovaco pelo colega estava começando a aparecer. Dale, por outro lado, não disfarçava a irritação com o infeliz hábito de Kral de sugar os dentes.

Jaeger participara de uma quantidade suficiente de expedições para saber que, no meio da selva, melhores amigos podiam acabar se odiando para sempre. Era preciso acabar com o problema, porque o atrito dos dois poderia colocar em risco toda a expedição.

O restante do grupo — Jaeger, Alonzo e Kamishi — vinha se entendendo muito bem.

Poucas coisas eram capazes de criar laços mais fortes entre machos alfa do que a ameaça de um inimigo tão inesperado e predatório. Os três ex-soldados de elite estavam unidos na adversidade. Apenas os câmeras viviam se atritando.

Quando a ponta da canoa de Jaeger cruzou o Encontro das Águas — douradas de um lado e escuras do outro —, o líder da expedição pensou em como tinha se sentido feliz na travessia pelo rio.

Quase totalmente feliz. Era óbvio que a perda dos cinco integrantes da equipe lançara uma sombra em qualquer possível progresso, mas era com a possibilidade desse tipo de aventura — uma longa jornada num rio remoto e selvagem, no coração de uma das maiores florestas do planeta — que Jaeger havia sonhado quando recebera a proposta em Londres.

Os rios da Amazônia eram corredores de luz e vida: animais selvagens afluíam para as margens e o ar parecia obedecer ao ritmo das batidas de asas de uma miríade de pássaros.

Cada canoa tinha um sistema de amarras elásticas, o que oferecia acesso rápido a equipamentos vitais. Era o caso da espingarda de Jaeger, que estava ao alcance da mão. Se algum jacaré-açu tentasse causar qualquer problema, ele poderia abrir fogo contra o animal em segundos. Porém, a maioria dos bichos preferia manter distância, já que as canoas eram a maior coisa a se mexer no rio.

Em determinado momento naquela manhã, Jaeger chegara a deixar a canoa flutuar silenciosamente por conta própria na correnteza só para ver uma onça-pintada atacando uma presa. O enorme felino vinha se deslocando suavemente, tomando todo o cuidado para não fazer barulho. Atravessou uma parte do rio no ponto cego de um jacaré que tomava banho de sol num dos bancos de lama. Era um jacaré comum, bem menor que os jacarés-açu.

O felino perseguiu o jacaré até o banco de lama e o atacou. O réptil sentiu o perigo e tentou virar a grande boca para trás. Mas o felino foi muito mais rápido. Com as patas em cima do dorso do jacaré, segurou a cabeça da presa com seus dentes poderosos. Foi uma morte instantânea, e a onça-pintada arrastou o jacaré

pela água até a margem do rio.

Jaeger assistiu à cena inteira e teve vontade de aplaudir o felino. O placar ficou a favor da onça-pintada, e Jaeger se sentia mais seguro assim.

Depois da batalha que tivera com um dos répteis gigantes, e tendo perdido Irina Narov, Jaeger desenvolvera uma profunda ojeriza por jacarés de todo tipo.

Havia outra razão para a travessia pelo rio ter sido tão feliz para Jaeger: as canoas de Dale e Kral estavam posicionadas no fim da fila. Ele argumentara que os dois eram os mais inexperientes e, portanto, deveriam ficar afastados, para o caso de aparecer algum problema. Colocando ambos bem longe, Jaeger também ficava protegido das lentes de Dale.

Porém, durante o último dia no rio, Jaeger percebeu que estava sentindo falta das entrevistas. A câmera tinha se tornado, de um jeito estranho, alguém com quem conversar para descarregar o estresse. Jaeger nunca estivera em uma expedição sem um amigo de verdade como companhia.

Alonzo era legal como segundo em comando. Na verdade, lembrava um pouco Raff, e, com seu físico impressionante, o ex-SEAL deveria ser um excelente soldado. Com o tempo, Jaeger achava que Alonzo podia se tornar um amigo leal — mas ainda não tinham intimidade suficiente para que ele se tornasse seu confidente.

Muito menos Hiro Kamishi. Jaeger achava que teria muito a compartilhar com o japonês calado — um homem criado nas crenças místicas dos soldados do leste, do Bushido. Mas era preciso que se conhecessem melhor antes. Tanto Kamishi quanto Alonzo eram tipos durões de forças de elite, e levava um tempo para caras assim baixarem a guarda e se abrirem.

Na verdade, a mesma crítica servia bem para Jaeger. Depois de três anos em Bioko, estava bastante consciente do quanto se sentia confortável sozinho. Não era o arquétipo do solitário, o típico ex-militar que não confiava em ninguém, mas tinha se tornado um adepto desse tipo de vida autônoma. Estava acostumado, e ficar sozinho às vezes parecia mais fácil.

Por um momento, Jaeger imaginou como teria sido com Irina Narov. Será que com o tempo a russa teria se mostrado uma pessoa com quem ele poderia conversar? Não tinha ideia.

Na ausência da russa, a câmera tinha se tornado uma confidente. Mas essa solução vinha com um problema: Dale. Jaeger não conseguia confiar no câmera.

Só que era tudo o que tinha à disposição.

Na tarde anterior, quando estavam acampando nas margens do rio, Jaeger concedeu uma segunda entrevista a Dale. Durante a conversa, percebeu que começava a simpatizar com o cara. Dale tinha um jeito realmente incrível de arrancar informações importantes nas entrevistas, de uma forma calma e digna.

Era um dom raro, e Jaeger começava a respeitá-lo por isso.

Depois da entrevista, Stefan Kral ficou por perto para tentar uma conversa particular. Enquanto guardava os equipamentos, começou a falar sobre o episódio da filmagem furtiva no banco de areia.

— Espero que você não pense que estou inventando, mas acho que você precisa saber — começou, o estranho tique sempre no rosto. — Aquela filmagem sem seu consentimento foi ideia do Dale. Ele me pediu para fazer as perguntas, enquanto lidava com a câmera. — Kral olhou para Jaeger, desconfortável. — Eu falei que não ia funcionar. Que você ia descobrir. Mas Dale não me ouviu. E ele é o grande diretor, enquanto eu sou apenas o assistente, pelo menos ele vê assim, então, não sou eu quem dá as ordens. — As palavras de Kral saíam cheias de ressentimento. — Sou bem mais velho que Dale. Fiz muito mais filmagens na selva, mas eu é que devo obedecer. Para ser sincero, se eu fosse você, ficaria esperto com ele. Dale pode tentar a mesma artimanha de novo. Só queria dar esse toque.

— Obrigado — disse Jaeger. — Vou ficar de olho.

— Tenho três filhos, e sabe qual é o filme preferido deles? — continuou Kral, aquele estranho sorriso se abrindo no rosto. — *Shrek*. E sabe o que mais? Dale é a porra do Príncipe Encantado. E ele sabe usar isso muito bem. O mundo da TV é cheio de mulheres, produtoras, executivas e diretoras, e ele coloca todas no bolso.

Durante seu tempo no exército, Jaeger tinha adquirido a reputação de transformar coitados como Kral em heróis, o que explicava a afinidade natural com o câmera — e Kral era definitivamente um coitado quando comparado a Dale.

Mas, ao mesmo tempo, Jaeger entendia por que Carson tinha escolhido Dale. No exército, muitas vezes você se depara com jovens comandando caras com muito mais experiência simplesmente porque sabem liderar. E, se fosse Carson, Jaeger teria feito a mesma escolha.

Fez o que pôde para acalmar Kral. Disse que se Kral estivesse seriamente desconfiado de alguma coisa, poderia falar com ele. Mas que, no fim das contas, os dois deviam se entender. Isso era vital.

Esse tipo de tensão — esse ressentimento velado — poderia acabar com a expedição.

Abaixo da proa da canoa de Jaeger, as águas claras e escuras começavam a se misturar num cinza-escuro e o barulho da Catarata do Diabo aumentava, parecendo um trovão, o que fez Jaeger se concentrar nas prioridades do momento.

Precisavam desembarcar em terra firme.

À frente, um pouco à direita, observou um banco de lama parcialmente escondido atrás de alguns galhos.

Fez um gesto para os demais e virou a canoa em direção ao banco de lama, sendo prontamente seguido por todos. Enquanto remava, percebeu um movimento abaixo das copas das árvores — sem dúvida algum animal voando para a margem. Observou a área escura logo abaixo dos galhos, à espera que o bicho se mostrasse.

Um segundo depois, uma sombra se mexeu, saindo do meio das árvores.

Uma figura humana.

Descalço, nu — exceto por um cinto feito de cascas de árvore ao redor da cintura —, o homem se mostrava por inteiro, encarando Jaeger.

Uns quinhentos metros de rio separavam Jaeger do guerreiro da, até então, tribo isolada da Amazônia.

Capítulo 46

Não havia dúvida de que o cara queria se mostrar. A questão era: por quê? O índio tinha saído das sombras, mas era evidente que poderia ter permanecido escondido se quisesse.

Carregava com elegância um arco e flecha em uma das mãos.

Jaeger conhecia bem esse tipo de arma. Cada uma das flechas compridas era feita com um corte de bambu de trinta centímetros, afiada como uma navalha e com as laterais serrilhadas.

Uma das pontas da flecha era embebida num veneno anticoagulante retirado da árvore tiki uba. A outra ponta trazia penas de araras, que ajudavam a dar equilíbrio quando a flecha era lançada. Se uma pessoa fosse atingida pela ponta da flecha, o anticoagulante impediria o ferimento de cicatrizar e a vítima sangraria até a morte.

O alcance de uma zarabatana era de pouco mais de trinta metros — o suficiente para chegar ao topo das árvores. Já o arco e a flecha atingiam quatro ou cinco vezes essa distância.

Era o tipo de arma que a tribo usava para caçar grandes presas: talvez jacarés, certamente uma onça-pintada e, sem dúvida, adversários humanos que invadissem suas terras.

Jaeger usou o remo para lançar um aviso de alerta para que os companheiros que vinham atrás prestassem atenção, caso ainda não tivessem visto o índio.

Recolheu o remo para dentro da canoa, deixando a mão direita sobre a arma. Ficou à deriva por alguns segundos, olhando silenciosamente para o índio da Amazônia, que o encarava de volta.

O índio fez um breve sinal com a mão. Outros índios apareceram, vestidos e armados de forma similar, dos dois lados do chefe.

Jaeger contou doze índios, mas era provável que outros estivessem escondidos. Como que para confirmar as suspeitas, o chefe da tribo — só podia ser o chefe — fez um segundo gesto, como se estivesse dando uma deixa para o

grupo.

Um grito ecoou pelo rio.

Animal, gutural, vindo do lugar mais fundo da garganta. E, rapidamente, o grito se tornou uma espécie de canto de guerra que se espalhava pela água, desafiador. O som era pontuado por uma série de percussões incrivelmente poderosas, como se um tambor gigante estivesse marcando o ritmo na floresta: *kabum-bum-bum, kabum-bum-bum!*

As batidas mais graves ecoavam pela água, e Jaeger as reconheceu. Tinha ouvido algo similar quando trabalhara com o coronel Evandro e a equipe da BOE. Em algum lugar, escondidos entre as árvores, os índios batiam com clavas pesadas numa raiz tubular gigante, e o som que saía era como o de um trovão.

O líder dos índios levantou o arco e o sacudiu na direção de Jaeger. Os gritos de guerra aumentaram de intensidade, as batidas na raiz tubular pontuando cada movimento da arma. O gesto — e todo o efeito produzido — não precisava de tradução.

Não se aproxime.

O problema era que não havia como escapar. Recuar significava remar mais de cem quilômetros pelo rio, contra a correnteza e na direção errada. Ir em frente era encarar a Catarata do Diabo.

Ou desembarcavam ali, ou Jaeger e sua equipe estariam muito encrencados.

Não era a forma mais auspiciosa de fazer um primeiro contato, mas Jaeger não tinha escolha. Mais alguns segundos e estaria virando espeto nas flechas da tribo — e dessa vez não havia dúvida de que elas estariam embebidas em veneno.

Pegou sua espingarda, apontou para o rio bem na frente da canoa e abriu fogo. Seis tiros de aviso foram disparados em rápida sucessão, jorrando água para todo lado. A reação dos índios foi instantânea.

As flechas começaram a vir dos guerreiros que estavam do lado direito do chefe. Eram lançadas para o alto antes de descerem em direção ao alvo, e caíam perto da proa da canoa de Jaeger. Gritos ecoavam aqui e ali e, por um momento, Jaeger achou que a tribo estava determinada a ficar e lutar.

A última coisa que ele queria fazer ali era guerrear com aquela tribo isolada. Mas, se não houvesse escolha, usaria todos os meios necessários para defender sua equipe até o fim.

Por longos segundos, Jaeger sustentou o olhar do chefe da tribo, como se uma batalha de vontades estivesse sendo travada por sobre o rio.

O chefe fez um novo gesto, agora em direção à selva. Os índios que estavam dos dois lados do líder desapareceram entre as árvores. Em um segundo, tinham se tornado invisíveis. Jaeger já havia visto tribos selvagens desaparecerem instantaneamente muitas vezes, e isso nunca deixava de maravilhá-lo. Nunca

vira ninguém, nem mesmo Raff, conseguir fazer coisa igual.

Apenas o chefe da tribo permaneceu onde estava, imóvel — o semblante anuviado. Ficou sozinho encarando Jaeger. A canoa se aproximava da margem do rio. Jaeger viu o índio levantar alguma coisa com a mão direita e, então, com um grito de ódio, fincá-la com força na lama. Parecia ser uma lança com uma bandeira tremulando na extremidade. Isso feito, o chefe se virou e desapareceu.

Jaeger ficou alerta. Continuou à frente do grupo, mas com Alonzo e Kamishi dando cobertura pelas laterais, um pouco atrás dele, armas à mão. Bem mais atrás vinham Dale e Kral com a câmera, tentando filmar cada movimento.

Jaeger sabia que tinha boa cobertura e apostava que sua demonstração de força — os tiros dados com a espingarda — tinha afastado a tribo. Com algumas remadas fortes, cobriu os últimos metros que o separavam da margem. Pegou a arma e a posicionou no ombro, com o cano apontando ameaçadoramente para a parte escura abaixo das árvores.

Nenhum sinal de movimento. A frente da canoa encostou na lama e parou. Jaeger pulou rapidamente, agachou-se na água rasa atrás da canoa carregada de equipamentos, sua arma perscrutando a selva logo à frente. Por uns bons cinco minutos não se mexeu.

Permaneceu debruçado sobre a arma, ouvindo e observando. Estava adaptando cada um dos sentidos ao novo ambiente, filtrando os ruídos que considerava naturais. Se conseguisse se adaptar ao ritmo da floresta — aos batimentos cardíacos dela —, conseguiria distinguir qualquer som fora do normal, como uma passada humana ou um guerreiro preparando um tiro de arco e flecha.

Mas não havia nada que pudesse detectar. A tribo parecia ter desaparecido tão silenciosamente quanto tinha aparecido. Ainda assim, Jaeger não acreditava que tivessem se retirado de todo.

Mantendo a arma à mão, fez um sinal para que Alonzo e Kamishi se aproximassem. Quando a canoa dos dois estava praticamente ao lado da de Jaeger, ele se levantou e saiu esquadrinhando as sombras, a espingarda preparada para atirar.

Tendo percorrido a metade da distância até o banco de lama, apoiou-se em um dos joelhos, a arma novamente apontada para o escuro território à frente. Sinalizou outra vez para Alonzo e Kamishi. Quando os dois se aproximaram, Jaeger avançou mais um pouco até chegar à lança que o chefe da tribo tinha enfiado no chão.

Letícia Santos, a brasileira desaparecida que fazia parte da equipe de Jaeger, usava uma bela echarpe colorida com a palavra “Carnaval!”. Jaeger falava um pouco de português — aprendera a língua no tempo que passara com os grupos

da BOE — e tinha feito um comentário de como a echarpe combinava com o espírito caloroso de Letícia. Ela explicara que o lenço fora um presente da irmã no carnaval anterior, no Rio, e que o usava para dar sorte.

Era a echarpe de Letícia Santos que estava tremulando na ponta da lança do chefe indígena.

Capítulo 47

Enquanto Jaeger guardava os equipamentos na mochila, falava depressa, com urgência.

— Um: como eles chegaram antes da gente tão rápido e sem usar o rio? Dois: por que quiseram nos mostrar a echarpe da Santos? Três: por que simplesmente desapareceram depois disso?

— Para nos avisar que é apenas questão de tempo até pegarem todos nós. — Era Kral, e Jaeger percebeu que seu tique do sorriso estava enfraquecido por uma expressão de preocupação. — A coisa toda está ficando feia bem depressa.

Jaeger o ignorou. Considerava a si mesmo um cara realista. Já Kral tinha o hábito de ver as coisas pelo lado negativo, e era preciso que se mantivessem motivados e concentrados.

Se se deixassem abater ali, no meio da selva, estariam liquidados.

Tinham descarregado os equipamentos das canoas e montado um acampamento improvisado na beira do rio, e Jaeger continuava a recolher o equipamento o mais rápido que podia.

— Isso significa que eles têm um ponto de observação — disse Jaeger. — Um ponto a partir do qual conseguem nos rastrear. Por isso é ainda mais importante que a gente se desloque de uma vez, com pouca bagagem e rápido.

Ele encarou o monte de equipamentos sobre uma lona — coisas que pretendiam deixar para trás. Estavam ali todos os acessórios agora irrelevantes: paraquedas, o material para canoagem no rio, armas extras.

— Tudo, repito, tudo que não for necessário deve ser deixado no esconderijo. Qualquer peso extra. Na dúvida, abandonem.

Jaeger olhou as canoas estacionadas nas margens.

— Vamos desinflar as canoas, e escondê-las também. Para onde vamos, só usaremos os pés.

Todos assentiram.

Jaeger fitou Dale.

— Vocês levam um Thuraya para os dois. O da Wild Dog Media. Eu vou levar outro. Alonzo, você fica com o terceiro. Teremos três para nós cinco. O restante, vamos deixar.

Houve uma série de murmúrios em concordância.

— E vocês — Jaeger olhou para Dale e Kral —, sabem usar uma arma?

Dale deu de ombros.

— Já joguei Xbox.

Kral revirou os olhos na direção de Dale.

— Qualquer pessoa aprende a atirar na Eslováquia. De onde venho, todo mundo aprende a caçar, especialmente nas montanhas.

Jaeger fez sinal de positivo com o polegar.

— Vá pegar um fuzil de assalto e seis pentes de munição. Vai ser uma arma para vocês dois. O melhor é se revezarem para carregar o material enquanto caminham, porque sei que já têm o peso extra dos equipamentos de filmagem.

Jaeger manteve na mão por um momento a faca de Narov e, em seguida, colocou-a na pilha de coisas a serem deixadas para trás. Em teoria, o esconderijo tinha sido montado para que o material pudesse ficar o mais escondido possível numa localização conhecida, para que fosse resgatado depois. Na prática, Jaeger não conseguia imaginar quem algum dia voltaria para buscar o que estavam descartando ali.

Na verdade, achava que, uma vez que tivessem ido embora, aquilo tudo estaria perdido.

Mudou de ideia e colocou a faca de Narov na pilha do que estava levando. Fez o mesmo com a moeda dos Night Stalkers que o piloto do C-130 tinha lhe dado. Ambas decisões emocionais: nem a faca nem a moeda eram cruciais para o que enfrentariam em seguida. Mas Jaeger era assim: supersticioso, e não jogava fora o que tivesse um significado especial para ele.

— Pelo menos agora sabemos quem são nossos inimigos — observou, tentando levantar o moral da equipe. — Não poderiam ter deixado uma mensagem mais direta, nem se a escrevessem na areia.

— Qual é a mensagem, na sua opinião? — perguntou Kamishi, a voz pontuada pela calma e tranquilidade que lhe eram características. — Para mim, ela pode ser interpretada de formas diferentes.

Jaeger voltou-se para Kamishi, curioso.

— A echarpe da Santos amarrada numa lança e fincada na terra? Acho que está claro: não se aproximem ou terão o mesmo destino.

— Existe talvez uma outra interpretação — arriscou Kamishi. — Não é necessariamente uma ameaça direta.

Alonzo grunhiu.

— Claro que é.

Jaeger fez um sinal da direção do ex-SEAL, pedindo silêncio.

— Qual é a sua interpretação?

— Acho que pode ajudar se a gente olhar pela perspectiva deles — continuou Kamishi. — Talvez os índios estejam assustados. A gente deve parecer um bando de seres de outro planeta para eles. Caímos do céu no seu mundo isolado. Planamos pelas águas nessas canoas mágicas. Carregamos trovões que explodem na água. Se você nunca tivesse visto uma coisa dessas, também não estaria assustado? A reação humana primordial ao medo é a raiva, a agressividade.

— Prossiga — disse Jaeger.

Kamishi olhou os demais à sua volta. Todos tinham parado o que estavam fazendo para ouvir e, no caso de Dale, filmar.

— Sabemos que essa tribo sempre sofreu agressões de quem vinha de fora — continuou Kamishi. — Os poucos contatos que tiveram com o mundo exterior foram com pessoas que queriam lhes fazer mal: madeireiros, garimpeiros e outros prontos a roubar suas terras. Por que esperariam algo diferente da gente?

— Aonde você quer chegar? — interrogou Jaeger.

— Acho que talvez a gente pudesse usar uma técnica dupla de aproximação — propôs Kamishi, calmamente. — Por um lado, ficamos em guarda, especialmente quando entrarmos na floresta, que é domínio deles. Por outro, precisamos tentar persuadir os amahuacas; precisamos achar maneiras de mostrar a eles que nossas intenções são amigáveis.

— Conquistar corações e mentes? — perguntou Jaeger.

— Isso, corações e mentes — confirmou Kamishi. — Tem mais uma vantagem em tentarmos conquistar os corações e as mentes dessa tribo. Temos uma longa e difícil jornada pela frente. E ninguém conhece melhor a floresta que os índios.

— Para com isso, Kamishi. Cai na real! — contestou Alonzo. — Eles mataram um dos nossos, provavelmente fizeram churrasquinho da Santos, e a gente vai tentar ser legal com eles? Não sei de que planeta você vem, mas no meu mundo a gente responde fogo com fogo.

Kamishi assentiu de leve.

— Sr. Alonzo, devemos estar sempre prontos a responder fogo com fogo. Algumas vezes esse é o único jeito. Mas a gente precisa estar pronto também para tentar do jeito amigável. Às vezes, esse pode ser o melhor caminho.

Alonzo coçou a cabeça.

— Sei lá, cara... Jaeger?

— Vamos estar prontos para fazer dos dois jeitos — anunciou Jaeger. — Prontos para abrir fogo e para uma aproximação amigável. Mas ninguém deve

correr riscos desnecessários para atrair os índios. Não vamos repetir o que aconteceu antes.

Indicou o esconderijo dos equipamentos.

— Kamishi, pegue alguns itens de que você acha que eles possam gostar. Presentes. Vamos levar conosco. Para tentar atrai-los.

Kamishi assentiu.

— Vou separar algumas coisas. Roupas impermeáveis, ferramentas, panelas... para uma tribo isolada, essas coisas serão úteis.

Jaeger checou o relógio.

— Bom, são 1400 Zulu. Estamos a um dia e meio do começo da trilha que desce a escarpa; um pouco menos se a gente acelerar o passo pra valer. Se sairmos agora, devemos chegar lá amanhã no fim do dia.

Jaeger sacou sua bússola e apanhou algumas pedras, semelhantes às que tinha usado antes para contar os passos.

— Estaremos caminhando embaixo das copas das árvores, seguindo o método de orientação a passo e bússola. Acho que alguns de vocês — e fitou Kral e Dale — não conhecem a técnica. Então, fiquem perto. Mas não perto demais.

Jaeger encarou os outros.

— Não quero que estejamos tão juntos porque isso pode nos tornar um alvo fácil.

Capítulo 48

A caminhada correspondeu às melhores expectativas de Jaeger. O percurso corria pelo interior da mata até a escarpa e o chão era mais pedregoso, mais seco e com floresta menos densa. O resultado foi que fizeram um progresso razoável.

Na primeira noite em que acamparam na floresta, colocaram em prática a dupla estratégia estabelecida em comum acordo por todos — uma vigília ainda mais rigorosa, mas, ao mesmo tempo, uma tentativa de fazer algum tipo de contato pacífico.

Durante seu tempo no exército, Jaeger tinha participado de algumas operações do tipo "corações e mentes" — destinadas a fazer contato amigável com populações nativas onde quer que a missão acontecesse. Os habitantes locais em geral têm um conhecimento valioso dos movimentos dos inimigos, e também conhecem as melhores rotas por onde persegui-los e emboscá-los. Fazia sentido tentar ganhar aliados entre os nativos.

Com a ajuda de Hiro Kamishi, Jaeger separou alguns presentes e depois os pendurou nas árvores, fora do campo visual do acampamento que tinham montado. Eram facas, facões, panelas: o tipo de equipamento de que Jaeger teria gostado se fizesse parte de uma tribo isolada morando no meio da maior floresta do mundo.

Não tentaram escrever cartazes como os de Joe James. Tribos isoladas em geral não sabem ler. A boa notícia foi que, pela manhã, vários dos objetos oferecidos tinham sido coletados. Em seu lugar, alguém — possivelmente guerreiros indígenas — também tinha deixado presentes: frutas frescas, amuletos de ossos de animais e até uma aljava de couro de onça-pintada para guardar zarabatanas.

Jaeger ficou feliz. Os primeiros contatos pacíficos pareciam estar funcionando. Mesmo assim, estava determinado a não relaxar a vigilância. Os índios estavam definitivamente por perto, seguindo Jaeger e a equipe, e isso significava que a ameaça continuava a ser bem real.

Jaeger liderou o caminho até o segundo acampamento previsto, no alto de um precipício de trezentos metros, bem no começo da trilha que levava ao fundo do vale. Estava começando a escurecer quando encontraram um lugar adequado para passar a noite.

Jaeger sinalizou ao grupo que parasse. Todos deixaram cair as mochilas e se acomodaram sobre elas sem dizer nada. Jaeger os fez passar dez longos minutos em “escuta vigilante”, sintonizando com a floresta e perscrutando qualquer ameaça. Tudo parecia calmo.

Por fim, o líder sinalizou que deveriam montar acampamento. Trabalharam na escuridão, sem nenhuma iluminação que pudesse alertar os índios de sua localização exata. Quando o acampamento estava pronto, Jaeger e Kamishi planejaram colocar alguns presentes em locais mais distantes, para garantir uma dose extra de segurança.

Jaeger tirou o poncho de dentro da mochila e o amarrou em quatro árvores, formando um teto à prova d’água. Isso feito, trocou a roupa de caminhada, empapada de suor. Todos da equipe carregavam uma muda de roupas secas: calça e camisa de combate, além de meias. A noite era a hora de usar roupa seca — era quando tinham poucas, mas preciosas horas para dar uma chance ao corpo de se recuperar. Poder ficar um pouco com roupas secas era crucial. Se usassem permanentemente as molhadas de suor, a pele começaria a criar feridas por causa do calor e da umidade.

Já vestido com as roupas secas, Jaeger esticou a rede embaixo do poncho. A rede era feita do mesmo tecido do paraquedas, o que a tornava leve, forte e durável. Havia duas camadas de tecido — uma para deitar em cima e a outra para fechar a rede, como um casulo. Isso ajudava a proteger-se dos insetos e mantinha o calor — já que à noite a selva podia se mostrar surpreendentemente fria.

Em cada ponta da corda da rede havia uma bola de squash cortada ao meio com a face oca virada para a árvore. Isso ajudava a evitar que a água da chuva escorresse pelas cordas e molhasse a rede. Jaeger passou um pouco de repelente nas extremidades da rede: isso impediria que insetos rastejassem por ali e chegassem até ele.

Colocou a bússola no bolso do traje seco; se tivessem que fugir durante a noite, precisaria ter esse item à mão. A roupa úmida foi enfiada numa embalagem plástica e pendurada no fecho da mochila, que estava embaixo da rede, com a arma em cima. Se precisasse alcançar a arma durante a noite, ela também estaria à mão.

Já estavam na selva havia seis dias e, com o constante esforço físico e a necessidade de vigilância permanente, todos se sentiam extremamente cansados.

Mas manter a rotina da troca de roupa era vital. Jaeger sabia por experiência própria que deixar de vestir a roupa seca numa expedição longa como essa, por preguiça — *ah, estou muito cansado, deixa pra lá* — era fatal. Assim como também era fatal suar na muda de roupa da noite. Doenças como pé de imersão ou micose de virilha não demorariam a fazer estragos, e eram rápidas em impedir uma pessoa de manter o ritmo forte da caminhada.

Antes de deitar em sua rede, Jaeger passou um talco antifungo nas partes mais vulneráveis: entre os dedos do pé, embaixo dos braços e na virilha. Esses eram os lugares passíveis de acumular sujeira, umidade e bactérias, e seriam os primeiros a necrosar e infeccionar.

Pela manhã, Jaeger e sua equipe fariam a rotina reversa — trocando a roupa seca pela molhada, guardando a primeira na mochila, trocando as meias e passando mais talco, e se preparando para a jornada. Era trabalhoso, mas também a única forma de manter o corpo em funcionamento nas condições que se apresentavam.

Por fim, Jaeger verificou os emplastros que colara aos mamilos. A fricção constante da roupa molhada podia deixar o peito em carne viva. Cortou mais alguns pedaços de emplastro, aplicou-os e enfiou os usados no bolso de trás da mochila. Quanto menos coisas fossem deixadas para trás, mais difícil seria rastreá-los.

Com tudo concluído, Jaeger estava pronto para pendurar os presentes dos índios. Ele e Kamishi repetiram o que tinham feito na noite anterior — amarraram os poucos presentes que restavam em galhos baixos de árvores distantes do acampamento. Então retornaram para serem os primeiros a ficar de vigília. Haveria dois pares de olhos abertos durante toda a noite, num esquema rotativo em que o revezamento aconteceria de duas em duas horas.

Jaeger e Kamishi se acomodaram, concentrando-se em seus sentidos — principalmente na audição e na visão, os melhores sistemas de alerta. O segredo para sobreviver na selva era ficar atento, em todos os sentidos possíveis do termo.

Era como uma forma de meditação — esse sintonizar a escuridão da floresta —, e Jaeger podia sentir Kamishi fazendo o mesmo a seu lado.

Deixava a mente aberta para qualquer mudança no ambiente, tornando-se hipersensível a qualquer ameaça. Se seus ouvidos captassem o menor sinal — qualquer coisa diferente no ritmo ensurdecedor dos insetos pulsando na escuridão —, os olhos imediatamente se focariam na possível ameaça.

A tensão aumentava quando Jaeger e Kamishi viam movimentos na escuridão. Qualquer barulho num arbusto disparava a pulsação de Jaeger. Foi quando estranhos ruídos produzidos por animais da floresta ecoaram — era um tipo de

ruído que Jaeger nunca tinha ouvido. E se convenceu, ali, de que pelo menos alguns deles eram ruídos humanos.

Gritos e uivos que não pareciam naturais ecoaram em meio às árvores. Animais selvagens emitiam sons semelhantes — especialmente bandos de macacos. Assim como os nativos das tribos amazônicas, ao sinalizarem algo entre si.

— Está ouvindo isso? — sussurrou Jaeger.

Os dentes brancos de Kamishi apareceram na escuridão.

— Sim, estou ouvindo.

— Animais? Ou índios?

Kamishi fitou Jaeger.

— Acho que são índios. Talvez estejam sinalizando que ficaram felizes com os presentes.

— Seria bom — murmurou Jaeger.

Mas aqueles gritos não se pareciam com nenhum grito de alegria que Jaeger já tivesse ouvido antes.

Capítulo 49

Jaeger acordou.

Era algum momento nas profundezas da noite. Em princípio, não conseguiu perceber o que havia perturbado seu sono.

Porém, conforme seus sentidos se conectavam com os arredores, detectou uma densa e sombria tensão no acampamento. E então, com o canto dos olhos, viu uma sombra fantasmagórica emergir da escuridão. Quase ao mesmo tempo, se deu conta de que havia dezenas de outras sombras saindo das árvores.

Eram silhuetas de homens seminus que se desprendiam da escuridão e se aproximavam silenciosamente do acampamento. Armas a postos, moviam-se com um único intuito. Jaeger esticou o braço, os dedos da mão sentindo o frio aço de sua espingarda. Puxou-a e deslizou-a para dentro da rede.

Além de Jaeger, apenas Alonzo parecia estar acordado. Uma constatação silenciosa foi telegrafada entre os dois: por alguma razão, a vigilância havia falhado e os índios tinham se aproximado sem que ninguém os visse.

Estavam em número muito inferior ao de índios, isso era óbvio, e Jaeger sabia que devia haver muitos outros escondidos na floresta. Também podia antecipar claramente quais seriam as consequências se ele e Alonzo abrissem fogo. Haveria um enorme derramamento de sangue e, mesmo assim, os índios, por estarem em maior número, acabariam por matar todos da equipe.

Jaeger decidiu não atirar e sinalizou para Alonzo fazer o mesmo.

Pouco depois, três homens se materializaram a seu lado. Silenciosos, vestidos apenas com tangas de cascas de árvore e amuletos de penas e ossos, cada um segurando uma zarabatana na direção do rosto de Jaeger. Não havia dúvida de que os dardos estavam embebidos em curare.

Ao redor de Jaeger, os integrantes da equipe foram acordados, aos poucos se dando conta da situação assustadora. Apenas Hiro Kamishi não estava na rede.

Tinham estabelecido uma vigilância rotativa, com várias trocas, e Jaeger se deu conta de que Kamishi deveria estar de sentinela, e provavelmente teria

falhado em antecipar a aproximação dos índios.

Mas por que Kamishi estava sozinho? Deveriam ser duas pessoas na vigilância. De qualquer forma, Jaeger presumiu que Kamishi também era um prisioneiro agora, como o restante da equipe.

Teve pouco tempo para pensar no que fazer. Por meio de gestos bruscos e ordens guturais, os índios fizeram Jaeger compreender que deveria descer da rede. Enquanto dois deles mantinham guarda com as zarabatanas, um terceiro tirou a arma das mãos de Jaeger.

Os índios o obrigaram a desmontar o acampamento, guardar tudo e colocar a mochila nas costas. Então Jaeger levou um empurrão forte por trás que deixava poucas dúvidas sobre o que desejavam que ele fizesse. Queriam que caminhasse, e não havia como colocar a muda de roupas úmidas para isso, fosse qual fosse a jornada que o aguardava.

Ao deixar o acampamento, Jaeger viu o líder dos índios — o mesmo guerreiro que o tinha encarado na margem do rio — dando as ordens. Os olhos dos dois se encontraram, e Jaeger se viu mergulhando num olhar vazio e indecifrável.

Lembrava o da onça-pintada.

Direto, sombrio, indecifrável.

Predatório.

Jaeger foi caminhando ao lado de Hiro Kamishi. O veterano da Tokusha Sakusen Gun — a elite militar do Japão — não conseguia encará-lo. Kamishi devia saber que tinha decepcionado todos da equipe, possivelmente com consequências fatais.

— Foi mal — murmurou, abaixando a cabeça, envergonhado. — Era minha segunda vigília, fechei os olhos apenas por um segundo...

— Todos estamos cansados — sussurrou Jaeger. — Não fique remoendo isso. Mas onde estava seu parceiro de vigia?

Kamishi levantou os olhos para Jaeger.

— Eu devia ter acordado você, mas resolvi deixá-lo dormir. Pensei que era forte o suficiente para fazer a vigília sozinho. Isso — e apontou para os índios — é o resultado. Falhei no meu dever como soldado. Meu orgulho me fez manchar a herança do Bushido.

— Olha, eles pegaram alguns dos nossos presentes — lembrou Jaeger. — Isso prova que podem estar fazendo um contato amigável. Sem você nunca teríamos conseguido isso. Então não tenha vergonha, amigo. Preciso de você forte...

As palavras de Jaeger foram interrompidas por um golpe na cabeça. Um dos índios percebeu que os dois estavam conversando e deu uma pancada com um tacape no crânio de Jaeger. Claramente não se esperava deles que batessem papo, só perna.

Conforme se afastavam do local do acampamento, mais índios emergiam das sombras. De algum jeito inexplicável, conseguiam se manter invisíveis mesmo quando estavam próximos. Só apareciam quando queriam se mostrar.

Jaeger conhecia as técnicas de camuflagem das forças de elite. Tinha passado dias em postos de observação escondidos na selva, mantendo-se invisível para qualquer pessoa que passasse por ele. Mas os índios não se camuflavam, faziam algo muito mais complexo. De alguma maneira, conseguiam usar sua força — e uma energia e habilidade intangíveis — para se mesclarem completamente à selva.

Num treinamento secreto do SAS, Jaeger tinha recebido instruções de um homem que passara anos vivendo nas tribos mais remotas do mundo. O objetivo do trabalho era aprender como se movimentar e lutar tão bem quanto os nativos em seus ambientes. Mas nenhum dos participantes se iludia em achar que dominaria verdadeiramente a técnica.

O jeito como as tribos conseguiam usar essa força era inacreditável. Apesar da situação terrível em que se encontrava, Jaeger estava fascinado de observar tão de perto como os índios agiam. Eles se moviam silenciosamente, sem dar um único passo em falso, mesmo na noite mais escura. A equipe de Jaeger, por outro lado, tropeçava nas raízes e batia nas árvores.

Jaeger sabia que a melhor — e muitas vezes a única — chance de escapar era logo em seguida à captura. Quando os cativos ainda têm energia e condições psicológicas de fugir, e os captores estão menos equipados para lidar com os prisioneiros. Os captores geralmente eram soldados e não sentinelas — e isso faz muita diferença. Mas Jaeger tinha poucas dúvidas do que aconteceria se alguém tentasse fugir agora: era questão de minutos até o fugitivo ser atingido por dardos envenenados ou flechas.

Ainda assim, enquanto caminhava, Jaeger contava os passos. Tinha a bússola numa das mãos, com ponteiros discretamente luminosos e visíveis no escuro, e as pedras na outra.

Era crucial tentar rastrear para onde estavam sendo levados, porque, ao fazer isso, assegurava a única chance de fuga do grupo.

Capítulo 50

Começava a amanhecer quando os índios, Jaeger e o restante da equipe entraram na aldeia — não dava para ver muita coisa do lugar.

Havia uma pequena clareira e, no meio dela, uma única construção — um tipo de casa comunitária em forma de rosquinha. O telhado era de palha avermelhada e ia quase até o chão, e um filete de fumaça cinzenta, de algo que estava sendo assado, serpenteava para fora por uma abertura bem no centro da estrutura.

A construção era rodeada por árvores, o que a tornava praticamente invisível do céu. Por um momento, Jaeger se perguntou onde as pessoas da tribo de fato viviam, mas isso foi antes de ouvir as vozes que vinham de cima. Olhou para o alto e teve sua resposta.

A tribo fazia as casas nas árvores. Havia várias estruturas retangulares pendendo a uns 18 metros ou mais de altura, protegidas pelos galhos mais altos. Os índios subiam até as casas por escadas feitas de cipós e entre algumas das cabanas havia passarelas aéreas parecendo meio bambas.

Jaeger ouvira falar de tribos que viviam assim. Além disso, tinha participado de uma expedição a Papua Nova Guiné onde os nativos korowai eram conhecidos por viver nas árvores e, claramente, não estavam sozinhos entre as tribos que tinham predileção por viver acima da selva.

A fila que marchava parou.

De todos os lados, olhos os fitavam.

Os adultos do sexo masculino não se mexeram de onde estavam, mas as mulheres pareciam desesperadas para sair de perto, e os mais novos se agarravam apavorados às mães. Crianças — sujas, nuas, um pouco curiosas e ao mesmo tempo assustadas — espiavam por trás das árvores, os olhos arregalados de medo e espanto.

Um homem velho, inacreditavelmente magro e enrugado, se aproximou do grupo, endireitou a coluna e chegou o rosto bem perto do de Jaeger, encarando-o — quase como se pudesse enxergar dentro do crânio dele. Continuou a

perscrutar o líder da expedição por vários segundos, depois explodiu numa risada. A experiência era muito desconfortável, quase invasiva. Independentemente do que o velho tivesse visto dentro de sua cabeça, Jaeger se sentiu confuso e perturbado.

Guerreiros foram se amontoando dos dois lados do velho — armados com lanças e zarabatanas —, até Jaeger e a equipe ficarem totalmente cercados. Um segundo índio se aproximou — um ancião grisalho. Quando começou a falar, Jaeger percebeu que se tratava de uma pessoa respeitada pela tribo.

As palavras soavam estranhas — a linguagem ecoava gritos de pássaros e animais, com silvos e ganidos agudos. Logo à esquerda do velho índio estava um jovem que claramente ouvia tudo com grande atenção. O que quer que estivesse acontecendo, Jaeger tinha a desconcertante impressão de que ele e a equipe estavam sendo submetidos a uma espécie de julgamento.

Depois de uns bons dois minutos, o velho parou de falar. O jovem que estava ao lado dele se virou para Jaeger e para a equipe.

— Vocês bem-vindos — falou devagar, num inglês com algumas falhas, mas totalmente compreensível. — O chefe da nossa tribo diz que, se vieram em paz, bem-vindos. Mas, caso tenham chegado até aqui movidos por ódio e queiram fazer mal à nossa gente ou à nossa floresta, vão morrer.

Jaeger fez o possível para se recuperar do choque. Nenhuma tribo isolada do mundo poderia ter um jovem que falava inglês. Ou alguém tinha mentido ou estavam muito desinformados.

— Por favor, desculpe se parecemos surpresos — começou Jaeger —, mas nos disseram que esta tribo nunca tinha tido contato com o mundo exterior. A uns quatro dias de caminhada daqui há uma aeronave, acreditamos que tenha caído na selva quando o mundo estava em guerra. Deve estar lá há uns setenta anos, talvez mais. Nosso propósito é encontrar a aeronave, identificá-la e tentar resgatá-la daqui. Entramos nas terras de vocês por esse único motivo, e nosso desejo é fazer esse caminho de forma pacífica.

O jovem traduziu o que Jaeger dissera e o chefe da tribo respondeu alguma coisa, que foi então traduzida novamente para Jaeger.

— Vocês são as pessoas que caíram do céu?

— Sim — confirmou Jaeger.

— Eram quantos quando caíram? Quantos se perderam?

— Éramos dez — respondeu Jaeger. — Perdemos uma pessoa quase imediatamente, no rio. Duas outras foram levadas naquele mesmo dia. Outras duas no dia seguinte. Não sabemos o que aconteceu com elas, mas um de seus homens... — os olhos de Jaeger passaram pela multidão, parando no líder dos guerreiros — deixou isto. — E puxou a echarpe de Letícia Santos da mochila. —

Talvez possam nos dizer mais alguma coisa?

A pergunta de Jaeger foi ignorada.

As palavras iam e vinham entre o velho e jovem, que disse:

— Se são pacíficos como diz, por que carregam armas como as que vimos?

— Para nossa segurança — respondeu Jaeger. — Existem animais perigosos na selva. E parece que há algumas pessoas perigosas também... embora nós não saibamos quem elas são.

Os olhos do idoso brilharam.

— Podemos mostrar onde está o ouro, vocês gostariam disso? — perguntou, via tradutor. — Não damos valor ao ouro. Não comemos ouro. Mas sabemos que o homem branco luta por ele.

Jaeger percebeu que estava sendo testado.

— Viemos aqui por causa da aeronave. Esta é nossa missão. Quanto ao ouro, ele deve permanecer aqui, na floresta. Isso só traria problemas para vocês. E essa é a última coisa que nós queremos.

O ancião riu.

— Muitos dizem isso: mas apenas quando a última árvore tiver sido cortada, o último animal tiver sido caçado e o último peixe pescado, só então o homem branco vai entender que não se pode comer dinheiro.

Jaeger ficou em silêncio. Uma grande sabedoria emanava dessas palavras, e não havia como argumentar em contrário.

— E essa aeronave que vocês procuram: se encontrarem, ela não vai nos trazer problemas? — perguntou o índio. — Como com o ouro, não é melhor ela ficar perdida na selva? Não seria melhor o homem branco abrir mão disso?

Jaeger deu de ombros.

— Talvez. Mas acho que não. Acho que, se falharmos, outros virão. Já se sabe onde ela está. E, na verdade, penso que somos o melhor que vocês vão encontrar. Sabemos que a floresta ao redor da aeronave foi envenenada. E isto — Jaeger apontou para a selva — é a casa de vocês. É mais do que a casa de vocês. É a vida de vocês. A identidade de vocês. Se tirarmos a aeronave, a floresta poderá voltar a viver.

Jaeger deixou o silêncio pesar entre os dois.

O ancião se virou e fez um gesto em direção à construção central.

— Está vendo aquele fogo que está subindo da nossa casa comunitária? Um banquete está sendo preparado para celebrar uma das duas coisas: ou as boas-vindas para amigos, ou a despedida dos inimigos. — O homem riu. — Então, vamos celebrar a amizade!

Jaeger agradeceu ao chefe da aldeia, embora uma parte dele ansiasse por retomar a missão de uma vez. Sabia que na cultura indígena havia um jeito de

fazer as coisas, um ritmo, um tempo certo. Precisava respeitar isso e confiar no destino. Também sabia que não tinha muita opção.

Quando passou a andar ao lado do chefe da tribo, um grupo chamou a atenção de Jaeger. No meio estava o líder dos guerreiros, o mesmo que tinha encontrado nas margens do rio. Nem todos pareciam satisfeitos com a decisão do ancião de resolver tudo na conversa. Jaeger imaginou que aquele grupo, por exemplo, já vinha afiando as lanças para livrar a floresta de seus inimigos.

Distraído em pensamentos, Jaeger não percebeu quando Dale levantou a câmera. Quando viu, ele já estava com o equipamento no ombro, começando a filmar.

— Pare! — sussurrou Jaeger. — Largue essa merda de câmera!

Mas era tarde demais: o estrago estava feito.

Um arrepio de tensão percorreu o grupo à medida que os índios se davam conta do que estava acontecendo. Jaeger viu o chefe se virar para Dale, o rosto sério, os olhos arregalados. Lançou uma ordem em palavras engroladas e, imediatamente, lanças foram apontadas para toda a equipe.

Dale congelou, a câmera ainda no ombro, o rosto pálido, totalmente sem cor.

O chefe andou até ele. Avançou sobre a câmera. Dale a entregou, apavorado. O chefe virou a câmera do lado errado, colocou os olhos na lente e tentou enxergar lá dentro. Por um longo momento, perscrutou as entranhas do objeto, como se tentasse entender o que exatamente aquilo havia roubado dele.

Finalmente, entregou a câmera a um dos guerreiros, virou sem dizer mais nada e caminhou até a casa comunitária. As lanças foram baixadas.

O tradutor estremeceu.

— Nunca mais faça isso. Se fizer, vai perder tudo o que conseguiu de bom.

Jaeger deu dois passos para trás, até se aproximar do ombro de Dale.

— Faça isso de novo e eu vou cozinhar e comer a sua cabeça. Melhor ainda, vou deixar o chefe fazer isso.

Dale assentiu, as pupilas ainda dilatadas de choque e terror. Sabia o quanto tinha chegado perto de provocar uma desgraça e, pela primeira vez, o tagarela do mundo da mídia ficou sem palavras.

Jaeger seguiu o chefe até o interior enfumaçado da casa comunitária. A construção não tinha paredes, apenas postes de madeira que apoiavam o telhado baixo, o que tornava o interior escuro e sombrio. Levou um tempo até que os olhos de Jaeger se acostumassem com a escuridão do lado de dentro.

Mas antes mesmo que isso tivesse acontecido, ouviu uma voz inacreditavelmente... familiar.

— Então me diga, ainda está com a minha faca?

Jaeger congelou. Aquela era a voz que ele tinha dito a si mesmo que jamais

voltaria a escutar; parecia uma voz do além.

Conforme os olhos foram se ajustando à pouca luz, pôde enxergar melhor a inconfundível figura sentada no chão. A mente de Jaeger repassava cada detalhe, tentando compreender como ela chegara até ali, para não dizer como podia estar viva.

Era a imagem da mulher que ele presumira morta: Irina Narov.

Capítulo 51

Narov estava sentada com outras duas pessoas. Uma era Letícia Santos, a brasileira da equipe, e a outra, o gigante Joe James. Jaeger estava sem palavras e o estado de confusão em que se encontrava não passou despercebido ao chefe da tribo. Na verdade, podia sentir que o líder tribal o observava atentamente, estudando cada movimento seu.

Jaeger se aproximou dos três.

— Mas como... — Olhava de um para o outro, o sorriso se abrindo devagar. A barba à Osama Bin Laden de Joe James parecia mais selvagem do que nunca.

Jaeger apertou-lhe a mão.

— Seu kiwi filho da mãe! Podia passar sem ter que ver essa sua barba de novo.

James ignorou a mão estendida e agarrou Jaeger num forte abraço.

— Cara, você tem que aprender uma coisa: homens de verdade se abraçam.

Letícia Santos foi a próxima e se atirou em Jaeger de braços abertos, numa típica demonstração do seu jeito caloroso.

— Então! Como prometi, vocês encontraram meus índios!

Narov foi a última.

Estava de pé diante de Jaeger, uns poucos centímetros menor que ele, seu olhar inexpressivo como sempre evitando o de Jaeger. Ele a olhou de cima a baixo. O que quer que tivesse sofrido desde que tinham se separado no rio — ela alquebrada pela dor da picada de uma aranha-armadeira, em posição fetal na embarcação improvisada —, parecia recuperada.

Estendeu uma das mãos.

— Minha faca.

Por um instante Jaeger olhou a mão estendida. Era a esquerda, e as horríveis marcas da picada pareciam ter quase desaparecido.

Jaeger se inclinou levemente, para poder falar no ouvido dela.

— Dei para o chefe da tribo. Fui obrigado. Era a única coisa que eu tinha para

negociar nossas vidas.

— *Schwachkopf*. — Será que aquilo era a sombra de um sorriso? — Você está com ela. É melhor que esteja com ela. Ou o chefe da tribo vai ser a menor das suas preocupações.

O chefe fez um gesto para Jaeger.

— São seus amigos. Fique com eles. Traremos comida e bebida.

— Obrigado. Fico muito grato.

O chefe fez um gesto para o tradutor.

— Puruwehua ficará com você até que se sinta mais à vontade.

Dito isso, o chefe se afastou, caminhando entre seu povo. Jaeger se sentou com os outros. O James e a Santos foram os primeiros a contar o que havia acontecido. Tinham montado acampamento a mais ou menos uma hora de caminhada do banco de areia, no mesmo dia em que desceram de paraquedas na floresta. Penduraram presentes nas árvores e aguardaram.

Os índios se aproximaram, mas não da maneira esperada. Durante a noite, ambos foram capturados e levados para a aldeia — como os índios conheciam atalhos pela selva, caminharam em silêncio e depressa. Foram questionados pelo chefe de maneira semelhante ao interrogatório a que Jaeger teve de se submeter: os índios queriam saber se vinham em paz, e perguntavam sobre a natureza da missão.

Quando já haviam contado tudo o que sabiam ao chefe, sentiram que tinham passado no teste. Foi só então que se juntaram a Irina Narov. Os índios os tinham mantido separados para ver se a história batia.

E, com Jaeger, os índios garantiram uma terceira chance de escrutínio. O chefe tinha mantido o grupo escondido para checar se não havia contradição nos detalhes contados individualmente. Estava na cara que não era bobo.

Na verdade, o chefe jogara com Jaeger — e com todos os outros — feito um jogador experiente.

— E Krakow e Clermont? — perguntou Jaeger, olhando em torno, na penumbra da casa comunitária. — Também estão por aqui?

Foi o tradutor, Puruwehua, quem respondeu.

— Há muito o que conversar sobre esse assunto. Mas é melhor você falar com o chefe a respeito dos dois que estão desaparecidos.

Jaeger olhou para os outros. James, Santos e Narov assentiram solenemente. O que quer que tivesse acontecido com Krakow e Clermont, não podia ser boa coisa, ele pensou.

— E você? — Jaeger fitou Narov. — Como é que conseguiu voltar do além-túmulo?

Narov deu de ombros.

— Claramente você subestimou minha capacidade de sobrevivência. Talvez quisesse acreditar que eu não conseguiria.

As palavras de Narov atingiram Jaeger. Talvez estivesse certa. Talvez ele pudesse ter feito mais para salvá-la. Mas, conforme repassava os esforços exaustivos e a busca posterior ao acidente, não conseguia pensar em como poderia ter agido diferente.

Foi Puruwehua, o tradutor, quem quebrou o silêncio.

— Essa aqui, essa *ja'gwara*, nós encontramos no rio, engatada em uns bambus. Primeiro pensamos que estava afogada, que era um *ahegwera*, um fantasma. Mas aí vimos que tinha sido picada por uma *kajavuria*, a aranha que come a alma das pessoas. A gente sabia qual planta usar para curar isso. Então cuidamos dela e a carregamos pela floresta até aqui. Até que chegou um momento que vimos que ela não ia morrer. Foi o momento do *ma'e-ma'e*, do despertar dela.

Puruwehua voltou os olhos para Jaeger. Havia algo no olhar do tradutor que lembrava a Jaeger a encarada do líder dos guerreiros: um olhar vazio de uma onça-pintada escrutinando a presa. Na verdade, havia algo no olhar do tradutor que lembrava... Narov.

— Ela parece irritada com você — continuou Puruwehua. — Mas acreditamos que tem um espírito de criança. Sobreviveu ao que ninguém mais sobreviveria. Tem um *a'aga*, um espírito, muito forte. — O tradutor fez uma pausa. — Mantenha essa por perto. Você deve cuidar dessa aí: ela é uma *ja'gwara*. Um jaguar fêmea. A temida onça-pintada.

Jaeger sentiu um rubor de constrangimento. Já conhecia essa tendência de povos remotos. Para eles, pensamentos e experiências são, na maioria, comunitários. Não percebem fronteiras entre o público e o privado, sobre o que deve ser discutido publicamente ou o que é melhor ser dito numa conversa reservada.

— Vou fazer o melhor que puder — respondeu Jaeger, calmamente. — Não que o meu melhor tenha sido suficiente... Mas me diga uma coisa, Puruwehua, como uma tribo "isolada" tem um jovem que fala inglês?

— Nós somos amahuacas, primos da tribo vizinha, os uru-eu-wau-wau — respondeu Puruwehua. — Nós e os uru-eu-wau-wau falamos tupi-guarani. Duas décadas atrás, os uru-eu-wau-wau decidiram fazer contato com o mundo exterior. Depois, nos repassaram o que viram. Disseram que vivemos num país chamado Brasil. Disseram que precisávamos aprender a língua do país, porque, cedo ou tarde, forasteiros viriam até nós. Disseram que tínhamos que aprender português e também inglês. Uma é a língua do Brasil, a outra, a do mundo. Sou o filho mais novo do chefe da tribo. O mais velho, e um dos nossos melhores

guerreiros, você encontrou nas margens do rio. Meu pai acredita que minhas qualidades estão na cabeça, não nas armas. Eu deveria ser um guerreiro da mente.

Puruwehua chegava ao fim da história.

— Fui mandado para os uru-eu-wau-wau, e eles me mandaram para ser educado. Passei dez anos fora aprendendo línguas. E depois voltei. Agora sou a janela da tribo para o mundo.

— Fico feliz que tenha sido assim — disse Jaeger. — Você salvou nossas vidas hoje...

Comeram e beberam noite adentro. Nos intervalos, tanto mulheres quanto homens da tribo dançavam no centro da casa comunitária, usando cordões com sementes em formato de lua de uma fruta da floresta — *pequiá* — amarrados nos braços e nas pernas. Quando batiam os pés no chão e balançavam os braços, as sementes chacoalhavam num ritmo que pulsava na noite cada vez mais escura.

Alguém ofereceu a Jaeger uma tigela cheia de uma pasta vermelha. Por um momento, não soube o que fazer. Foi Letícia Santos quem mostrou a Jaeger para que servia aquilo. A pasta era feita da casca de uma determinada árvore, ela explicou. Quando aplicada na pele, agia como um repelente de insetos potente.

Jaeger achou melhor passar um pouco da pasta. E deixou Santos espalhá-la em seu rosto e nas mãos, divertindo-se com o traço de desconforto — *seria ciúme?* — que percebeu nos olhos de Narov. Uma tigela maior foi passada entre todos com um líquido cinza espumoso de cheiro forte. Era uma bebida alcoólica comum entre os nativos das tribos amazônicas, explicou Santos. Seria um insulto recusar.

Só depois de Jaeger ter tomado alguns goles do líquido quente e denso, Santos revelou como ele era feito. Explicou em português, o que efetivamente excluiu os outros da conversa — Narov inclusive. Era como se os dois estivessem numa bolha de intimidade, rindo da bebida nojenta que tinham acabado de tomar.

Para fazer essa bebida, as mulheres da tribo apanhavam raízes de mandioca e as mastigavam. Cuspiam a mandioca mastigada numa tigela, adicionavam água e deixavam fermentar por alguns dias. A mistura resultante disso era o que Jaeger acabara de beber.

Delícia.

O grande momento do banquete foi o assado, cujo cheiro se espalhou por toda a casa comunitária. Três macacos grandes tinham sido preparados numa fogueira central, e Jaeger admitia que o cheiro era convidativo, mesmo que macaco não estivesse entre as iguarias no topo de sua lista de fantasias gastronômicas. Depois de uma semana de comidas desidratadas, estava faminto.

Alguém deu um grito no meio da reunião. Jaeger não fazia a menor ideia do que aquilo podia significar, mas Narov pareceu compreender de imediato. Estendeu a mão para Jaeger.

— Pela terceira e última vez: minha *faca*.

Ele levantou os braços em sinal de rendição, foi até a mochila e entregou a Fairbairn-Sykes.

— Isso vale mais que a minha vida.

Narov pegou a faca. Verificou a lâmina de forma reverente, demorando-se bastante.

— Perdi a outra no Rio de los Dios — disse, em voz baixa. — E, com ela, mil lembranças. — Ela se colocou de pé. — Obrigada por me devolver. — Desviou os olhos de Jaeger, mas suas palavras pareciam sinceras. — Considero este seu primeiro sucesso na expedição.

Narov se virou e caminhou até o centro da casa comunitária. Jaeger seguiu-a com os olhos. Ela chegou perto do fogo, a lâmina em punho, e começou a cortar a carne. Por alguma razão os amahuacas deram àquela estranha, àquela mulher, àquela *ja'gwara*, o direito de cortar o primeiro pedaço da carne.

Grossas fatias começaram a ser passadas de mão em mão e logo Jaeger pôde sentir o queixo lambuzado da carne gordurosa e suculenta. Apoiou o corpo na mochila, aproveitando a sensação de estar saciado. Mas havia mais uma coisa que ele estava aproveitando — uma coisa mais valiosa e revigorante do que qualquer refeição. A sensação de não precisar estar alerta e vigilante. A sensação de que ele e sua equipe não estavam sendo ameaçados por um inimigo que se esconde nas sombras.

Por um breve momento, Will Jaeger pôde se permitir relaxar e se sentir satisfeito.

Capítulo 52

A comida e a sensação de segurança devem ter embalado Jaeger até pegar no sono. Quando acordou, o fogo estava quase apagado e o banquete já havia acabado fazia algum tempo. Uma ou outra estrela brilhava alta no céu, e uma sensação de tranquilidade, misturada a uma pitada de expectativa e antecipação, envolvia a cabana.

Jaeger reparou que o mesmo ancião magro e enrugado que havia olhado fixo em seus olhos era agora o centro das atenções. Ele se inclinava para a frente com algum objeto nas mãos.

Parecia uma versão menor e mais fina de uma das zarabatanas dos amahuacas, e Jaeger percebeu que o velho índio colocava algo no canudo.

— Ele é nosso pajé — explicou Puruwehua. — Está preparando *nyakwana*. Acho que vocês chamariam de rapé. É um tabaco em pó para cheirar. É um... esqueci a palavra. Faz você ter visões.

— Alucinógeno — ajudou Jaeger.

— Alucinógeno — confirmou Puruwehua. — É feito da semente de uma árvore, assada e refinada até virar um pó fino, misturada à concha seca de um caracol gigante da floresta. Leva a um estado de transe e faz a pessoa visitar o mundo dos espíritos. Quem a inala, voa alto como um falcão. O pó leva a lugares distantes, talvez até para outros mundos. Nós cheiramos meio grama por vez. Mas você deve inalar apenas uma fração disso.

— Eu? — Jaeger levou um susto.

— Sim, claro. Quando o pó chegar aqui, alguém da sua equipe precisa aceitar o cachimbo. Caso recuse, muito se perderá das boas relações que conquistamos esta noite.

— Eu e as drogas... — Jaeger tentou sorrir. — Já tenho preocupações suficientes com a cabeça no lugar. Não, obrigado.

— Você é o líder do grupo — argumentou Puruwehua. — Pode repassar a honra a outra pessoa da equipe, mas isso seria... incomum.

Jaeger deu de ombros.

— Incomum está bom para mim.

Observou o cachimbo circular pela casa comunitária. A cada parada, a pessoa colocava o instrumento em uma das narinas e o pajé soprava a outra extremidade. Minutos mais tarde, quem tinha inalado o pó levantava, cantava e dançava, a mente obviamente em um mundo paralelo.

— Com a *nyakwana* nós comungamos com nossos ancestrais e com os espíritos — explicou Puruwehua. — Aqueles ancorados no mundo da selva: animais, pássaros, árvores, rios, peixes e montanhas.

Apontou um dos que tinham cheirado a substância.

— Aquele homem contou a seguinte história. “Uma vez havia uma mulher amahuaca que se transformou na Lua. Ela subiu numa árvore e decidiu ficar no céu para sempre porque o namorado tinha encontrado o amor numa rival, e assim ela se tornou a Lua...”

Conforme Puruwehua falava, a espécie de cachimbo chegava cada vez mais perto. Jaeger reparou que o chefe da tribo o observava, com o intuito de descobrir o que ia acontecer quando chegasse a ele. O pajé parou, agachou. O pó amontoado sobre um pedaço de tronco e o canudo comprido de madeira trabalhada na mão.

Enquanto o pajé preparava o pó, Jaeger lembrou de um cachimbo diferente que lhe fora oferecido muito tempo antes e a um mundo de distância dali. Por um momento, estava de volta ao escritório do avô em Wiltshire, e o cheiro familiar de carvalho e pinho do tabaco usado por seu avô Ted invadiu suas narinas.

Se seu avô tinha oferecido a um garoto de 16 anos uma pitada, talvez Jaeger pudesse experimentar esse tipo diferente de cachimbo, preparado por mãos estranhas — um outro idoso.

Hesitou por um momento.

O pajé olhava Jaeger inquisitivamente. Mas mal teve tempo de encará-lo, porque Joe James abriu caminho quase derrubando as outras pessoas para ser o primeiro a encarar o cachimbo.

— Cara, não via a hora de você me pedir isso! — Sentou diante do pajé com as pernas cruzadas, a enorme barba quase chegando ao chão. Colocou uma das pontas do canudo em uma narina e recebeu a dose. Pouco tempo depois, o enorme australiano estava claramente em outra dimensão.

Bom garoto, James, disse Jaeger a si mesmo. A cavalaria chegou bem a tempo.

Mas o pajé não se mexeu. Muito pelo contrário. Aprontou uma segunda dose e a pôs dentro do canudo.

— Vocês são dois grupos distintos — explicou Puruwehua. — Os que vieram antes já abriram suas mentes com a *nyakwana*. Não é a primeira vez de James com o canudo. Você faz parte do segundo grupo. E essa dose é para você.

O pajé fitava Jaeger.

Aqueles mesmos olhos que pareciam ter entrado em seu crânio o encararam fixamente. Era um teste. Jaeger se sentiu compelido a aceitar, atraído por espécie de cachimbo da paz.

Sentou em frente ao pajé amahuaca, exatamente como James fizera.

Mais uma vez, a mente de Jaeger escapava para o escritório do avô. Mas ele não era mais um garoto de 16 anos. Como o avô, Jaeger agora era líder de uma equipe. Estava em um lugar e em um tempo muito diferentes, mas, de alguma forma, ele e o avô continuavam conectados por um inimigo em comum.

Os homens e as mulheres sob seu comando precisavam que Jaeger fosse forte e se mantivesse lúcido. Apesar dos costumes dos índios e de sua hospitalidade, estava na selva para uma missão e precisava cumpri-la. Ergueu as mãos diante do corpo, num gesto de “pare”.

— Como eu acho que você já sabe, tenho fantasmas suficientes na vida — observou, calmamente. — Agora tenho uma missão para liderar. Portanto, não posso liberar esses fantasmas, pelo menos não até que tenha levado todo mundo de volta para casa. — Jaeger fez uma pausa. — Não posso aceitar isso.

Puruwehua traduziu e o pajé observou Jaeger muito atentamente. Então assentiu, brevemente, com um olhar de respeito.

Abaixou o canudo.

Demorou um pouco para Jaeger recobrar os sentidos.

Estava recostado em sua mochila, os olhos fechados. Depois de ter sido liberado de cheirar a *nyakwana*, tinha cochilado — a barriga cheia e o calor da casa comunitária embalando o sono profundo. A mente de Jaeger se encontrava num estado de vazio total — exceto por uma imagem que via, e que parecia gravada em suas retinas.

Evidentemente era algo que havia sonhado, e tinha sido provocado pelo encontro com o pajé. Algo que Jaeger achava totalmente impossível, mas agora parecia real.

Era uma linda mulher de olhos verdes, com uma criança agarrada a ela. A mulher tinha falado alguma coisa, e sua voz remontava a algo desaparecido anos antes. E a criança parecia bem maior. Parecia ter a altura certa para um menino de 11 anos.

E era a imagem cuspida e escarrada de William Jaeger.

Capítulo 53

Jaeger não teve tempo suficiente para ponderar sobre o sonho extraordinário. O cachimbo já terminara a volta completa pela roda da casa comunitária e o chefe amahuaca veio se juntar a ele e à equipe. O chefe começou a falar, Puruwehua traduzindo, e a gravidade do que tinha a dizer demandou a atenção de todos.

— Muitas luas atrás, tempo demais para os amahuacas lembrarem, os homens brancos vieram aqui pela primeira vez. Forasteiros com armas amedrontadoras invadiram nossas terras. Capturaram um grupo de guerreiros e os levaram a uma parte remota da selva. Nossos homens foram forçados, sob ameaça de morte, a derrubar as árvores e carregar a madeira.

Jaeger ficou na dúvida se o chefe estava relatando um mito da tribo, uma história de sua gente, ou uma visão inspirada pela *nyakwana*.

— Tiveram que limpar a terra — continuou o chefe —, deixar o chão como se fosse o leito de um rio. Isso vai contra nossas crenças. Se fazemos mal para a floresta, fazemos mal a nós mesmos. Nós e nossa terra somos um: compartilhamos a mesma força vital. Muitos desses guerreiros adoeceram e morreram, mas a essa altura uma faixa de terra já havia sido limpa, e a floresta, morta.

O chefe fitou o céu estrelado pela abertura no telhado de palha.

— Um dia, apareceu um monstro gigante vindo dos céus. Era como uma enorme águia feita de trovões, raios e sombras. Pousou naquela mesma faixa de terra e ali fez seu ninho. De dentro desse monstro saíram mais forasteiros. Aqueles entre nossos guerreiros que tinham sobrevivido foram obrigados a transportar cargas tiradas do ventre da besta.

O chefe prosseguiu:

— Eram tambores de metal, e o monstro dos céus sugava o líquido deles, como se fosse um mosquito enorme e faminto. Quando tudo estava terminado, o monstro subiu aos céus novamente e foi embora. Mais dois vieram, cada um igual ao primeiro. Todos desciam na clareira, sugavam mais líquido e voltavam a

voar, indo para lá — o chefe indicou o sul —, para as montanhas.

Fez uma pausa.

— Então, um quarto monstro dos céus veio rosnando na escuridão. Mas não havia sangue suficiente para satisfazer a esse último mosquito faminto. Os tambores estavam vazios. Ele se sentou lá e ficou esperando, esperando que viesse mais. Mas não aconteceu. E os homens brancos que estavam dentro do monstro não compreenderam a raiva que a floresta sentia deles, não sabiam que os espíritos da selva não teriam pena de quem tinha feito mal à terra. Esses homens brancos se afundaram em morte e ruína. Os dois últimos sobreviventes fecharam o monstro de metal e levaram o que podiam carregar. Também morreram na floresta. Ao longo dos anos, a floresta começou a se recuperar, as árvores crescendo altas novamente, escondendo o monstro, que foi esquecido pelo mundo exterior. Mas nós nunca o esquecemos, essa história foi passada de pai para filho. E então houve uma nova fase sombria. Pensamos que o monstro estava morto: que era uma carcaça de uma coisa morta trazida pelo homem branco. Mas a besta, ou alguma coisa dentro dela, ainda vive, e ainda tem o poder de nos fazer mal.

Conforme o chefe relatava a história, Jaeger percebeu que uma pessoa da sua equipe estava fascinada. Parecia interessada em cada palavra, obcecada, um brilho intenso nos olhos. Era a primeira vez que Jaeger via Narov realmente motivada — porém, ao mesmo tempo, reparou que algo no olhar dela beirava a insanidade.

— Os animais foram os primeiros a sofrer — continuou o chefe. — Alguns tinham feito das asas do monstro suas casas. Eles caíram doentes e morreram. Outros tiveram crias horrivelmente deformadas. Guerreiros amahuacas que caçavam nos arredores ficaram doentes depois de beber a água dos rios. A própria água parecia amaldiçoada, envenenada. Então as plantas da floresta que ficavam na região começaram a morrer.

O chefe fez um gesto para seu filho mais novo.

— Eu ainda era jovem na época, mais ou menos da idade de Puruwehua. Me lembro bem. Por fim, as árvores pareceram ter virado as novas vítimas do monstro. Tudo que restou foram esqueletos: a madeira morta ficou manchada de branco, como ossadas ao sol. Mas sabíamos que a história do monstro não estava terminada.

Ele voltou-se para Jaeger.

— Sabíamos que o homem branco voltaria. Sabíamos que alguns entre eles viriam tentar tirar a ameaça do monstro de nossas terras para sempre. Por isso ordenei a meus homens que não atacassem vocês e que os trouxessem aqui. Para que eu pudesse testá-los. Para ter certeza. Mas, infelizmente, vocês não estão

sozinhos. Um segundo grupo invadiu nossas terras. Vieram logo depois de vocês, quase como se tivessem seguido sua equipe. Sinto que vieram com propósitos bem menos amistosos. Temo que tenham vindo para insuflar nova vida ao monstro maligno.

Jaeger tinha mil perguntas queimando na ponta da língua, mas sentiu que o chefe ainda não tinha terminado.

— Tenho homens seguindo esses invasores — continuou o chefe. — Chamamos os invasores de Força Maligna, e por bons motivos. Eles estão abrindo uma rota pela floresta, uma rota que leva diretamente ao monstro. Dois de meus homens foram capturados. Os corpos foram abandonados pendurados em árvores com símbolos estranhos marcados nas costas, como aviso.

E acrescentou:

— Vai ser difícil enfrentá-los. São muitos... talvez dez vezes mais do que vocês. Carregam muitos trovões. Temo que um massacre possa acontecer na minha tribo se entrarmos em combate. Na floresta fechada, talvez pudéssemos sair vitoriosos. Talvez. Mesmo assim, não tenho certeza. Mas na área aberta onde está o monstro meu povo seria dizimado.

Jaeger tentou dizer alguma coisa, mas o chefe fez um gesto pedindo silêncio.

— A única garantia de sucesso está em chegar até o monstro primeiro. — Lançou um olhar sagaz a Jaeger. — Não há como vocês possam enfrentar essa Força Maligna. Não sozinhos. Porém, se aceitarem a ajuda dos amahuacas, podemos conseguir. Conhecemos os caminhos secretos da floresta. Nos movimentamos rápido. Mas apenas os que estão com o coração cheio de coragem devem se juntar a nós numa missão assim. A jornada envolveria seguir um atalho que só os amahuacas conhecem. Nenhum homem de fora jamais pisou nessa trilha — continuou o chefe. — É preciso ir direto para a Catarata do Diabo e, de lá... Bem, é preciso arriscar a vida. É o único jeito de chegar antes da Força Maligna e de triunfar.

E anunciou:

— A floresta nos guiará e nos protegerá. Ao raiar do dia, todos que estiverem prontos devem partir. Puruwehua será o guia e vocês terão a companhia de duas dúzias de meus melhores guerreiros. Ainda preciso saber se aceitam a oferta, e quem da sua equipe vai participar.

Por um momento, Jaeger não soube o que responder. Tudo estava acontecendo tão depressa — e ele ainda tinha uma centena de perguntas se amontoando na cabeça. Foi Joe James o primeiro a responder.

— Com mais uma cafungada naquele cachimbo, eu sigo vocês a qualquer lugar — grunhiu ele.

Os outros riram, o comentário de James descontraiu a equipe.

— Tenho uma pergunta — disse Jaeger. — E nossos dois colegas que estão desaparecidos? O que vocês sabem deles?

O chefe balançou a cabeça.

— Perdão. Seus amigos foram capturados pela Força Maligna e apanharam até morrer. Recuperamos os corpos e os cremamos. Na tradição amahuaca, misturamos as cinzas dos nossos mortos com água e tomamos, para que os que amamos fiquem para sempre conosco. Mas guardamos as cinzas dos dois, para vocês fazerem com elas o que quiserem... Sinto muito, Sr. Jaeger.

Jaeger encarou o fogo. Tantas perdas. Homens e mulheres competentes. Gente sob seu comando. Sentiu o estômago revirar numa mistura de raiva e frustração que beirava o desespero. Jurou a si mesmo que ia encontrar os responsáveis por aquilo tudo. Buscar respostas e justiça. Mesmo que fosse justiça em seus próprios termos.

Essa convicção o deixou mais forte, preparando-o para o que estava por vir.

Capítulo 54

Jaeger encarou o chefe, os olhos nublados pela preocupação.

— Acho que vamos espalhar essas cinzas nas árvores — comentou, em voz baixa. Voltou-se para a equipe. — E sabe o que mais, acho que é melhor eu seguir viagem sozinho a partir de agora, junto com os guerreiros da tribo. Posso ir mais rápido por conta própria e não quero que nenhum de vocês se envolva muito mais nisso.

— Típico — interrompeu uma voz. — Você pode ter o coração de um leão, mas tem o cérebro de um macaco, como o que acabou de comer. — Era Irina Narov. — Você acha que é mais durão do que qualquer outro. O solitário. O herói solitário. Vai fazer tudo por conta própria. Os outros são fardos. Um risco. Você não consegue ver o valor dos outros.

As palavras dela atingiram Jaeger mais uma vez em cheio. A perda de sua mulher e de seu filho e os anos subsequentes em Bioko o tinham transformado em uma pessoa desconfiada. Mas, nesse momento, não era por isso que estava disposto a seguir sozinho: tinha medo de perder mais alguém da equipe, de não poder protegê-los.

— Dois já estão mortos — argumentou. — Essa aventura passou de uma expedição de exploração para uma merda bem maior. Não foi para isso que vocês, nenhum de vocês, foram convocados.

— *Schwachkopf* — disse Narov. — É como eu disse quando quase morremos na queda livre: você precisa aprender a confiar na equipe. E sabe o que mais: você ganhou o direito de liderar por mérito. Agora prove que é digno disso; da nossa *confiança* em você.

O que fazia aquela mulher ser assim?, perguntou-se Jaeger. Como conseguia com algumas poucas frases certeiras atingi-lo tão em cheio. Ela tinha um jeito de falar que ia direto ao ponto, pulando todas as convenções sociais.

Jaeger encarou o restante da equipe.

— O que vocês acham?

— É fácil. — James deu de ombros. — Vamos fazer uma votação. Os que querem ir, vão. Os que preferem ficar, ficam.

— Isso — acrescentou Alonzo. — Quem for, vai voluntariamente. E vamos deixar claro que não há nenhuma desonra, *nenhuma*, para os que não quiserem ir.

— Tudo bem — concordou Jaeger. — E, chefe, você promete proteger os que quiserem ficar? Pelo menos até que tudo isso esteja terminado?

— São bem-vindos — confirmou o chefe. — Nossa casa é de vocês por quanto tempo for necessário.

— Certo, estou recrutando voluntários — anunciou Jaeger. — E vocês todos conhecem os perigos envolvidos.

— Estou dentro — declarou James, quase não deixando Jaeger terminar a frase.

— Não é meu sonho de férias — grunhiu Alonzo. — Mas, cara, estou dentro.

Kamishi levantou os olhos para Jaeger.

— Já falhei uma vez. Talvez eu...

Jaeger colocou uma das mãos no ombro de Kamishi para acalmá-lo. O japonês se animou.

— Se você me aceitar...

Alonzo deu um tapa nas costas dele.

— O que o amigo Kamishi quer dizer é que está dentro.

Dale olhou o chefe da tribo, depois Jaeger.

— Se eu participar, posso filmar? Ou eles vão me furar com as lanças assim que eu sacar a câmera?

Jaeger se virou para Puruwehua:

— Tenho certeza de que podemos fechar algum tipo de acordo com o chefe e seus guerreiros.

Puruwehua assentiu:

— Os mais idosos acham que a câmera faz mal à alma. Mas os mais jovens, os guerreiros, tenho certeza que acabarão por consentir.

Dale hesitou por um instante, claramente dividido entre o desejo de participar e o medo do que os aguardava. Deu de ombros.

— Então acho que esse vai ser um filme pelo qual vale arriscar a vida.

Jaeger se voltou para Santos.

— Letícia?

— Eu gostaria muito de ir. Mas minha consciência me diz que é melhor ficar aqui com meus índios. O que você acha?

— Se você acha que deve ficar, então deve ficar. — Jaeger pegou a echarpe que estava com ele. — E aqui está sua echarpe... como você, uma sobrevivente.

Santos ficou emocionada ao pegar a echarpe.

— Mas você devia levar. É para... dar boa sorte nessa jornada.

A brasileira se aproximou e colocou a echarpe no pescoço de Jaeger, dando um beijo em seu rosto. Narov devia estar morrendo de ciúme, como Jaeger já detectara antes. E isso o deixou ainda mais determinado a usar a echarpe durante a viagem. Qualquer coisa para desestabilizar Narov; para tentar encontrar um caminho até a pessoa que se escondia ali dentro.

— Quatro estão dentro, uma fica — resumiu Jaeger. — E os demais?

— Tenho três filhos em casa — uma voz anunciou. Era Stefan Kral. — Em Londres. Corrigindo, não mais em Londres, nos mudamos para nossa amada Luton. — Kral lançou um olhar cheio de ressentimento para Dale. — Não dá para pagar as contas em Londres, não com o salário de assistente. Vou preferir ficar vivo e voltar para casa. — Olhou para Jaeger: — Não vou com você.

— Entendido — disse Jaeger. — Volte para casa em segurança e seja um bom pai para as crianças. Isso é mais importante do que uma carcaça de avião perdida na selva.

Ao dizer isso, Jaeger sentiu a bile subir pelo estômago. Engoliu em seco. Tinha passado um ano inteiro procurando a própria família depois que desapareceram. Percorrera cada estrada, revirara cada pedra. Seguira todas as pistas até ficar sem saída. Mas será que tinha feito mesmo tudo que podia para encontrá-los?

Será que não tinha desistido da família e da vida — fugindo para Bioko — quando ainda devia estar procurando? Jaeger afastou esse pensamento.

Voltou-se para Narov.

— E você?

Ela o encarou.

— Precisa perguntar?

Jaeger balançou a cabeça.

— Imagino que não. Irina Narov está dentro.

O chefe amahuaca fitou o céu.

— Então a equipe está formada. Vocês vão partir ao nascer do sol. Daqui a umas três horas. Vou pedir que meus guerreiros se aprontem.

— Uma coisa — interrompeu uma voz. Era Narov, e se dirigia ao chefe. — Você já esteve no local do monstro?

O chefe assentiu.

— Sim, *ja'gwara*, estive.

Ja'gwara — era um nome que combinava bem com Narov e refletia a incrível capacidade dela de se adaptar e sobreviver.

— Você se lembra bem como ele é? — perguntou Narov. — Poderia desenhar para mim algum sinal que tenha visto?

O chefe começou a rabiscar alguma coisa no chão da cabana. Depois de algumas tentativas, aos poucos conseguiu desenhar uma imagem sinistramente familiar: uma águia com as asas abertas, o bico virado para o lado direito com um símbolo circular estranho sobreposto à cauda.

Uma *Reichsadler*. O símbolo estava pintado na parte traseira do avião, explicou o chefe, perto da cauda. Era o mesmo símbolo que fora marcado na pele dos guerreiros, acrescentou — os que foram capturados pela Força Maligna.

Jaeger encarou a imagem por algum tempo, a mente num turbilhão. Sentiu que estavam se aproximando do ponto final, do acerto de contas. Porém, ao mesmo tempo, sentiu-se invadido por um medo enorme, como se muitos destinos estivessem pesando sobre ele e isso o fizesse perder o controle...

— Tem umas palavras escritas embaixo do símbolo da águia — disse Puruwehua. — Eu anotei. — Rabiscou alguma coisa no chão: *Kampfeswader 200* e *Geswaderkomodore A3*. — Falo inglês, português e nossa língua nativa — acrescentou. — Mas isso... deve ser alemão, acho.

Foi Narov quem respondeu, a voz baixa, sentindo uma repugnância que mal podia disfarçar.

— Você escreveu com alguns erros, mas Kampfgeschwader 200 era a força especial da Luftwaffe. E Geschwaderkommodore A3 era um dos títulos do general Hans Kammler, da SS, o comandante daquele voo. Abaixo de Hitler, Kammler era um dos homens mais poderosos do regime nazista.

— Era o plenipotenciário de Hitler — acrescentou Jaeger, lembrando do que recebera no e-mail misterioso do arquivista. — Perto do fim da guerra, foi assim que Hitler o nomeou.

— É verdade — confirmou Narov. — Mas você sabe o que essa nomeação confere a uma pessoa?

Jaeger deu de ombros.

— O status de representante especial?

— Muito, muito mais... O plenipotenciário é alguém que recebeu plenos poderes para agir em nome de um regime com impunidade total. Tirando Hitler, Kammler foi o mais poderoso e diabólico homem de um grupo incrivelmente maligno. Ao fim da guerra, tinha as mãos sujas do sangue de milhares de pessoas. E também se tornou um dos caras mais ricos do planeta.

Narov continuou:

— Obras de arte inestimáveis, barras de ouro, diamantes, dinheiro. Por toda a Europa conquistada, os nazistas pilharam tudo que tinha valor. E sabe o que aconteceu com o SS Oberst-Gruppenführer Hans Kammler e com tudo o que ele roubou depois que a guerra acabou?

Um ódio amargo dominava as palavras de Narov.

— Ele desapareceu. Sumiu da face da Terra. Esse é um dos grandes mistérios, e um dos grandes escândalos, da Segunda Guerra Mundial: o que aconteceu com Hans Kammler e seu dinheiro sujo? Quem o protegeu? Quem escondeu seus milhões?

Ela relanceou os olhos pelos rostos dos colegas, e seu olhar faiscante parou em Jaeger.

— Essa aeronave... é muito provável que seja o avião de guerra particular de Kammler.

Capítulo 55

Estavam prontos para deixar a aldeia amahuaca logo depois do amanhecer. Vinte e quatro indígenas acompanhariam Jaeger e sua equipe. Faziam parte do grupo o filho mais jovem do chefe da tribo, Puruwehua, e o mais velho, o líder guerreiro, Gwaihutiga, cujo nome significava “o maior porco do rebanho de javalis”, na língua dos amahuacas.

Jaeger achava que o nome do guerreiro líder parecia peculiarmente apropriado: o javali era um dos animais mais temidos da selva. Nenhum homem amahuaca era considerado realmente um guerreiro até ter encontrado e matado um deles.

A essa altura, Gwaihutiga parecia ter aceitado que o chefe, seu pai, não desejava ver Jaeger e a equipe espetados em lanças indígenas; queria, na verdade, que fossem levados o mais rápido possível à carcaça da aeronave e protegidos de qualquer perigo no caminho.

Mas Jaeger ficou feliz ao ver que o filho mais velho do chefe continuava em clima de batalha, só que agora contra o inimigo certo. Gwaihutiga carregava lança, arco e flecha, zarabatana e tacape e, no pescoço, um colar cheio de pequenas penas. Era um *gwyrag’waja*, explicou Puruwehua. Cada pena significava um inimigo morto em batalha. Era como os homens brancos que faziam riscos na arma — tinha visto algo do tipo nos filmes quando vivera fora da aldeia.

Na última hora, houve uma mudança inesperada na equipe de Jaeger. Letícia Santos decidiu se juntar aos colegas. Impetuosa, impulsiva — uma mulher de sangue quente, sem dúvida —, não tinha conseguido suportar apenas assistir enquanto o grupo se preparava para partir sem ela.

Mais cedo naquela mesma manhã, Jaeger tinha concedido a Dale e Kral uma curta entrevista para ajudar a relatar tudo que havia acontecido nas últimas 24 horas. Era a última participação de Stefan Kral numa filmagem do grupo. Depois de terem guardado a câmera e o tripé, o eslovaco pediu para conversar em

particular com Jaeger.

Kral insistiu nas razões que o faziam abandonar a expedição. Nunca teria aceitado o contrato naquela situação, explicou. Era alguns anos mais velho que Dale e tinha muito mais experiência em filmar em áreas remotas — só havia aceitado vir porque precisava do dinheiro.

— Imagine — falou —, ter que estar abaixo de um cara como Dale, sabendo que você é melhor, mais profissional. Você suportaria?

— Essas merdas acontecem o tempo todo no exército — disse Jaeger. — A hierarquia que não respeita mérito. Algumas vezes, a gente tem que engolir essas coisas.

Não que Jaeger não gostasse de Kral, mas, na verdade, estava aliviado em deixá-lo para trás. O eslovaco parecia carregar o mundo nas costas, e Jaeger achava que estaria melhor sem ele. Dale com certeza teria muito mais trabalho filmando sozinho, mas melhor um cara só do que dois se alfinetando. Um deles teria mesmo que desistir — e, para o bem da filmagem, era melhor que fosse Kral.

— Aconteça o que acontecer com a expedição daqui para a frente — disse Kral —, acho que você vai entender minhas razões. *Aconteça o que acontecer*. Pelo menos, você conhece a maioria deles.

— Você está tentando me dizer alguma coisa? — perguntou Jaeger. — Você está deixando a equipe. Pode falar o que quiser.

— Para mim, chega. Boa sorte com o caminho que tomar. Você vai entender minhas razões — disse Kral, balançando a cabeça.

Os dois se despediram amigavelmente, e Jaeger prometeu encontrar Kral para tomar uma cerveja em Londres quando tudo estivesse terminado.

Vários amahuacas apareceram para se despedir — na verdade, parecia que toda a tribo estava lá. Mas, enquanto liderava a equipe para o interior da selva escura, algo chamou muito a atenção de Jaeger: Kral mantinha uma expressão decididamente perturbada no rosto.

Tinha se acostumado com o meio sorriso bizarro do eslovaco, mas, por um breve momento, Jaeger pegou Kral encarando Dale com uma expressão de gelar o sangue. Os olhos azuis pareciam ter ficado escuros, o olhar era estranhamente triunfal.

Jaeger não teve muito tempo para pensar naquele olhar e sobre o que ele poderia significar. Uma trilha se abria diante deles — uma passagem que um observador casual não teria percebido —, e todos foram logo engolidos pela floresta. Mas um pensamento não saía da cabeça de Jaeger.

Em várias ocasiões — especialmente no rio, quando Kral delatou Dale por ter filmado secretamente —, Jaeger sentira que alguma coisa não estava certa. E só

agora tinha clareza do que era. O comportamento de Kral parecia moralista demais; aquela sua insistência em evitar todo o mal. A indignação com Dale era forçada, quase como se encobrisse algo.

Mas por que ele estaria agindo assim, Jaeger não sabia dizer.

Forçou o pensamento — e a consequente preocupação — para longe.

Logo que entraram na selva, Jaeger se deu conta do ritmo frenético dos guerreiros amahuacas. Eles se deslocavam numa caminhada veloz, entoando um canto rítmico e gutural. Precisaria estar totalmente concentrado para conseguir acompanhá-los.

Jaeger fitou Puruwehua, que tinha se posicionado a seu lado.

— Então, o que o seu nome significa?

Puruwehua sorriu timidamente.

— Puruwehua é um enorme sapo marrom-avermelhado, que é branco e preto na parte de baixo. Um desses sapos subiu no ventre da minha mãe antes de eu nascer. — Deu de ombros. — Temos a tendência de batizar as crianças por coisas assim.

Jaeger sorriu.

— Então um javali sentou na sua mãe quando ela estava grávida de Gwaihutiga?

Puruwehua deu uma risada.

— Minha mãe era uma excelente guerreira na juventude. Ela e um javali travaram uma luta furiosa. No final, ela o acertou com uma lança e o matou. Ela queria que o primeiro filho tivesse o espírito de um javali. — Puruwehua olhou para o irmão mais velho à frente da fila. — Gwaihutiga tem esse espírito.

— E o sapo? Aquele que inspirou seu nome? O que aconteceu com ele?

Puruwehua fixou um olhar vazio em Jaeger.

— Minha mãe estava com fome. Ela matou o sapo e comeu também.

Caminharam em silêncio por vários minutos até que Puruwehua apontou para um animal no alto das árvores.

— Aquele papagaio comendo uma fruta... é um *tuitiguhu'ia*. Fazemos deles bichos de estimação. São pássaros que podem falar, e que avisam quando uma onça-pintada está prestes a atacar a aldeia.

— Muito útil — observou Jaeger. — Como vocês fazem para domesticá-lo?

— Primeiro você tem que encontrar um arbusto de *kary'ripohaga*. Aí você corta um galho com folhas e bate na cara do papagaio algumas vezes. Pronto, está domesticado.

Jaeger ergueu as sobrancelhas.

— Assim, tão fácil?

Puruwehua riu.

— Claro! Muitas coisas se tornam fáceis quando a gente tem intimidade com a floresta.

Eles seguiram em frente, deparando com um tronco caído. Puruwehua passou a mão num fungo vermelho-escuro, e levou os dedos ao nariz.

— *Gwaipeva*. O cheiro é muito particular. — Alisou a barriga. — É bom de comer.

Puxou o fungo pela raiz e o colocou no saco que carregava nas costas.

Mais alguns passos e o índio apontou um grande inseto preto subindo no tronco de uma árvore.

— *Tukuruvapa'ara*. O rei dos gafanhotos. Mastiga a árvore até que caia.

Quando passaram pela árvore, Puruwehua avisou Jaeger para que pisasse com cuidado porque havia um cipó retorcido no chão.

— *Gwakagwa'yva*, cipó d'água com espinhos. Usamos isso para fazer corda de amarrar as redes. As vagens têm forma de banana e, quando se rompem, as sementes voam longe com o vento.

Jaeger estava fascinado. Sempre tinha visto a selva como inteiramente neutra: mas quanto mais se aprendem os segredos da floresta, mais ela se torna uma aliada e amiga.

Pouco depois, Puruwehua colocou a mão no ouvido.

— Está ouvindo? Esse *pri-pri-pri*. É uma *gware'ia*, um beija-flor grande e marrom com a cabeça branca e uma cauda longa. Ele canta quando vê um javali. — O índio pegou uma flecha. — Comida para nós...

Jaeger deixou a arma à mão, enquanto observava Puruwehua se transformar de tradutor em caçador, ajeitando uma flecha no arco quase tão comprido quanto o próprio corpo. Puruwehua era um pouquinho mais baixo que o irmão, mas tinha os ombros tão largos e fortes quanto os do guerreiro.

Quando chegasse a hora da batalha, Jaeger imaginou que Puruwehua seria um sapo difícil de engolir.

Capítulo 56

Tendo ficado para trás, a aldeia dos amahuacas estava praticamente vazia e deserta agora. Mas uma figura solitária vagueava por lá.

Ele olhou o céu que amanhecia, andando até chegar à área onde quase não havia cobertura de árvores e a privacidade era máxima.

Puxou algo do bolso — um telefone por satélite da Thuraya —, colocou no toco de uma árvore e se agachou na vegetação rasteira para esperar.

O telefone bipou uma vez, duas, três: tinha conseguido sinal suficiente dos satélites. A pessoa em questão apertou o botão de ligar e pressionou um único dígito. O aparelho tocou duas vezes antes que uma voz respondesse do outro lado da linha.

— Lobo Cinzento. Fale.

Os lábios de Kral se abriram num leve sorriso.

— Aqui é Lobo Branco. Sete partiram com duas dúzias de índios, estão indo para o sul em direção à catarata. De lá, vão pegar uma rota que só os índios conhecem para oeste em direção ao alvo. Não pude dar notícias antes, mas consegui enganá-los. São todos seus agora.

— Entendido.

— Confirmo que se trata do avião do SS Oberst-Gruppenführer Kammler. Ele está mais ou menos intacto para um avião que ficou setenta anos na selva.

— Entendido.

— Tenho as coordenadas exatas do avião. — Uma pausa. — Já fizeram o terceiro pagamento?

— Também temos as coordenadas. Nosso drone de vigilância encontrou o avião.

— Ótimo.

Uma sombra de irritação invadiu o rosto de Kral.

— A que me deram é 964864.

— Confere com a nossa. 964864.

— E o terceiro pagamento?

— Vai estar na conta de Zurique, como combinado. Gaste logo, Sr. Lobo Branco. Nunca se sabe o que o amanhã pode nos reservar.

— *Wir sind die Zukunft* — sussurrou Kral.

— *Wir sind die Zukunft* — confirmou a voz do outro lado.

Kral encerrou a chamada.

A pessoa do outro lado da linha aninhou o telefone no pescoço, deixando-o repousar ali por um longo tempo. Virou-se para uma foto emoldurada em cima da escrivaninha. A foto mostrava um homem de meia-idade com um terno cinza de listras. O rosto sério, nariz aquilino, olhos arrogantes e rebeldes, tudo dava a impressão de poder e influência sem limites — alguém cuja idade madura só fez aumentar a confiança em suas próprias capacidades.

— Finalmente — sussurrou a figura sentada à escrivaninha. — *Wir sind die Zukunft*. — Colocou o telefone de volta na orelha, tendo antes pressionado o “0”. — Anna? Me coloque em contato com Lobo Cinzento Seis... sim, agora mesmo, por favor.

Esperou um pouco até que uma voz atendeu.

— Lobo Cinzento Seis.

— Tenho as coordenadas — anunciou. — Elas conferem. Elimine todos. Nada de sobreviventes, e isso inclui Lobo Branco.

— Entendido, senhor — confirmou a voz do outro lado.

— Faça um serviço limpo, a distância. Use o Predator, para que possamos *negar* qualquer participação. Use a unidade de rastreamento. Rastreie os sistemas de comunicação deles. Encontre-os e elimine-os.

— Entendido. Mas, senhor, se estiverem debaixo das copas das árvores, vamos ter problemas em rastreá-los do céu.

— Faça o que for preciso. Mande os mercenários. Só não deixe que cheguem perto da aeronave.

— Entendido, senhor.

A figura sentada à escrivaninha encerrou a ligação. Depois de um momento de reflexão, se inclinou para a frente, ligou o laptop e digitou no teclado uma mensagem.

> *Caro Ferdy,*
>
> *Adlerflug IV encontrada. Logo a resgataremos/cuidaremos dela. Operação de limpeza iniciada. Vovô Bormann ficaria orgulhoso de nós.*

Wir sind die Zukunft,

HK

Clicou em “enviar” e se reclinou na cadeira, os dedos entrelaçados atrás do pescoço. Na parede, uma foto o mostrava mais jovem, usando um distinto uniforme de coronel do exército americano.

Com a orientação dos índios amahuacas, Jaeger e a equipe demoraram menos da metade do tempo para refazer o caminho até a Catarata do Diabo. Chegaram à margem do Rio de los Dios apenas um quilômetro, aproximadamente, abaixo de onde tinham abandonado os equipamentos.

Puruwehua pediu que todos parassem quando ainda estavam debaixo das copas das árvores, embora já diante de uma nuvem espessa de espuma da catarata. O índio apontou a névoa logo à frente. Um precipício gigantesco se abria a partir de uma pedra esculpida pela água durante milênios. Puruwehua tinha que gritar para se fazer ouvir por conta do barulho da queda-d’água que descia trezentos metros vale abaixo.

— Ali tem uma ponte que leva até a primeira parada — anunciou. — De lá é preciso seguir balançando num cipó. São dois cipós que levam até duas pedras, *evi-gwas*, do outro lado do rio. Depois, há uma passagem esculpida na rocha que dá de frente para a catarata. Ela foi construída há muito tempo por nossos ancestrais. Em uma hora, talvez menos, teremos chegado à base da queda-d’água.

— De lá, quanto tempo até a aeronave? — perguntou Jaeger.

— Na velocidade amahuaca, um dia — Puruwehua deu de ombros. — Na do homem branco, um dia e meio, não mais.

Jaeger foi até a beira do precipício, procurando a primeira ponte. Por um momento, teve dificuldade de encontrá-la de tão bem escondida. Puruwehua teve que ajudá-lo.

— Lá. — O braço do índio apontava para baixo, indicando uma estrutura que parecia pouco estável. — *Pyhama*, um cipó que usamos como corda para subir em árvores, funciona para pontes também. Está coberta por folhas da árvore *gwy’va*, da qual usamos a madeira para fazer nossos arcos. A ponte é praticamente invisível.

Jaeger e sua equipe ajeitaram as mochilas nas costas e seguiram os índios, escorregando pelo penhasco até chegar à ponte. Estavam diante da uma construção precária feita de cipós que servia para atravessar a primeira parte do abismo. A ponte estava atada a uma pedra do outro lado, a primeira de três que

sobressaíam da catarata.

O barulho da queda-d'água impedia mais conversas. Jaeger seguiu Puruwehua e foi o primeiro da equipe a pisar na estrutura perigosa. Agarrou-se aos corrimãos de cipó dos dois lados da ponte, forçando os pés a se equilibrarem nos nós de cipó que formavam a passarela, distantes uma boa passada um do outro.

Por um breve instante, cometeu o erro de olhar para baixo. Centenas de metros abaixo, as águas escuras e turbulentas do Rio de los Dios caíam em turbilhão, antes de virarem um redemoinho de água e espuma no abismo. Jaeger decidiu que era melhor ficar com a cabeça erguida. Com os olhos fixos nos ombros de Puruwehua, forçou os pés a seguirem em frente.

Estava a meio caminho na ponte, com a maior parte da equipe atrás dele, quando pressentiu o perigo.

Sem qualquer aviso, um projétil incrivelmente silencioso mergulhou na bruma do rio, passando entre eles, seu uivo ecoando nos ouvidos de Jaeger. Atravessou o meio da ponte de cipó e, um milésimo de segundo depois, foi engolido pelo Rio de los Dios, explodindo e espalhando uma quantidade enorme de água.

Jaeger observou enquanto a explosão jogava a água para cima — o som da erupção ressoando em seus ouvidos e fazendo eco no abismo.

Tinha durado menos de um segundo. A ponte começou a balançar violentamente de um lado para o outro, todos agarrados a ela, os olhos arregalados de terror.

Jaeger usara mísseis Hellfire suficientes para reconhecer o uivo da arma — porém aquela era a primeira vez que ele era o alvo.

— HELLFIRE! — gritou, para alertar todos. — HELLFIRE! Voltem! Voltem! Vão para baixo das árvores!

Naquele estranho, porém marcante, momento em que o mundo parece andar em câmera lenta, quando se está entre a vida e a morte, Jaeger sentiu que vivia cem anos por segundo. Sua cabeça processava mil e um pensamentos enquanto observava os corpos que corriam à frente dele para voltar à floresta.

Sendo esse o limite da Amazônia brasileira — no extremo oeste do estado do Acre, perto da cidade de Assis Brasil, localizada na tríplice fronteira entre o Brasil, o Peru e a Bolívia —, Jaeger deduziu que devia haver algum tipo de aeronave de guerra voando acima deles. O drone devia ser do tipo sem piloto, pois só esses teriam aquele alcance e ficariam orbitando acima da floresta por tempo suficiente para tê-los encontrado.

Jaeger sabia quanto tempo um Predator — o drone mais comum usado pelos exércitos mais avançados do mundo — levava para recarregar e mirar novamente o alvo. O disparo do Hellfire desestabilizava o drone, interrompendo a comunicação de vídeo com o operador remoto.

Levaria uns sessenta segundos para ele estabilizar e restabelecer o contato via vídeo.

O próximo AGM-114 Hellfire — e o Predator costumava carregar no máximo três mísseis — estaria pronto para ser disparado a qualquer momento. Dependendo da altura em que o Predator estivesse orbitando — a maioria ficava a 25 mil pés —, o míssil levaria pelo menos dezoito segundos para chegar ao nível do solo — que era o máximo de tempo de que Jaeger ainda dispunha.

O primeiro Hellfire não detonou quando atingiu a estrutura da ponte, apenas cortou-a como se fosse uma faca na manteiga.

Mas da próxima vez eles poderiam não ter tanta sorte.

O último da fila — o filho mais velho do chefe — corria ponte acima, com Jaeger atrás a apressá-lo em direção à margem do rio. Ele então se virou, correndo para a segurança da selva, tropeçando nas raízes, a floresta mais perto a cada passada.

— PARA BAIXO DAS ÁRVORES! — gritou Jaeger. — VÃO PARA BAIXO DAS ÁRVORES!

As copas não poderiam protegê-los da explosão do Hellfire. Não havia muita coisa no mundo que pudesse. Mas o Predator não conseguiria mirar através da densa vegetação, o que o impediria de firmar um alvo. Jaeger continuou a correr — seria o último a deixar a ponte.

Então veio o próximo míssil.

Jaeger sentiu o efeito do impacto um segundo antes de o barulho da explosão chegar a seus ouvidos — porque o míssil viaja a Mach 1.3, mais rápido que a velocidade do som. A explosão aconteceu bem no meio da ponte, e a estrutura se dissolveu numa bola de fogo flamejante, fragmentos e estilhaços rasgando o ar ao redor.

Um instante depois, Jaeger caiu.

Com o que restava de suas forças, girou o corpo, agarrando-se aos corrimãos e enrolando-os nos braços. Por alguns segundos, a metade da ponte onde Jaeger estava despencou verticalmente, antes que a ponta ainda presa à parede do abismo esticasse, batendo violentamente contra o paredão.

Jaeger contraiu o corpo, preparando-se para a colisão.

Ele bateu no paredão de rocha, o atrito arrancando a pele dos antebraços, o impacto projetando sua cabeça para a frente.

O golpe atingiu sua testa em cheio.

Jaeger começou a ver estrelas e, em segundos, tudo ficou escuro.

Capítulo 57

Jaeger voltou a si.

A cabeça girava. Uma dor excruciante invadia suas têmporas. A visão estava embaçada. Sentia que ia vomitar.

Pouco a pouco, foi tomando ciência do que o rodeava. Acima dele, abria-se um enorme guarda-chuva verde.

Selva.

Copas.

Bem acima.

Como um escudo protetor. Blindando-o contra o Predator.

— Desliguem tudo! — gritou Jaeger. Tentou se levantar apoiando no cotovelo, mas duas mãos o detiveram para que permanecesse deitado. — Desliguem tudo, porra! Ele está rastreando alguma coisa. DESLIGUEM TUDO!

Os olhos de Jaeger, injetados e ferozes, procuravam a equipe, cada um remexendo os bolsos e os compartimentos presos aos cinturões.

Jaeger tentava recobrar o fôlego, enquanto outra pontada agoniante invadia sua cabeça.

— É um PREDATOR — gritou. — Ele tem três mísseis! Desliguem tudo! DESLIGUEM A PORRA TODA!

Enquanto gritava e rugia, os olhos de Jaeger se fixaram em uma pessoa. Dale estava agachado bem na ponta do desfiladeiro, equilibrando a câmera em um dos joelhos, olhando através do visor enquanto filmava o drama todo.

Fazendo um esforço hercúleo, Jaeger se soltou de quem quer que o estivesse segurando. Partiu para o ataque com os olhos brilhando alucinados, o rosto cheio de sangue, uma expressão de louco.

Um grito escapou de sua garganta como o urro de um animal.

— DESLIGUE ESSA PORRA!

Dale olhou para Jaeger sem entender nada — seu mundo todo tendo sido visto através da lente da câmera.

No segundo seguinte, os oitenta quilos de William Jaeger se chocaram com Dale como numa manobra de rúgbi. Jaeger derrubou-o na densa vegetação, enquanto a câmera voava na direção oposta. O equipamento rolou uma vez e desapareceu para além da beirada do abismo do desfiladeiro.

Mas acabou parando na borda de uma rocha.

Segundos depois, ouviu-se um silvo. Quando o terceiro míssil atingiu o alvo, foi como se todos os portões do inferno estivessem se abrindo. O terceiro Hellfire rasgou a bruma, acertando a rocha onde a câmera de Dale repousava. Ele explodiu, pulverizando o que havia de vegetação por perto, mas a parede de rocha da escarpa protegeu a equipe de Jaeger do pior impacto.

A explosão foi canalizada para cima, numa tempestade de estilhaços rasgando o céu, o barulho ensurdecedor preenchendo toda a extensão do Rio de los Dios.

Conforme os ecos iam morrendo, um silêncio recaiu sobre o desfiladeiro. O cheiro de rocha chamuscada e de vegetação queimada pesava no ar, misturado à fumaça asfixiante gerada pelos explosivos.

— Hellfire número três — gritou Jaeger, de onde ele e Dale tinham aterrissado na grama. — Ele não deve ter mais munição. Mas vasculhem tudo, TUDO, e desliguem qualquer coisa que esteja ligada.

Todos correram, agarrando as mochilas e esvaziando-as.

Jaeger se voltou para Dale.

— A câmera: ela registra data, hora e localização, certo? Tem um GPS embutido?

— Sim, mas eu falei para o Kral desativar. Nenhum cinegrafista quer data e hora estragando o filme.

Jaeger apontou para o local onde a câmera de Dale tinha dado seu último suspiro.

— Não sei que merda o Kral fez, *mas aquela ali não estava desativada*.

Os olhos de Dale se desviaram para a mochila.

— Tenho uma câmera reserva ali dentro.

— Então vá para baixo da copa das árvores e se assegure de que esteja desligada.

Dale correu e obedeceu.

Jaeger tentou ficar de pé. Sentia-se um morto-vivo — a cabeça e os braços latejando —, mas havia coisas mais importantes para pensar agora. Precisava conferir a própria mochila. Foi cambaleando até ela e começou a tirar tudo de dentro. Tinha certeza de que não havia nada ligado, mas um erro agora poderia facilmente se transformar numa sentença de morte para todos.

Cinco minutos depois, a checagem estava terminada.

Ninguém tinha um GPS ligado na hora em que os Hellfires foram

arremessados, muito menos um telefone via satélite. Haviam se deslocado depressa, seguindo a rota e o ritmo estabelecidos pelos índios amahuacas. Ninguém da equipe precisara se localizar sozinho e, além disso, estavam debaixo das copas, onde o sinal de satélite era nulo. Jaeger reuniu a equipe.

— Alguma coisa acionou o Predator — anunciou, cerrando os dentes de dor. — Saímos de debaixo das árvores na beira da escarpa e, *blipe!* Um sinal apareceu na tela do Predator. Isso só é possível por um GPS, telefone por satélite ou algo do tipo: alguma coisa instantaneamente rastreável.

— Pode ter sido com infravermelho — opinou Alonzo. — Com infravermelho o Predator pode ter nos visto como fontes de calor.

Jaeger negou com um movimento da cabeça.

— Não voando acima de toda essa floresta. E mesmo que pudesse atravessar a selva, acredite em mim, ele não pode, o que veria? Um monte de fontes de calor indistintas. Não daria para saber se é um bando de javalis ou de humanos. Não. Ele rastreou alguma coisa, alguma coisa que enviou um sinal instantâneo.

Jaeger fitou Dale.

— Você estava filmando quando o primeiro Hellfire explodiu? A câmera estava ligada?

Dale negou com a cabeça.

— Tá brincando? Na ponte? Eu estava cagando nas calças de medo de atravessar.

— Tudo bem. Pessoal, vamos verificar novamente — disse Jaeger. — Olhem os bolsos laterais das mochilas, os bolsos das calças, os bolsos das camisas. Até a roupa de baixo. O Predator rastreou alguma coisa. Temos que descobrir o quê.

Jaeger checou a própria mochila mais uma vez, até que passou a mão no bolso da calça. Seus dedos encontraram a moeda dos Night Stalkers, bem lá no fundo. Estranhamente, ela parecia ter amassado — quase dobrado, durante o caos dos últimos minutos.

Jaeger pegou a moeda. Imaginou que ela devia ter amassado quando a ponte se rompeu e ele bateu com a cara na rocha. Estudou a moeda por alguns instantes.

Parecia haver uma rachadura na circunferência da moeda. Jaeger a forçou, enfiando a unha, e pressionou.

A moeda se abriu ao meio.

Dentro, um dos lados era oco.

Jaeger não podia acreditar no que via.

A parte oca da moeda continha um circuito eletrônico em miniatura.

Capítulo 58

— A Morte Espera no Escuro. — Jaeger repetiu o lema dos Night Stalkers estampado num dos lados da suposta moeda. — A morte espera mesmo, principalmente quando se está carregando uma coisa dessas no bolso.

Jaeger colocou a moeda em uma pedra, o circuito elétrico virado para cima. Então apanhou uma segunda pedra, um pouco menor. Ia esmagar o circuito elétrico em pedacinhos, usando as pedras como um martelo e uma bigorna. Estava pronto para dar o primeiro golpe — com o peso de toda a raiva e do sentimento de traição concentrados no movimento — quando a mão de alguém o impediu.

— Espere. Tem um jeito melhor de fazer isso. — Era Irina Narov. — Todo circuito de rastreamento tem uma bateria. E tem um botão de liga e desliga. — A russa pegou a moeda e apertou um pequeno botão. — Está desligado. Não vai mais enviar qualquer sinal. — Olhou Jaeger. — A questão é: de onde veio isso?

Os dedos de Jaeger pressionaram a moeda, como se fossem esmigalhá-la.

— O piloto do C-130. A gente conversou. Ele me falou que era veterano do SOAR. Um Night Stalker. Eu conheço bem o SOAR. Não existe uma unidade mais competente. Disse isso a ele. — Jaeger fez uma pausa sombria. — E ele me deu a moeda.

— Então vou tentar compor um cenário — sugeriu Narov, a voz fria e vazia como a vastidão do Ártico. — O piloto do C-130 repassa a você um equipamento rastreador. Isso é fato. Nós, você e eu no salto duplo, fomos sacaneados na hora de pular do avião. Os MS devem ter feito isso de propósito para nos colocar em parafuso. Além disso, deixaram sua arma frouxa para nos desestabilizar ainda mais. — Narov fez uma pausa. — A equipe do C-130 estava encarregada de nos matar, ou pelo menos garantir que alguém pudesse seguir nossos passos. E quem quer que esteja por trás disso, agora está decidido a nos matar.

Jaeger assentiu, admitindo que o raciocínio traçado por Narov era a única

possibilidade que fazia sentido.

— Então quem está tentando nos matar? — continuou Narov. — É uma pergunta retórica. Não espero uma resposta. Mas, neste momento, é a pergunta de um milhão de dólares.

Havia algo no tom de Narov que irritava muito Jaeger. Algumas vezes ela parecia tão fria e robótica. Era extremamente desconcertante.

— Fico feliz que você não esteja esperando uma resposta — bufou. — Porque... Sabe de uma coisa? Se o piloto do C-130 me repassou esse equipamento rastreador, não tenho mais a menor ideia de quem seja amigo ou inimigo.

Apontou o dedo na direção dos índios.

— Acho que os únicos em quem confio agora são aqueles ali, os supostos índios isolados da Amazônia. Quanto a quem é o tal inimigo, tudo que sei é que ele tem brinquedos caros à mão, como o Predator, os equipamentos de rastrear e sabe-se lá mais o quê.

— Foi Carson quem contratou o C-130 e a tripulação? — perguntou Narov.

— Sim.

— Então Carson é um dos suspeitos. Nunca gostei dele mesmo. É um *schwachkopf* arrogante. — Narov olhou para Jaeger. — Há dois tipos de *schwachkopfs*. Os bons e os desprezíveis. Você é dos bons.

Jaeger a encarou. Não conseguia entender o raciocínio de Narov. Estaria flertando com ele, ou apenas fazendo um jogo de morde e assopra? Fosse qual fosse a resposta, achou melhor aceitar como um elogio.

Alonzo apareceu ao lado dos dois.

— Acho que você devia entrar em contato com o pessoal de cima — sugeriu o afro-americano grandalhão. — O pessoal do dirigível. Eles estão fazendo VCGA, não estão? Vigilância contínua de grandes áreas? Devem estar fazendo isso agora mesmo. Pergunte a eles o que viram.

— Você está esquecendo uma coisa — argumentou Jaeger. — Se eu fizer uma ligação, levamos um Hellfire na bunda.

— Envie como mensagem — sugeriu Alonzo. — Use o modo “mensagem”. O Predator leva uns bons noventa segundos para rastrear alguma coisa e conseguir fixar o alvo. A mensagem é enviada num piscar de olhos.

Jaeger pensou na proposta por um segundo.

— Boa. Acho que pode dar certo. — Encarou a beira do abismo. — Mas vou apenas eu até lá. Sozinho.

Jaeger ligou o Thuraya. Digitou uma mensagem rápida, calmo por saber que só teria contato com os satélites quando saísse de debaixo das árvores.

A mensagem dizia: *Em 964864. Comunicações sendo interceptadas. A equipe*

foi alvo: Hellfire. Drone. Comunicação agora apenas criptografada e por mensagem. O que se viu do dirigível? Câmbio.

Jaeger foi até a beira do precipício.

Segurou o telefone com o braço esticado para fora da cobertura das copas das árvores, esperando os ícones relativos ao contato com o satélite biparem. No instante em que conseguiu um sinal, a mensagem foi enviada e ele desligou o aparelho, correndo de volta para a floresta.

Jaeger e o restante da equipe aguardaram na sombra, a tensão pesando nos ombros enquanto contavam os segundos. Um minuto se passou: nenhum Hellfire. Dois minutos: ainda nenhum ataque com míssil.

— Três minutos, cara — falou enfim Alonzo —, e nenhum Hellfire. Mandar mensagem é o que vai funcionar daqui para a frente.

— Acho que sim — confirmou Jaeger. — E agora?

— Primeiro você precisa me deixar fazer um curativo na sua cabeça. — Era Letícia Santos. — É uma cabeça muito bonita para ficar machucada.

Jaeger concordou, deixando a Santos fazer os curativos. Ela limpou os machucados dos braços, passando iodo — para esterilizar — e depois amarrou uma atadura grossa ao redor da cabeça de Jaeger.

— Obrigado — disse, assim que a brasileira terminou. — E sabe o que mais, no que se refere a primeiros socorros, você é um grande avanço comparado aos soldados peludos com quem eu estava acostumado.

Jaeger foi até Puruwehua, com quem conversou um ou dois minutos para explicar o que tinha acontecido. Poucos dos índios tinham alguma ideia do que era um Hellfire. Para eles não passava da morte vinda dos céus — como se fosse um raio enviado por deuses raivosos. Mas Puruwehua, que tinha assistido a vários filmes de guerra, estava um pouco mais familiarizado.

— Explique ao seu grupo o que aconteceu — disse Jaeger. — Quero que eles entendam com o que estamos lutando. Contra um Predator, zarabatanas e arco e flecha são totalmente inúteis. Se decidirem voltar para a aldeia, não posso culpá-los.

— Você nos salvou na ponte — respondeu Puruwehua. — Há uma dívida a ser paga. Nossas mulheres nos mandam para a guerra com uma frase. Eu traduziria como: “Volte vitorioso ou morto.” Seria uma enorme desonra retornar para a aldeia sem a vitória nem a morte. Está fora de questão: estamos com você.

Capítulo 59

Os olhos de Jaeger brilharam de alívio. Seria um golpe e tanto perder os índios àquela altura.

— Estou curioso. Como sobrevivi à queda da ponte?

— Você estava inconsciente, mas seus braços permaneceram presos na *pyhama*. — Puruwehua fitou o irmão. — Gwaihutiga e eu descemos para pegá-lo. Mas foi meu irmão quem realmente conseguiu soltá-lo e trazê-lo em segurança.

Jaeger balançou a cabeça, impressionado. A humildade com que o índio contava o que tinha acontecido não chegava perto de descrever o que só podia ter sido um momento de puro terror, um caso de vida ou morte.

Jaeger encarou o jovem guerreiro amahuaca — já que agora Puruwehua se tornara muito mais do que apenas um tradutor aos olhos de Jaeger.

— Então o que você está me dizendo, Puruwehua, seu sapo mais corajoso da floresta inteira, é que a dívida que você me deve eu devo a vocês também.

— Sim — confirmou, com simplicidade.

— Mas por que Gwaihutiga? — perguntou Jaeger. — Ele é o cara que mais queria nos ver mortos.

— Meu pai decretou que não o fizesse, *Koty'ar*.

— *Koty'ar?*

— *Koty'ar* é o nome que meu pai deu a você. Quer dizer "companheiro permanente". Um amigo que está sempre ao seu lado.

Jaeger balançou a cabeça.

— Vocês é que estão mais para nossos *Koty'ar*.

— A amizade verdadeira é uma via de mão dupla. Para Gwaihutiga, você agora é da nossa tribo. — Puruwehua fitou Narov por um instante. — Assim como a *ja'gwara*, o homenzinho do Japão e o grandalhão barbudo da sua equipe.

Jaeger se sentiu pequeno. Caminhou até Gwaihutiga. O guerreiro amahuaca ficou de pé ao vê-lo se aproximar. Ficaram próximos, um de frente para o outro,

ambos mais ou menos da mesma altura e compleição. Jaeger estendeu a mão para Gwaihutiga, num gesto de gratidão.

O índio encarou a mão por um instante. Depois, olhou para Jaeger — um olhar vazio. Indecifrável. Mais uma vez.

Por um momento, Jaeger temeu que seu gesto fosse ser rejeitado. Mas Gwaihutiga avançou, pegou as mãos de Jaeger e as segurou entre as suas.

— *Epenhan, Koty'ar* — disse Gwaihutiga. — *Epenhan*.

— Isso significa: de nada — explicou Puruwehua. — De nada, amigo que está sempre ao meu lado.

Jaeger sentiu uma emoção revirar seu estômago. Momentos como esse, ele sabia, eram raros. Estava cara a cara com o líder dos guerreiros de uma tribo praticamente isolada — um guerreiro que tinha arriscado a vida para salvar um completo estranho. Abraçou brevemente Gwaihutiga e se afastou.

— Então me digam, rapazes, alguma ideia de como vamos descer? — perguntou Jaeger, meio sem saber o que mais podia dizer. — Agora que a ponte se foi?

— Isso é o que estávamos discutindo — disse Puruwehua. — Não temos como atravessar o rio para pegar a trilha até embaixo. A única alternativa é seguir a rota que vocês tinham planejado usar originalmente. Mas o desvio vai tomar três dias, talvez mais. Vamos chegar ao destino muito depois dos nossos inimigos.

— Então não há tempo a perder — cortou Alonzo. — Cara, a gente vai correndo se for preciso. Vamos logo.

Jaeger levantou uma das mãos em sinal de silêncio.

— Um segundo. Só um momento.

Jaeger passou o olhar pelos rostos diante dele com um sorriso. Era comum para os soldados das forças especiais apostarem em soluções inesperadas e pouco ortodoxas para surpreender o inimigo. Jaeger estava prestes a dar uma solução realmente inesperada agora.

— Temos nossos paraquedas no esconderijo, certo? — perguntou. — Oito deles, ou o dobro disso, se contarmos os reservas. — Uma pausa. — Alguém aqui já fez salto B.A.S.E?

— Algumas vezes — disse Joe James. — É quase tão louco quanto aquele pó dos amahuacas.

— Eu também — confirmou Letícia Santos. — É bacana. Por quê?

— Para quem não sabe, o salto B.A.S.E. é basicamente uma versão mais curta do HAHO de 30 mil pés, só que você pula de um penhasco ou de um arranha-céu, e não de um C-130, e só tem poucos segundos para abrir o paraquedas.

Os olhos de Jaeger brilhavam de entusiasmo.

— É isso que vamos fazer: vamos pegar nossos paraquedas do esconderijo e saltar da Catarata do Diabo.

Demorou para que as palavras de Jaeger fossem digeridas. Foi Hiro Kamishi quem fez a primeira pergunta, muito pertinente:

— E quanto aos amahuacas? Puruwehua, Gwaihutiga e os outros guerreiros? Não seria muito... inteligente deixá-los para trás.

— Estamos em sete, então temos nove paraquedas sobrando. E ainda podemos fazer saltos duplos, se necessário.

Jaeger dirigiu-se a Puruwehua:

— Você já quis voar? Como aquele falcão de que me falou?

— Já voei tão alto quanto ele quando usei a *nyakwana*. Voei sobre oceanos imensos e montanhas distantes, mas essas são as paisagens da minha mente — disse Puruwehua.

— Sei que você voou na sua cabeça — confirmou Jaeger. — Mas agora você vai aprender a voar de verdade.

O olhar de Puruwehua continuava inexpressivo, não havia ali o menor sinal de medo.

— Se for o único jeito de descer, e o mais rápido, a gente pula.

— Podemos levar sete de vocês, talvez mais, se alguns voarem sozinhos — explicou Jaeger. — Pelo menos assim conseguiremos ser os primeiros a chegar à aeronave.

— Vamos pular — disse simplesmente Puruwehua. — Os que não puderem saltar seguirão pela trilha mais longa, assim encurralamos a Força Maligna pelos dois lados.

Gwaihutiga disse algumas palavras, enquanto brandia sua arma.

— Meu irmão mais velho falou que, depois de hoje, seguirá você aonde for, mesmo voando sobre a catarata — traduziu Puruwehua. — E deu um novo nome para você: *Kahuhara'ga*. Significa "o caçador".

Jaeger balançou a cabeça.

— Obrigado, mas aqui na selva vocês é que são os caçadores.

— Não, acho que Gwaihutiga está certo — cortou Narov. — Afinal, Jaeger significa "caçador" em alemão também. E hoje, aqui na selva, você recebeu esse nome pela segunda vez, de um guerreiro amahuaca que não teria como saber o significado do seu nome de origem. Isso quer dizer alguma coisa.

— Tudo bem. Mas, neste exato momento, me sinto mais como o cara que está sendo caçado do que como o caçador. Por enquanto, estou preferindo evitar um confronto com quem quer que esteja vindo atrás da gente. Isso significa que quero chegar antes à aeronave, e não tem outro jeito de fazer isso. — Olhou para a catarata. — Vamos logo.

— Talvez ainda haja um problema — argumentou Narov. — Por mim, tudo bem com o salto, nem tanto com a aterrissagem. Não pretendo acabar pendurada em uma copa de árvore para ser comida viva pelas aranhas-armadeiras. Onde você pretende que a gente desça?

Jaeger caminhou até a beira da Catarata do Diabo. Encarou a distância, ao mesmo tempo que agitava o braço lá para baixo.

— Está vendo aquilo? Aquela piscina natural formada bem na base da catarata? Quando estávamos planejando a expedição, consideramos aquele lugar uma alternativa para nossa chegada. Ele foi descartado por várias razões. Mas agora, como não temos outra opção, é lá que vamos descer. Uma das razões para descartarmos o lugar, é porque achamos que poderia estar cheio de jacarés. O que você me diz, Puruwehua? Há jacarés naquela piscina natural na base da catarata?

Puruwehua balançou a cabeça em negativa.

— Não. Sem jacarés.

Jaeger fitou o índio.

— Tem alguma outra coisa, né?

— Sim, *piraihunuhua*. Como vocês chamam? Aquele peixe preto que come peixes grandes. Às vezes até animais maiores?

— Piranha?

— Piranha — confirmou Puruwehua, rindo. — Não há jacarés por causa das piranhas.

— Cara, eu odeio esses peixes — grunhiu Alonzo. — Odeio. Vamos pular de um penhasco, passar por uma catarata e aterrissar em uma piscina para sermos devorados pelo peixe mais mortal do mundo. Ideia clássica de Jaeger.

Os olhos de Jaeger brilharam.

— Ah, não vamos não. Vocês vão me seguir de perto e aterrissar junto comigo, vamos ficar bem. Todos nós. Sei que ainda não é a melhor hora para tomar um banho, mas confiem em mim, nós vamos conseguir.

Ele encarou cada integrante da equipe. Os rostos que o encaravam de volta estavam marcados de sujeira e suor, cheios de picadas de insetos e revelavam profundo estresse e exaustão.

Jaeger se demorou um pouco mais no câmera. Único que não era um ex-militar, Dale parecia ter reservas secretas de força, coragem e determinação.

Inacreditavelmente, nada até ali parecia tê-lo abatido.

— Aquela câmera extra — disse Jaeger. — Vamos checar duas vezes se a função que determina data, horário e localização está desligada. Quando pularmos, quero a câmera rodando. *Quero que você filme isso*. E quero que você filme tudo que puder, daqui para a frente. Quero um registro de tudo, caso o pior

aconteça.

Dale deu de ombros.

— Imagino que você vá ser o primeiro. Ligo a câmera assim que você pular na Catarata do Diabo.

Capítulo 60

Jaeger parou bem na beira do abismo.

A equipe se enfileirava atrás dele. À esquerda e abaixo, um enorme volume de água tombava na catarata — a rocha em que Jaeger apoiava os pés estava escorregadia. A força da parede de água era tal que dava a impressão de que a própria terra estava se mexendo.

Quando ele se voltou, contemplando o vazio, havia apenas uma massa de névoa e vapor d'água que se misturava com a umidade do ar tropical.

Puruwehua estava amarrado a Jaeger para o salto duplo.

Cada pessoa do grupo de Jaeger tinha um guerreiro amahuaca amarrado a si.

Joe James, um dos mais fortes da equipe e o saltador de B.A.S.E. mais experiente, também levava o peso extra de uma canoa dobrada. Narov tinha tido uma ideia interessante do que poderiam fazer com a canoa depois de saltarem da catarata.

Como estava filmando tudo, Dale seria o último. Não era ex-militar e, portanto, tinha menos experiência e acumulava a tarefa bastante difícil de filmar os outros saltos. Para tentar facilitar um pouco as coisas para o câmera, Jaeger sugeriu que ele pulasse sozinho.

Jaeger se inclinou um pouco mais em direção ao vazio, puxando Puruwehua consigo.

Uma última pausa, uma respiração profunda e, juntos, mergulharam no vazio. Como Jaeger já havia antecipado, não houve necessidade de pegar tanto embalo nem de se distanciar muito da rocha que servia de apoio.

A queda foi imediata, mas Jaeger conseguiu manter ambos estáveis. Puruwehua mereceu crédito por não ter entrado em pânico, o que poderia fazer com que ambos entrassem em parafuso. A força mental do guerreiro os ajudou no salto.

Conforme iam acelerando, a ressurgência de ar quente e úmido os atingia e os impulsionava para fora do penhasco, para dentro da espuma de brancura opaca

produzida pela força das águas.

Dois mil, três mil... Jaeger contava na cabeça.

— E PUXE!

Ele mesmo tinha dobrado o BT80, o que não era exatamente sua especialidade, e por um momento temeu que o paraquedas falhasse e que ele e Puruwehua acabassem bastante molhados e bem mortos. Mas logo Jaeger sentiu a fisgada tão familiar e um vasto tecido se abriu acima deles, fazendo com que o paraquedas planasse na atmosfera quente e úmida.

O barulho ensurdecedor da queda-d'água ecoava forte nos ouvidos quando Jaeger sentiu que ele e Puruwehua desaceleravam, puxados pelos ombros, até estarem flutuando na bruma branca e pegajosa, uns cento e cinquenta metros abaixo do começo da catarata.

Por um breve instante, Jaeger se viu cara a cara com a parede de gotas d'água que formava um arco-íris quando a bruma da queda encontrava o sol intenso. Mas isso durou pouco, porque logo precisou dar as costas para a catarata e direcionar o paraquedas para a selva.

Manobrou o equipamento para que desse uma série de giros suaves, tomando especial cuidado em evitar a espuma mais densa da massa de água que caía com força bem ao lado deles.

Se entrassem na espuma, o paraquedas não poderia mais voar, e Jaeger e Puruwehua estariam liquidados.

Desceram em direção à lagoa natural. *Piranhas*. Poucas coisas metiam medo em Will Jaeger. Morrer mastigado pelas mandíbulas de um cardume desses peixes era uma delas. Proporcionalmente, a mordida da piranha era mais poderosa que a de um *Tyrannosaurus rex*, e três vezes mais forte que a de um jacaré.

Jaeger olhou para o céu. Contou quatro paraquedas no ar e um quinto saltando da pedra.

A equipe estava seguindo o planejado, e isso era tudo o que ele queria.

Olhou para baixo.

A água estava a uns cento e vinte metros, talvez, e se aproximando rápido.

Abriu o zíper da bolsa que levava no peito e sentiu os dedos tocarem o aço frio da granada.

Durante os três anos que passara em Bioko, Jaeger aperfeiçoara a subvalorizada habilidade de matar o tempo. Uma das coisas que havia feito com esse intento fora pesquisar o destino do *Duchessa* — aquele misterioso navio de carga da Segunda Guerra Mundial que os britânicos se arriscaram tanto para capturar.

A outra coisa, aprender a pescar.

Invariavelmente, pescava na companhia dos barqueiros do vilarejo de Fernão — só que eles não usavam varas e redes tradicionais. O jeito preferido de apanhar peixes era usando dinamite. Uma prática prejudicial para o meio ambiente e para a conservação da natureza, mas também um jeito efetivo de atrair os peixes — ou melhor, de explodi-los para fora d'água.

Jaeger pegou a granada e segurou o grampo de retenção com os dentes. Devia ao coronel Evandro as poucas granadas que estava carregando — e nunca tinha imaginado usá-las da forma como estava prestes a fazer agora.

Quando achou que estava na distância certa, deixou a granada cair, puxando o grampo de retenção.

A granada, agora acionada, caiu em direção à base da catarata. Explodiria em seis segundos, quando, Jaeger calculava, estaria uns dois metros debaixo d'água.

Jaeger viu a granada atingir a superfície, as ondulações provocadas pelo impacto formando círculos concêntricos. Um ou dois segundos depois, o dispositivo explodiu, fazendo jorrar uma espuma branca para cima até que a erupção voltasse a desabar sobre a superfície borbulhante.

Enquanto Jaeger manobrava para o centro da explosão, teve tempo de jogar uma segunda granada. O instrutor de explosivos que tivera no exército havia ensinado que, em caso de dúvida sobre quantos explosivos são necessários para uma ação, os EPs — explosivos plásticos — podem ser usados "abundantemente".

A segunda granada detonou e, dessa vez, a espuma branca chegou quase aos pés de Jaeger. Já dava para ver os peixes mortos flutuando na superfície com a barriga para cima. Jaeger rezou como um doido para que a estratégia tivesse dado certo.

No mesmo instante que as botas de Jaeger atingiram a água, ele soltou as tiras que o prendiam ao paraquedas, liberando também Puruwehua. À sua esquerda, viu Irina Narov descer. À direita, Letícia Santos. Alonzo foi o próximo, seguido por Kamishi apenas um segundo depois — cada um deles trazia um guerreiro amahuaca.

Cinco haviam descido; dez, incluindo os índios.

Era hora de nadar até a terra firme.

Depois de observar intensamente as águas, do vantajoso ponto de vista de quem está acima delas, Puruwehua aconselhara Jaeger sobre onde deveriam descer. Escolhera um ponto adjacente a uma *evi-gwa* — um pedaço de terra que avançava no rio, terminando em uma queda para águas mais profundas.

Nadando forte com os braços e as pernas, em instantes Jaeger estava em terra firme. Logo que se pôs de pé, virou-se para checar os outros. Cada vez mais peixes boiavam na superfície da água, e sua equipe — índios incluídos — toda

nadava para a terra firme.

Acima de Jaeger já era possível reconhecer a figura inequívoca de Joe James, chegando para fazer a aterrissagem. James, Gwaihutiga e a canoa. A canoa chegou primeiro, James e o índio em seguida. Também eles se soltaram assim que tocaram a água e nadaram até a terra firme, James rebocando a canoa.

O último a descer seria Dale.

O câmera tinha permanecido no alto da catarata filmando os saltos até que o último saltador partisse. Então guardara o equipamento dentro de um saco inflável, para mantê-lo seco e em segurança, e o enfiara no fundo da mochila.

Jaeger observou Dale saltar, acionar o paraquedas e flutuar em direção à superfície da lagoa natural.

De repente, veio o grito alarmante:

— *Purug!* Os peixes! Estão saltando da água!

Era Puruwehua. Jaeger olhou na direção que o índio estava apontando. Dava para ver um brilho preto escapando da superfície da água em saltos. Entre um salto e outro era possível distinguir a boca, com duas fileiras de dentes aterrorizantes logo abaixo de olhos esbugalhados e negros como a morte. Era como uma miniatura incrivelmente diabólica de um tubarão, um peixe com um corpo poderoso e mandíbulas cruéis. Um instante depois, o local onde a equipe de Jaeger tinha descido estava fervendo de peixes.

— *Piraihunuhua!* — gritavam os índios.

Jaeger não precisava do aviso. Já havia percebido as piranhas negras arrebentando os corpos dos peixes mortos pela granada. Havia centenas delas, e Dale estava descendo bem no meio do cardume.

Jaeger estava a ponto de jogar outra granada, mas Dale estava baixo demais e seria atingido pela explosão.

— Piranhas! — gritou para Dale. — PIRANHAS! — continuou, apontando para a água. — Desça aqui! Aqui! A gente ajuda!

Por um momento, temeu que Dale não tivesse ouvido e fosse mergulhar bem no centro do frenesi das piranhas, onde seu corpo seria estripado em segundos.

No último minuto, Dale fez um giro para a esquerda — já muito baixo — e veio zunindo na direção de Jaeger e do restante da equipe. Aproximou-se rápido demais e no ângulo errado, e o paraquedas ficou preso nos galhos de árvores que se inclinavam sobre a água.

Os galhos mais altos se partiram no impacto e Dale ficou preso, balançando sobre a água, para a frente e para trás.

Capítulo 61

— Vamos tirá-lo de lá! — gritou Jaeger.

Mas suas palavras foram engolidas por um estalo enorme vindo do alto: o principal galho que segurava Dale quebrou em dois. O paraquedas rasgou, Dale despencou e, segundos depois, estava dentro d'água.

— Tragam ele para a margem! — gritou Jaeger. — RESGATEM O DALE!

Ao redor de Dale dava para ver poderosas sombras negras dardejando para lá e para cá logo abaixo da superfície. Uma única mordida que despertasse o gosto do sangue, e Dale seria uma presa. O sangue funcionaria como um sinal enviado pela água para todo o cardume: *comida, comida, comida*. Alonzo e Kamishi estavam mais perto. Mergulharam. Na mesma hora que caíram na água, Dale gritou apavorado:

— Merda! Merda! Merda! *Me tirem daqui! Me tirem daqui!*

Algumas braçadas e os dois soldados agarraram Dale pelo cinto e o puxaram de volta. Os olhos do câmera estavam arregalados de terror — e dor — quando os outros dois o trouxeram aos gritos para terra firme.

Jaeger se inclinou para dar uma olhada. Dale tinha sido mordido em vários lugares do corpo. Estava branco como uma folha de papel, mas era mais de choque do que qualquer outra coisa.

Jaeger não podia culpá-lo: mais alguns segundos e teria sido devorado vivo.

Pediu a Letícia Santos que fizesse o atendimento médico, enquanto Alonzo e Kamishi passavam pela checagem.

— Cara! Esse bicho maldito mordeu minha bunda — reclamou Alonzo. — Porra, qual é a desse peixe?

Joe James cofiou sua enorme barba.

— Piranhas, cara. Você nunca mais pode entrar nessa água. Pegaram o gostinho. Vão sentir seu cheiro.

Kamishi ergueu os olhos após inspecionar uma ferida na coxa.

— Queria saber se a carne desse peixe tem gosto bom. Porque ele claramente

gostou da minha. — Fitou Jaeger. — Minha vontade era pegar um deles e mandar para dentro, de preferência com wasabi.

Jaeger não pôde conter um sorriso. Apesar de tudo, o moral da equipe parecia alto. Tinham sido caçados por um Predator, enfrentado um cardume de piranhas, mas ainda estavam de bom humor. Jaeger se concentrou na próxima tarefa.

— Narov, James. Vamos preparar o barco.

Juntos, os três desdobraram a canoa, a inflaram e a colocaram na água. Puseram algumas pedras dentro da canoa, para dar equilíbrio, e acrescentaram os paraquedas para dar volume. Por fim, Narov jogou sua mochila e sua arma dentro da canoa e subiu a bordo.

Estava prestes a remar em direção ao ponto em que o Rio de los Dios serpenteava para o meio da selva quando se voltou para Jaeger. Encarou a echarpe amarrada ao redor do pescoço dele.

— Preciso de alguma coisa para envolvê-lo — disse a russa. — O rastreador é sensível, delicado, preciso protegê-lo de possíveis impactos. — Estendeu uma das mãos. — Isso aí só tem propósito estético, vai ser mais útil comigo.

Jaeger balançou a cabeça em negativa.

— Não posso. Letícia me disse que é um amuleto de boa sorte. “Perca essa echarpe, querido, e vai perder a sorte.” Ela me disse em português, por isso acho que você não entendeu.

Narov fez uma careta. Depois fechou a cara para valer.

Jaeger se animou. Tinha conseguido atingi-la. Tinha penetrado em algum lugar abaixo da camada glacial — e achava que esse era o único jeito de desvendar o enigma Irina Narov.

Tinha tanta coisa a respeito dela que ele não conseguia entender: o apego bizarro à faca, a fluência no alemão, o conhecimento quase enciclopédico sobre tudo que se relacionava aos nazistas, o ódio pelo legado de Hitler, sem falar da falta de inteligência emocional ou empatia com os outros. De uma forma ou de outra, Jaeger estava determinado a descobrir o que movia Irina Narov.

Sem dizer mais nada, ela se virou, mal-humorada, e saiu remando pelo rio infestado de piranhas.

Quando já estava a uma boa distância — e as correntes começavam a empurrar fortemente a canoa —, ela desviou para a margem. Desceu da canoa, pegou a moeda dos Night Stalkers do bolso, ligou o botão de rastreamento e colou as duas partes da moeda com fita adesiva preta. Depois, colocou a moeda dentro de um saco plástico à prova d’água, jogou-o dentro do compartimento de segurança da canoa e empurrou-a para soltá-la na correnteza. Por um momento, hesitou.

Uma ideia — um lampejo de inspiração — brilhou em seus olhos.

Ela vasculhou a mochila até encontrar um dos telefones pré-pagos que carregava consigo. Ela os levava para o caso de precisar se comunicar numa emergência ou numa fuga.

Ligou o telefone e o jogou dentro do saco plástico, junto com o dispositivo de rastreamento. Narov duvidava que houvesse uma torre de transmissão que chegasse até o meio da selva. Mas isso não importava. Talvez o simples fato de estar ligado fosse suficiente para o telefone ser detectado e rastreado.

Isso feito, largou a embarcação na correnteza.

Momentos depois a canoa já ia longe. Com seu casco triplo, seis câmaras de ar, além dos sacos estanques, não afundaria em nenhuma circunstância. Poderia virar ou bater nas rochas e, mesmo assim, continuaria a enviar o sinal para o rastreador.

Narov colocou a mochila nos ombros, agarrou a arma e caminhou de volta para encontrar a equipe, tendo o cuidado de se manter bem longe da água e debaixo das copas.

Dez minutos depois, estava na companhia de Jaeger.

— Feito — anunciou. — O Rio de los Dios segue para o norte. Nossa rota é para o sul. Mandando o rastreador para o lado oposto, vamos confundir um pouco nossos inimigos.

Jaeger a encarou.

— Quem quer que sejam.

— Sim — ecoou Narov. — Quem quer que sejam. — Fez uma pausa. — E coloquei um toque pessoal no plano. Joguei um telefone celular na canoa. Acho que mesmo que ele não consiga captar um sinal, pode ser rastreado.

Jaeger abriu um sorriso.

— Boa. Tomara que sim.

— Lobo Cinzento, aqui é Lobo Cinzento Seis — entoou uma voz. — Lobo Cinzento, aqui é Lobo Cinzento Seis

Quem chamava estava debruçado sobre o mesmo rádio transmissor de antes, na mesma barraca camuflada na pista de pouso improvisada. Por todos os lados, via-se apenas a floresta fechada e a fila de helicópteros pretos sem identificação na pista de terra, montanhas se elevando escuras e imensas dos dois lados.

— Lobo Cinzento Seis, aqui é Lobo Cinzento — confirmou uma voz.

— Senhor, nós os perdemos por quase uma hora. O rastreador ficou fora do ar. — A pessoa operando o rádio olhou para um laptop. A tela mostrava um mapa da Serra de los Dios, com vários ícones marcados. — Depois eles apareceram novamente na base da Catarata do Diabo, e parecem estar seguindo a direção do rio.

— E o que tem isso?

— Eles conseguiram descer a catarata. Estão indo pelo rio, presumivelmente numa canoa, mas na direção norte. O avião está mais para o sul.

— E o que tem isso?

O homem deu de ombros.

— Senhor, eles estão seguindo pelo caminho errado. Não sei por quê. Tenho um Predator indo na direção deles, então, assim que conseguirmos contato visual com a canoa, posso enviar algumas imagens para o senhor. Se forem eles, teremos condições de eliminá-los.

— O que você quer dizer com "se forem eles"? Quem mais poderia ser?

— Senhor, não há mais ninguém navegando nessas águas. Uma vez que o vídeo confirmar que são eles, serão eliminados.

— Já não era sem tempo. Me mande as imagens do último ataque. O ataque à ponte.

— Sim, senhor. — As mãos do homem se posicionaram sobre o laptop e logo uma nova imagem apareceu na tela.

O vídeo não tinha boa resolução, mas mostrava o que o Predator tinha filmado nos ataques com os Hellfires. O primeiro míssil tinha atingido a ponte feita de corda. A imagem sumiu por um minuto antes de se estabilizar novamente e, em seguida, mostrou o rosto de uma pessoa que havia permanecido na ponte.

— Passe de novo — a voz ordenou. — Nessa parte: congele a imagem. Vamos ver quem aparece.

— Sim, senhor.

O operador obedeceu, congelando a imagem e dando um zoom.

— Selecione vários quadros de vídeo a partir deste ponto.

A voz recrudescia, crescendo em intensidade.

— Mande para mim por via segura. Agora mesmo, por favor.

— Sim, senhor — confirmou operador.

— Lobo Cinzento, espero que nossa próxima conversa seja para você me dizer "missão cumprida". Fui claro? Não gosto de esperar e menos ainda de ter uma decepção atrás da outra.

— Entendido, senhor. Da próxima vez o Predator não vai errar.

— E lembre-se: essa aeronave nunca voou. Nunca existiu. Você precisa apagar qualquer vestígio dela. Depois, claro, que tivermos resgatado o que precisamos.

— Entendido, senhor.

O operador encerrou a chamada.

A pessoa do outro lado da linha — cujo codinome era Lobo Cinzento — se reclinou na poltrona, a cabeça perdida em pensamentos. Fitou a foto emoldurada

sobre a mesa. Ele e o homem de meia-idade de terno cinza — olhos arrogantes, confiantes, exalando poder — aparentavam uma semelhança física incrível. Não era difícil imaginá-los como pai e filho.

— Eles são duros de matar — murmurou, quase como se estivesse falando com o homem da foto.

Uma mensagem chegou ao computador. Era do Lobo Cinzento Seis. O homem se inclinou para a frente e digitou algo no teclado. Clicou no anexo e abriu a imagem congelada da pessoa que ficara pendurada na ponte. Olhou para o rosto granulado por um longo momento, estudando-o. De repente, uma expressão de surpresa.

— É *ele* — murmurou. — Só pode ser.

Os dedos tamborilaram no teclado, acessando uma conta de e-mail protegida. Começou a digitar nervosamente.

Ferdy,

Tem uma coisa que está me preocupando. Vou mandar a imagem. É o rosto de um dos nossos alvos nas proximidades da Adlerflug IV. Infelizmente parece familiar. Temo que seja William Jaeger.

Você disse que seu pessoal tinha cuidado dele em Londres. Disse que o tinha deixado vivo para "torturá-lo com a perda da família". Sou do time que acredita em vingança, Herr Kamarade. De fato, com tipos como Jaeger, a vingança já deveria ter sido completada há muito.

Só que agora parece que ele está na Amazônia procurando nosso avião. Vamos torcer para que não tenha reencarnado o avô.

O velho Jaeger, como você bem sabe, nos causou problemas sem-fim.

A experiência me ensinou a não acreditar em coincidências. Estou mandando a foto.

Wir sind die Zukunft.

HK

E clicou em "enviar".

Encarou novamente a imagem na tela. Os olhos focados, dois buracos negros que sugavam toda energia, toda vida, para dentro deles.

Capítulo 62

A floresta pingava e reluzia.

Por todo lado se ouvia o som da água escorrendo, gotejando, respingando. As nuvens se acumulavam, baixas e escuras, acima das copas das árvores, e a chuva caía grossa e forte, e ainda menos luz conseguia chegar ao nível do solo.

A primeira tempestade, vinda das montanhas, trouxe consigo um ar bastante frio; depois de várias horas de chuva torrencial, a selva ficou escura, encharcada e surpreendentemente gelada.

Jaeger estava ensopado até os ossos, mas achava que aquelas condições climáticas eram bem-vindas, na verdade. Com água escorrendo pela aba do chapéu, chegou até a agradecer mentalmente. Puruwehua avisou que parecia ser um *kyrapo'a* — aguaceiro que pode durar dias —, diferente dos vários outros tipos de chuva que caíam por ali.

Havia a *kyrahi'vi*, garoa que passava rápido; a *ypyi*, chuva com vento; a *kyma'e*, que nunca durava mais do que um dia e era seguida por temperatura elevada; a *kypokaguhu*, garoinha fina e intermitente, pouco mais do que uma névoa forte; a *japa*, chuva misturada com sol, formando um arco-íris permanente, e muitas outras.

Qualquer pessoa que passe pela seleção das Forças Especiais Britânicas vira um especialista em diferentes tipos de chuva. As montanhas no sudeste do País de Gales — Brecon Beacons — vivem encobertas, e a impressão é que por lá chove 364 dias por ano. Na verdade, pela experiência de Jaeger, aquelas colinas tinham tantos tipos de chuva quanto a Floresta Amazônica. E isso o deixava grato pelo fato de a pele humana ser à prova d'água.

Mas a chuva que caía sobre eles agora, concluiu Puruwehua, era definitivamente *kyrapo'a*: o tipo de aguaceiro que não daria trégua por dias. E Jaeger estava feliz com isso.

Não ajudava muito Dale, Alonzo e Kamishi, que tinham mordidas de piranha na pele. Roupa úmida e suja em cima de curativos também úmidos e sujos não

ajudam feridas a sararem. Mas, naquele momento, essa era a menor das preocupações de Jaeger.

Antes de partirem da lagoa infestada de piranhas na base da Catarata do Diabo, Jaeger se arriscou a receber uma mensagem do dirigível. Raff tinha sido curto e claro.

Posição confirmada: 964864. Vigilância permanente. Predator localizado a 10 km ao norte de vocês. Olhos abertos com Kral e Narov. A postos. Câmbio.

Decodificando um pouco a mensagem, o que Raff tentava dizer é que o dirigível estava em órbita acima deles. Havia um Predator planando no céu, mas o fato de ele estar a dez quilômetros de distância fazia supor que estivesse seguindo o rastreador, dentro da canoa vazia, rio abaixo. “A postos” queria dizer que Raff estaria aguardando novas mensagem de Jaeger. E tinha alertado sobre as pessoas suspeitas na equipe: Kral e Narov.

Antes de deixar o Reino Unido, Jaeger não tinha tido oportunidade de checar o passado das pessoas da equipe. Depois da morte de Andy Smith, sentira-se no direito de revirar a história de todos do grupo, mas tinha ficado sem tempo para isso. Então encarregara Raff de investigar, e claramente os dois — Kral e Narov — tinham aparecido como suspeitos.

Com o tempo, Jaeger começara a gostar de Dale, embora uma parte dele também simpatizasse com o câmera eslovaco, que era sem dúvida o pé de boi da Wild Dog Media. Mas certamente havia algo no passado de Kral que acendera a luz vermelha na pesquisa de Raff.

E na cabeça de Jaeger havia sempre a lembrança de que Kral tinha deixado o GPS da câmera de Dale ligado. Teria feito isso de propósito? Não dava para saber, e Kral não estava ali para se defender.

Quanto a Narov, parecia que era, tanto quanto, desde o início, fora a carcaça do avião, uma charada embalada em um mistério protegido por um enigma. Jaeger achava que ela teria deixado até Churchill perplexo. Sentia como se a conhecesse cada vez menos. Mas estava determinado a, de uma forma ou de outra, quebrar o muro de granito que a protegia para chegar ao cerne da verdade no interior dela.

De volta à chuva.

A chuva era uma coisa boa: significava muitas nuvens, e as nuvens deixavam a selva invisível ao que quer que pairasse acima deles. Com olhos hostis procurando-os do alto, Jaeger se sentia mais seguro com o tempo nublado. Se todos da equipe mantivessem seus equipamentos de navegação e comunicação desligados, era muito provável que conseguissem seguir invisíveis e indetectáveis.

Por um minuto, Jaeger se colocou no lugar do comandante inimigo, quem

quer que fosse. A última pista concreta que tivera das presas — Jaeger e sua equipe — tinha sido na beirada da Catarata do Diabo, onde havia localizado o grupo graças ao rastreador da moeda e ao sinal do GPS da câmera.

Depois disso, um silêncio de uma hora. Em seguida, o rastreador, e possivelmente também o sinal em roaming do telefone celular de Narov, seguindo Rio de los Dios abaixo.

O comandante inimigo teria que trabalhar pressupondo que Jaeger e a equipe estavam na água, não havia outra informação à disposição. E era justamente com isso — com o plano pensado por Irina Narov — que Jaeger estava contando.

Imaginava que qualquer comandante minimamente inteligente — e Jaeger nunca gostava de subestimar o inimigo — faria uma aproximação cautelosa. Rastrearia a canoa, esperando uma chance de as nuvens se abrirem para verificar quem ou o que a canoa estava carregando, para só depois lançar o ataque final com os Hellfires. Mas também ordenaria que a força em terra acelerasse o passo para chegar até a aeronave.

A corrida estava em curso. E, a essa altura, pelos cálculos de Puruwehua, Jaeger e sua equipe estavam a menos de um dia de caminhada do alvo. Levariam cerca de dezoito horas para chegar à aeronave. Se tudo funcionasse como planejado, estariam lá ao amanhecer. Mas Jaeger não se enganava pensando que a caminhada dali em diante seria fácil.

A chuva abrira as portas para muitos perigos da floresta.

Enquanto avançavam, Puruwehua pontuava para Jaeger o que enfrentariam com o aguaceiro. Algumas coisas eram óbvias: com a superfície pantanosa, por vezes inundada até a altura da cintura, bichos estranhos apareciam nadando ou deslizando nas águas rasas, como cobras que se misturavam à escuridão.

Puruwehua chamou a atenção para uma em particular: era listrada de preto, azul e dois tons de vermelho.

— Essa não é tão perigosa — explicou. — A *mbojovyuhua* come sapos e peixes pequenos. Pica, mas a picada não mata.

Virou para Jaeger.

— É com a grande *mbojuhua* que a gente deve se preocupar. Ela é mais comprida que cinco pessoas deitadas, e é grossa como um jacaré. Tem manchas pretas e brancas e agarra a presa com as mandíbulas, depois se enrola nela e aperta. A pressão quebra todos os ossos do corpo e a cobra não para de esmagar até que você esteja morto. Então, ela come você inteiro.

— Ótimo — murmurou Jaeger. — Uma constritora bem malcriada. Minha favorita, depois das piranhas.

Puruwehua sorriu. Jaeger percebeu que o índio se divertia em compartilhar esse tipo de informação com a equipe.

— Pior ainda é o *tenhukikiuhua* — avisou Puruwehua. — Conhece esse? É um lagarto do tamanho de um javali, com quadrados pretos nas costas. Os pés dele parecem mãos e têm ventosas. A mordida é bem venenosa. Nós dizemos que é pior do que qualquer cobra.

— Deixe-me adivinhar — rosnou Jaeger —, ele aparece quando chove?

— Pior: mora na floresta alagada. É um bom nadador e excelente escalador de árvores. Tem olhos brancos como os de um fantasma e, se você tentar pegar o bicho pelo rabo, o rabo se solta do corpo. Isso significa a fuga para o *tenhukikiuhua*.

— E por que você ia querer *agarrar* um bicho desses? — alguém perguntou. Era Alonzo, que parecia tão horrorizado com o tal lagarto quanto Jaeger.

— Para comer, claro — respondeu Puruwehua. — Se conseguir escapar da mordida dele, vai ver que a carne de *tenhukikiuhua*, é bem gostosa, uma mistura de peixe e frango.

Alonzo grunhiu.

— Kentucky Fried! Não acredito nisso.

Era praticamente um clichê descrever comida selvagem dizendo que o gosto se parecia com o de frango. Como tanto Jaeger quanto Alonzo sabiam, raramente, se é que alguma vez, era o caso.

Outras mudanças trazidas pela chuva eram menos óbvias, e conhecidas apenas pelos índios. Puruwehua mostrou um buraco estreito no chão da floresta. Jaeger achou que era a toca de um roedor. Mas, na verdade, Puruwehua explicou, se tratava da toca de um *tairyyhua*, um peixe que vivia ali dentro, hibernando na lama e só voltando à vida quando chovia.

Uma hora depois do anoitecer, o grupo parou para comer. Jaeger tinha estabelecido uma “rotina dura” para a equipe: não deveriam fazer fogo nem cozinhar, para deixar poucos rastros que o inimigo pudesse seguir. Só que a “rotina dura” era dura mesmo. Significava comer comida pré-cozida ou desidratada em porções racionadas.

Matava a fome, mas não chegava a levantar o moral.

Capítulo 63

Jaeger sentou-se num tronco caído e, remexendo na mochila, pegou o que supostamente devia ser uma refeição de frango e massa, mas que tinha gosto de cola congelada. Lembrou-se do bolo de cenoura que sua amiga hippie, Annie, tinha oferecido a ele na marina, em Londres. Provavelmente estaria chovendo por lá também, pensou. Terminou a refeição com um punhado de biscoitos desidratados, mas podia sentir a agonia da fome corroendo seu estômago.

Alonzo jogou a mochila no chão e se sentou ao lado de Jaeger.

— Ai! — Esfregou o local onde a piranha tinha dado uma mordida.

— Como é levar a pior na briga com um peixe? — cutucou Jaeger.

— Piranha dos infernos — grunhiu Alonzo. — Não consigo nem dar uma cagada sem pensar na mordida desse peixe maldito.

Jaeger relanceou o olhar pela vegetação molhada.

— Parece que o destino resolveu sorrir para nós, finalmente.

— Tá falando da chuva? Espero que continue assim.

— Puruwehua disse que esse é o tipo de chuva que dura vários dias.

— Ele deve saber o que está dizendo. — Alonzo passou a mão sobre o estômago. — Cara, eu seria capaz de destruir um McDonald's. Quarterão com Queijo, fritas e um triplo milkshake de chocolate.

— Se a gente sair dessa, pago um desses para você — disse Jaeger.

— Feito. — Alonzo fez uma pausa. — Sabe, estive pensando... E isso não acontece com muita frequência, então, preste atenção. Tem um Predator na nossa cola. Apenas algumas agências governamentais no mundo operam com esse tipo de tecnologia.

Jaeger concordou e acrescentou:

— Não podem ser os brasileiros. Mesmo que tivessem um Predator, duvido que o coronel Evandro não estivesse nos dando cobertura. — Olhou de relance para Alonzo. — O cenário mais provável é que sejam os seus colegas americanos.

Alonzo fez uma careta.

— Cara, sei não. A América do Sul é nosso quintal. Sempre foi. Mas, sabe, tem muitas agências nos Estados Unidos, e muitas delas operam no limite da legalidade. — Alonzo fez uma pausa. — Quem quer que esteja operando o Predator, será que não vai atacar o dirigível? Já pensou nisso?

— O dirigível está coberto — respondeu Jaeger. — O coronel Evandro deu a ele o status de aeronave da BOE. É "terra neutra" lá em cima, e os brasileiros têm aviões monitorando a fronteira há meses. O dirigível está voando com a bandeira brasileira e com as cores da BOE, como se estivesse em uma missão de monitoramento.

— Acha que isso vai funcionar? Será que esses caras não vão achar estranho um dirigível voando bem em cima da gente?

— O dirigível voa a dez mil pés. A altitude do Predator é pelo menos o dobro disso. O dirigível vai ficar ali, à vista de todos, disfarçado, em plena luz do dia. E não precisa fica perto da gente. Com a tecnologia de vigilância que ele tem, pode manter um olho na gente mesmo a muitos quilômetros de distância.

— Deus queira que você esteja certo, ou estaremos ferrados.

Jaeger encarou Alonzo, que também estava apreciando uma refeição fria e sem gosto.

— Você tem alguém a quem poderia recorrer? — arriscou Jaeger. — Alguém das operações especiais? Para descobrir quem diabos está nos caçando? Para ver se o cara que iniciou essa guerra conosco não pode ser persuadido a levantar uma bandeira branca?

— Sou um reservista do SEAL, fui sargento. Conheço algumas pessoas. Mas depois do 11 de Setembro, sabe quantas agências de operações especiais apareceram?

— Centenas — chutou Jaeger.

Alonzo bufou.

— Hoje são oitocentos e cinquenta mil americanos com status de agentes secretos. Há mil e duzentas agências governamentais trabalhando em projetos especiais, a maior parte antiterrorismo, mais duas mil companhias de segurança privada.

— Isso é... difícil até de acreditar — disse Jaeger, balançando a cabeça. — Que bagunça.

— Não, cara, não é não. Em si essa coisa toda não é problema. O que vou te contar a seguir é que é realmente inacreditável. — Alonzo encarou Jaeger. — Em 2003, o presidente foi persuadido a assinar uma ordem executiva que dá a esses oitocentos e cinquenta mil homens carta branca para fazer praticamente o que quiserem. Para montarem operações com praticamente nenhuma

necessidade de autorização. Em outras palavras, podem agir sem a supervisão do presidente.

— Então, há milhares de pessoas que poderiam ter soltado aquele Predator?

— Na prática, é isso — confirmou Alonzo. — E quem quer que seja o filho da mãe que está tentando nos pegar, ele deve estar operando fora da legalidade. Confie em mim quando digo: ninguém sabe o que está acontecendo em termos de segurança. E com uma ordem executiva que permite isso, ninguém tem o direito de questionar o outro.

— Loucura.

— É isso aí. — Alonzo olhou para Jaeger. — Então, eu até poderia ligar para algumas pessoas. Mas, honestamente, seria um tiro n'água. — O americano fez uma pausa. — Você pode me repetir qual é a estratégia de saída daqui?

— Nosso dirigível é enorme e tem o formato de um losango — começou Jaeger. — Ele tem quatro propulsores, um em cada canto, por meio dos quais pode avançar e se deslocar em qualquer direção: para cima, para baixo, para trás, para os lados. A cabine de comando está situada no centro da parte inferior do dirigível, entre dois sistemas de aterrisagem que funcionam como pequenos *hovercrafts*: aerobarcos.

Pegou um dos biscoitos que tinham sobrado para representar o dirigível.

— Ele pode se movimentar ou voar em qualquer altitude, em qualquer direção. Tem guinchos e guindastes internos que ajudam a carregar e descarregar. E a cabine principal pode levar até cinquenta tripulantes. No melhor dos cenários, confirmamos no solo que o dirigível pode se aproximar, colocamos os equipamentos de guincho na aeronave misteriosa e a levamos daqui, com a gente junto.

E continuou:

— Esse é o plano se a gente conseguir chegar ao alvo bem antes da tal Força Maligna. E se a ameaça tóxica se mostrar administrável. O dirigível é lento. Voa a cerca de duzentos quilômetros por hora. Mas tem autonomia de três mil e quinhentos quilômetros. Isso é mais do que o suficiente para nos levar de volta à Base Aérea do Cachimbo, para encontrar o coronel Evandro.

Jaeger deu de ombros.

— No pior dos cenários, se a substância tóxica for fatal, o dirigível não poderá resgatar a carcaça e só vai nos restar correr para sobreviver.

Alonzo coçou o queixo, pensativo.

— Espero que a gente não esteja prestes a enfrentar o cenário dois.

— *Evo'ipeva* — disse uma voz. Era Puruwehua, que trazia alguma coisa escura e sangrenta entre os dedos. — Não sei a palavra de vocês para isso. A chuva traz esses bichos também. E eles sugam o sangue.

— Sanguessugas — murmurou Jaeger. — Malditas sanguessugas.

Alonzo estremeceu.

— E monstruosas, se levarmos em conta o tamanho daquela ali.

Puruwehua indicou as pernas e a virilha.

— Nós amahuacas não usamos calças, então podemos enxergar quando elas grudam na gente e tirar. Mas vocês... precisam checar.

Jaeger e Alonzo se entreolharam.

— Respeito a hierarquia, você primeiro — disse Alonzo. — Com um salsichão do tamanho do meu, elas vão ter uma boa superfície para um banquete.

Jaeger se pôs de pé, relutante. Abriu o cinto e abaixou as calças. Mesmo com a pouca luz disponível, dava para ver que suas pernas e a virilha eram agora uma massa de bichos brilhantes e cheios de tentáculos. Sanguessugas-tigre. Deus, como as odiava. O corpo negro e cheio de listras amarelas dos bichos estava agora umas cinco vezes maior do que o tamanho normal.

Quando a primeira sanguessuga tinha escorregado para dentro da calça de Jaeger, procurando um lugar quente e úmido para se grudar, devia ter o tamanho de uma pequena tampa de caneta. Mas agora, depois de algumas horas, cada uma estava do tamanho da caneta inteira. Estavam gordas de tanto sugar o sangue de Jaeger.

— Isqueiro? — ofereceu Alonzo.

A forma mais satisfatória de se livrar dos bichos era queimá-los. A segunda forma mais satisfatória era jogar neles um repelente de insetos e vê-los se contorcer.

Jaeger esticou a mão para apanhar o isqueiro.

— Obrigado.

Sabia que não deveria fazer aquilo. Sanguessugas têm um anestésico na saliva, portanto, a vítima não sente a picada. Uma vez iniciado o ataque, a sanguessuga expele hirudina, uma enzima poderosa, nas veias da vítima para impedir que o sangue coagule — o que permite que elas possam comer, comer e comer.

Ao aproximar o fogo de uma sanguessuga, ela se contrai imediatamente, retira os dentes da pele e desiste — mas, nesse processo, devolve a maior parte do conteúdo do estômago para a veia da vítima. Em outras palavras, o bicho vomita todo o sangue de volta nas veias, incluindo doenças que possa estar carregando.

Mas Jaeger detestava sanguessugas-tigre e não pôde resistir ao impulso de se vingar.

Acendeu o isqueiro, abaixou a chama e observou a primeira delas soltar os tentáculos, se contorcer e queimar.

— Corremos um enorme risco com mísseis Hellfire no nosso encalço... acho

que me dou o direito de correr o pequeno risco de queimar algumas dessas filhas da mãe.

Alonzo riu.

— Isso aí, essa batalha a gente pode ganhar.

Depois de alguns segundos, as sanguessugas tinham abandonado a perna de Jaeger, deixando apenas uma trilha de sangue. A ferida iria sangrar por algum tempo, mas Jaeger julgou que valia a pena.

Tinha torturado a sanguessuga de duas formas: primeiro, encerrando o banquete de sangue; e, segundo, deixando queimaduras das quais ela nunca iria se recuperar.

Capítulo 64

Quando terminaram de queimar as sanguessugas, já era tarde. Jaeger achou melhor montarem acampamento onde estavam. Transmitiu o recado para a equipe. Enquanto as redes e os ponchos eram pendurados nas árvores escorregadias e molhadas pela chuva, notou que uma pessoa do grupo parecia estar em dificuldades.

Jaeger se dirigiu até Dale, que ainda não tinha trocado o uniforme molhado. O câmera havia enfiado as pernas dentro da rede e estava deitado de costas, parecendo pronto para dormir. Tinha o equipamento de filmagem aconchegado no peito e estava usando um spray para tentar secar a umidade da câmera.

Devia ser difícil manter o equipamento funcionando nas condições que se apresentavam. Dale era meticuloso no ritual de limpeza do equipamento, e muitas noites caía num sono exausto segurando a câmera como se fosse um menino com seu ursinho de pelúcia.

— Dale, você não parece bem — disse Jaeger.

Uma cabeça saiu da rede. O rosto do câmera estava muito pálido e fatigado. Jaeger sacou que Dale ainda não descobrira as sanguessugas, porque não tinha trocado de roupa.

— Estou só exausto — murmurou Dale. — Tenho que limpar o equipamento e dormir.

Nove dias na selva é um fardo pesado para qualquer um. E Dale estava encarregado de filmar toda a expedição, além de fazer parte dela. Enquanto os outros encontravam algum tempo para uma higiene básica, Dale parecia gastar cada segundo livre limpando o equipamento, trocando baterias, editando tudo o que tinha filmado. Além disso, carregava um peso extra. Em várias ocasiões, Jaeger tinha se oferecido para ajudar, mas Dale se recusava. A desculpa era que precisava ter tudo à mão, mas Jaeger achava que se tratava do orgulho de um profissional determinado — e respeitava isso.

— Você tem que colocar as roupas secas — disse Jaeger. — Se não fizer isso,

está acabado.

Dale olhou para Jaeger, o cansaço extremo em sua expressão.

— Estou no limite. Realmente no limite.

Jaeger procurou em um dos bolsos uma barrinha de alto valor calórico — parte de seu kit de emergência.

— Tome aqui. Coma isso. E você vai ter que tratar de uma outra coisa antes de descansar: sanguessugas.

Foi a primeira experiência de Dale com esses parasitas nojentos — e uma particularmente traumática. Por conta do hábito de parar para filmar, e de se agachar no chão úmido da floresta para encontrar o melhor ângulo, tinha virado um alvo fácil. Como resultado, carregava uma colônia inteira delas no corpo.

Jaeger ofereceu o isqueiro a Dale. Enquanto o câmera queimava as sanguessugas, Jaeger iniciou uma conversa banal para ajudar a mantê-lo distraído da situação.

— Então, como está sendo sem o Kral?

— Quer saber a verdade? — Dale encarou Jaeger.

— Sim.

— O lado ruim é que tenho mais peso para carregar, porque a gente dividia tudo. O lado bom é que não tenho que aguentar aquele parasita me sugando o tempo inteiro, azedo, irritado e autocentrado. Então, somando e subtraindo, estou melhor sem ele. — Dale sorriu, exausto. — Ficaria feliz em me livrar *destes* parasitas também.

— Uma coisa é certa, vocês dois estavam se atritando desde o começo. Qual era o problema?

— Vou contar uma história — murmurou Dale, enquanto queimava outra sanguessuga gorda. — Nasci na Austrália, mas meu pai me mandou para uma escola inglesa, onde me tiraram todo sotaque e traço de comportamento australiano. A escola que frequentei tinha esportistas renomados. O problema é que sempre odiei as opções disponíveis: rúgbi, hóquei e críquete. Era ruim em todas. Para encurtar, acabei sendo um enorme desapontamento para meu pai. Só tinha duas coisas em que eu me destacava: escalar e filmar. Sempre fui aficionado por montanhas.

E continuou:

— Meu pai é um advogado renomado em Sydney. Quando me recusei a seguir a profissão dele e optei pela carreira na área de mídia, foi como se ele tivesse me flagrado vendendo drogas. Ele me abandonou. Então me atirei no meio dos tubarões da mídia de Londres. Não tinha muita opção. Era afundar, nadar ou ser comido vivo. Escolhi me especializar em áreas remotas e filmagem de alto risco. É uma atividade de subsistência. Kral pode se dar ao luxo de correr ao primeiro

sinal de problema. Eu não. Não se eu quiser provar que quem torce contra, como meu pai, está errado.

Dale fixou os olhos em Jaeger.

— Filmagem de alto risco é o meu lance. Desistir quando a coisa aperta é como atestar que não sei fazer o que faço melhor. Então, que se dane o Kral com seu ressentimento e sua inveja. Mas, verdade seja dita, estou me borrando de medo nesta expedição.

Terminado o trabalho com as sanguessugas, Jaeger se ofereceu para cobrir o turno de Dale na vigilância, para que o câmera pudesse ter uma noite inteira de sono. Pela primeira vez, o australiano aceitou ajuda. E isso parecia sinalizar que, de alguma forma, a mais improvável das amizades começava entre os dois. Quando se sentou para fazer seu primeiro turno de vigilância, observando a floresta escura, Jaeger se perguntou se teria julgado mal o câmera. Dale tinha uma cabeça independente e pensava "fora da caixa" — e essas eram qualidades que Jaeger valorizava muito quando estava no exército.

Se tivessem trilhado caminhos diferentes, talvez Jaeger pudesse ter sido o câmera, e Dale, o soldado de elite.

Mais do que a maioria das pessoas, Jaeger sabia o quanto o destino de um homem pode mudar em um segundo.

Capítulo 65

Quando Jaeger terminou seu turno na vigilância, percebeu que mais alguém no acampamento estava acordado — Letícia Santos.

Aproximou-se dela, pensando em avisá-la sobre as sanguessugas. Santos já estava a par do problema e achou o evidente constrangimento de Jaeger — especialmente quando sugeriu que devia checar as partes íntimas — extremamente divertido.

— Oito anos de BOE, cinco de FUNAI — lembrou. — Estou acostumada a checar essas "partes"!

Jaeger sorriu.

— Que alívio. Então por que você resolveu mudar? — perguntou, agachando-se ao lado dela. — Desistiu de caçar bandidos para proteger os índios?

— Foram duas razões — respondeu Santos. — Primeiro, me dei conta de que não há como parar os bandidos sem proteger a floresta. É pela selva que eles transportam e escondem a droga. E, para proteger a selva, precisamos da ajuda das tribos da Amazônia. As leis brasileiras dizem que as terras indígenas devem ser protegidas. Então, se pudermos fazer contato e proteger os índios, também estaremos protegendo a selva dos bandidos.

Santos encarou Jaeger.

— Se o seu país tivesse essa maravilha, a selva amazônica, você também não trabalharia para protegê-la?

— Claro. E a segunda razão? — emendou Jaeger.

— Acabei com meu casamento por causa do trabalho na BOE — respondeu Santos, calmamente. — Uma carreira nas forças especiais raramente é a receita para um casamento duradouro e feliz, né? Tinha de estar sempre de prontidão. Guardava muitos segredos. Nunca conseguia planejar nada. Foram muitos aniversários, feriados e outras comemorações cancelados. Meu marido reclamava que eu nunca estava presente para nada. — Fez uma pausa. — Não quero que minha filha cresça e me acuse disso também.

Jaeger assentiu.

— Entendo. Abandonei o exército pouco depois que constituí família. É bem difícil.

Santos olhou a mão esquerda de Jaeger, na qual sobressaía uma aliança de ouro.

— É casado, então? Tem filhos?

— Sou. Um filho. Embora... bem, é uma longa história. — Jaeger voltou-se para a floresta. — Para resumir, eu os perdi... — Foi tudo o que conseguiu dizer.

Santos colocou a mão sobre o braço de Jaeger. E fixou os olhos nele sem disfarçar o afeto.

— É duro ficar sozinho. Se precisar de um ombro amigo, pode contar.

Jaeger agradeceu e se levantou.

— Precisamos descansar um pouco. Bons sonhos.

Jaeger acordou algumas horas depois, suado e gritando. Sua rede balançava de um lado para o outro, enquanto lutava com os monstros que tão frequentemente o atacavam nos pesadelos.

Tinha tido o pesadelo de novo — aquele que o despertara no último dia que estivera no apartamento de Wardour Castle. Mais uma vez, tinha chegado até o momento em que sua mulher e seu filho eram levados, e depois disso um muro impenetrável não permitia avançar. Olhou em volta: a escuridão era tão completa que mal conseguia ver sua mão à frente do próprio rosto. Então ouviu um movimento. Alguém, alguma coisa, estava fazendo as folhas estalarem.

A mão de Jaeger escorregou para fora da rede até encontrar a espingarda.

Uma voz veio da escuridão.

— Sou eu, Puruwehua. Ouvi você gritar.

Jaeger relaxou. Não estava surpreso de ter acordado o índio com seus gritos. Puruwehua tinha amarrado a rede bem ao lado da de Jaeger. Era melhor que fosse ele — porque confiava no guerreiro indígena mais do que em qualquer outra pessoa naquele momento.

Puruwehua se achegou.

— As memórias perdidas, estão aí dentro, *Koty'ar* — observou, calmamente. — Você só precisa permitir que elas voltem.

Jaeger encarou o índio através da escuridão.

— Todo soldado que retorna e todo pai que fracassou têm pesadelos.

— Sim, mas você carrega uma grande escuridão — disse Puruwehua. — Uma grande dor.

Ficaram em silêncio por um momento.

— Você tem luz? — perguntou Puruwehua.

Jaeger ligou uma lanterna, mantendo-a encoberta pela rede de modo a emitir apenas um halo débil e esverdeado. Puruwehua entregou ao amigo uma vasilha cheia de um líquido.

— Beba. É um remédio da selva. Vai ajudá-lo.

Jaeger apanhou a vasilha e agradeceu.

— Desculpe ter acordado você, meu amigo guerreiro. Vamos descansar para estarmos prontos para amanhã. — Dizendo isso, bebeu o líquido. Mas a calma que achava que sentiria nunca veio.

Em vez disso, sentiu uma pontada de dor na cabeça, como se alguém tivesse lhe dado um pontapé no olho. Pouco depois, começou a perder os sentidos. Sentiu que alguém o amparava, e a voz de Puruwehua murmurava palavras suaves na língua amahuaca.

Então, de repente, a parte de dentro das pálpebras de Jaeger pareceu explodir num caleidoscópio de cores que se transformaram gradualmente numa lona amarelo-clara.

A imagem foi se intensificando e se tornando mais perfeita. Jaeger estava deitado de barriga para cima na barraca, e havia dois sacos de dormir fechados ao lado, onde sua mulher e seu filho dormiam protegidos. Mas alguma coisa o acordou, trazendo-o de um sono profundo para a fria realidade do inverno galês.

A lanterna de Jaeger iluminou a lona amarela, numa tentativa de se assegurar de que não havia nenhum perigo. E, de repente, uma lâmina enorme cortou a lona de fora para dentro. Quando Jaeger tentou reagir, esforçando-se para sair do saco de dormir, ouviu um silvo e viu um bocal passar pela lona.

Um gás pesado invadiu a barraca, fazendo-o cair de costas e paralisando seus membros. Jaeger viu mãos entrando na barraca, e rostos protegidos por máscaras de gás. Minutos depois, sua mulher e seu filho foram arrastados para a escuridão.

Não podiam nem gritar, porque o gás os deixara paralisados também. Jaeger estava totalmente impotente — para defender a si mesmo e, mais importante, a sua mulher e seu filho.

Ouviu um motor acelerar, gritos, vozes, portas batendo e alguma coisa — alguém — sendo arrastado até um veículo. Com uma força de vontade sobrenatural conseguiu se arrastar até o rasgo na barraca e colocou a cabeça para fora.

Foi apenas um vislumbre, mas o suficiente. No clarão dos faróis que refletiam na neve, viu duas silhuetas — uma de um menino franzino, a outra feminina e ágil — sendo jogadas na traseira de uma picape. Em seguida, foi agarrado pelos cabelos. Sua cabeça foi erguida, de forma a ficar cara a cara com uma máscara de gás que protegia olhos cheios de ódio. Um punho coberto por uma luva o atingiu com força, duas, três, quatro vezes até que o sangue de seu nariz se

espalhou pela neve.

— Dê uma boa olhada — sussurrou o rosto por trás da máscara, enquanto virava com violência o corpo de Jaeger na direção da picape. Ouvia as palavras embaralhadas, mas compreendia o que significavam. A voz soava terrivelmente familiar. — Grave bem esse momento. Sua mulher e seu filho sendo tirados de você, eles são nossos.

A máscara se aproximou, de modo que a frente do respirador pressionou o rosto de Jaeger.

— Não se esqueça jamais: você fracassou em proteger sua mulher e seu filho. *Wir sind die Zukunft!*

Os olhos estavam arregalados por trás do vidro da máscara, cheios de adrenalina. Jaeger se deu conta de que conhecia aquele rosto e aquela expressão maníaca. Conhecia, mas não exatamente, já que não conseguia associar um nome àquele rosto odioso.

Pouco depois da cena tenebrosa, as lembranças indizíveis foram se apagando, mas uma última imagem ficou impressa na mente de Jaeger...

Quando finalmente voltou a si na rede, estava se sentindo exausto. A imagem mais viva que retivera do ataque não era exatamente uma surpresa. Em seu coração, já temia e esperava por isso. Temia que ela estivesse lá, escondida na escuridão da neve da montanha galesa.

Gravada no cabo da faca que tinha cortado a barraca havia uma sinistra e icônica imagem: a *Reichsadler*.

Capítulo 66

Puruwehua se manteve em vigília ao lado da rede de Jaeger durante as horas mortas da noite. Somente ele podia compreender o que estava se passando com Jaeger. A bebida oferecida ao líder da expedição, semelhante em efeito à *nyakwana*, era a chave para libertar imagens poderosas escondidas na mente. Ele sabia que o homem branco ficaria muito abalado.

Ao amanhecer, nenhum dos dois falou sobre o que tinha acontecido. Por alguma razão, não pareciam precisar de palavras.

Durante toda a manhã, Jaeger ficou mal-humorado e arredio — preso nas recordações que haviam ressurgido. No plano físico, caminhava normalmente pelo pântano da floresta alagada, mas mentalmente estava em outro lugar, a cabeça presa numa barraca nas geladas montanhas galesas.

A equipe percebeu a mudança de humor do líder, mas quase ninguém sabia o que poderia tê-la desencadeado. Estando tão perto da aeronave — a descoberta praticamente ao alcance deles —, esperavam que Jaeger se sentisse extremamente energizado para liderar o avanço final. Mas era o oposto: o líder da equipe estava fechado em um lugar escuro e solitário que excluía a todos.

Fazia quase quatro anos que sua mulher e seu filho tinham desaparecido. Jaeger estivera treinando para o Desafio Pen y Fan — uma corrida de 24 quilômetros nas montanhas do País de Gales. Era Natal, e Jaeger, Ruth e Luke tinham decidido passar o feriado de um jeito inusitado, acampando nas montanhas galesas. Era a oportunidade perfeita para ficarem juntos, já que Luke adorava acampar e Jaeger podia treinar sem se afastar da família. Era o combo aventura em família — Jaeger tinha dito, brincando, para sua mulher.

Montaram acampamento perto do local onde a corrida iria começar. O Desafio Pen Y Fan era inspirado na seleção para as forças especiais britânicas. Em um dos estágios mais difíceis da prova, os candidatos tinham que subir a parte mais íngreme da montanha, descer pela trilha de pedras conhecida como Jacob’s

Ladder, e continuar pela antiga estrada romana, ao fim da qual chegavam ao ponto de onde deveriam voltar o trajeto todo no sentido inverso.

O desafio era um teste brutal de velocidade, resistência e condicionamento físico — coisas que Jaeger possuía naturalmente. Embora não estivesse mais no exército, ainda gostava de provar para si mesmo, vez ou outra, do que era capaz.

Naquela noite, Jaeger dormiu com o corpo doendo por causa do treino pesado. Ruth e Luke também estavam exaustos por terem andado de bicicleta pelo vale gelado. A lembrança consciente seguinte de Jaeger datava de uma semana depois, na UTI — quando soube que Ruth e Luke haviam desaparecido.

O gás usado contra os três tinha sido identificado como Kolokol-1, uma substância russa poderosa e pouco conhecida que fazia efeito em um a três segundos. Não costumava ser fatal — a menos que a vítima sofresse exposição prolongada em ambiente fechado —, mas custara a Jaeger vários meses de recuperação.

A polícia havia encontrado o porta-malas do carro de Jaeger cheio de presentes de Natal para a família — presentes que nunca seriam abertos. Tirando as marcas de pneus de picape, não havia nenhuma outra pista dos desaparecidos. Parecia um sequestro sem motivação aparente, seguido talvez por homicídio.

Embora Jaeger não fosse exatamente um suspeito, algumas vezes o interrogatório o colocara nessa posição. Quanto menos motivos a polícia encontrava para o sequestro, mais voltava a investigação para o passado de Jaeger, procurando razões que pudessem explicar um desejo seu de se livrar da mulher e do filho.

Passaram um pente fino nos registros militares de Jaeger, trazendo à tona todo e qualquer histórico de trauma extremo que pudesse desencadear um surto de estresse pós-traumático. Qualquer coisa que sugerisse um comportamento anormal. Interrogaram os amigos mais próximos de Jaeger e questionaram a família repetidas vezes — principalmente os pais de Jaeger — sobre quaisquer sinais de problemas no casamento.

Isso havia, em parte, precipitado a mudança dos pais de Jaeger para as Bermudas — o casal queria escapar daquela intrusão sem limites. Os pais de Jaeger ficaram por perto para ajudar no começo, mas quando Jaeger fugiu para Bioko, aproveitaram para tentar começar vida nova em outro lugar. As pistas foram se tornando ainda mais apagadas. Luke e Ruth estavam desaparecidos havia quase um ano, já eram dados como mortos, e a investigação incansável de Jaeger o tinha exaurido.

Foram dias, meses, anos, para que as recordações escondidas daquela noite sombria começassem a voltar à superfície. E agora essa: tinha recuperado as últimas lembranças, as que estavam mais enterradas, pelas mãos de um guerreiro

amahuaca, com a ajuda de uma boa dose de uma bebida à base de *nyakwana*.

Claro que não tinha sido nenhuma *Reichsadler* antiga o que tinha visto no cabo daquela faca. Era a mesma imagem que tanto aterrorizara seu tio-avô Joe numa cabana perdida nas montanhas escocesas. As palavras de Joe voltavam à memória de Jaeger agora, enquanto caminhava pela floresta alagada, junto com aquele olhar de terror que tomou conta do rosto do tio-avô.

E então esse menino vem aqui, esse menino precioso com... com isso. Ein Reichsadler! Aquela terrível, desgraçada maldição! Pelo que o menino diz, parece que o mal está de volta...

De acordo com o chefe dos amahuacas, uma *Reichsadler* semelhante fora encontrada nos corpos dos dois guerreiros indígenas capturados — e desenhada pela mesma força que agora perseguia Jaeger e o restante da equipe.

O que mais desconcertava Jaeger era a impressão de reconhecer a voz por trás da máscara de gás. Porém, por mais que quebrasse a cabeça, não conseguia associar a voz a nenhum nome ou imagem.

Se por alguma razão conhecia o homem que o havia atormentado tanto, sua identidade permanecia completamente perdida para ele.

Capítulo 67

O início da tarde do décimo dia da expedição na selva se aproximava quando Jaeger começou a se sentir melhor. A proximidade da aeronave o arrancou das sombras do passado conturbado.

Apesar da inquietação que havia sentido durante toda a manhã, Jaeger mantivera a bússola e as pedras na mão. Com isso, havia calculado que faltavam apenas uns três quilômetros para o começo da floresta morta. A partir dali, seriam troncos de madeira podre e tóxica, que pareciam ossos expostos, até a carcaça da aeronave.

Entraram num trecho particularmente alagado da floresta.

— *Yaporuamuhua* — anunciou Puruwehua, conforme iam afundando. — Floresta alagada. Quando a água sobe assim, as piranhas tendem a vir dos rios para cá. Elas se alimentam de qualquer coisa que puderem encontrar.

A água escura estava se mexendo ao redor da cintura de Jaeger.

— Obrigado pelo aviso — murmurou.

— Elas só são agressivas quando estão famintas — ponderou Puruwehua. — Depois de chuvas como essa, encontram muito o que comer.

— E se elas *estiverem* com fome? — perguntou Jaeger.

Puruwehua olhou para a árvore mais próxima.

— É preciso sair da água. Depressa.

Jaeger observou uma coisa pegajosa e prateada passando na água rasa perto de seu corpo. Depois outra, depois outra. Alguns dos peixes chegavam a encostar nele. A cor era verde-brilhante no dorso, e eles tinham dois olhos amarelos voltados para cima e duas fileiras de dentes enormes que pareciam espinhos.

— Estão por todo lado — sussurrou Jaeger.

— Não se preocupe. Isso é bom, muito bom. São *andyrapepotiguhua*. Peixes-vampiros. Comem as piranhas, capturando-as com seus dentes compridos e pontudos.

— Tudo bem, vamos deixar esses bichos por perto pelo menos até chegarmos

à aeronave.

A água ficou ainda mais funda. Estava quase na altura do peito agora.

— Logo vamos ter que nadar como o *pirau'ndia* — observou Puruwehua. — Um peixe que fica na vertical, com a cabeça para fora da água.

Jaeger não respondeu.

Já tivera sua cota de água fétida, mosquitos, sanguessugas, jacarés e peixes perigosos. Agora só queria ir embora da selva junto com a aeronave e o restante da equipe para recomeçar a busca pela família.

Estava na hora de terminar a expedição e começar uma nova vida. Ao fim dessa aventura maluca, tinha certeza de que descobriria o destino da mulher e do filho, de um jeito ou de outro. Senão, morreria tentando. Viver no limbo, como vinha acontecendo, não era viver. Foi o que Jaeger descobriu depois daquela noite.

Podia sentir que Puruwehua o observava enquanto caminhavam num silêncio conciliatório.

— As coisas estão mais claras agora, amigo?

Jaeger assentiu.

— É hora de assumir o controle, Puruwehua, hora de acabar com essa gente que quer destruir o seu mundo e o meu.

— Chamamos isso de *hama* — respondeu Puruwehua. — Destino ou sina.

Por mais algum tempo, caminharam num silêncio solidário.

Jaeger sentiu uma presença se aproximando na água às suas costas. Era Irina Narov. Como os demais integrantes da equipe, ela caminhava com a arma principal — um fuzil de precisão Dragunov — acima do corpo, para fora da água, para manter o equipamento limpo e seco. O esforço era grande, mas, com a proximidade da aeronave, ela parecia ter recebido uma dose extra de energia.

O Dragunov era uma escolha estranha de arma para a selva, onde os combates eram invariavelmente de curta distância, mas Narov tinha insistido. Pelo menos havia optado, o que era razoável, pelo SVDS, versão mais compacta e leve da arma.

Não passou despercebido a Jaeger que as duas armas escolhidas por Narov — a faca e o fuzil de precisão — eram ferramentas de matadores. Assassinos solitários. Havia algo em Narov que a diferenciava do grupo, isso era certo, mas, por outro lado, havia também alguma coisa em seu comportamento que Jaeger achava estranhamente familiar.

O melhor amigo de Luke na escola, um garoto chamado Daniel, tinha algumas características de Narov: a fala constrangedoramente direta, algumas vezes beirando a rispidez; dificuldades com regras de sociabilidade que a maioria dos outros garotos compreendia naturalmente; medo de olhar nos olhos até que

confiasse na pessoa.

Havia levado um bom tempo para Daniel confiar em Luke. Porém, quando isso aconteceu, ele se tornou seu amigo mais leal e constante. Competiam em tudo: rúgbi, hóquei, até no *paintball*. Mas sempre o tipo de competição saudável entre melhores amigos — e estavam sempre do mesmo lado diante de qualquer outra pessoa.

Quando Luke desapareceu, Daniel ficou arrasado. Tinha perdido seu maior companheiro, seu colega de batalhas. Assim como Jaeger também perdera o seu.

Jaeger e Ruth haviam se tornado amigos dos pais de Daniel. E foi assim que souberam que o garoto tinha sido diagnosticado com Asperger ou um outro tipo de autismo de alto desempenho — os especialistas não tinham certeza. Assim como outras crianças com essa síndrome, Daniel era obcecado por matemática e muito bom na matéria. E tinha um jeito mágico de lidar com animais.

Jaeger se lembrou do encontro com as aranhas-armadeiras. Uma coisa lhe havia chamado atenção, embora não tivesse clareza do que representava, na ocasião. Narov tinha agido quase como se as aranhas venenosas fossem de estimação. Tinha relutado em matar uma só que fosse até não haver outra opção.

E se havia algo com o qual Narov ficaria obcecada, além de ser incrivelmente capaz de realizar, Jaeger sabia bem o que era: caçar e matar.

— Quanto? — perguntou ela, interrompendo seus pensamentos.

— Quanto o quê?

— Para chegar à aeronave. O que mais seria?

Jaeger apontou para a frente.

— Cerca de oitocentos metros. Consegue ver ali na frente, onde a luz invade as copas das árvores? Ali é onde começa a floresta morta.

— Tão perto — sussurrou ela.

— *Wir sind die Zukunft* — repetiu Jaeger. Aquela era a frase que tinha ouvido pouco antes de despertar do efeito da *nyakwana*. — Você fala alemão. *Wir sind die Zukunft.* O que significa?

Narov parou bruscamente. Encarou Jaeger por um longo segundo, o olhar congelado.

— Onde ouviu isso?

— Um eco do meu passado. — Por que aquela mulher sempre tinha que responder com outra pergunta? — E então, o que quer dizer?

— *Wir sind die Zukunft* — Narov repetiu, de forma deliberadamente lenta. — Nós somos o futuro. Era o grito de guerra da *Herrenrasse*, a raça superior dos nazistas. Quando Hitler se cansou do *Denn heute gehört uns Deutschland, und morgen die ganze Welt,* adotou o *Wir sind die Zukunft*. O povo aderiu.

— Como você sabe tanto sobre isso? — perguntou Jaeger.

— Conhece teu inimigo — respondeu Narov, enigmaticamente. — Considero minha obrigação. — Ela lançou a Jaeger um olhar que pareceu quase acusatório. — A questão é: como você sabe tão pouco? — Narov fez uma pausa. — Tão pouco sobre seu próprio passado?

Capítulo 68

Antes que Jaeger pudesse responder à russa, ouviu um grito assustador vindo de trás. Quando se virou, percebeu a expressão de terror no rosto de Letícia Santos um segundo antes de ela ser arrastada para baixo d'água. A brasileira voltou à superfície, batendo os braços desesperadamente, o rosto contorcido numa máscara de horror, e foi puxada novamente para baixo.

Jaeger teve apenas um leve vislumbre do que a tinha agarrado. Era uma das enormes cobras-d'água sobre as quais Puruwehua havia alertado: uma constritora. Ele seguiu o rastro da cobra nas águas rasas e mergulhou para agarrar a cauda da serpente mortal, lutando para soltar Letícia do abraço do bicho.

Não podia usar a espingarda. Se abrisse fogo, iria ferir Letícia também. A água borbulhava. Santos e a serpente estavam entrelaçadas numa mistura de cobra e gente, uma luta que a brasileira nunca poderia vencer sozinha. Quanto mais Jaeger puxava, mais o monstro constritor parecia apertar o abraço assassino.

Então Jaeger ouviu um ruído às suas costas. Era o som do fuzil de um atirador de elite. No mesmo instante, de algum lugar da massa que fundia cobra e gente, houve uma explosão de sangue e carne, conforme a bala atingia o alvo.

Pouco depois, a luta estava terminada, a cabeça da cobra pendendo sem vida. Jaeger percebeu que o crânio do bicho tinha sido detonado — a bala de alta velocidade do fuzil deixara um buraco de saída bem visível. Um por um, Jaeger começou a soltar os anéis com que a cobra mortal abraçara Santos e, com a ajuda de Alonzo e Kamishi, libertou a brasileira.

Enquanto os três tentavam tirar a água dos pulmões da Santos, Jaeger virou-se para Narov. Ela estava parada no pântano, o Dragunov ainda no ombro para o caso de precisar dar um segundo tiro.

Santos voltou a respirar, tossindo muito, o peito carregado. Jaeger se assegurou de que a situação da brasileira estivesse estável, mas ela parecia muito

traumatizada, e tremia de terror pelo ataque sofrido. Alonzo e Kamishi concordaram em carregá-la pelos últimos metros até a aeronave, deixando Jaeger livre para se juntar a Narov na frente da fila.

— No alvo — observou friamente, uma vez que tinham retomado a caminhada. — Como você podia ter certeza de que ia atingir a cabeça da cobra e não a de Letícia?

Narov fitou Jaeger, sem emoção aparente.

— Se ninguém tivesse atirado, ela estaria morta. Mesmo com a sua ajuda, era uma batalha perdida. Com isto aqui — e alisou a arma —, tínhamos uma chance de cinquenta por cento. Melhor que nada. Algumas vezes uma bala pode salvar em vez de tirar uma vida.

— Então você jogou uma moeda para cima e puxou o gatilho... — Jaeger ficou em silêncio.

Jaeger sabia que a bala disparada por Narov podia ter atingido a Santos ou ele próprio e, no entanto, ela não tinha pensado duas vezes antes de abrir fogo — como um apostador. Não conseguia decidir se isso demonstrava que Narov era o máximo do profissionalismo ou uma psicopata.

Narov olhou sobre o ombro para o lugar onde a cobra fora morta.

— É uma pena. A constritora só estava fazendo o que lhe é natural, estava procurando o que comer. A *mbojuhua*. *Boa constrictor imperator*. Está na lista de espécies em grande perigo de extinção.

Jaeger encarou Narov com o canto do olho. Ela parecia mais preocupada com a cobra morta do que com Letícia Santos. Jaeger raciocinou que, se ela era de fato uma assassina profissional, o fato de se preocupar mais com animais do que com humanos tornava tudo mais fácil para ela.

O terreno virou um aclive conforme se aproximavam da área morta.

À frente, Jaeger podia ver o local onde a vegetação fora devastada. O verde tinha sido substituído por uma fileira de troncos esbranquiçados pelo sol, como se formassem uma fileira de lápides. Acima, dava para distinguir o esqueleto da vegetação morta entrelaçada — o que restava das copas das árvores —, e, abaixo, uma massa de cinzas.

A equipe se juntou na fronteira daquela zona onde toda vida tinha perecido.

Logo à frente, Jaeger podia ouvir a chuva caindo, ensurdecedora, em vez de só gotejar como acontecia debaixo da proteção das copas das árvores. Aquilo soava antinatural — a floresta morta parecia horrivelmente vazia e exposta.

Jaeger percebeu Puruwehua estremecer.

— A floresta... nunca deveria morrer — observou o índio. — Quando a floresta morre, nós, amahuacas, morremos com ela.

— Nada de morrer agora, Puruwehua — grunhiu Jaeger. — Vocês são nossos

koty'ar, lembra? Precisamos de vocês.

Ambos encararam a floresta morta. A distância, Jaeger pôde discernir uma coisa escura e enorme, meio obscurecida pelos galhos nus que se erguiam em direção ao céu. Seu pulso se acelerou. Quase dava para avistar a silhueta da aeronave. Apesar da visão da noite anterior — ou talvez por causa dela —, não via a hora de entrar no avião e desvendar seus mistérios.

Voltou-se para Puruwehua.

— Sua gente nos avisaria se o inimigo estivesse por perto? Vocês têm homens seguindo a Força Maligna, não têm?

Puruwehua assentiu.

— Temos. E nos deslocamos mais rápido que eles. Bem antes de eles chegarem, seremos avisados.

— Então, quanto tempo você acha que temos? — perguntou Jaeger.

— Meu povo vai tentar nos dar o alerta com um dia de antecedência. Teremos um nascer e um pôr do sol para terminar o trabalho aqui.

Capítulo 69

— Ok. Todo mundo ouvindo agora — chamou Jaeger.

Todos se juntaram debaixo dos últimos metros de floresta viva que restavam. Estavam em terreno elevado, e não parecia que as águas alguma vez antes tivessem subido tanto.

— Em primeiro lugar, ninguém chega perto da aeronave sem o equipamento de proteção completo. Precisamos identificar a ameaça para, só então, termos certeza do tipo de perigo que a substância com que estamos lidando representa. Uma vez determinado o grau de toxicidade, poderemos definir como nos proteger. Temos três trajes de proteção completos. Eu gostaria de ser o primeiro a entrar na aeronave para pegar amostras de água, ar e o que mais puder encontrar. Aí faremos um sistema de rodízio da equipe, mas precisamos manter o índice de risco de contaminação cruzada no mínimo.

E continuou:

— Vamos montar acampamento aqui. Pendurem as redes longe da floresta morta. E atentem para a urgência: Puruwehua acha que temos vinte e quatro horas antes de os outros caras chegarem. Vamos ser alertados pelos índios, mas gostaria de contar com um cordão de proteção. Alonzo, você cuida disso.

— Cuido — confirmou Alonzo. Em seguida, apontou para a aeronave. — Aquela coisa, cara, me dá arrepios. Não me importo de ser o último a entrar lá dentro.

— Você acha que consegue participar do esquema de segurança? — perguntou Jaeger a Letícia. — Ou prefere que preparemos uma rede para você descansar? Foi uma luta e tanto que você travou com aquela cobra!

— Contanto que eu possa ficar longe da água — respondeu bravamente a Santos. Ela fitou Narov. — E contanto que a cossaca maluca mantenha o fuzil apontado na direção de outra pessoa.

Mas a atenção de Narov estava em outro lugar. Ela parecia totalmente hipnotizada, não tirava os olhos da silhueta distante da aeronave.

Jaeger se virou para Dale:

— Acho que você vai querer filmar isso. E quero deixar bem claro: gostaria que você o fizesse. Vai ser a primeira vez que alguém entra nesse avião depois de sete décadas, isso precisa ser registrado. Você fica com a segunda roupa de proteção para poder ir comigo lá dentro.

Dale deu de ombros.

— O que pode ser pior do que encarar um ataque de piranhas ou uma virilha cheia de sanguessugas?

Era o tipo de resposta que Jaeger aprendera a esperar do cara. Não é que Dale não tivesse medo, mas isso não o impedia de fazer o que devia ser feito.

Jaeger fitou Narov.

— Parece que você sabe mais sobre esse avião do que qualquer outra pessoa: você fica com a terceira roupa de proteção. Vai nos ajudar a encarar o que quer que esteja nos esperando por lá.

Narov assentiu, mas seu olhar continuava fixo na aeronave distante.

— Puruwehua, gostaria que você colocasse sua turma na floresta para formar um grupo de alerta em caso de problema. O restante de vocês estará posicionado no cordão de segurança de Alonzo. E, lembrem-se: não usem nenhum tipo de comunicação ou GPS. A última coisa que queremos é mandar um aviso para os caras que estão nos caçando.

Todos concordaram. Jaeger tirou o equipamento de proteção nuclear, biológica e química da mochila. A ameaça do material tóxico que estava vazando da aeronave podia atingi-los se o respirassem ou ingerissem via membranas porosas, como a pele.

Como foram obrigados a carregar os equipamentos apenas nas mochilas, só tinham conseguido trazer três kits completos de proteção. Os kits haviam sido projetados por uma empresa britânica, a Avon, para serem leves e proteger o corpo de quaisquer gotículas e vapores que pudessem estar no ar.

Para completar a roupa de proteção, havia a máscara Avon C50 — uma peça única de alta proteção, cuja estrutura permitia que o equipamento ficasse bem colado à pele. A máscara — e o respirador — protegia o rosto e os olhos, além de impedir que qualquer material tóxico atingisse os pulmões.

Vestidos dos pés à cabeça, estariam blindados contra praticamente qualquer ameaça química, biológica, nuclear ou radiológica, além de toxinas industriais — o que cobria todo e qualquer risco concebível nos arredores e no interior da aeronave de guerra.

Como bônus, cada máscara da Avon tinha um transmissor que possibilitava a comunicação entre as pessoas que vestiam o traje por ondas curtas de rádio.

Tendo vencido a etapa de vestir a roupa complicada, Jaeger fez uma pausa.

Pensou que seria prudente ligar o Thuraya e checar se havia alguma mensagem. Uma vez que estivesse com a máscara e as luvas, não seria tarefa fácil usar o telefone.

Segurou o aparelho numa clareira e um ícone de mensagem apareceu na tela. Em seguida, Jaeger voltou para baixo das copas das árvores, antes mesmo de ler o que Raff tinha escrito.

0800 Zulu — tentei telefones da equipe. Um deles + 882 16 7865 4378 respondeu, depois imediatamente desligou. Atendeu em código (?) Algo como Lobo Branco (?) Voz com sotaque do leste europeu. KRAL?? Comunique localização e status — urgente.

Jaeger leu a mensagem três vezes enquanto tentava compreender o conteúdo. Claramente Raff estava preocupado com a localização e o status da missão, ou não teria se arriscado a fazer uma chamada de voz. Era preciso mandar uma resposta para comunicar que estavam todos no local da aeronave.

Ou melhor, todos menos um — Stefan Kral.

Com a mensagem de Raff, Jaeger sentiu uma nuvem negra envolver a desistência de Kral.

Repassou os números dos telefones Thuraya da equipe. Em teoria, carregavam apenas três aparelhos com eles — o do próprio Jaeger, o de Alonzo e o de Dale —, o resto deveria ter sido abandonado no esconderijo próximo à Catarata do Diabo. O número + 882 16 7865 4378 era de um Thuraya que supostamente tinha ficado para trás.

Jaeger tentou se lembrar do que ocorrera às 0800 Zulu naquela manhã. Tinham acabado de deixar o acampamento e recomeçar a caminhada. Ninguém da equipe teria conseguido receber a ligação de Raff. Mas se Kral havia escondido um Thuraya na mochila, poderia ter recebido a ligação na aldeia amahuaca. Sem contar que poderia ter feito ligações também.

A questão era — por que esconder o telefone? E por que o nome em código — se é que Raff tinha entendido direito — Lobo Branco? E por que desligar ao perceber que a ligação vinha de Raff, do dirigível?

Jaeger sentiu uma terrível desconfiança envolvê-lo por inteiro. Isso tudo, somado à suposta falha de Kral em desabilitar o GPS das câmeras de Dale, parecia indicar que o eslovaco era o inimigo infiltrado. Se fosse de fato o traidor, Jaeger fora duplamente traído, já que havia caído direitinho na encenação de homem de família apresentada por Kral.

Chamou Puruwehua. Explicou o que havia acontecido o mais rápido que pôde.

— Será que um dos seus homens pode voltar à aldeia e avisar o chefe? Diga ao chefe para segurá-lo até que possamos interrogá-lo. Não estou afirmando que

ele seja culpado, mas todas as evidências apontam para isso. Peça para tirarem tudo que não for absolutamente essencial dele, para evitar que faça novo contato.

— Vou mandar alguém — confirmou Puruwehua. — Um dos meus homens mais rápidos. Se ele é inimigo de vocês, é também inimigo do meu povo.

Jaeger agradeceu. Mandou a Raff uma mensagem rápida e retornou ao trabalho.

Jogou os ombros para a frente, puxou a parte de trás da máscara de gás e colocou-a sobre a cabeça, certificando-se de que a borracha estivesse hermeticamente vedada na pele do pescoço. Ajustou as alças que restavam e sentiu a máscara bem apertada contra o rosto.

Apanhou o filtro do respirador e empurrou o equipamento com a palma da mão para ter certeza de que estava totalmente vedado. Respirou fundo, fazendo com que a máscara ficasse ainda mais colada ao rosto, para se assegurar de que estava bem colocada. Isso feito, respirou algumas vezes pelo filtro, ouvindo o som da própria respiração rugir em seus ouvidos.

Puxou o capuz sobre a cabeça e o selante sobre as pontas da máscara. Colocou a volumosa proteção sobre as botas de forma que cobrisse completamente os calçados de selva e depois amarrou a proteção bem firme em volta dos tornozelos. Por último, mas não menos importante, calçou as luvas brancas finas de algodão, depois as grossas de borracha que iam por cima.

O mundo de Jaeger estava agora reduzido ao pouco que conseguia ver através da máscara de gás. O filtro duplo ficava localizado à frente e à esquerda, numa tentativa de não bloquear a visão, mas Jaeger já começava a ficar claustrofóbico e sentia o calor e o desconforto envolvendo seu corpo.

Totalmente vestidos, os três avançaram em direção à área morta.

Capítulo 70

Para quem passara tanto tempo escutando o barulho das aves e dos insetos na área verde da floresta, a entrada na região morta se mostrou lugubremente silenciosa. O tamborilar da chuva contra a máscara de Jaeger marcava um ritmo regular que acompanhava seu inspirar e expirar. Fora isso, o terreno parecia desprovido de vida.

Os pés de Jaeger pisavam apenas em galhos podres e cascas de árvores.

Porém, ao afastar os detritos com as botas de proteção, percebeu que alguns insetos tinham começado a recolonizar a área morta. Um monte de formigas cascudas se agitava nervosamente sob seus passos. Além delas, algumas de suas velhas amigas na prisão de Black Beach também tinham resolvido aparecer: baratas.

Formigas e baratas. Se algum dia houvesse uma guerra mundial cataclísmica de armas nucleares e químicas, os insetos muito provavelmente herdariam o planeta. Afinal, são, em sua maioria, imunes às ameaças químicas tóxicas ao homem — e provavelmente imunes também ao que estava vazando daquela aeronave.

Os três caminharam em silêncio.

Jaeger podia sentir a tensão que emanava de Narov, ao seu lado. Um passo ou dois atrás vinha Dale, filmando tudo. Mas o câmera tinha dificuldade para manter o enquadramento das imagens com as mãos protegidas pelas luvas grossas e com a máscara de gás restringindo a visão.

Pararam a uns quinze metros do avião, de onde era possível ver a enormidade do que aparecia diante deles. A aeronave permanecia parcialmente protegida por troncos de árvores cadavéricos — despidos de folhas e casca, mortos por dentro —, mas, ainda assim, dava para enxergar nitidamente as linhas elegantes do avião gigante, escondido na selva por sete décadas ou mais.

Depois da viagem épica necessária para chegar até ali, os três ficaram em silêncio, olhando com reverência.

Até mesmo Dale tinha parado de filmar para olhar.

Tudo que tinham passado culminava naquele momento: toda a pesquisa; o planejamento; as reuniões; a especulação sobre o avião estar de fato na Amazônia. E, nos últimos dias, as mortes e o sofrimento ao longo do caminho — além da lâmina fria da traição.

Jaeger observava a aeronave, boquiaberto. Estava espantado pelo seu estado de conservação. Era quase como se o avião só precisasse ser reabastecido, o que lhe faltara tantos anos atrás, para que seus motores funcionassem e ganhassem o céu mais uma vez.

Dava para entender por que Hitler alardeara que a aeronave seria sua *Amerika Bomber*. Como Jenkinson, o arquivista, havia declarado, ela parecia feita sob medida para lançar gás sarin sobre Nova York.

Jaeger estava extasiado.

Pelo amor de Deus, o que essa coisa estava fazendo na selva?, se perguntava. Qual seria a missão desse avião? E, se esse era o quarto da frota, como o chefe amahuaca tinha dito, o que *todos* eles estariam carregando?

Jaeger tinha visto apenas um Junkers Ju-390 na vida, na fotografia antiga em preto e branco que Jenkinson havia enviado por e-mail — uma das pouquíssimas imagens disponíveis. A foto mostrava uma aeronave escura e elegante com seis motores — tão gigantesca que fazia os soldados que estavam ao redor parecerem formigas.

A frente do avião tinha o formato da cabeça de uma águia perfilada, a cabine era aerodinâmica, e o corpo trazia fileiras de janelas de ambos os lados. A única diferença entre o avião que vira na foto e o que estava à sua frente agora era a localização e as bandeiras.

A foto mostrava um Ju-390 em sua última destinação conhecida — uma pista de pouso cheia de neve em Praga, na Tchecoslováquia ocupada, em uma fria manhã de fevereiro de 1945. Pintada em cada uma das enormes asas, era possível ver uma cruz preta contra um fundo branco — a insígnia da Luftwaffe alemã — com símbolos semelhantes na fuselagem da cauda.

Em contraste, a aeronave que estava diante de Jaeger trazia um símbolo igualmente conhecido — uma estrela de cinco pontas sobre um fundo vermelho e branco —, a inconfundível marca das Forças Aéreas Americanas. Os símbolos estavam gastos pelo tempo, quase a ponto de não serem visíveis, mas, para Jaeger e sua equipe, ainda eram claramente distinguíveis.

Os oito pneus gigantes da aeronave estavam furados e vazios, mas, ainda assim, cada um deles chegava mais ou menos à altura do ombro de Jaeger. A cabine se elevava a bem um terço da altura do que um dia fora a copa das árvores, e que agora era apenas uma teia de galhos mortos.

Conforme Carson dissera, quando estavam no escritório da Wild Dog Media, em Londres, a aeronave fazia o moderno Hercules C-130 — o avião em que Jaeger e a equipe tinham voado — parecer um brinquedo. E, tirando as trepadeiras que se enrolavam na fuselagem e os galhos mortos que repousavam sobre os cerca de cinquenta metros de asas, ele parecia inacreditavelmente intacto — mais uma prova de que devia de fato ter pousado na selva.

Obviamente a aeronave tinha sofrido o efeito das sete décadas na floresta. Jaeger percebeu que alguns rebites estavam corroídos e aqui e ali um pedaço da cobertura tinha cedido. As asas e o corpo da aeronave estavam cobertos por um tapete de limo, e restos de samambaias e trepadeiras atulhavam-lhe o dorso.

Mas a deterioração era, no geral, cosmética.

Estruturalmente, a aeronave parecia perfeita. Uma boa arrumada e, pensou Jaeger, estaria praticamente pronta para voar. Ele ouviu um grasnar alto vindo do céu. Era um bando de papagaios verdes que passava pelo alto da área morta. O barulho dos bichos fez Jaeger sair de seu estado hipnótico.

Virou para Narov.

— Só há um jeito de entrar. — As palavras foram abafadas pela máscara de gás, mas ele podia ser ouvido pelo sistema de rádio embutido nas roupas de proteção. Jaeger deslizou a mão enluvada na parte de trás da aeronave, enquanto caminhava ao lado da fuselagem até chegar à cabine.

Narov fitou Jaeger através da máscara:

— Eu vou primeiro.

Capítulo 71

Como o pneu de cauda do avião estava murcho, a traseira da aeronave ficava praticamente ao alcance de Narov, mas, ainda assim, ela precisou subir num dos galhos das árvores mortas para dar impulso. Então esticou o braço em direção à parte superior do avião e puxou o resto do corpo, até estar de pé em cima do trecho plano da cauda.

Jaeger a seguiu. Esperou Dale para pegar a câmera de filmagem e ajudá-lo a subir até a superfície plana. Narov se apressou na frente, andando pelo dorso da aeronave, e desapareceu de vista.

A superfície inferior da fuselagem do Ju-390 era reta, enquanto a superior era inclinada. Jaeger escalou até o alto do avião, seguindo Narov pela a espinha dorsal da aeronave e contornando o astrodomo, que ficava logo atrás da cabine e onde o navegador deveria se sentar — uma parte do avião cercada de todos os lados por painéis de vidro. Era dali que o navegador fazia os cálculos, a partir da posição das estrelas, para orientar a aeronave por milhares de quilômetros de oceano e selva. Jaeger reparou que algumas das vedações de borracha que envolviam as janelas do astrodomo estavam deterioradas, e que um ou dois dos painéis tinham caído para dentro do avião.

Aproximou-se da cabine do piloto, deslizando pela fuselagem para se juntar a Narov, empoleirada bem no nariz da aeronave. A posição era precária: o chão estava a uns doze metros deles diretamente abaixo.

O nariz do avião era feito de curvas suaves e aerodinâmicas, mas estava sujo e deteriorado pelos setenta anos na selva. Jaeger fez o possível para afastar o grosso do limo com a bota, para garantir um apoio minimamente seguro para os pés.

Dale apareceu logo acima, a câmera na mão, e se ajeitou para filmar. Jaeger puxou uma medida de corda de uma bolsa presa à roupa de proteção, jogou uma ponta para Dale e pediu que o câmera a passasse pela antena do rádio que sobressaía no teto da parte traseira da cabine. Dale jogou a corda de volta e

Jaeger deu duas laçadas, para que ele e Narov pudessem ter alguma coisa em que se segurar.

Narov estava espiando através de uma das duas janelas frontais. Dava para ver no vidro a marca deixada pelas suas luvas ao tentar limpar o grosso da sujeira.

Por um momento brevíssimo, Narov olhou para Jaeger.

— A janela lateral. Acho que foi deixada destrancada. É por ali que vamos conseguir entrar.

Ela se esticou para a lateral da aeronave, com a faca característica em uma das mãos. Habilmente, inseriu a lâmina na borracha meio corroída que selava a janela e fez pressão. Muitas aeronaves desse tipo têm janelas de correr, que permitem ao piloto falar com a equipe em terra na pista de decolagem.

Narov tentava abrir uma dessas. Centímetro a centímetro, foi conseguindo deslizar a janela, até que a abertura foi suficiente para ela passar. Pegando uma das laçadas da corda de Jaeger, Narov se balançou pela lateral da cabine e jogou as pernas para dentro. Como um gato, passou o quadril e o tronco pela janela e, dando uma olhada apenas de relance em Jaeger, desapareceu lá dentro.

Agarrando-se à corda, Jaeger se balançou e seguiu Narov, aterrissando com estardalhaço no chão de metal da cabine. Demorou alguns segundos para que seus olhos se acostumassem à escuridão.

A primeira impressão foi a de ter entrado numa máquina do tempo. Não dava para sentir cheiros, evidentemente, porque o respirador filtrava tudo, mas dava para imaginar o bolor e mofo dos assentos de couro, misturados ao aroma acre de alumínio corroído das dezenas de botões que se alinhavam no enorme painel de voo.

Atrás de Jaeger estava o que devia ser o assento do tripulante assistente, escondido num recanto apertado, de frente para um monte de alavancas e mostradores. Mais para trás ficava o assento do navegador, enfiado no domo transparente, e, mais além, na área mais escura, um anteparo que separava a cabine do corpo da aeronave.

O interior do avião parecia fantasmagoricamente intocado — como se a tripulação tivesse acabado de abandoná-lo poucas horas antes. Havia um recipiente ao lado do banco do piloto e, ao lado dele, uma caneca suja com o que parecia ser uma crosta de café.

Um par de óculos de aviador estava largado no assento, como se o piloto tivesse acabado de jogá-lo ali para ir até a parte de trás da aeronave falar com alguém da tripulação. A impressão geral era fantasmagórica. Mas, afinal, o que ele estava esperando?

Havia algo aparafusado acima do assento do piloto que chamou a atenção de Jaeger. Era uma geringonça estranha — que parecia fora de contexto — afixada

num suporte giratório, como se pudesse cair sobre os olhos do piloto, se necessário. Jaeger olhou para o assento do copiloto, e lá também havia um mecanismo semelhante.

Sentiu que Narov o observava.

— Isso é o que estou pensando? — perguntou Jaeger.

— Zielgerät 1229, Vampir — confirmou Narov. — Visão infravermelha, como a chamaríamos hoje. Para fazer pousos na mais completa escuridão.

Encontrar aquele equipamento ali claramente não era surpresa para ela. Jaeger, no entanto, passara toda sua vida adulta acreditando que o equipamento de visão infravermelha tinha sido inventado pelos militares americanos — e só há algumas décadas. Encontrar um equipamento desses em funcionamento num avião alemão da Segunda Guerra Mundial era loucura.

Na mesa do navegador, logo atrás, Jaeger descobriu os remanescentes mofados de um gráfico, além de um lápis e de uma bússola ao lado. O navegador certamente tinha sido um fumante inveterado. Um morro de pontas de cigarro meio decompostas enchia um cinzeiro com tampa, e havia um pacote da Luftwaffe cheio de fósforos usados.

Enfiada no que só podia ter sido o arquivo do navegador havia uma imagem antiga e amarelada. Jaeger a apanhou. Era uma foto aérea que Jaeger reconheceu de imediato como a pista de pouso em que estavam, na época em que fora construída, mais de sete décadas atrás.

Havia várias palavras em alemão, uma das quais *Treibstofflager*, que trazia o símbolo de um tambor de combustível ao lado.

Treibstofflager é que devia ter faltado, prendendo a aeronave ali para sempre.

Jaeger se virou para mostrar a Narov o que tinha encontrado, mas ela estava de costas, e havia algo de furtivo em sua postura. Ela estava reclinada sobre uma bolsa de couro e suas mãos repassavam fervorosamente os documentos nela contidos. Apenas pela linguagem corporal de Narov, Jaeger soube que ela tinha conseguido o que quer que tivesse vindo buscar, e que ninguém ia conseguir tirar dela o que estava dentro daquela bolsa.

Ela sentiu que Jaeger a observava. Sem dizer nada, tirou a mochila das costas, guardou a bolsa de couro dentro e se virou para a parte central da aeronave. Depois lançou um olhar rápido a Jaeger. Pelo pouco que pôde observar por trás da máscara, Jaeger pensou distinguir uma expressão de entusiasmo nela. Mas havia também algo de evasivo — um olhar defensivo.

— Encontrou o que estava procurando? — perguntou, cinicamente.

Narov ignorou a pergunta. Apontou para o interior da aeronave.

— Devemos ir por aqui se pretendemos descobrir os segredos dessa aeronave.

Jaeger fez uma anotação mental para questioná-la sobre a bolsa de couro cheia

de documentos depois que tivessem tirado a aeronave da selva. O tempo era muito curto para confrontá-la agora.

Capítulo 72

Narov fez um gesto em direção à porta que separava a cabine do restante da aeronave. Havia uma escotilha na porta fechada e uma alavanca em posição vertical. Uma seta ao lado da alavanca apontava para baixo e trazia as palavras em alemão: *ZU OFFNEN* — para abrir.

Jaeger alcançou a alavanca. Por um breve instante, hesitou. Tirou de dentro de uma bolsinha localizada em seu peitoral a lanterna de cabeça Petzl. Afrouxou as alças e ajeitou o aparato por cima do capuz e da máscara. Então, alcançou novamente a alavanca e a colocou na posição horizontal, abrindo em seguida a pesada porta.

Estava tudo escuro dentro da cavernosa parte posterior do Ju-390.

Jaeger tateou a lanterna de cabeça com as grossas luvas no intuito de ligá-la. Um par de feixes de luz azul surgiu das lâmpadas de xenônio da Petzl. Os raios duplos perfuravam a escuridão, como se fossem um espetáculo de laser, mostrando em camadas o que parecia ser uma espécie de névoa densa.

A névoa chegou até Jaeger, estendendo seus tentáculos fantasmagóricos por todo lado.

Ele avançou mais um pouco. Na posição em que estava, a altura no interior do Ju-390 se equiparava à de dois homens grandes, e ainda maior em sua base. Até onde Jaeger podia ver, toda a extensão da fuselagem estava cheia de caixas de carga empilhadas. Cada caixa estava presa ao chão da aeronave por cantoneiras de aço, o que impedia que os conteúdos chacoalhassem durante o voo.

Jaeger deu um passo cauteloso para a frente. Tinha total confiança na roupa de proteção Avon NBC, mas caminhar em direção a um perigo desconhecido era, ainda assim, assustador. Não havia nenhum agente tóxico conhecido que pudesse penetrar as roupas de proteção ou a máscara, mas, e se houvesse alguma armadilha ali dentro?

A fuselagem se reclinava à frente de Jaeger, já que a parte de trás da aeronave estava mais baixa. Ao olhar em torno, a luz da lanterna captou longos filamentos

prateados, que atravessavam o avião de lado a lado. Primeiro, Jaeger pensou ter encontrado a armadilha deixada pela tripulação que abandonara a aeronave — talvez os fios estivessem ligados a explosivos.

Porém logo reparou que cada um dos filamentos fazia parte de um complexo padrão geométrico maior, que levava em espiral a uma massa viva bem no centro do avião.

Aranhas.

Por que sempre aranhas?

— A armadeira também é chamada de aranha-macaco — avisou Narov pelo rádio. — Elas andam por tudo. Fique atento.

Ela tomou a dianteira, a faca na mão.

Mesmo já tendo sido picada por uma armadeira, Narov não demonstrava medo e cortava as teias com habilidade, abrindo caminho. A russa se mexia de um lado para o outro, rasgando os fios de seda e jogando os corpos das aranhas para longe com tal graça que parecia uma bailarina.

Era apaixonante. Jaeger seguia Narov, admirando-a. Ela era tão especial — quanto perigosa? — quanto as armadeiras que tirava do caminho com habilidade.

Jaeger seguiu a trilha aberta por Narov, procurando outros fios que pudessem denunciar uma armadilha no chão. Mas logo seus olhos foram atraídos para uma caixa enorme abandonada logo à frente. Era tão grande que ele precisou se espremer para passar por ela. Por um momento, ficou imaginando como teriam conseguido trazê-la para dentro do avião. A única alternativa que podia imaginar era terem usado veículos pesados, arrastando a carga pela rampa traseira.

Enquanto observava a caixa, os olhos de Jaeger se fixaram nas letras marcadas na lateral.

Kriegsentscheidend: Aktion Adlerflug
SS Standortwechsel Kommando
Kaiser-Wilhelm-Gesellschaft
Uranprojekt-Uranmaschine

Logo abaixo estava o inconfundível símbolo da... *Reichsadler*. Algumas das palavras foram logo reconhecidas por Jaeger, mas precisava de Narov para preencher as lacunas. Ela se agachou diante da caixa, seguindo as palavras com sua própria lanterna de cabeça.

— Isso não é exatamente uma surpresa... — começou.

Jaeger se agachou ao lado dela.

— Eu entendo algumas palavras — observou ele. — Sei que

Kriegsentscheidend é mais do que ultrassecreto. *SS Standortwechsel Kommando*: Comando de Realocação da SS. Mas e o resto?

Narov leu e traduziu as palavras, enquanto a lanterna de cabeça de Jaeger lançava um brilho intenso na máscara da russa.

— *Aktion Adlerflug*, Operação Voo da Águia. *Kaiser-Wilhelm-Gesellschaft*, Sociedade Kaiser Wilhelm, instalação das mais avançadas pesquisas nucleares dos nazistas. *Uranprojekt*, projeto de armas nucleares do Reich. *Uranmaschine*, reator nuclear.

Ela se virou na direção de Jaeger.

— São componentes do programa nuclear dos nazistas. Eles fizeram experiências secretas com armas nucleares.

Narov se mexeu em direção à segunda caixa, que trazia palavras similares e uma segunda *Reichsadler*.

Kriegsentscheidend: Aktion Adlerflug
SS Standortwechsel Kommando
Mittelwerk Kohnstein
A9 Amerika Rakete

— As duas primeiras linhas são iguais. Logo abaixo, Mittelwerk foi um complexo subterrâneo, que ligava por túneis as montanhas Kohnstein, no coração da Alemanha. Foi onde Hitler ordenou que Hans Kammler realocasse os mísseis mais importantes dos nazistas depois que o centro de pesquisas de Peenemunde foi bombardeado pelos Aliados. Durante o inverno de 1944 e a primavera de 1945, vinte mil trabalhadores forçados do campo de concentração perto de Mittelbau-Dora morreram de exaustão, doenças e fome construindo o Mittelwerk. Foram forçados a trabalhar até morrer, ou executados quando estavam fracos demais para servir aos propósitos nazistas.

Narov fez um gesto em direção à caixa.

— Como você pode ver, nem todo o mal de Mittelwerk pereceu com o fim da guerra.

Jaeger passou a lanterna pela última linha.

— E o que é A9?

— A sequência do V-2. O *Amerika Rakete*, o foguete americano, foi construído para voar a quase cinco mil quilômetros por hora e para atingir os Estados Unidos. Quando a guerra chegou ao fim, os nazistas vinham testando versões em túneis de vento e tinham conseguido alguns bons resultados em testes de voo. Obviamente, não queriam que o A9 perecesse junto com o Reich.

Jaeger sentia que Narov sabia muito mais do que estava disposta a falar. Tinha

sido assim desde o começo da expedição. Agora, haviam feito uma série de descobertas incríveis — um avião de guerra alemão voando com as cores americanas, perdido por décadas na selva amazônica cheio dos horrores nazistas.

E nada disso parecia surpreender ou chocar Irina Narov.

Capítulo 73

Avançaram na escuridão da aeronave.

O calor no interior da fuselagem estava sufocante — e o desconforto era triplicado pelas roupas e máscaras de proteção. Mas Jaeger não tinha dúvidas de que a roupa NBC estava salvando suas vidas. Se ele, Narov ou Dale tivessem tentado entrar sem ela, sejam lá quais fossem as substâncias tóxicas presentes na aeronave, provavelmente estariam contaminados agora.

Por um instante, Jaeger se voltou para checar Dale.

Ele estava ajeitando uma lâmpada portátil no topo da câmera. Quando ligou a luz da filmagem, o interior da aeronave ficou todo dividido em luzes e sombras.

Em todos os cantos, era possível distinguir horríveis pontos que brilhavam: os olhos das aranhas-armadeiras.

Jaeger estava quase esperando que os fantasmas da antiga tripulação do avião fossem acordados pela luz forte e saíssem das sombras com pistolas Luger prontas para defender os mistérios malignos até o fim.

Era quase inconcebível que a aeronave tivesse ficado tão abandonada, quando estava cheia de segredos tão importantes.

Narov se agachou diante de uma terceira caixa e quase imediatamente Jaeger sentiu uma mudança no comportamento dela. Conforme avançava na leitura das palavras impressas na caixa, Narov deixou escapar um suspiro de susto — finalmente alguma coisa que mesmo ela não esperava.

Jaeger se agachou para ler as palavras marcadas na lateral da caixa.

Kriegsentscheidend: Aktion Adlerflug
SS Standortwechsel Kommando
Plasmaphysik — Dresden
Röntgen Kanone

— Por essa nós não esperávamos — disse Narov. — Todas as linhas têm

informações óbvias, menos a última. Você entende a terceira linha?

Jaeger assentiu.

— Física de Plasmas. Dresden.

— Exato — confirmou Narov. — Para as últimas palavras, *Röntgen Kanone*, não há uma tradução direta para o inglês. Daria para traduzir como um raio da morte ou uma arma que dispara um raio de partículas, ou de radiação eletromagnética, ou até mesmo de ondas sonoras. Parece coisa de ficção científica, mas houve muitos rumores sobre os nazistas terem esse tipo de armamento e de o terem usado para derrubar aviões Aliados.

O olhar de Narov encontrou Jaeger através da máscara.

— Parece que os rumores eram reais e que eles guardaram seus *Röntgen Kanone* até o fim.

Jaeger podia sentir o suor escorrendo no rosto. O calor estava chegando a níveis intoleráveis e a perspiração estava começando a condensar dentro da máscara, embaçando a visão. Teve a ideia de ir até os fundos da aeronave para tentar abrir uma das portas, que ficavam logo ao lado da cauda.

Conforme iam avançando com certa dificuldade, Narov mostrava outras caixas que continham armamentos avançados.

— A bomba planadora BV 246. Alcance de duzentos quilômetros, busca o alvo por sinal de radar... Torpedo Guiado Fritz-X, com sensor de calor e acionamento de alvo por sinal de rádio. Basicamente, são as precursoras das bombas inteligentes que temos hoje em dia.

Ela se inclinou diante de uma fileira de caixas longas e mais baixas.

— O Rheintochter R1, míssil guiado lançado da terra para atingir aviões bombardeiros dos Aliados... O X4, um míssil lançado do ar, guiado ao alvo pelo piloto... O Feuerlilie, Bomba Lily, um foguete guiado específico para atingir aviões de guerra.

Narov parou diante de um grupo de caixas ainda menores.

— Seehund, uma unidade de visão noturna ativa usada em conjunto com infravermelho, com alcance ilimitado... E, aqui, equipamentos que enganam radares produzidos pela IG Farben para o programa *Schwarzes Flugzeug*: Esquadrão Negro. Precursores de nossos modernos aviões invisíveis aos radares.

Narov olhou para Jaeger.

— Aqui, materiais para revestimento dos submarinos tipo XXI. O revestimento absorve sinais de sonar e radar, fazendo com que os XXI sejam imunes a qualquer detecção. Foi tão revolucionário que a marinha chinesa os copiou nos submarinos Ming que operam *até hoje*. Também o projeto russo 633, os submarinos Romeo, foram diretamente copiados dos XXI, e serviram ao país durante toda a guerra fria.

Ela espanou a poeira de outra caixa, de modo a revelar o que estava inscrito na madeira.

— Sarin, tabun e soman. Os mais poderosos agentes paralisantes dos nazistas, ainda hoje em posse das maiores potências mundiais. Não tínhamos nenhuma defesa efetiva contra essas coisas em 1945. Nenhuma, nem sequer sabíamos que existiam.

Narov recobrou o fôlego, sofregamente.

— E aqui do lado, uma caixa com agentes biológicos. O codinome do programa de guerra biológica de Hitler era Blitzableiter: para-raios. Era a menina dos olhos do cientista nazista Kurt Blome. Sempre negaram a existência desse projeto, disfarçando-o como um programa de pesquisa para a cura do câncer, mas aqui temos a prova indiscutível de que ele existiu: praga, tifo, cólera, antraz, agentes à base de nefrite. Claramente, havia intenção de uso continuado mesmo após a guerra.

Quando chegaram à cauda da aeronave, a cabeça de Jaeger estava girando — tanto por conta do calor sufocante quanto por tudo o que tinham descoberto. A crença inabalável de Hitler na tecnologia — que poderia ter vencido a guerra para o Reich — tinha deixado frutos que Jaeger jamais teria imaginado.

Tanto na escola quanto no Centro de Treinamento de Combate dos Royal Marines, onde havia completado o treinamento como oficial, Jaeger tinha aprendido que os Aliados eram superiores aos nazistas tanto militar quanto tecnologicamente. Mas o conteúdo daquela aeronave de guerra desmentia tudo.

Foguetes e mísseis guiados, bombas inteligentes, aviões que não eram detectados por radares, submarinos invisíveis, visão noturna, armas biológicas e químicas, até mesmo o raio da morte — o incrível nível avançado dos nazistas era evidente pelas caixas no interior cavernoso daquela aeronave.

Capítulo 74

As saídas traseiras do Ju-390 eram peças típicas da sólida engenharia alemã. De ambos os lados da aeronave havia portas duplas de mais ou menos 1,80 m de altura que abriam para fora. Estavam presas por barras de ferro, afixadas em buracos no chão e no teto.

As dobradiças e o mecanismo de bloqueio pareciam estar bem engraxados, e Jaeger imaginou que se moveriam com certa facilidade. Forçou uma das barras, ela mal fez barulho e logo cedeu, liberando as portas. Então Jaeger jogou o peso do corpo contra as portas, que se abriram por completo. No mesmo instante, a espessa névoa que se concentrava no interior da aeronave começou a vazar para fora.

Jaeger ficou surpreso ao notar que o gás parecia mais pesado que o ar. A névoa que escapava do avião serpenteava pelo chão como uma densa sopa tóxica. Quando um raio de sol atingiu a nuvem de gás, ela pareceu brilhar de dentro para fora, um brilho estranho e metálico.

Isso fez Jaeger se lembrar de que precisava realizar alguns testes para estabelecer a origem da toxicidade que escapava do avião. Tinha ficado tão concentrado nas descobertas que quase esquecera.

Mas haveria mais tempo para isso mais tarde.

Agora, estava simplesmente morrendo de calor e precisava respirar ar puro por alguns minutos. Sentou na parte de fora de uma das portas abertas e Narov ocupou uma posição bem diante dele. De canto do olho, Jaeger podia ver Dale filmando tudo, sugando para dentro da câmera cada centímetro da descoberta incrível.

Com a ajuda da luz que entrava pela porta, Jaeger viu algo que parecia ser o desenho de um lança-míssil estilo bazuca afixado a uma das caixas. Inclinou-se para inspecionar melhor. De fato, a figura mostrava um míssil sendo lançado a partir de um cano de ombro, do chão para o ar.

Narov seguiu o que estava escrito ao lado da caixa.

— *Fliegerfaust*. Significa, literalmente, “um soco no piloto”. Foi o primeiro míssil estilo bazuca inventado para atingir os aviões Aliados do chão para o ar. Só que, mais uma vez, felizmente, a descoberta chegou muito tarde para ajudar na guerra.

— Surreal... — murmurou Jaeger. — Tantas invenções pioneiras... Vai levar décadas para catalogar todos os segredos escondidos neste avião.

— O que é tão surpreendente? — perguntou Narov, mirando os galhos brancos da floresta morta. — Que os nazistas tivessem esse tipo de tecnologia? Eles tinham isso e muito mais. Se procurarmos direito nesse avião, sabe Deus o que mais poderá ser revelado.

Ela fez uma pausa.

— Ou o mais surpreendente é que a aeronave esteja pintada com o emblema americano? Os Aliados ajudaram os nazistas a realocar as armas, a *Wunderwaffe*, nos lugares mais remotos do planeta. Quando a guerra acabou, havia um novo inimigo: a Rússia Soviética. Foi um caso clássico de “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”. Os Aliados deram cobertura total para as realocações nazistas, daí as cores americanas no avião. Os Aliados, os americanos, eram donos dos céus na época, e os nazistas jamais teriam conseguido sem eles.

E continuou:

— Quando a guerra acabou, era uma corrida contra os russos. Ao nos apropriarmos dos segredos nazistas, sua tecnologia e seus cientistas mais renomados, conseguimos vencer a guerra fria, sem falar da corrida espacial. Na época, foi assim que justificamos tudo.

— Ao *nos* apropriarmos? — perguntou Jaeger. — Mas você é russa. Você mesma disse: ao fim da guerra, os russos eram os inimigos.

— Você não sabe nada a meu respeito — murmurou Narov. E ficou em silêncio por um bom tempo. — Meu sotaque é russo, mas meu sangue é britânico. Nasci no seu país. Minha ascendência mais distante é alemã. E agora vivo em Nova York. Sou uma cidadã do mundo livre. Isso faz de mim uma inimiga?

Jaeger deu de ombros, meio que se desculpando.

— Como eu ia saber? Você não me disse nada sobre sua vida...

— E agora não é um bom momento — interrompeu Narov, fazendo um gesto em direção ao interior do Ju-390.

— Certo. Então, continue falando... da aeronave.

— Pegue o exemplo da planta de Mittelwerk — começou Narov, aproveitando a deixa de Jaeger. — No início de maio de 1945, as forças americanas tomaram o local e os primeiros foguetes V-2 foram despachados para os Estados Unidos. Os oficiais do exército soviético chegaram ao complexo dias depois: e ele ficava

na zona de ocupação soviética. A missão Apollo que chegou à lua foi construída baseada nas tecnologias dos V-2s. Pegue Kurt Blome, o diretor da *Blitzableiter*. Uma das razões pelas quais o programa de armas biológicas dos nazistas era tão avançado é que eles tinham milhares de vítimas nos campos de concentração em quem podiam testar as substâncias. Ao fim da guerra, Blome foi capturado e julgado em Nuremberg. Não se sabe como, foi absolvido. E depois disso os americanos o contrataram para o programa ultrassecreto *Army Chemical Corps*.

E anunciou, incapaz de esconder a amargura no tom de voz.

— Fizemos negócios com os piores entre os nazistas.

Olhou para Jaeger.

— Você já ouviu falar da Operação Paperclip?

Jaeger negou com um movimento da cabeça.

— Era o codinome de um projeto americano para realocar milhares de cientistas nazistas nos Estados Unidos. Deram a eles novas identidades, nomes e posições de poder e influência, contanto que trabalhassem para seus novos chefes. Vocês fizeram algo semelhante e, com o típico humor inglês, nomearam o programa de Operação Darwin: a sobrevivência dos mais aptos. A existência dos dois projetos sempre foi extraoficial.

E continuou:

— A Operação Paperclip foi mantida de forma clandestina até o nível do presidente.

Fez uma pausa.

— E há camadas ainda mais profundas de clandestinidade. *Aktion Adlerflug*, Operação Voo da Águia, que está estampada em várias das caixas aí de dentro, era o codinome dado por Hitler para o plano de realocar a tecnologia nazista em lugares onde poderia ser usada para reconstruir o Reich. Foi um projeto que nós, os Aliados, endossamos, contanto que eles trabalhassem conosco contra os soviéticos. Para resumir, estamos sentados num avião que repousa sobre a mais sombria das conspirações mundiais. O grau de confidencialidade era e é tal que a maior parte dos arquivos britânicos e americanos relacionados a isso, sem mencionar os russos, permanecem fechados. E duvido que sejam abertos algum dia.

Narov deu de ombros.

— Se isso tudo surpreende você, não deveria. Os supostos bonzinhos fizeram negócios com os maus. E fizeram isso porque acharam que era necessário para o bem maior do mundo livre.

Capítulo 75

Jaeger fez um gesto em direção às caixas empilhadas no interior do Ju-390.

— Isso só deixa a coisa toda ainda mais inacreditável. Esse avião de guerra deve ser a maior coleção de segredos de guerra nazistas já encontrada. É ainda mais vital que a gente tire essa aeronave daqui e a leve para algum lugar onde possamos...

— Onde possamos o quê? — cortou Narov, voltando os olhos frios para Jaeger. — Contar para o mundo todo? Boa parte da tecnologia presente aqui já foi aperfeiçoada. Pegue o *Röntgen Kanone*, o raio da morte. Recentemente, os americanos o aperfeiçoaram e criaram uma nova arma cujo codinome é MARAUDER. O nome completo é *Magnetic Accelerated Ring to Achieve Ultra-high Directed Energy and Radiation*. Basicamente, a arma atira esferas do formato de uma rosquinha de plasma magnetizado. Bolas de luz.

E continuou:

— É um programa de acesso negado. Em outras palavras, é o Santo Graal dos segredos, assim como o ascendente do MARAUDER, o *Röntgen Kanone* nazista. Então... não, Sr. William Edward Michael Jaeger, não vamos apresentar nossa descoberta ao mundo. Mas isso não significa que não devemos fazer o possível para salvá-la, pelos motivos corretos.

Jaeger encarou Narov por um longo momento: *William Edward Michael Jaeger*... Por que ela o havia chamado pelo nome completo?

— Sabe de uma coisa? Eu tenho um milhão de perguntas — disse Jaeger, a voz aumentando de intensidade por trás do expirar e inspirar da máscara de gás. — E a maior parte delas diz respeito a *você*. Você se importaria de me dizer como sabe tanto sobre o assunto? Se importaria de me dizer tudo o que sabe? Se importaria de me dizer quem é você? De onde vem? Para quem você trabalha? Ah, claro, se importaria de me falar como conseguiu a faca?

Ao responder, os olhos de Narov ficaram fixos na floresta morta.

— Posso até contar algumas dessas coisas, assim que estivermos a salvo e fora

daqui. Realmente a salvo. Mas agora...

— E também quero saber da bolsa de documentos — cortou Jaeger. — A que você pegou na cabine do avião. Se importaria de me dizer o que são esses documentos? Planos de voo? A destinação desse e de outros aviões?

Narov ignorou a questão.

— Por enquanto, William Edward Michael Jaeger, acho que você só precisa saber de uma coisa: eu conheci Edward Michael Jaeger, seu avô. O vovô Ted, como todos o chamávamos. Ele foi uma inspiração e um guia para todos nós. Trabalhei com seu avô, ou melhor, em memória dele. Trabalhei pela continuidade do seu legado. — Narov puxou a faca. — E foi seu avô quem me deixou isso. Foi curioso encontrar o legado vivo do vovô Ted: *você*. Continuo curiosa. Não sei se você é tudo, ou pelo menos uma parte, do que esperava que fosse.

Jaeger ficou sem palavras. Antes que pudesse pensar numa resposta adequada, Narov falou novamente.

— Ted foi o avô que eu nunca tive. O avô que *nunca pude* ter. — Pela primeira vez desde que Jaeger conhecera Narov, ela olhava diretamente para ele, sem desviar o olhar. — E sabe de uma coisa? Sempre me ressenti do relacionamento que vocês tinham... e de você ter podido ser livre para seguir seus sonhos.

Jaeger levantou as mãos.

— Ei, espere aí... como assim?

— É uma longa história. Não sei se estou pronta, nem se você está pronto. E...

As palavras de Narov foram interrompidas por um grito terrível que chegou pelo sistema de rádio.

— Aaaaaiii. Tira isso daqui! Tira isso daqui!

Jaeger se virou e logo viu Dale preso num lugar onde as teias de aranha estavam mais grossas. O câmera estivera tão entretido com a filmagem que não prestara atenção onde pisava. Filamentos resistentes e grudentos se emaranhavam nele, enquanto Dale lutava para manter o equipamento livre das teias — e do bando de aranhas.

Jaeger correu em seu socorro. Achava pouco provável que as presas da aranha conseguissem atravessar a roupa de proteção NBC — mesmo as de uma aranha-armadeira. Mas Dale parecia não saber disso, já que o grito de terror era bem real.

Jaeger usou as grossas luvas de borracha para afastar a massa de aranhas que sibilava na escuridão. Com a ajuda de Narov, Dale se soltou, ainda segurando a câmera. Porém, assim que o puxaram para fora das teias, Jaeger viu o que realmente assustara Dale.

Abandonado na massa de teias de aranha estava um esqueleto fantasmagórico, cujos ossos ainda estavam vestidos com um uniforme semidestruído de oficial da SS. Enquanto Jaeger encarava o cadáver — sem dúvida de um dos passageiros originais dos Ju-390 —, ouviu uma voz vinda do rádio.

— Não foram as aranhas que me agarraram! — desabafou Dale. — Foram as garras do fantasma desse general nazista!

— Estou vendo — disse Jaeger. — E sabe de uma coisa? Ele faz você parecer até bonitinho. Vamos, vamos andando.

Jaeger estava ciente de que os três já estavam no sufocante confinamento da aeronave por quase uma hora. Precisavam voltar. Mas, conforme liderava Dale e Narov de volta à cabine, ele se deu conta de uma coisa chocante: ainda não tinha conseguido entender como o avião podia revelar algo sobre o destino de sua mulher e de seu filho.

Luke e Ruth: o desaparecimento dos dois estava inextricavelmente ligado ao que quer que ainda estivesse escondido no avião. A *Reichsadler* — a imagem do demônio — estava por todo lado na aeronave e nas lembranças do rapto de sua família.

De alguma forma, Jaeger precisava começar a procurar respostas.

Capítulo 76

Jaeger estava novamente nos limites da floresta viva, conversando com a equipe: Lewis Alonzo, Hiro Kamishi, Letícia Santos, Joe James, Irina Narov, Mike Dale, que ainda filmava tudo, Puruwehua, Gwaihutiga e os outros índios. Tinha tirado a máscara de gás para poder falar, embora ainda estivesse vestido com a roupa NBC.

— Bem, todos vocês conhecem o plano — falou, a voz cheia de tensão e exaustão. — Estamos prestes a começar o resgate. A tripulação do Airlander acha que vai precisar de uma hora para rebocar o avião. Temos de ganhar esse tempo para eles. Façam todo o possível para conter os inimigos, mas não banquem os heróis. Missão um: vamos todos nos manter vivos. E, lembrem-se: assim que a aeronave for rebocada, interrompam qualquer comunicação e vamos cair fora daqui.

Jaeger fitou o dirigível gigante que parecia preencher todo o céu acima deles. Era uma visão imponente. O gigante pairava menos de trinta metros acima das copas decadentes da floresta morta, como se fosse o ventre enorme de uma baleia branca suspensa nas nuvens.

Tinha quatro vezes o comprimento da fuselagem do Ju-390 e dez vezes sua largura — e seu casco era preenchido por 99 mil metros cúbicos de gás hélio.

Ele simplesmente apequenava o avião pousado na floresta.

O piloto do Airlander não podia se arriscar a trazê-lo mais para baixo, porque os galhos mais altos da floresta morta subiam como lanças afiadas. O dirigível tinha uma cobertura inteligente, que se recuperava sozinha quando furada. Mas múltiplos furos ao mesmo tempo poderiam causar um grande problema.

Além disso, havia o vazamento da substância tóxica desconhecida no Ju-390, e ninguém a bordo do Airlander estava disposto a se arriscar demais.

De acordo com a última mensagem enviada por Raff naquela manhã, não havia drones nas imediações. A armadilha — a canoa carregando o rastreador e o celular — parecia ter mantido os inimigos a uma boa distância: fora da cobertura

de vigilância do Airlander que, além disso, estava escondido por uma camada de dois quilômetros e meio de nuvens.

Mas seu radar ainda podia ser interceptado, assim como os pontos de calor podiam ser rastreados com infravermelho — que identificaria pelo menos os quatro propulsores. Se identificasse apenas um dos propulsores, o Predator estaria sobre eles. O tempo era essencial, mais do que tinha sido desde o começo da missão.

Estavam na manhã do décimo primeiro dia e, se tudo corresse conforme o planejado, seria o último antes de voltarem ao mundo relativamente civilizado. Pelo menos no caso de Jaeger, Narov e Dale. Pelas últimas horas, Jaeger e a equipe estiveram imersos numa corrida contra o tempo, sem contar os inimigos desconhecidos.

Na tarde anterior, um dos índios amahuacas tinha voltado com notícias preocupantes: a Força Maligna estava a menos de dezoito horas de distância. Se continuassem a caminhar durante a noite, chegariam mais cedo que o esperado. A Força Maligna era composta de sessenta pessoas fortemente armadas.

Os índios que seguiam os inimigos tentavam impedir seu progresso, mas zarabatanas e flechas não eram páreo para armas de fogo e granadas. O principal grupo de índios continuava a acompanhá-los de longe, tentando atrapalhá-los, mas havia pouco a fazer para retardar seu avanço.

Por isso, Jaeger e o restante da equipe vinham trabalhando arduamente. E, nesse curto espaço de tempo, algumas coisas tinham ficado claras. Primeiramente, o coquetel tóxico que vazava do avião parecia ser uma forma de plasma de mercúrio irradiado. Não dava para identificar mais especificamente, porque a ameaça era desconhecida do kit de detecção de Jaeger.

O kit funcionava comparando a substância química detectada a uma lista de agentes químicos conhecidos. O que quer que estivesse saindo do avião era completamente fora do normal. E isso significava que ninguém podia correr o risco de se aproximar sem estar com o equipamento de proteção.

Em segundo lugar, embora o Airlander tivesse um par de cabos rebocadores — que Jaeger e sua equipe ajustaram no ponto em que as asas do Ju-390 encontravam a fuselagem —, ele não podia tirar todo o grupo da selva.

O Airlander podia içar uma pessoa por vez pelos sessenta e pouco metros até o dirigível. Mas o fato é que não havia roupas de proteção suficientes — nem tempo — para levar todos. Os índios tinham enviado uma série de espiões para alertar a equipe de Jaeger durante a noite. O último indígena chegou pouco depois do amanhecer, avisando que a Força Maligna estava a cerca de duas horas de distância, e se aproximava rápido.

Jaeger foi forçado a aceitar o inevitável: teriam que se dividir. A equipe

principal — Alonzo, Kamishi, Santos, Joe James, além de Puruwehua, Gwaihutiga e meia dúzia de guerreiros indígenas — teria que se posicionar em barreiras entre o avião e os inimigos.

Gwaihutiga se ofereceu para liderar um dos grupos. Partiria com a maior parte dos guerreiros indígenas para formar a primeira emboscada. Puruwehua, Alonzo e os demais formariam uma segunda barreira, mais perto da aeronave. Dessa forma, tentariam ganhar o tempo precioso necessário para tirar o avião dali.

Jaeger, Narov e Dale ficariam no Ju-390 quando o Airlander içasse a aeronave. Pelo menos esse era o plano.

Dale tinha sido uma escolha óbvia: alguém tinha que filmar o dirigível içando o avião. Jaeger foi escolhido porque era o líder, e precisava garantir que o objetivo principal da missão fosse atingido. Letícia Santos tinha argumentado que deveria ser a terceira pessoa a ficar na aeronave, já que era brasileira e, em tese, o avião tinha sido encontrado em solo brasileiro.

Por um momento, Narov enfrentou Santos, deixando claro que ninguém iria separá-la da sua preciosa aeronave. E Jaeger encerrou a discussão argumentando que a Santos deveria permanecer em sua missão principal: proteger a tribo indígena.

Também salientou que os três — Jaeger, Dale e Narov — já estavam vestidos, e que trocar as máscaras, luvas e roupas trazia risco de contaminação para quem quer que fosse colocar o equipamento. A ameaça era real e, por isso, fazia sentido que os que já estavam vestidos ficassem na aeronave.

Diante disso, a brasileira concordou, ainda que com alguma relutância.

— Alonzo, você está no comando — Jaeger continuou com as instruções. — Puruwehua prometeu fazer o possível para levar vocês de volta a salvo. Vocês vão retornar à aldeia amahuaca e depois seguir para a tribo vizinha. Ela tem contato com o mundo exterior e pode enviá-los para casa.

— Entendi — confirmou Alonzo. — Puruwehua, estamos em suas mãos.

— Vamos levá-los para casa — afirmou o índio.

— Se tudo der certo, nós três vamos levar a aeronave para a Base Aérea do Cachimbo — disse Jaeger. — No caminho, vou avisar ao coronel Evandro para preparar uma área isolada, onde o Ju-390 possa ser mantido, pelo menos até que a carga esteja em segurança. É uma viagem de 1.400 quilômetros, então, isso deve levar no mínimo umas sete horas, ainda mais com essa coisa pendurada. — Jaeger apontou para o Ju-390. — Se o general da SS Hans Kammler e seus comparsas não tiverem sobrecarregado a capacidade da aeronave, o peso deve ser razoável, e estaremos na Base Aérea do Cachimbo no fim do dia. Vou enviar uma mensagem de apenas uma palavra assim que chegarmos lá: SUCESSO. Espero que vocês tenham condições de recebê-la em algum momento. Se não

receberem nada, é porque alguma coisa deu errado. A única prioridade será salvar a vocês mesmos e voltar para casa.

Jaeger olhou o relógio.

— Tudo bem, vamos nessa.

Foi uma despedida emotiva, mas a urgência da missão fez com que o adeus fosse curto, apesar de afetivo.

Gwaihutiga parou rapidamente diante de Jaeger.

— *Pombogwav, eki'yra. Pombogwav, kahuhara'ga*.

Dito isso, o índio se afastou, liderando seus homens numa marcha veloz, com um canto gutural de guerra saindo de sua garganta e sendo acompanhado pelos outros índios, reverberando poderosamente por entre as árvores.

Jaeger lançou um olhar interrogativo para Puruwehua.

— *Pombogwav* significa "adeus" — explicou Puruwehua. — Vocês não têm uma palavra para *eki'yra*. Significa "filho do meu pai" ou "meu irmão mais velho". Então... "adeus, meu irmão mais velho". E *kahuhara'ga* você já sabe. Então... "adeus, caçador".

Não era a primeira vez, desde que conhecera os guerreiros da tribo, que Jaeger se sentia realmente pequeno.

Puruwehua insistiu que Jaeger aceitasse um magnífico presente de despedida: sua zarabatana. Jaeger não conseguia pensar em nada adequado para retribuir. Mas, enfim, lembrou da faca Gerber — a faca com a qual lutara na praia de Fernão.

— Esta faca tem história — explicou, enquanto a amarrava no peito do índio. — Uma vez lutei com ela na África. Ela salvou a minha vida e a vida de um dos meus melhores amigos. Você agora é um dos meus melhores amigos... você e seu povo.

Puruwehua desembainhou a faca e testou a lâmina.

— Na minha língua, *kyhe'ia*. Afiada como uma lança de corte longitudinal.

Encarou Jaeger.

— Essa *kyhe'ia* já derramou sangue inimigo. E vai fazê-lo de novo, *Koty'ar*.

— Puruwehua, obrigado por tudo — disse Jaeger. — Prometo retornar um dia. Vou voltar à sua aldeia para partilharmos o melhor dos cozidos de macaco na casa comunitária, mas só se eu puder pular a parte da *nyakwana*!

Puruwehua riu e concordou em dispensar o ritual. Nada de psicotrópicos indígenas para William Jaeger por um tempo.

Em seguida, Jaeger se voltou para a própria equipe. Guardou o sorriso mais caloroso para Letícia Santos. Ela retribuiu o sorriso e lhe deu um beijo estalado.

— Tenha cuidado, tá? — sussurrou perto da orelha de Jaeger. — Especialmente com aquela... *já'gwara* da Narov. E me prometa que vem me

visitar no Rio, de preferência durante o carnaval. Vamos encher a cada e dançar muito.

Jaeger sorriu.

— Combinado.

Assim, a equipe comandada por Lewis Alonzo e guiada pelos índios amahuacas juntou suas mochilas e armas, e desapareceu na floresta.

Capítulo 77

A mensagem enviada por Raff era, como sempre, curta e direta. *Airlander pronto. Estejam preparados. Começaremos a içar em três minutos, 0800 Zulu*.

Jaeger não via a hora de iniciar a operação de resgate. Durante os últimos minutos, ouvira tiros vindos da selva ao norte —a rota de aproximação da Força Maligna.

Houve um rápido espocar de tiros de fuzil, que Jaeger imaginou terem sido disparados por sua equipe de emboscada. Os que se seguiram em resposta, porém, foram horrivelmente intensos — marca registrada de armas automáticas leves, metralhadoras padrão, misturadas com tiros de GPMG, metralhadoras mais pesadas, e rojões que pareciam ser da explosão de granadas.

Armamentos desse tipo deixariam um rastro de morte na selva.

Quem quer que estivesse por trás dessa Força Maligna estava bem armado e disposto a lutar uma batalha de vida ou morte. E, apesar dos esforços da equipe de Jaeger, os caras estavam se aproximando da aeronave a uma velocidade preocupante.

Tinha chegado a hora. O dirigível começaria a operação em 180 segundos e Jaeger mal podia esperar para sair dali.

Correu para o interior escuro do Ju-390 pela porta traseira, fechando-a e colocando as barras de proteção. Continuou a correr, passando pelas caixas de carga em direção à parte da frente da aeronave, e fechou a porta automática da cabine firmemente atrás de si.

Dale e Narov tinham forçado as janelas laterais da cabine para que, assim que estivessem em movimento, a corrente de ar limpasse o avião dos gases tóxicos. Jaeger ocupou o assento do copiloto e apertou o cinto de segurança. Dale ocupou o banco do piloto, ao lado de Jaeger, uma posição que havia requisitado para poder filmar melhor a aeronave sendo retirada da selva.

Narov estava debruçada sobre a mesa do navegador e Jaeger podia imaginar o que ela devia estar fazendo. Estudando os documentos da bolsa de couro que

pegara na cabine do Ju-390. Jaeger passara os olhos rapidamente pelos papéis. As folhas amareladas traziam informações em alemão — o que para Jaeger era o mesmo que se estivessem escritas em chinês.

Mas reconhecera uma ou duas palavras da folha de rosto. Havia os conhecidos carimbos de *TOP SECRET*, além das palavras *Aktion Feuerland*. Das longínquas aulas de alemão que tivera na escola, Jaeger sabia que *Feuer* significava "fogo" e *land*, "terra". Operação Terra do Fogo. E, abaixo: *Liste von Personen*. A tradução era óbvia: Lista de pessoal.

Até onde pudera checar, todas as caixas dentro do Ju-390 tinham o carimbo *Aktion Adlerflug*: Operação Voo da Águia. Então, o que seria *Aktion Feuerland*, Operação Terra do Fogo? E por que Narov estava tão fascinada pelos documentos, quase a ponto de não prestar atenção em mais nada?

Não havia tempo para pensar nisso agora.

A operação com o Airlander estava para começar — iriam rebocar o Ju-390 e toda a carga dentro dele —, e isso seria feito pela combinação de três fatores. Primeiro, força aerostática — gerada pelo simples fato de o casco repleto de gás hélio do dirigível ser mais leve que o ar.

Segundo, empuxo — pela utilização dos quatro enormes propulsores do dirigível, todos equipados com turbinas a gás com 2.350 cavalos de potência, que impulsionavam um conjunto enorme de hélices. Só isso equivaleria a ter quatro poderosos helicópteros amarrados nos cantos do avião de guerra atuando em potência máxima.

Em terceiro, sustentação aerodinâmica — proporcionada pelo material laminado do casco do Airlander. Ele tinha o formato de uma seção transversal de asa de avião convencional, com a parte inferior mais plana e a parte superior mais curva. Só esse formato já era responsável por 40% da sustentação, mas só atuaria quando o Airlander estivesse em movimento.

Pelos primeiros metros, a sustentação seria apenas na vertical — quando tudo dependeria do gás hélio e dos propulsores.

Jaeger ouviu o barulho do Airlander passar de um ruído quase inaudível a um rugido forte. Nesse momento, os quatro enormes conjuntos de pás do rotor estavam na posição horizontal para promover um empuxo vertical máximo, enquanto o dirigível tentava tirar a aeronave do seu lugar de repouso.

O vento produzido por esse processo chegou a se assemelhar à força de uma tempestade, causando uma espécie de redemoinho de galhos quebrados ao redor do avião. Jaeger sentia como se estivesse parado atrás de uma colheitadeira monstruosa abrindo caminho num campo de trigos gigantes, cuspindo a palha indesejada bem na sua cara.

Fechou a janela lateral e fez um gesto para que Dale fizesse o mesmo, ou

pedaços de galho podre poderiam entrar. Em teoria, estavam se aproximando do momento mais arriscado da missão.

O peso de um Ju-390 padrão carregado era de 53 mil quilos. Com uma capacidade de sustentação de 60 mil quilos, o Airlander deveria dar conta da carga — contanto que Hans Kammler e seus comparsas não tivessem sobrecarregado o avião.

Jaeger tinha total confiança na força das ligas amarradas embaixo das asas do Ju-390. Confiança igual à que tinha no piloto do Airlander, Steve McBride. A pergunta de um milhão de dólares era se conseguiriam transpor os galhos da floresta morta. E se a aeronave de guerra, essa peça rara da engenharia aeronáutica alemã, sobreviveria à operação depois de décadas de corrosão e depreciação no coração da selva.

Qualquer erro de qualquer lado seria catastrófico. O Ju-390 — e talvez o Airlander também — cairia como uma pedra na floresta.

Durante a noite, Jaeger e sua equipe tinham derrubado algumas das árvores maiores, usando explosivos plásticos amarrados ao redor dos troncos. Mas o alcance da ação era limitado tanto pelo tempo quanto pelo número de explosivos disponíveis. Cerca de metade das copas mantiveram-se intactas.

Explodiram os troncos maiores e mais conservados — aqueles que tinham maior probabilidade de oferecer resistência. A aposta era de que o resto das árvores deveria estar podre, e provavelmente se quebraria quando o dirigível rebocasse o Ju-390.

O barulho dos propulsores se tornou ensurdecedor, e a força do redemoinho se assemelhava à de um furacão. Jaeger percebeu que o Airlander chegava perto de seu empuxo máximo. Nessa hora, sentiu que alguma coisa caía do alto, e de repente uma sombra negra linear se chocou com a cabine.

Um galho gigante se espatifou contra o para-brisa do Ju-390, bem no ponto onde as janelas se encontravam. A barra de aço vertical que ligava as duas janelas vergou com o impacto, e o grosso vidro se deformou com o golpe. O galho se quebrou em dois e caiu.

Porém, pelo menos por enquanto, o painel suportara o golpe.

Os ouvidos de Jaeger foram tomados por uma onda de sons ensurdecedores. Detritos pesados e lançados pelo forte vento choviam no casco de metal da aeronave. Jaeger se sentia como se estivesse preso dentro de um tambor gigante de metal.

Uma vibração constante percorria a fuselagem, como se a turbulência dos propulsores provocasse uma ressonância nas fortes alças que seguravam as asas. Jaeger sentia que cada fibra do avião de guerra estava lutando para se erguer, como se a própria aeronave quisesse se libertar.

De repente, uma guinada violenta mergulhou a cabine para baixo e a parte de trás do Ju-390 se ergueu. A parte traseira da fuselagem se livrara dos detritos de árvores que ainda havia sobre ela.

Quatro rodas duplas — ou seja, oito pneus colossais — ainda seguravam o avião no chão. A enorme aeronave parecia se torcer e se agitar, como se fosse um pássaro monstruoso tentando livrar suas garras do pântano para retomar os céus.

Momentos depois, Jaeger ouviu um som que parecia o de uma alça gigantesca de velcro sendo puxada, e o Ju-390 cambaleou pelo ar.

A força dessa libertação foi tão grande que primeiro puxou Jaeger para baixo no assento e depois o empurrou para a frente, contra as tiras do cinto de segurança. Por vários segundos, a aeronave colossal subiu como se a força da gravidade tivesse cessado, aproximando-se rapidamente da mandíbula dentada formada pelas copas esqueléticas das árvores mortas.

Com os troncos secos fazendo sombra na cabine do avião, a fuselagem se chocou contra os galhos mais baixos. Ouviu-se um estalo de algo sendo rasgado e o impacto jogou Jaeger para fora do assento, o cinto de segurança rasgando na região dos ombros.

Ao seu redor, galhos eram forçados contra a cabine, como se uma mão gigante e esquelética estivesse tentando invadir o avião para pegar Jaeger, Dale e Narov e arrastá-los de volta para o chão. Enquanto a aeronave abria caminho para o alto, um galho enorme atravessou o vidro da janela lateral, quase derrubando a câmera das mãos de Dale, e se estendendo até Jaeger.

Ele se abaixou, e o galho perfurou o encosto bem no local onde estivera sua cabeça. O impacto quebrou o galho em dois, deixando uma parte pendurada para fora da janela do avião.

Jaeger pôde sentir que o impulso para cima diminuiu. Arriscou uma olhada rápida para a esquerda. Podia ver os propulsores gigantes pela janela do Ju-390 — cada um tinha a altura de dois homens adultos, um em cima do outro — presos nos galhos. Momentos depois, a pegada das copas esqueléticas em torno da aeronave se tornou mais firme, o que fez com que o avião trepidasse e parasse de se deslocar de repente.

Eles estavam a quase trinta metros do chão, e bem presos.

Capítulo 78

Por vários segundos o Ju-390 ficou parado dentro de seu ninho de galhos mortos.

Jaeger ouviu o barulho dos propulsores mudando de frequência, passando do ruído de um furacão para o de uma leve brisa. Por um instante, temeu que o piloto estivesse desistindo, que tivesse sido forçado a admitir que a floresta morta ganhara a briga — se fosse esse o caso, Dale, Jaeger e Narov estariam prestes a ter de enfrentar um exército de sessenta homens armados.

Arriscou ligar o Thuraya e, instantaneamente, recebeu uma mensagem de Raff.

O piloto vai reverter para acelerar, usando a sustentação do casco para libertar o avião. AGUARDEM.

Jaeger desligou o telefone via satélite.

O casco do Airlander respondia por quase metade da sua força de sustentação: revertendo para depois acelerar, o piloto dobraria seu poder de arrancada.

Jaeger gritou para Narov e Dale segurarem firme. Mal tinha terminado de avisá-los quando houve uma abrupta mudança de direção na força exercida sobre o Ju-390, e o dirigível passou a acelerar para a frente em potência máxima.

As bordas das asas do Ju-390 começaram a se desvencilhar dos galhos, o cone do nariz do avião perfurando tudo o que vinha à frente.

Jaeger e Dale se posicionaram embaixo do painel de controle enquanto a cabine do avião forçava caminho através de uma parede de galhos descoloridos pelo sol tropical.

Pouco depois, os galhos das copas das árvores pareceram rarear e a luz do sol invadiu a cabine. Com um estalo de proporções ensurdecedoras, a aeronave foi catapultada a céu aberto. Tanto à direita quanto à esquerda, uma nuvem de detritos e pedaços de galhos despencou das asas e da fuselagem, espiralando em direção ao chão.

Com as copas não oferecendo mais resistência, a aeronave balançou para a

frente, passando um pouco do ponto onde estava, bem abaixo do Airlander, mas então voltou na direção contrária e parou no lugar certo. Assim que o balanço da aeronave se tornou manejável, o dirigível começou a içá-la.

Guinchos hidráulicos poderosos elevaram a aeronave até ela ficar à sombra do Airlander. As asas do Ju-390 repousaram na parte inferior do sistema de aterragem de almofada pneumática do dirigível — um colchão de ar parecido com os utilizados em aerobarcos. O Ju-390 estava agora, de fato, preso à parte de baixo do Airlander.

Com o avião de guerra bem firme no local certo, o piloto do dirigível acionou a potência máxima dos propulsores e girou o Airlander para posicioná-lo na direção correta, iniciando a subida para altitude de cruzeiro. Estavam a caminho da Base Aérea do Cachimbo, e apenas sete horas os separavam do aeroporto.

Jaeger apanhou triunfante a caneca de setenta anos enfiada ao lado do assento do copiloto. Fez um gesto na direção de Dale e Narov.

— Vai um cafezinho?

Mesmo Narov não pôde conter um sorriso.

— Senhor, a aeronave não está lá — repetiu o operador conhecido como Lobo Cinzento Seis.

Estava falando no rádio via satélite, da mesma pista de pouso remota e clandestina onde uma fila de helicópteros pretos com os rotores em posição de repouso aguardava uma missão.

O inglês do operador era fluente, mas seu sotaque possuía certa inflexão gutural típica dos países do leste europeu.

— Como ela pode não estar lá? — explodiu a voz do outro lado.

— Senhor, nossa equipe está no local indicado. Estão na área de floresta morta. Acharam marcas de algo pesado, e muitos galhos partidos. A impressão é de que a aeronave foi arrancada da floresta.

— Arrancada como? — perguntou o Lobo Cinzento, incrédulo.

— Senhor, não temos a menor ideia.

— Vocês têm o Predator na área. Têm vigilância. Como puderam não enxergar uma aeronave do tamanho de um Boeing 727 sendo arrancada da selva?

— Senhor, nosso Predator estava em órbita ao norte de lá, esperando uma identificação visual da posição do rastreador. Há cobertura de nuvem a até dez mil pés. Não há como enxergar nada. Quem quer que tenha arrancado a aeronave da selva, fez isso sem se comunicar por rádio, e aproveitando a cobertura das nuvens. — Uma pausa. — Sei que parece inacreditável, mas acredite em mim, a aeronave se foi.

— Vamos fazer o seguinte — disse a voz do Lobo Cinzento, fria e calma

agora. — Você tem uma frota de helicópteros Black Hawks à disposição. Coloque-os no ar e esquadrinhe o espaço aéreo. Você vai, repito, *você vai* achar esse avião de guerra. Vai recuperar o que tem de ser recuperado. E depois vai destruir a aeronave. Fui claro?

— Entendido, senhor.

— Presumo que isso seja coisa do Jaeger e sua equipe.

— Só pode ser, senhor. Lançamos mísseis Hellfire na posição deles no rio, mirando no rastreador e no telefone, mas...

— É o Jaeger — cortou a voz. — Só pode ser. Mate todos. Nenhuma testemunha pode sair viva. Entendeu? E lance explosivos suficientes no avião de guerra para não sobrar nenhum destroço. Quero que ele desapareça. Para sempre. Não pise na bola dessa vez, *Kamerad*. Limpe tudo. Cada uma dessas pessoas. Quero todas mortas.

— Entendido, senhor.

— Certo, coloque esses Black Hawks para trabalhar. E, só mais uma coisa: estou indo pessoalmente ao local. Isso é importante demais para ser deixado na mão de... amadores. Vou pegar um dos jatinhos da Agência. Estarei com você em menos de cinco horas.

O operador conhecido como Lobo Cinzento apertou os lábios. *Amadores*. Como ele odiava seu contratante americano. No entanto, o dinheiro era bom, assim como eram boas as chances de disseminar o caos e causar mortes sangrentas.

Nas próximas horas, ele, Vladimir Ustanov, mostraria ao Lobo Cinzento do que ele e seus pretensos amadores eram capazes.

Capítulo 79

Jaeger desligou o telefone via satélite. Tinha acabado de receber a seguinte mensagem: *Coronel Evandro confirma preparação de sanitização. Chegada às 1630 Zulu. CE enviará escolta aérea para o restante da viagem*.

Jaeger olhou o relógio. Eram 0945 Zulu. Tinham seis horas e quarenta e cinco minutos de voo até chegar ao ponto do aeroporto do Cachimbo que o diretor das Forças Especiais Brasileiras tinha preparado. Por "sanitização" Evandro queria dizer uma área em que Jaeger e a equipe poderiam passar pelo processo de descontaminação — e, depois, também a aeronave. Além disso, Evandro estava enviando algum tipo de escolta aérea para acompanhá-los até o pouso — provavelmente um par de caças.

Estava tudo funcionando às mil maravilhas.

Pela próxima hora, subiram até o dirigível atingir 10 mil pés, sua altitude de cruzeiro. Quanto mais subiam, mais rarefeito era o ar, e maior era a eficiência no consumo de combustível — o que era essencial para assegurar que conseguissem chegar ao Cachimbo.

Já haviam se livrado da cobertura de nuvens e a luz do sol entrava forte pelas janelas da cabine. Agora Jaeger podia ver melhor o espetáculo incrível que estavam protagonizando: um dirigível moderno e uma aeronave da Segunda Guerra Mundial voando juntos.

Como a superfície inferior do dirigível era arredondada, as asas do Ju-390 escapavam uns quinze metros para cada lado, afilando-se até chegar nas pontas. Jaeger imaginou que as asas deveriam produzir sua própria força de sustentação aerodinâmica, enquanto a velocidade do dirigível se aproximava de 200 km/h, ajudando a nave a acelerar todos em direção ao seu destino.

Com Narov mergulhada nos documentos e Dale filmando tudo que podia, Jaeger se viu sem ter o que fazer além de admirar a vista. Um cobertor de nuvens brancas se estendia abaixo deles até o horizonte, o céu totalmente azul acima.

Pela primeira vez em muitos dias, Jaeger teve um tempo para refletir sobre

tudo o que tinha acontecido, e sobre o que poderia acontecer.

Narov e suas revelações — que conhecera e trabalhara com seu avô, que havia sido tratada quase como se fosse da família — pediam uma séria investigação. Aquilo abria um mundo de incertezas. Assim que colocassem os pés no chão no aeroporto do Cachimbo — e estivessem verdadeiramente a salvo —, ele teria de bater um longo papo com Irina Narov. Estando a 20 mil pés, e através de um rádio e de respiradores, seria difícil conseguir conversar direito e com privacidade.

A prioridade número um de Jaeger era decidir como lidar com o Ju-390 e sua carga. Estavam voando num avião nazista cheio de segredos de guerra de Hitler, pintado com as cores da Força Aérea Americana, descoberto no que, supostamente, era território brasileiro, mas que bem podia ser boliviano ou peruano, pois estava no meio da tríplice fronteira, e que tinha sido resgatado por uma equipe internacional.

A pergunta era — quem teria direito à aeronave?

Para Jaeger, o cenário mais provável era que um monte de agências de inteligência aterrissasse no aeroporto do Cachimbo assim que a descoberta viesse à tona. O coronel Evandro era um cara inteligente, e com certeza teria separado um local no vasto complexo do Cachimbo onde pudesse esconder a aeronave dos olhares curiosos da imprensa e do público.

Certamente, as agências de inteligência iriam exigir — e conseguir — que a descoberta não fosse divulgada até que tivessem decidido qual versão da história seria tornada pública. Pela experiência de Jaeger, era assim que as coisas aconteciam.

O governo americano ia querer apagar qualquer registro de sua participação no financiamento daquele voo, assim como fariam seus Aliados — notadamente a Grã-Bretanha — que certamente tiveram participação naquilo.

Como Narov havia explicado, pelo menos parte da tecnologia presente no Ju-390 ainda era confidencial e certamente seria mantida assim. Iria, portanto, ser excluída da divulgação da história ao público.

Jaeger bem podia imaginar o tipo de notícia que acabaria chegando à imprensa.

> Depois de setenta anos esquecida na Floresta Amazônica, a pintura da aeronave da época da Segunda Guerra Mundial estava quase apagada. Só alguns aviões desse tipo chegaram a voar na época. Os intrépidos exploradores que descobriram a aeronave imediatamente a identificaram como sendo um Junkers Ju-390, embora poucos pudessem imaginar o que seria encontrado no

interior dela, e como isso poderia esclarecer detalhes a respeito dos estertores do regime nazista de Hitler...

Kammler e seus comparsas seriam retratados como homens que haviam tentado salvar o melhor da tecnologia das cinzas do Terceiro Reich, agindo independentemente dos Aliados. Ou alguma coisa parecida com isso. Quanto à extravagância televisiva da Wild Dog Media, Dale estava filmando como um louco, ciente de que tinha nas mãos a oportunidade da sua vida.

Uma aventura cheia de mistério como aquela seria de desbancar um *Indiana Jones*, e, para Jaeger, daria um filme tão bom quanto os dele. Não se via como o personagem de Harrison Ford, mas Dale tinha uma enorme quantidade de entrevistas suas na câmera.

O que estava filmado estava filmado, e Jaeger já podia antever a versão com cortes da série de TV indo ao ar — encobrindo pelo menos algumas das cargas do avião, sem falar da pintura dos símbolos da Força Aérea Americana. Mesmo assim, ele imaginava que seria um programa que prenderia a atenção da audiência.

Uma coisa que sem dúvida teria de ser editada das filmagens de Dale seria a Força Maligna que os estava caçando. Havia drama suficiente com a "tribo isolada" e a selva em si — e esses eram assuntos mais palatáveis à sensibilidade das audiências em família da TV.

Imaginava que a Força Maligna deveria sair de cena, uma vez que o grande prêmio tinha sido arrancado de suas garras. Mas como eles tinham ao menos um Predator e uma unidade fortemente armada em solo, Jaeger não duvidava de que se tratasse de uma agência clandestina americana, atuando fora da legalidade.

Quando se sanciona a atuação de tantas agências clandestinas, dando a elas poder total e zero responsabilidade, é de se esperar um *blowback*, como se diz no meio militar — uma consequência indesejada e inesperada como resultado de uma operação secreta.

Em algum momento, o governo perderia o controle e uma dessas agências sairia da linha.

Capítulo 80

Mesmo que o comandante da Força Maligna tivesse cancelado a caçada, Jaeger não poderia fazer o mesmo. Seu instinto tinha se provado infalível: ao fim da expedição, achava que encontraria os assassinos de Andy Smith. Tinha certeza de que Smith fora torturado e atirado para a morte, para que a Força Maligna ganhasse tempo e chegasse antes à aeronave.

Jaeger havia perdido mais dois integrantes da equipe — Clermont e Krakow — para a mesma Força Maligna. Tinha contas a acertar: no mínimo com quem ordenara a tortura e a morte de Smith e das outras pessoas do grupo.

Mas primeiro precisava tirar o restante da equipe — liderada por Lewis Alonzo — em segurança da Serra de los Dios, o que significava um verdadeiro pesadelo logístico. Além de tudo isso, tinha que encontrar tempo para procurar as respostas que mais importavam, e as de que ele mais *precisava*. Aquelas que poderiam esclarecer o destino de sua mulher e de seu filho desaparecidos.

Tinha uma certeza incômoda de que Ruth e Luke estavam vivos.

Não havia pista alguma — apenas as recordações resgatadas por um líquido psicotrópico —, mas Jaeger estava convencido de que iria descobrir o destino dos dois em algum lugar do avião de guerra.

Uma mão no ombro de Jaeger interrompeu seus pensamentos. Era Dale.

O cinegrafista abriu um sorriso exausto.

— Você me daria uma entrevista? Um resumo de como é estar sentado aqui agora, na cabine desta aeronave, voando para apresentá-la ao mundo?

— Tudo bem, mas tem que ser rápido.

Dale estava ajustando o enquadramento quando Jaeger reparou em Narov levantando bruscamente a cabeça da mesa do navegador. As janelas mais para o fundo da cabine davam para a lateral do avião, e Narov olhava pela sua, atentamente.

— Temos companhia — anunciou. — Três helicópteros Black Hawk.

— Devem ser a escolta do coronel Evandro — observou Dale. — Só pode ser.

— E olhou para Jaeger. — Só um segundo. Aguenta aí que vou filmá-los.

Dale foi até o outro lado da aeronave e começou a filmar. Jaeger o seguiu.

Lá estavam três helicópteros pretos seguindo o Airlander a mais ou menos uns 150 metros da lateral direita do dirigível. Ao observá-los, Jaeger viu algo estranho. Os helicópteros estavam pintados de preto com cobertura antirradar e não havia qualquer sinal de identificação.

A Força Aérea Brasileira operava com Black Hawks. Talvez até dispusesse de uma frota sem identificação e com cobertura antirradar, mas isso estava longe de ser o que Jaeger estava esperando do coronel Evandro. Imaginou que fosse enviar caças da Base Aérea do Cachimbo, provavelmente F-16, para levá-los até lá em segurança e com pompa e circunstância.

Mas Black Hawks não identificados? Para Jaeger, isso não fazia o menor sentido.

Embora sejam equipados com armamentos pesados, os Black Hawks são, na maioria das vezes, usados para o transporte de tropas — e não teriam a autonomia necessária para chegar à Base Aérea do Cachimbo. Além disso, sua autonomia de combate é de menos de 600 quilômetros, menos da metade do requerido.

Jaeger não acreditava de jeito nenhum que aquela era a escolta do coronel Evandro.

Ele se virou para Narov. Seus olhos se encontraram.

Jaeger balançou a cabeça, preocupado. *Isso não está certo*.

Narov fez um gesto em concordância.

Jaeger ligou o Thuraya e telefonou para Raff. Manter os equipamentos de comunicação desligados era irrelevante agora. Ou aquela era uma escolta, e eles estavam a salvo, ou tinham sido encontrados pelo inimigo. Qualquer que fosse o caso, não fazia mais sentido tentar se esconder.

No momento em que o telefone via satélite captou o sinal, Jaeger pôde ouvir o toque de outro aparelho, seguido por uma resposta imediata. Mas não foi a voz de Raff que ele escutou. O que chegou até Jaeger parecia ser o contato de rádio de quem quer que estivesse no comando dos misteriosos Black Hawks. Raff estava usando o Thuraya para repassar a mensagem do helicóptero para Jaeger e sua equipe.

— Aqui é o Black Hawk não identificado chamando o Airlander em linha aberta — disse a voz. — Confirme o recebimento da mensagem. Black Hawk não identificado chamando Airlander. Responda.

“Linha aberta” se referia à frequência de rádio não criptografada, monitorada por qualquer aeronave. Estranhamente, a voz do piloto tinha um sotaque do leste europeu — talvez russo —, sílabas duras e guturais que, por um momento,

fizeram Jaeger pensar no jeito de falar de... Narov.

Narov estava atenta à voz que saía do telefone, mas, por um segundo, ergueu o olhar e encontrou o de Jaeger. Ele detectou uma expressão que nunca pensou que ia ver nos olhos de Narov.

Medo.

Capítulo 81

Jaeger enviou uma mensagem de texto curta: *Estou ouvindo*.

Em seguida, distinguiu os tons graves da voz do grande Maori.

— Black Hawk, aqui é o Airlander. Afirmativo. Na escuta.

— Com quem falo? — perguntou o comandante do Black Hawk.

— Takavesi Raffara, oficial de operações do Airlander. Com quem falo?

— Sr. Raffara, eu faço as perguntas. Quem dá as cartas sou eu. Coloque o senhor Jaeger na linha.

— Negativo. Eu sou o oficial de operações desta aeronave. Todas as comunicações passam por mim.

— Repito. Coloque o Sr. Jaeger na linha.

— Negativo. Sou o responsável pelas comunicações — disse Raff.

Jaeger viu o Black Hawk mais próximo abrir fogo, usando uma GAU-19, uma metralhadora de seis canos calibre .50. Durante os três segundos de fogo, o ar abaixo do helicóptero ficou preto com as cápsulas vazias que caíam. Em três segundos, a arma havia atirado mais de uma centena de projéteis, cada um do tamanho do pulso de uma criança pequena.

Os tiros foram disparados quase trezentos metros à frente do Airlander, mas a mensagem era claríssima. *Temos poder de fogo para fazer vocês em pedacinhos, umas cem vezes seguidas*.

— Os próximos tiros vão acertar em cheio — ameaçou o comandante do Black Hawk. — Coloque Jaeger na linha.

— Negativo. Jaeger não está a bordo da minha aeronave.

Raff escolhia as palavras com cuidado. Tecnicamente era verdade: Jaeger não estava a bordo do Airlander.

— Ouça com muita atenção, Sr. Raffara. Meu navegador identificou uma área de pouso 150 km a leste, coordenada 497865. Você vai aterrissar lá. E, atenção: ao fazer isso, vou precisar contabilizar todos os integrantes da sua equipe. Confirme que entendeu as instruções.

— Espere.

Jaeger ouviu o bipe de uma nova mensagem no telefone via satélite: *Resposta?*

Jaeger teclou a resposta: *Se descer, estamos mortos. Todos nós. Resista.*

A voz de Raff pôde ser ouvida novamente.

— Black Hawk, aqui é o Airlander. Negativo. Vamos continuar em direção ao destino planejado. Somos uma equipe internacional em uma expedição de caráter civil. Não interfira, repito, não interfira neste voo.

— Nesse caso, dê uma olhada na porta aberta do nosso helicóptero principal — disse o comandante do Black Hawk. — Vê aquela pessoa ali na porta? É um dos seus amados índios. E, de bônus, temos alguns integrantes da equipe de vocês também.

A mente de Jaeger acelerou. O inimigo devia ter descoberto um dos grupos de emboscada e capturado pelo menos alguns deles com vida. Daí para a frente, teria sido fácil colocá-los no helicóptero usando o local onde o Ju-390 estivera como zona de aterrissagem.

— Acredito que alguns de vocês conheçam esse selvagem — zombou o comandante do Black Hawk. — O nome dele significa “porco grande”. Bastante apropriado. Agora, vejam como ele voa.

Pouco depois, uma silhueta foi atirada do avião.

Mesmo à distância, Jaeger conseguiu ver que se tratava de um guerreiro amahuaca, gritando enquanto caía. Foi rapidamente engolido pela massa de nuvens, mas Jaeger ainda teve tempo de reconhecer o colar de penas ao redor do pescoço — a *gwyrag’waja* — na qual cada pena significava um inimigo morto em batalha.

Jaeger sentiu uma ira cega invadi-lo, enquanto o corpo do que parecia ser o irmão de Puruwehua sumia de vista. Gwaihutiga salvara a vida de Jaeger na ponte de cipó e agora, muito provavelmente, havia sido atirado para a morte porque Jaeger e sua equipe tentavam salvar suas próprias peles. Jaeger deu um soco na lateral do avião — a cabeça confusa de raiva e frustração.

— Tenho vários outros selvagens — continuou o comandante do Black Hawk. — Para cada minuto que vocês não concordarem em alterar o curso para a coordenada 497865, outro selvagem vai ser atirado para a morte. Ah, e as pessoas da sua equipe também. Obedeça. Altere o curso. Vocês têm um minuto. Iniciando a contagem.

— Espere.

Mais uma vez, o telefone de Jaeger bipou com uma mensagem: *Resposta*?

Jaeger olhou para Dale e Narov: o que deveria dizer? Narov sacudiu a bolsa de couro cheia de documentos no ar.

— Tem uma coisa que eles querem neste avião — declarou ela. — Algo de que precisam muito. Não podem nos derrubar.

As mãos de Jaeger se apressaram no teclado do Thuraya tentando digitar as orientações. Sentindo uma onda de náusea subir de suas entranhas, mandou a mensagem: *Precisam do avião intacto. Não vão nos derrubar. Não concorde. Resista*.

— Vamos prosseguir na direção planejada. — A voz de Raff chegou pelo rádio. — E aviso que estamos filmando tudo o que estão fazendo e repassando as imagens para um servidor onde o filme está sendo carregado para a internet. — Não era exatamente verdade, claro. Tratava-se de um clássico blefe de Raff. — Vocês estão sendo filmados e serão julgados pelos seus crimes...

— Sem essa — cortou o comandante inimigo. — Somos uma frota de Black Hawks sem identificação. Não vê, otário? Estamos na clandestinidade. Nós. Não. Existimos. Você acha que pode levar fantasmas a julgamento? Otário. Mude o curso como eu mandei ou arque com as consequências. O sangue está nas suas mãos...

Outra pessoa foi atirada do helicóptero.

Enquanto ela caía, Jaeger tentava bloquear de sua cabeça a imagem de Puruwehua se espatifando na selva. Era impossível identificar exatamente qual índio a equipe do helicóptero havia jogado, mas assassinato é assassinato.

Quanto sangue teria em suas mãos?

— Até agora, tudo bem — continuou o comandante do Black Hawk. — Usamos dois da nossa cota de selvagens. Temos mais um. Vão fazer o que mandamos, Sr. Raffara, ou o último índio que temos conosco também vai aprender a voar?

Raff não respondeu. Se alterassem o curso e aterrissassem o Airlander — e o Ju-390 — no local indicado, estariam todos mortos. Ambos sabiam disso. Durante o treinamento da Krav Maga, Raff e Jaeger tinham sido ensinados sobre as duas ordens que nunca deveriam aceitar: a de se realocar e a de se deixar amarrar. Ambas só poderiam resultar em tragédia. Atender tal ordem não acabaria bem para ninguém.

Jaeger desviou os olhos quando um terceiro corpo foi jogado, com os braços balançando como se tentasse agarrar o ar. Uma lembrança veio à mente de Jaeger: Puruwehua contando quão frequentemente tinha voado como o grande falcão que pairava sobre as montanhas.

Já voei tão alto quanto ele, Puruwehua lhe tinha dito. *Voei sobre oceanos imensos e montanhas distantes*.

A lembrança torturava Jaeger quase no limite de sua resistência.

— Então, agora, Sr. Raffara, passaremos à parte realmente interessante.

Segundo ato: os integrantes da sua equipe. Lá vai o primeiro. Olhe quem está na porta do helicóptero. Ele não está com muita vontade de aprender a voar. Altere o curso para as coordenadas que passamos ou ele vai virar mingau. — O comandante do Black Hawk riu de sua própria piada. — Um minuto. Começando a contagem...

O telefone de Jaeger bipou: *Resposta?* Jaeger conseguiu distinguir o cabelo quase branco de tão loiro brilhando no sol quando a silhueta de um homem foi forçada até a porta do helicóptero.

Embora Jaeger acreditasse que Stefan Kral fosse o traidor no seu grupo, não tinha certeza absoluta, e pensar na jovem família de Kral em Luton era de revirar o estômago.

Forçou os dedos a teclar uma resposta. *Avise a eles que o CE enviou caças para nos acompanhar. Mantenha o cara falando.*

— Vamos manter o curso para o destino planejado. — Era a voz de Raff. — E fiquem sabendo que há caças da Força Aérea Brasileira a caminho...

— Sabemos dos seus amigos da BOE — cortou o comandante do Black Hawk. — Vocês acham que têm amigos importantes? — Deu uma risada. — Vocês não viram ainda os *nossos* amigos. De qualquer forma, os caças do coronel estão a uns bons noventa minutos daqui. Obedeça minhas ordens ou mais pessoas vão morrer.

— Negativo — repetiu Raff. — Vamos prosseguir para o destino planejado.

— Então vou levar meu helicóptero mais para perto — disse o comandante do Black Hawk. — Assim, podem desejar um bom passeio ao amigo de vocês.

Os três helicópteros se aproximaram, mantendo a formação, até estarem a uns duzentos metros tanto do Airlander quanto do Ju-390. Quando atingiram a posição desejada, a figura característica do câmera eslovaco foi empurrada bem para a beirada da porta aberta do helicóptero.

— Última chance — engrossou o comandante do Black Hawk. — Alterem o curso como ordenei.

— Negativo — repetiu Raff. — Estamos mantendo o curso para nosso destino.

Pouco depois, Stefan Kral foi atirado.

Enquanto o corpo do eslovaco acelerava para baixo, girando como uma estrela no azul do céu, Jaeger ouvia Dale vomitando no chão da aeronave logo atrás dele. O próprio Jaeger se sentia arrasado.

Traidor ou não, isso não era jeito de ninguém morrer, ainda mais um jovem pai.

Capítulo 82

— Parabéns, Sr. Raffara — anunciou o comandante do Black Hawk. — O senhor já permitiu que quatro dos seus amigos morressem. Então a última candidata a se aventurar no espaço é a Sra. Letícia Santos! Ah, sim, e todos nós sabemos como as brasileiras gostam de uma aventura. Altere o curso, Sr. Raffara. Obedeça às minhas ordens. Ou a morte da querida Sra. Santos vai assombrá-lo pelo resto dos seus dias.

O telefone via satélite bipou: *Resposta?*

Jaeger encarou a tela do telefone — a mente girando em rotação máxima. Sob qualquer ponto de vista, estava sem opções. A matança precisava acabar. Não deixaria Letícia ser atirada aos lobos. Mas qual seria a alternativa?

Involuntariamente, a mão livre de Jaeger tocou a echarpe que Letícia tinha amarrado em seu pescoço. Uma ideia repentina lhe veio à cabeça, tomando forma a cada segundo. Era uma ideia louca, mas no momento parecia ser sua melhor opção.

Digitou uma mensagem no teclado do Thuraya. *Aja como se tivesse aceitado. Altere o curso. Aguarde*.

A voz de Raff fez-se ouvir.

— Afirmativo, vamos seguir as ordens. Alterando o curso em 0845 graus. Pouso na sua coordenada em quinze, repito, quinze minutos.

— Excelente, Sr. Raffara. Fico feliz que o senhor finalmente tenha aprendido como manter as pessoas vivas...

Jaeger não esperou para ouvir as últimas palavras. Agarrou Narov, abriu a porta que dava para o interior do Ju-390 e correu até uma caixa de carga que estava num dos cantos escuros da aeronave.

Agachou-se diante da caixa comprida que continha os mísseis no estilo bazuca *Fliegerfaust*. Instintivamente, procurou a faca, antes de lembrar que a dera de presente a Puruwehua. Um segundo depois, Narov estava ao lado de Jaeger, abrindo a caixa com sua lâmina Fairbairn-Sykes.

As cordas apertadas que protegiam a caixa cederam e, após puxarem os pregos com a lâmina, ambos forçaram a tampa de madeira.

Enfiaram as mãos na caixa e pegaram um dos dois lançadores de mísseis disponíveis. Era surpreendentemente leve. Porém, o que preocupava Jaeger não era o peso do equipamento, mas sua funcionalidade. A maioria dos lançadores de mísseis de ombro modernos usava sistemas de disparo eletrônico. Se o *Fliegerfaust* operasse de forma semelhante, a bateria estaria descarregada e a arma não funcionaria.

Mas a aposta de Jaeger era de que o lançador alemão operasse por um sistema mecânico simples. E, se estivesse certo, a arma ainda poderia ser usada. Observou o mecanismo de disparo e o gatilho. Colocou o lançador no ombro e encostou o olho no frio aço da mira: um trilho de metal que corria ao longo da superfície dorsal da arma para ajustar o alvo.

Exatamente como esperava, o *Fliegerfaust* operava de forma 100% mecânica. Os dois lançadores de mísseis estavam conservados e lubrificados, e não havia uma única mancha de ferrugem. Até os múltiplos canos pareciam lisos e limpos. Depois de sete décadas numa caixa, não havia razão para que o lançador não funcionasse perfeitamente.

Narov tirou da caixa o míssil composto por um conjunto de nove projéteis — cada um com 20 mm de calibre e cerca de 20 cm de comprimento. Enquanto Jaeger segurava o lançador, Narov enfiou os projéteis nos canos até que ouviu o estalo que acusava o encaixe.

— Quando você puxa o gatilho, a arma aciona dois salvos de tiros — explicou Narov, a voz tensa pela urgência da tarefa. — O primeiro lança quatro projéteis. O segundo, logo depois, cinco.

Jaeger assentiu.

— Precisamos dos dois lançadores prontos e carregados. Você consegue operar o segundo?

Os olhos de Narov faiscaram com um brilho assassino.

— Com prazer. Eles estavam certos em apelidar você de Caçador.

Prepararam o segundo lançador e atravessaram a aeronave em direção às portas de carga do Ju-390. Apenas uma hora antes, Jaeger havia fechado aquelas mesmas portas para tirar a aeronave da floresta. Nunca poderia imaginar que teria de abri-las novamente tão cedo, muito menos para o tipo de ação que tinha em mente agora.

Apanhou o Thuraya e digitou uma mensagem. *Ataque aos Black Hawks da traseira do Ju-390. Não vamos atingir o helicóptero da Santos. Aguarde*.

O bip do telefone soou com uma nova mensagem. *Afirmativo*.

Jaeger fitou Narov.

— Pronta?

— Pronta — confirmou Narov.

— Eu pego o que está às nove horas, você pega o que está às três. Não atinja o helicóptero da Santos.

Narov assentiu.

— Assim que abrirmos as portas — acrescentou Jaeger —, larga o dedo.

Jaeger destrancou uma das portas de carga, se sentou no chão da aeronave e escorou as botas nas laterais. Narov fez o mesmo. Jaeger tinha certeza de que o comandante do Black Hawk não fazia ideia de que havia alguém viajando dentro do Ju-390.

Mas estava prestes a descobrir.

— AGORA!

Jaeger meteu o pé na sua porta e Narov na dela, e ambas se abriram. Jaeger se apoiou num dos joelhos, com o *Fliegerfaust* apoiado no ombro. O Black Hawk mais próximo estava a uns duzentos metros de distância. Alinhou a mira simples com a cabine do helicóptero, rezou para o lançador funcionar, e puxou o gatilho.

Quatro projéteis riscaram o céu, a nuvem de fumaça asfixiante do retorno enchendo o interior do Ju-390. Jaeger manteve a mira. Apenas uma fração de segundo depois, os cinco projéteis restantes dispararam em direção ao alvo. Ao lado de Jaeger, Narov disparou seus nove mísseis no segundo Black Hawk.

Altamente perfurante e explosivo, cada míssil era estabilizado por furinhos em sua base. Uma pequena quantidade de gases escapa do foguete pelos furos, fazendo-o girar ao redor do próprio eixo. É o giro que assegura que o míssil vá em direção ao alvo — do mesmo jeito que uma bala disparada por um revólver gira pelos raios do cano.

Cinco dos mísseis de Jaeger passaram reto, mas quatro atingiram o alvo. Os projéteis de 20 mm espalharam uma nuvem de fumaça ao longo da lateral do Black Hawk, enquanto as pontas dos mísseis atravessavam a parede de metal do helicóptero. Um segundo depois, eles detonaram, transformando o interior do Black Hawk numa tempestade de fragmentos irregulares em chamas.

A explosão arrancou o vidro da cabine e quebrou as janelas laterais — os estilhaços dilacerando os corpos dos que estavam dentro do helicóptero. Pouco depois, o Black Hawk perdeu a orientação e iniciou uma queda que deixou um rastro de fumaça cinza.

Com o alvo dois foi ainda pior. No momento mais crucial, a atiradora — *assassina?* — dentro de Narov se revelou. Oito dos mísseis dela atingiram o alvo. Apenas um desviou do helicóptero.

Pelo menos um dos mísseis de 20 mm perfurou o tanque de combustível do Black Hawk. Com o tanque cheio o suficiente para completar uma missão de

600 quilômetros, havia combustível ali para queimar tudo e mais um pouco. Uma chama laranja brilhante emergiu do helicóptero que, pouco depois, se desintegrou numa enorme e ofuscante bola de fogo. Jaeger sentiu a onda de calor atingi-lo, enquanto estilhaços em chamas se espalhavam a partir do epicentro da explosão. Por um instante, a fúria do impacto pareceu ameaçar o Airlander, mas os detritos em chamas logo despencaram em direção à cobertura de nuvens e sumiram de vista.

A carcaça do segundo Black Hawk mergulhou em direção à terra como uma pedra. Tudo o que sobrou dos helicópteros foi uma nuvem negra de fumaça que se espalhava, quente, pela atmosfera tropical.

Agora era um Black Hawk contra um Airlander/Ju-390 voando no céu. O Black Hawk que sobrara tinha mudado o curso, abrindo uma distância segura entre ele e possíveis novos disparos. Mas Jaeger e Narov já não podiam mais atacar: a munição dos *Fliegerfausts* havia acabado. E, além disso, Letícia Santos estava naquele helicóptero. Jaeger não estava disposto a sacrificá-la também.

— Sr. Raffara, o senhor vai desejar não ter feito isso! — gritou a voz irada. — Vamos começar a atirar em vocês!

— Se fizer isso, vamos cair — argumentou Raff —, assim como sua preciosa aeronave. Ela vai se espatifar na floresta...

Uma explosão de tiros precisos veio da GAU-19 do Black Hawk que sobrara, cortando as palavras de Raff. Os tiros atingiram o propulsor na parte direita do Airlander. No mesmo instante, um dos quatro rotores gigantes foi estilhaçado e Jaeger sentiu que o Ju-390 pendia para a direita. Dentro do Airlander, a tripulação lutava para manter a nave estável com apenas três propulsores, ajustando os motores para tentar equilibrar o peso e bombeando gás hélio nos três cascos gigantes da aeronave.

— Airlander para Black Hawk. — Era Raff. — Se acertar outro propulsor, não vamos conseguir segurar o peso do Ju-390 e seremos forçados a soltá-lo. Será uma queda de 10 mil pés. Encerrem o ataque.

— Não acredito nisso — disse o comandante do Black Hawk. — Vocês têm uma equipe a bordo da aeronave e não vão deixá-la cair. Cumpra minhas instruções ou vou atirar no segundo propulsor.

Um bipe acusou uma mensagem no Thuraya de Jaeger: *Resposta?*

Jaeger não sabia o que responder. Estavam sem opções.

Tinham chegado a um beco sem saída.

Capítulo 83

Pela terceira vez, a metralhadora GAU-19 do Black Hawk cuspiu fogo. Uma explosão terrível rasgou o propulsor que ficava na parte de trás do dirigível. A essa altura, Jaeger e Narov estavam de volta à cabine e sentiram o Ju-390 dar uma guinada brusca para a esquerda quando o segundo conjunto de rotores foi atingido.

Por alguns frenéticos segundos, a aeronave gigante lutou para se estabilizar, os dois propulsores sobreviventes localizados em pontas e lados opostos do Airlander, que por sua vez lutava para equilibrar o peso enorme. Porém, quando o Airlander finalmente conseguiu uma estabilidade razoável, ficou claro que não suportaria por muito tempo o peso que estava levando.

Como o dirigível perdera metade de sua força de propulsão, a velocidade começou a cair de forma drástica. Além disso, estavam perdendo altitude. Se o Ju-390 continuasse amarrado ao dirigível, estariam todos condenados a um desastre.

O Black Hawk mudou de posição, fora do campo de visão da cabine do Ju-390. Mas Jaeger nem por um segundo acreditou que o comandante inimigo tivesse desistido do ataque: mas, então, que diabos estaria aprontando?

Uma mensagem apareceu no Thuraya: *BH se deslocando para a sua retaguarda. Aproximando-se da ponta da sua asa esquerda. Prestes a embarcar no avião????*

Jaeger encarou a mensagem por um instante: o Black Hawk estava fazendo o quê? Olhou pela janela lateral.

Sem dúvida, o piloto do helicóptero estava alinhando a porta lateral do Black Hawk à ponta da asa esquerda do Ju-390. Jaeger podia ver uma dúzia de homens fortemente armados aboletados na porta do helicóptero, vestidos com trajes NBC pretos e máscaras.

Viu Narov surgir a seu lado.

— Deixe eles tentarem! — bufou ela, enquanto observava os soldados de

preto. Em seguida, empunhou seu fuzil de precisão Dragunov, pronta para acertar qualquer um que tentasse invadir o Ju-390.

— Não! — disse Jaeger, baixando o cano da arma. — Eles ainda não sabem exatamente onde estamos. Se você abrir fogo, vão destruir a cabine inteira. Vão nos deixar em pedacinhos!

— Então me deixe acertar o piloto do Black Hawk — protestou Narov. — Pelo menos isso!

— Se você acertar o piloto, o copiloto vai assumir e eles ainda vão nos fazer em pedaços. Além disso, a Santos está naquele helicóptero.

— Algumas vezes é preciso tirar uma vida para salvar outra — respondeu friamente Narov. — Ou, neste caso, tirar uma vida para salvar *várias outras*.

— Não! — disse Jaeger, balançando a cabeça vigorosamente. — Não! Tem que ter um jeito melhor!

Passou os olhos pela cabine, em desespero. De repente, viu vários pacotes empoeirados embaixo do assento do navegador. Cada pacote trazia no rótulo a palavra *Fallschirm*. Embora não entendesse alemão, imaginou do que se tratava. Apanhou um dos pacotes.

Faça o inesperado.

Acenou para Narov.

— São paraquedas, certo?

— Paraquedas — confirmou Narov. — Mas...?

Jaeger olhou pela janela. A velocidade do Ju-390 caía drasticamente e a primeira figura vestida de preto pulou do Black Hawk e se equilibrou, agachada, na asa gigante do avião. Pouco depois, uma segunda figura pulou e ambas começaram a se mover agachadas.

Jaeger atirou um dos pacotes de paraquedas para Narov e outro para Dale, garantindo um terceiro para si próprio.

— Coloquem o paraquedas — gritou. — E vamos rezar para que, como a maioria das coisas alemãs, esses tenham sido feitos para durar.

Enquanto se esforçavam para colocar o equipamento, uma mensagem chegou ao Thuraya. *Inimigos reunidos na sua fuselagem. Colocando explosivos*. Os soldados de preto estavam tentando explodir uma passagem na fuselagem central do Ju-390 para entrar na aeronave.

Jaeger respondeu: *Quando todos os caras de preto estiverem a bordo, solte a aeronave. Deixe-a cair. E, Raff, não discuta. Sei o que estou fazendo.*

Uma mensagem chegou. *Afirmativo. Vejo você no paraíso*.

Graças a Deus Jaeger tinha colocado Raff a bordo do Airlander. Ninguém mais seria capaz de concordar com uma ordem dessas sem questionar. Esse era o vínculo ímpar que os dois compartilhavam, um forjado ao longo de muitos anos

de vida militar.

Jaeger detectou uma explosão abafada da traseira do avião. O Ju-390 estremeceu por um instante, quando o explosivo abriu um buraco do tamanho de um homem na fuselagem. Em sua imaginação, ele já podia ver os homens de preto entrando no ambiente escuro e enfumaçado da aeronave, armas em punho.

Levaria alguns minutos para que pudessem se orientar e esquadrinhar a traseira da aeronave em busca de Jaeger e sua equipe. Isso feito, avançariam em direção à porta que protegia a cabine e instalariam um segundo explosivo. Quando trancada, a porta da cabine só podia ser aberta por dentro, então, teriam que explodi-la para entrar.

Ainda assim, Jaeger, Narov e Dale tinham apenas alguns segundos para agir.

— Tudo bem, o plano é o seguinte — gritou Jaeger. — A qualquer momento, o Airlander vai soltar o Ju-390. Como qualquer boa aeronave largada em movimento, ela vai ganhar velocidade enquanto cai, depois vai planar. Assim que a aeronave estiver solta, vamos jogar esses para fora — apontou para os paraquedas que haviam sobrado —, e depois vamos pular. Não acionem o paraquedas até que estejam dentro da cobertura de nuvens, ou o Black Hawk vai poder nos seguir. Vamos tentar ficar juntos e dar as mãos na queda. Ordem de salto: Dale, Narov e eu por último. Prontos?

Narov assentiu. Havia um brilho de prazer e adrenalina em seus olhos. Dale estava branco como uma folha de papel, como se estivesse a ponto de vomitar uma segunda vez. Mas, ainda assim, fez um sinal de positivo com o polegar. Jaeger estava impressionado com o cara: tinha enfrentado uma batalha para soldados experientes, e se saíra bem demais.

— Não esqueça a câmera, ou pelo menos os cartões de memória — gritou Jaeger. — O que quer que aconteça agora, não podemos perder esse filme!

Pegou os paraquedas que sobraram e os empilhou na lateral da cabine, depois abriu ambas as janelas para que tivessem o máximo de espaço para sair.

Virou-se para Narov.

— Não esqueça os documentos. Coloque a bolsa de couro bem apertada contra você e não deixe ela...

Foi forçado a engolir o resto das palavras porque o Ju-390 deu uma chacoalhada e começou a cair. O Airlander tinha largado a aeronave e, por alguns segundos horríveis, o Ju-390 pareceu estar caindo verticalmente, como uma pedra. Mas logo as asas começaram a estabilizá-lo num voo planado.

— Vai! Vai! — gritou Jaeger, jogando os paraquedas pela janela.

Um após o outro, os *Fallschirms* extras foram jogados no vazio.

Dale se aproximou da janela, colocou metade do corpo para fora e, então, paralisou. O vento estava batendo com força contra seu peito, mas seus pés

pareciam grudados na aeronave.

Paralisado.

Jaeger não hesitou. Agachou, agarrou as pernas de Dale e o levantou no ar, forçando-o, aos berros, a pular.

Já podia ouvir vozes gritando no interior do Ju-390. Os soldados de preto deviam estar preparando o explosivo para derrubar a porta. Narov pulou no assento do piloto, colocou as mãos no teto da cabine e lançou as pernas para fora da janela. Fitou Jaeger.

— Você vem, né?

Ela devia ter percebido a indecisão que tomou os olhos de Jaeger. Por um instante, a mente de Jaeger voltara para a montanha sombria onde a mulher e o filho haviam sido sequestrados. Não fizera tudo o que podia — *não tinha feito nada* — para revistar o avião atrás de pistas de quem poderia tê-los levado e por quê.

Por um agonizante segundo aquela voz por trás da máscara de gás — a voz que Jaeger tinha quase reconhecido — voltou à sua mente: "Não se esqueça jamais: você fracassou em proteger sua mulher e seu filho. *Wir sind die Zukunft!"*

Jaeger se sentiu preso ao chão, não conseguia se mexer. No fundo, estava desesperado por respostas. Se abandonasse a aeronave, poderia perdê-las para sempre.

— Venha para a janela! — gritou Narov. — AGORA!

Foi quando Jaeger se deu conta de que estava olhando para o cano de uma arma. Narov tinha empunhado uma pistola Beretta e a segurava na altura da cabeça de Jaeger.

— Eu sei de tudo! — ela gritou. — Eles mataram seu avô. E vieram atrás de você e da sua família. Alguma coisa que você fez detonou isso tudo. É a partir daí que vamos encontrar respostas. Se você cair com esse avião, eles terão vencido!

Jaeger tentou forçar braços e pernas a se mexerem.

— PULE — gritou Narov para ele, os dedos firmes no gatilho. — NÃO VOU DEIXAR VOCÊ DESPERDIÇAR SUA VIDA!

De repente, fez-se um ruído ensurdecedor. Uma explosão que encheu a cabine de uma fumaça sufocante. A força da explosão jogou Jaeger contra a janela lateral e fez com que ele voltasse a si. Conforme se apressava em direção à saída, Narov abriu fogo com a Beretta, atirando contra a massa de soldados de preto que surgiam pela porta recém-aberta. Segundos depois, Jaeger saltou, mergulhando no azul profundo e açoitado pelo vento.

Capítulo 84

Um segundo após pular, Jaeger começou a girar em queda livre, exatamente como acontecera quando tinha mergulhado do C-130, num salto de vida ou morte. Forçou os braços a ficarem abertos e arqueou o corpo para se estabilizar. Em seguida, adotou a postura de braços firmes ao lado do corpo e pernas esticadas, para chegar às nuvens o mais rápido possível.

Conforme a velocidade de queda aumentava, Jaeger pensava em como tinha sido burro. Narov estava certa. Se morresse no avião, que bem isso faria a alguém, quanto mais à mulher e ao filho? Tinha sido um imbecil em hesitar e havia colocado a vida de Narov em risco. Droga. Agora não sabia nem se ela saltara com vida, e não tinha como verificar isso no turbilhão da queda livre.

O Ju-390 continuava em aceleração desde que o Airlander o soltara. Devia estar a uns 300 km/h, atravessando o céu como um dardo fantasma — e Jaeger só podia rezar para que Narov tivesse escapado viva.

Pouco depois, foi engolido pelas nuvens. Conforme o denso vapor d'água o cercava, Jaeger tentou acionar o paraquedas... e rezou. Nunca tinha desejado tanto que os nazistas tivessem produzido uma coisa bem-feita.

Nada aconteceu. Jaeger olhou para baixo para ver se estava puxando a alça correta. Porém, nenhum movimento é simples na confusão provocada pela queda livre. Até onde podia ver, o paraquedas principal parecia estar preso.

Uma frase veio à mente enquanto Jaeger acelerava em direção ao chão: *olhe-localize-abra-bata-puxe-arqueie*. Era uma dica que tinha aprendido, anos antes, para procedimentos de emergência em queda livre, quando o paraquedas principal falha.

O princípio é sempre o mesmo, apenas o sistema é diferente.

Colocou a mão sobre o que imaginava ser o paraquedas reserva. O sistema era antiquado, mas não havia razão para que não funcionasse. Era agora ou nunca, já que o chão se aproximava rapidamente. Puxou com toda força e o tecido do paraquedas reserva — dobrado há décadas e só esperando para ter a chance de

voar novamente — se abriu acima dele.

Como a maioria dos objetos de fabricação alemã, o *Fallschirm* tinha sido produzido com grande qualidade e se abriu como um sonho. Na verdade, era uma verdadeira maravilha voar com ele. Se Jaeger não estivesse num momento tão complicado, teria adorado o passeio.

Os alemães haviam usado um projeto de paraquedas parecido com o empregado pela Força Aérea Britânica na Segunda Guerra Mundial. Os equipamentos tinham o formato de um cogumelo de teto alto e eram bastante estáveis no ar — ao contrário dos mais achatados, rápidos e manobráveis usados pelos militares nos dias atuais.

Quando estava a cerca de 150 metros de altitude, Jaeger saiu das nuvens. A primeira coisa que pensou foi em Dale e Narov. Olhou para oeste e viu o característico tecido de um paraquedas no chão, marcando onde Dale parecia ter aterrissado.

Olhou para leste e, bem na hora, um lençol branco saiu da base de uma das nuvens.

Narov. Tem que ser Narov. Ela parecia ter conseguido saltar da cabine do Ju-390 e, pela aparência do corpo abaixo do paraquedas, devia estar viva. Jaeger guardou ambas as posições na cabeça e depois checou a floresta logo abaixo.

Floresta densa, nenhum lugar fácil para aterrissar.

De novo.

Enquanto flutuava por cima das copas das árvores, pensou brevemente no Ju-390. A 10 mil pés de altitude, a velocidade adquirida na queda pelo avião de guerra podia fazê-lo planar por vários quilômetros, porém, ele estava fadado a cair. Assim que o Airlander soltou a aeronave, ela começou a ganhar velocidade e perder altitude.

Cedo ou tarde, se espatifaria na selva a mais de 300 km/h. O lado positivo é que levaria consigo os soldados de preto — porque não havia a menor chance de o Black Hawk conseguir resgatá-los, e Jaeger tinha jogado todos os paraquedas extras pela janela.

O lado negativo é que a aeronave se perderia para sempre, junto com os segredos que carregava — sem falar da carga tóxica que se espalharia pela floresta.

Mas não havia nada que Jaeger pudesse fazer a respeito.

O Black Hawk aterrissou numa pista de pouso isolada na selva.

O operador codinominado Lobo Cinzento Seis — cujo nome verdadeiro era Vladimir Ustanov — desceu do helicóptero com o telefone grudado ao ouvido.

Seu rosto estava pálido e exausto, a experiência das últimas horas pesava em

seus ombros.

— Senhor, entenda a situação. — A voz tensa e exausta. — Restaram quatro homens na minha tropa. Não temos condições de partir em outra missão.

— E a aeronave? — perguntou o Lobo Cinzento, incrédulo.

— Uma ruína fumegante. Espatifou-se por uma dúzia de quilômetros na selva. Nós a acompanhamos até o momento em que caiu.

— E a carga? E os *documentos*?

— Se esfacelaram junto com a fuselagem em chamas e uma dúzia dos meus melhores homens.

— Já que não conseguimos colocar as mãos no avião, é melhor que tudo tenha sido destruído. — Uma batida. — Então, finalmente, Vladimir, você conseguiu fazer alguma coisa.

— Senhor, perdi dois Black Hawks e três dúzias de homens...

— Valeu a pena — cortou o Lobo Cinzento, impiedosamente. — Eram pagos para o trabalho, bem pagos, não espere compaixão. Diga, alguém saiu do avião vivo?

— Vimos três pessoas caindo, mas as perdemos nas nuvens. Não sei se alguma delas sobreviveu. Não sabemos se tinham paraquedas e, mesmo que tivessem, devem ter caído na selva cerrada.

— Mas podem ter escapado vivos? — sussurrou o Lobo Cinzento.

— Podem — concedeu Vladimir Ustanov.

— Isso significa que podem ter escapado com os documentos que nós estamos procurando?

— Sim.

— Estou dando meia-volta com meu avião — respondeu o Lobo Cinzento. — Se perdemos nossos homens, não tenho por que ir até aí. Quero que você e seus soldados tirem umas férias em algum lugar remoto. Mas não desapareçam. Mantenham contato.

— Entendido.

— Os sobreviventes, se é que houve algum, precisam ser encontrados. E o que estamos buscando, se estiver com eles, precisa ser recuperado.

— Entendido, senhor.

— Entrarei em contato como de costume. Enquanto isso, Vladimir, você deve recrutar alguns novos soldados para substituir os que perdeu. Nos mesmos termos, para a mesma missão.

— Entendido.

— Uma última coisa. Você ainda está com a brasileira?

Vladimir olhou para uma pessoa caída no chão do Black Hawk.

— Sim, estou.

— Fique com ela. Talvez possamos usá-la. Enquanto isso, pode interrogá-la com sua técnica tão especial. Descubra tudo o que ela sabe. Com sorte, a garota poderá nos levar aos outros.

Vladimir sorriu.

— Com prazer, senhor.

Do Learjet 85 que atravessava o Golfo do México, o comandante conhecido como Lobo Cinzento fez uma segunda ligação. A chamada foi direcionada a um escritório no meio de um complexo de prédios murados posicionados bem no meio de uma floresta na área rural do estado de Virgínia, na costa leste dos Estados Unidos.

A chamada era direcionada a um prédio com os mais avançados interceptadores de sinais e rastreadores do mundo. Perto da entrada, havia uma pequena placa de bronze. Lia-se: *CIA — Divisão de Análises de Ameaças Assimétricas (DAAA)*.

Uma pessoa vestida com roupas civis elegantes respondeu à ligação.

— DAAA, Harry Peterson.

— Sou eu — anunciou o Lobo Cinzento. — Estou a bordo do Learjet e preciso que você encontre aquele indivíduo do arquivo que lhe enviei. Jaeger. William Jaeger. Use todos os meios disponíveis: internet, e-mail, telefones celulares, reservas de voo, passaportes, *tudo*. Última localização conhecida, oeste do Brasil, perto da fronteira com a Bolívia e o Peru.

— Entendido, senhor.

O Lobo Cinzento desligou o telefone.

Ajeitou-se na poltrona. Algumas coisas não tinham dado certo na Amazônia, mas fora apenas um contratempo, disse a si mesmo. Uma das muitas batalhas travadas dentro de um contexto de guerra muito maior. Uma guerra que ele e seus antepassados tinham começado a lutar na primavera de 1945.

Tinha sido uma derrota, sem dúvida, mas uma derrota administrável, em nada comparável a outras sofridas no passado.

Pegou um tablet que estava diante de si. Ligou o aparelho e abriu um arquivo que trazia uma lista de nomes em ordem alfabética. Passou o cursor pela lista e teclou algumas palavras ao lado de um dos nomes: *Desaparecido em missão. Se estiver vivo, matar. PRIORIDADE*.

Isso feito, pegou a pasta que estava a seu lado e guardou o tablet. Em seguida, fechou a pasta com um clique e, usando um sistema de combinação numérica, trancou o fecho.

Na pasta, em pequenas letras douradas, lia-se: *Hank Kammler, Vice-Diretor, CIA*.

Hank Kammler — vulgo Lobo Cinzento — passou os dedos sobre a plaquinha de forma gentil, reverente. Ao fim da guerra, seu pai tinha sido forçado a mudar de nome. SS Oberst-Gruppenführer Hans Kammler tinha se tornado Horace Kramer. A troca de nomes fora feita para facilitar seu recrutamento no Escritório de Serviços Estratégicos, precursor da CIA. Embora tenha trabalhado muito para chegar aos postos mais altos da CIA, Horace Kramer nunca perdeu de vista sua verdadeira missão: reorganizar e reconstruir o Reich.

Quando a vida de Horace foi prematuramente interrompida, Hank Kammler decidiu seguir os passos do pai na CIA. Kammler sorriu para si mesmo, uma expressão zombeteira nos olhos. Até parece que iria se contentar em servir como um homem da CIA, até parece que iria esquecer a glória do passado nazista de seus ancestrais.

Recentemente, Hank optara por reaver o que era seu por direito. Nascido Hank Kramer, mudou o sobrenome oficialmente para Kammler — assim recuperando o legado de seu pai, o que entendia como direito inato.

E a recuperação desse legado, a seu ver, estava apenas começando.

Capítulo 85

Jaeger se acomodou no assento para o curto voo de conexão que o levaria ao aeroporto de Bioko.

O voo de Londres para a Nigéria fora rápido e confortável, embora desta vez o orçamento de Jaeger não tivesse permitido viajar de primeira classe. Em Lagos, embarcou num avião comercial para cruzar o Golfo da Guiné até a ilha, onde ficava a capital da Guiné Equatorial.

O contato que tinha recebido de Pieter Boerke fora tão inesperado quanto intrigante. Umas duas semanas depois de saltar daquele avião maldito no meio da selva, Jaeger conseguira chegar a um local relativamente seguro — a Base Aérea do Cachimbo. E foi no Cachimbo que Boerke conseguiu encontrá-lo por meio de uma ligação.

— Tenho os seus papéis — anunciou o sul-africano. — A sétima página do manifesto de carga, como você pediu.

Jaeger não teve coragem de dizer a Boerke que a última coisa que o preocupava agora era um navio cargueiro da Segunda Guerra Mundial ancorado no porto de Bioko perto do fim dos conflitos.

Pediu ao líder do golpe que enviasse o documento por e-mail. Mas não recebeu a resposta que estava esperando.

— Não, cara, não posso — disse Boerke. — Você vai ter que vir aqui para ver isso pessoalmente. Porque, meu amigo, isso aqui não é só um documento. Tem mais uma coisa. E isso eu não posso mandar por correio nem e-mail. Confie em mim, cara, você tem que vir.

— Pode me dar alguma dica? — pediu Jaeger. — É uma longa viagem até aí. Além do mais, depois dessas últimas semanas...

— Vamos colocar nos seguintes termos — cortou Boerke. — Não sou nazista. Na verdade, odeio os malditos nazistas. Não sou neto de um deles. Mas, se fosse, iria até o fim do mundo e talvez até matasse algumas pessoas para me assegurar de que esse troço nunca visse a luz do dia. Isso é tudo o que posso dizer. Confie

em mim, Jaeger, você tem que vir.

Jaeger considerou as opções. Estava trabalhando com a hipótese de que Alonzo, Kamishi e Joe James estivessem vivos e sendo guiados pelos índios sobreviventes para algum lugar onde pudessem entrar em contato com o mundo exterior. Tinha quase certeza de que Gwaihutiga estava morto, que tinha sido atirado do Black Hawk junto com Stefan Kral, o câmera suspeito de traição.

O destino de Letícia Santos era desconhecido. O coronel Evandro tinha prometido fazer todo o possível para encontrá-la, e Jaeger sabia que ele e a equipe da BOE não deixariam pedra sobre pedra na busca.

A estratégia de fazer o Airlander largar o Ju-390 tinha, sem dúvida, salvado as vidas de toda a tripulação, inclusive de Raff. O Black Hawk fora forçado a seguir a aeronave fantasma, deixando o dirigível livre para chegar ao Cachimbo.

Dale se feriu quando o paraquedas mergulhou nas copas das árvores e Narov foi atingida no braço por um estilhaço quando os inimigos da Força Maligna explodiram a porta da cabine do Ju-390. Mas Jaeger conseguira encontrar os dois em solo e os ajudara a seguir caminho — embora não soubessem ao certo se estariam em condições de sair dali.

Como era de se esperar, tanto Dale quanto Narov disseram que os ferimentos eram apenas superficiais e que eram capazes de sobreviver à jornada. A preocupação de Jaeger era que, no ambiente quente e úmido da selva, e com pouca chance de descansar, se alimentar e fazer curativos adequados, os ferimentos pudessem infeccionar.

Mas havia pouca chance de Narov e Dale darem ouvidos a suas preocupações — e havia menos ainda o que Jaeger pudesse fazer para ajudá-los. Ou sairiam da selva ou morreriam.

Jaeger localizara um pequeno córrego e eles o seguiram por dois dias, indo na velocidade que suas condições permitiam. Por fim, o córrego deu num riozinho que levou a um rio maior, navegável. Por sorte, Jaeger conseguiu parar uma balsa usada para transportar troncos rio abaixo, em direção às serrarias.

Foi uma viagem de três dias na qual o único perigo parecia ser o de Narov brigar com o ébrio capitão brasileiro. Mas só por um tempo.

Uma vez que embarcaram, a infecção que Jaeger temia foi se desenvolvendo em Narov e em Dale, e com força. Ao fim da viagem de volta, Jaeger entregou os dois ao hospital de ponta localizado na Base Aérea do Cachimbo, e ambos estavam com muita febre.

Foram diagnosticados com septicemia: as feridas tinham infecionado e se espalhado pelo sistema circulatório. Pelo menos no caso de Dale, a situação tinha se exacerbado por conta da exaustão extrema. Os dois foram internados e receberam tratamento intensivo sob a proteção e guarda do coronel Evandro.

Tendo salvado os que pôde — e com pouco a fazer para ajudar Letícia Santos —, Jaeger achou que podia reservar um voo do Brasil para Bioko. Pediu que o coronel enviasse notícias a todo momento.

Prometeu voltar para levar Dale e Narov para casa, quando estivessem em condições de viajar. Pediu a Raff para montar guarda na porta do hospital, como precaução extra de segurança.

Antes de partir, Jaeger conseguiu um momento a sós com Narov, que havia recém-saído do centro de tratamento intensivo. Tinha dado uma olhada nos papéis que ela pegara no Ju-390. Mas não lia em alemão, e a maior parte do documento sobre a *Aktion Feuerland* estava escrita em uma sequência aleatória de números que Narov pensava se tratar de uma mensagem em código.

Sem decifrar o código, não havia muito o que ela — ou Jaeger — pudesse extrair do documento.

A certa altura, Narov pediu que Jaeger a levasse na cadeira de rodas até o jardim do hospital para que pudesse respirar ar puro e pegar um pouco de sol. Quando chegaram a um lugar razoavelmente isolado, ela começou a explicar um pouco do que tinha acontecido nos últimos dias. E teve de remontar à Segunda Guerra Mundial.

Ela começou, a voz fraca:

— Você viu o tipo de tecnologia presente naquele avião. Na primavera de 1945, os nazistas estavam testando mísseis balísticos intercontinentais. Tinham construído ogivas de gás sarin, além de pestes e toxinas botulínicas. Com armas como essas, para atingir Londres, Nova York, Washington, Toronto e Moscou, o rumo da guerra teria mudado completamente. Contra isso tudo, tínhamos a bomba atômica, mas ela ainda não estava pronta. E, lembre-se, ela só poderia ser lançada por um avião, não por um míssil guiado viajando mais rápido que o som. Não tínhamos nenhuma defesa contra esses mísseis.

E continuou:

— Os nazistas tinham uma ameaça poderosa em mãos e propuseram um acordo aos Aliados, um que pudesse permitir realocar o Reich em lugares seguros junto com sua tecnologia de ponta em armamentos. Mas os Aliados fizeram uma contraproposta. Disseram: “Tudo bem, podem realocar. Levem a *Wunderwaffe* com vocês. Mas, com uma condição: vocês vão se juntar a nós na nova guerra global contra o comunismo.” Os Aliados fizeram um acordo para ajudar nas realocações secretas. Não podiam levar os nazistas mais poderosos do Reich para os Estados Unidos nem para o Reino Unido. Isso não seria aceito pela opinião pública. Então os enviaram para seus “quintais”. Os americanos, para a América do Sul, e os britânicos, para as colônias, Índia, Austrália e África do Sul, lugares onde seria bem mais fácil escondê-los.

Narov fez uma pausa, tentando retomar o fôlego para continuar.

— Um novo pacto foi forjado. Um pacto inesperado. Um pacto entre os Aliados e os nazistas. *Aktion Adlerflug*, Operação Voo da Águia, era o codinome de Hitler para o plano de realocar a tecnologia de ponta dos nazistas. Daí as marcas nas caixas de carga do Ju-390. *Aktion Feuerland*, Operação Terra do Fogo, era o codinome para realocar as pessoas mais importantes do Reich.

Narov fitou Jaeger com os olhos cheios de dor.

— Nunca conseguimos uma lista exata de quem são essas pessoas. Nunca, apesar de anos de procura. Os documentos encontrados na aeronave... é isso que imagino que eles contenham. Isso e algumas pistas sobre onde exatamente estão escondidos esses indivíduos e essa tecnologia.

Jaeger estava tentado a perguntar por que tudo isso era tão importante. Tratava-se de algo ocorrido décadas antes. Era passado. Mas Narov pareceu adivinhar os pensamentos de Jaeger.

— Tem um antigo ditado. — Ela se aproximou de Jaeger, a voz fraca de exaustão. — Um filhote de cobra é, ainda assim, uma cobra. Os Aliados forjaram uma aliança com o diabo. Quanto mais esses caras foram mantidos escondidos, mais poderosos e controladores se tornaram, até que não puderam mais ser contidos. Acreditamos que estejam espalhados por todos os níveis das organizações militares, bancos e governos, até hoje.

Ela deve ter visto a sombra de dúvida nos olhos de Jaeger.

— Você acha que isso é fantasia? — suspirou, desafiadora. — Pense em quanto tempo o legado dos Cavaleiros Templários durou. O nazismo tem menos de cem anos. O legado dos Templários durou dois mil anos, e ainda sobrevive. Você acha que os nazistas simplesmente desapareceram do dia para a noite? Acha que os que foram realocados em países seguros deixaram o Reich morrer? Acha que os filhos desses caras abandonaram o que lhes foi passado como herança? A *Reichsadler* com o estranho símbolo circular abaixo da cauda... acreditamos que seja o símbolo deles. E, como você bem sabe, ela começou a aparecer novamente.

Por um momento, Jaeger achou que Narov tinha acabado, que estivesse cansada demais. Mas ela ainda encontrou forças para mais algumas palavras.

— William Edward Michael Jaeger, se ainda tem dúvidas, há uma coisa que vai provar que falo a verdade. Pense nos caras que tentaram nos pegar. Mataram três pessoas da nossa equipe e muitos índios. Eles têm equipamentos como o Predator, Black Hawks e Deus sabe mais o quê. Agem na mais profunda clandestinidade. Imagine quem poderia ter esse tipo de força e agir com tamanha impunidade.

Ela fez uma pausa, o rosto agora muito pálido.

— Os filhos das cobras estão crescendo. Eles têm uma rede global e o poder só faz aumentar. Mas assim como *eles* têm uma rede, há uma rede tentando pará-los. Antes de morrer, seu avô era o líder dessa rede. Os que eram convidados a fazer parte do grupo recebiam uma faca, símbolo da resistência, como a que eu carrego. Mas quem vai querer carregar esse fardo? Quem? O poder do inimigo cresce, enquanto o nosso fenece. *Wir Sind die Zukunft*. Você mesmo já ouviu o lema deles: *Nós somos o futuro*.

Os olhos dela encararam os de Jaeger.

— Aqueles de nós que se dedicam a caçar esses caras não ficam vivos por muito tempo.

Capítulo 86

— Senhor, com licença, gostaria de beber algo antes de aterrissar? — A aeromoça repetiu pela terceira vez.

Jaeger estava a quilômetros de distância, revivendo a conversa que tivera com Narov. Ela não dissera muito mais. A exaustão e a dor haviam voltado, e Jaeger a levara de volta ao leito do hospital.

Deu um sorriso para a aeromoça.

— Um Bloody Mary, por favor. E bem temperado com molho Worcestershire.

O aeroporto de Bioko não tinha mudado muito desde a última vez em que Jaeger estivera por lá. Uma nova força de segurança e novos oficiais de alfândega tinham substituído o grupo corrupto e venal do presidente Honoré Chambara, mas, fora isso, tudo parecia igual. A figura familiar de Pieter Boerke estava esperando no desembarque, acompanhado de um grupo de caras enormes que Jaeger identificou como seguranças do sul-africano.

Boerke acabara de desbancar um ditador despótico e não tinha interesse em que seus guarda-costas fossem discretos. O sul-africano estendeu uma das mãos para Jaeger, em sinal de boas-vindas. Depois, voltou-se para os guarda-costas.

— É isso, garotos, peguem o cara! Vamos levá-lo para Black Beach!

Por um momento, Jaeger se preparou para uma briga, mas Boerke explodiu em risos.

— Calma, cara, calma! Nós, sul-africanos, temos um senso de humor meio macabro. É bom ver você de novo, amigo.

No caminho para Malabo, capital da Guiné Equatorial na ilha, Boerke contou a Jaeger sobre o quanto o golpe tinha dado certo. Os detalhes de inteligência que o major Mojo — ex-torturador de Jaeger em Black Beach — fornecera tinham sido cruciais para o sucesso do ataque. Mais uma razão para Boerke fazer o favor pedido pelo britânico.

Chegaram ao porto de Santa Isabel e se dirigiram a uma construção grandiosa da era colonial com vista para o mar. Durante os três anos em que estivera na

ilha, Jaeger tinha feito o possível para ficar invisível e raramente visitara prédios públicos.

Boerke o guiou até uma sala-cofre, onde sucessivos regimes haviam escondido os documentos mais confidenciais da nação — não que houvesse muitos num país como a Guiné Equatorial.

Boerke fechou as pesadas portas da sala e deixou seus guarda-costas do lado de fora, vigiando. Apenas ele e Jaeger permaneceram no interior frio, escuro e úmido.

O sul-africano puxou uma caixa de papelão cheia de documentos de uma das estantes e a colocou sobre uma mesa.

— Por isso aqui — e deu um tapinha na caixa —, confie em mim, cara, vale a pena viajar meio mundo.

E apontou para as prateleiras alinhadas no cômodo.

— De resto, não há muito aqui que valha a pena ser guardado: a Guiné Equatorial não é rica em segredos de Estado. Mas parece que a ilha teve seu papel na guerra... e perto do fim dos conflitos, deixa eu frisar isso, esse papel foi muito alucinante.

Boerke fez uma pausa.

— Tudo bem, vou contar um pouco da história e presumo que você conheça a maior parte dela, mas sem o contexto esse arquivo não faz muito sentido. Vamos voltar ao tempo em que Bioko era uma colônia espanhola chamada Fernando Pó. A Espanha, em teoria, ficou neutra durante a guerra, e também Fernando Pó. Na prática, porém, o governo espanhol era fascista e aliado dos nazistas.

E continuou:

— O porto de Bioko é o principal do Golfo da Guiné. Controlar essa parte do oceano era a chave para ganhar a guerra no Norte da África, porque todos os comboios de suprimentos chegavam por essa rota. Os submarinos alemães navegaram por essas águas, e chegaram bem perto de afundar navios dos Aliados. O porto de Santa Isabel era a parada secreta de reabastecimento de combustível e armas dos nazistas, tudo sancionado pelo governo espanhol na ilha, que odiava os britânicos.

Os olhos de Boerke brilhavam.

— No começo de março de 1945, as coisas começaram a ficar realmente interessantes. Um navio cargueiro italiano, o *SS Michelangelo,* aportou por aqui, atraindo a atenção dos espiões britânicos na ilha. Eram três espiões, baseados no consulado britânico, sob o disfarce de diplomatas. Todos agentes da EOS, ou seja, Executiva de Operações Especiais.

Olhou para Jaeger.

— Presumo que você conheça a EOS? Ian Fleming disse que baseou o

personagem do James Bond num agente de verdade da EOS.

Boerke abriu o arquivo e puxou uma antiga fotografia em preto e branco. A figura mostrava um enorme cargueiro a vapor com uma chaminé gigantesca subindo verticalmente do meio do navio.

— Esse era o *Michelangelo*. Mas repare que ele estava pintado com as cores da *Compania Naviera Levantina*, uma empresa espanhola criada por um cara chamado Martin Bormann, mais conhecido como o banqueiro de Hitler. A empresa tinha apenas um propósito: transportar a pilhagem dos nazistas para os quatro cantos do planeta sob a bandeira de um país neutro. E esse país neutro era a Espanha. Depois do fim da guerra, Bormann desapareceu. Completamente. Nunca foi encontrado. A principal função de Bormann tinha sido saquear a Europa. Os nazistas levaram para a Alemanha todo o ouro, o dinheiro e as obras de arte que conseguiram roubar. Ao fim da guerra, Hitler tinha se tornado o homem mais rico da Europa, possivelmente até do mundo. E tinha a maior coleção de obras de arte já reunida.

Boerke deu um tapinha no arquivo.

— O trabalho de Bormann foi garantir que toda essa riqueza não morresse com o Reich. E, aparentemente, Fernando Pó tornou-se um entreposto da pilhagem nazista. Entre janeiro e março de 1945, cinco outros cargueiros aportaram em Santa Isabel, todos cheios de riquezas roubadas. Tudo foi transferido para os U-boats, e depois disso, não há mais pistas.

E prosseguiu:

— Essa operação foi documentada pelos agentes da EOS de forma detalhada. Mas sabe o que é mais estranho? Os Aliados pareciam não fazer nenhum esforço para impedir a ação dos nazistas. Publicamente, disseram que estavam prestes a tomar os navios. Mas na verdade não fizeram nada para impedi-los. Os agentes da EOS ocupavam uma posição inferior na cadeia alimentar. Não conseguiam entender por que os cargueiros não estavam sendo apreendidos. Para mim, isso também parecia não fazer muito sentido, pelo menos até chegar à última página desse documento. É aí que chegamos ao *Duchessa*.

Boerke pegou outra foto da caixa.

— Aí está ele: o *Duchessa*. Mas note a diferença entre ele e os outros cargueiros. O *Duchessa* ancorou com as cores da *Compania Naviera Levantina* novamente, mas era um navio de linha. Funcionava para transportar pessoas também, não apenas mercadorias. Mas por que enviar um navio de linha se o carregamento consistia principalmente em obras de arte valiosas e ouro roubado da Europa?

Boerke fitou diretamente Jaeger.

— Porque ele transportava passageiros. — O sul-africano deslizou uma folha

sobre a mesa. — A sétima página do manifesto de carga do *Duchessa* na alfândega contém a lista de duas dúzias de passageiros a bordo identificados apenas por números. Mas isso não seria o suficiente para trazer você até Bioko, seria, meu amigo?

Boerke puxou uma última foto e a entregou a Jaeger.

— Por sorte, os agentes da EOS foram espertos. Não sei se você está familiarizado com os nazistas de alta patente de 1945. Essa foto foi tirada de longe, talvez da janela do consulado que dá para o porto.

Boerke perguntou, de um jeito sarcástico:

— Você não acha interessantes esses uniformes? Os casacos de couro compridos? As botas de cano alto? A insígnia de caveira? O problema é que, vestidos assim, eles parecem todos iguais. Mas esses caras aí são a elite nazista. Isso é certo. Tem que ser. E se você for capaz de decifrar o código dos nomes, vai conseguir provar isso.

— Então para onde diabos eles foram a partir daqui? — perguntou Jaeger, incrédulo.

Em resposta, Boerke virou as fotos.

— Há datas marcadas no verso: 9 de maio de 1945, dois dias depois que os nazistas assinaram a rendição incondicional aos Aliados. Depois disso, perdemos a pista. Mas talvez haja algo a respeito escrito em código. Cara, gastei muitos domingos estudando esses documentos. Quando enfim descobri do que se tratava, quando entendi a importância disso, fiquei assustado para caramba.

Boerke balançou a cabeça.

— Se for tudo verdade, e de forma alguma posso acreditar que um documento guardado aqui seria falso, isso redefine tudo o que sabemos sobre a guerra. Toda a história do pós-guerra. É, literalmente, alucinante. Tenho tentado não pensar a respeito. Sabe por quê? Porque isso me apavora. Gente assim não costuma sair de cena em silêncio e ir cuidar de fazendas.

Jaeger olhou demoradamente para a foto.

— Mas se isso era um documento da EOS, como acabou nas mãos do governador espanhol de Fernando Pó?

— Essa é a parte engraçada — Boerke riu. — O governador descobriu que os chamados diplomatas ingleses eram, na verdade, espiões. Então encenou uma invasão ao consulado e roubou os documentos. Não foi exatamente uma atitude elegante, mas colocar falsos espiões posando de diplomatas também não era, não é?

Boerke empurrou a caixa inteira na direção de Jaeger.

— Conhece aquele ditado: cuidado com o que você deseja? Amigo, você desejou isso. Os documentos são seus.

Capítulo 87

Boerke não era o tipo de cara que exagera nas coisas.

O documento encontrado nos arquivos do governo de Bioko era chocante e revelador. Enquanto Jaeger guardava o arquivo em sua bagagem de mão, lembrou da expressão que Narov usara recentemente: “fardo”.

A bolsa com os arquivos parecia pesar uma tonelada. Era uma nova peça no quebra-cabeça e, sem dúvida, um documento pelo qual a Força Maligna estaria disposta a matar.

Jaeger reencontrou Boerke, já com a bagagem na mão. O sul-africano tinha se oferecido para dar uma volta pela ilha com o britânico antes do horário do voo de volta para Londres. Prometeu mais revelações extraordinárias — mas Jaeger não podia imaginar o que seria mais incrível do que o documento que tinha consigo.

Dirigiram para leste de Malabo, até a densa área de vegetação tropical. Quando Boerke entrou na pequena estrada de terra que levava à costa, Jaeger soube de imediato para onde estavam indo. Era o caminho para Fernão, o local onde passara três anos ensinando inglês às crianças do vilarejo de pescadores.

Jaeger começou a pensar, desesperadamente, no que poderia dizer ao chefe do vilarejo cujo filho, o pequeno Mo, tinha sido assassinado durante a batalha na praia. Fazia menos de dois meses, mas para Jaeger parecia que uma vida inteira tinha se passado.

Boerke notou a expressão preocupada de Jaeger. E riu.

— Jaeger, cara, vou te falar uma coisa. Você parece mais assustado agora do que quando mandei meus seguranças levarem você para Black Beach. Relaxe. Temos uma grande surpresa a caminho.

Conforme passaram a última curva da estrada, Jaeger levou um susto ao perceber que o vilarejo estava em festa para recepcionar alguém.

Ao chegarem mais perto, percebeu que todo o vilarejo estava reunido... mas para quê? Para dar as boas-vindas a ele? Depois do que acontecera? Não merecia

isso.

Jaeger viu uma faixa feita à mão, amarrada entre duas palmeiras, que atravessava a estrada. Lia-se: SEJA BEM-VINDO AO LAR WILLIAM JAEGER.

Quando Boerke parou o carro e os antigos pupilos do britânico cercaram o veículo, Jaeger sentiu um nó na garganta. Boerke e seus guarda-costas o deixaram ser levado pelas pequenas mãozinhas, que o conduziram à casa do chefe. Jaeger tentou se fortalecer para o que sabia que seria um reencontro difícil.

Entrou na casa. Depois de enfrentar o sol escaldante, a escuridão do interior do cômodo o deixou cego por alguns segundos. O som familiar das ondas na praia ecoava nas finas paredes de barro do casebre. Uma mão foi estendida, mas ela logo virou um abraço de urso.

— William Jaeger... William Jaeger. Bem-vindo. O vilarejo de Fernão vai ser para sempre a sua casa.

O chefe parecia ter os olhos marejados. E Jaeger tentou conter a emoção.

— Insh'Allah, fez boa viagem? — perguntou o chefe. — Depois que você escapou, não sabíamos se tinha conseguido atravessar o golfo, você e seu amigo.

— Insh'Allah — respondeu Jaeger. — Raff e eu passamos por essa e muitas outras aventuras.

O chefe sorriu. Fez um gesto para um canto escuro do casebre.

— Venha — pediu. — Já fizemos o Sr. Jaeger esperar demais.

Uma sombra veio cambaleando e se jogou nos braços de Jaeger.

— Senhor! Senhor! Seja bem-vindo. E... olhe! — O menino apontou para os óculos de sol no topo da cabeça. — Eu ainda tenho! Os óculos escuros! Seus Oakleys!

Jaeger riu. Não podia acreditar. O pequeno Mo ainda estava com um curativo ao redor da cabeça, mas estava vivo!

Jaeger o abraçou, saboreando o doce milagre de ver o garoto vivo. Mas, ao mesmo tempo, sentiu a pancada de uma dor profunda e irreparável dentro do coração. Seu próprio filho teria a idade do pequeno Mo agora. Se estivesse vivo...

Bem na hora, Boerke se juntou a eles e o chefe relatou a história do milagre do pequeno Mo.

— Temos que agradecer a Deus e a você, Sr. Jaeger, por esse milagre. E também ao Sr. Boerke, claro. A bala disparada na noite da fuga pegou meu filho de raspão. O menino foi abandonado à própria sorte e achamos que iria morrer. Não tínhamos dinheiro para enviá-lo a um hospital onde pudesse ser salvo.

O chefe apontou para Boerke.

— Então veio o golpe e este homem apareceu. Tinha nas mãos um pedaço de papel com alguns números. E esses números davam acesso a uma conta bancária, na qual havia... dinheiro. Com esse dinheiro e a ajuda do Sr. Boerke, mandamos o pequeno Mo para o melhor hospital da África, em Cape Town, e eles o salvaram.

O chefe sorriu.

— A soma em dinheiro era bem grande e sobrou bastante. Então, compramos novos barcos para substituir os que tinham sido furados. E decidimos construir uma nova escola. Uma escola de verdade, para que as aulas não fossem mais dadas embaixo de uma palmeira. E, finalmente, contratamos uma professora permanente, a Sra. Topeka.

Uma jovem senhora nativa, vestida formalmente, deu um passo à frente e abriu um sorriso tímido para Jaeger.

— As crianças falam com muito carinho sobre o senhor, Sr. Jaeger. Estou tentando dar continuidade ao bom trabalho que o senhor começou.

— Mas claro que ainda há espaço para um professor com seus talentos — acrescentou o chefe. — E o pequeno Mo sente falta da sua habilidade como jogador de futebol de areia! Mas tenho a impressão de que você tem coisas para resolver no mundo lá fora, e talvez isso seja uma coisa boa. — Fez uma pausa. — Insh'Allah, William, você tenha encontrado seu caminho.

Será? Será que Jaeger tinha encontrado seu caminho?

Jaeger pensou na aeronave misteriosa, cujos pedaços estavam agora espalhados na selva. Pensou em Irina Narov e sua faca preciosa. Pensou em Ruth e Luke, a mulher e o filho desaparecidos. Parecia haver vários caminhos à sua frente, mas, por alguma razão, todos pareciam convergir.

— Insh'Allah — concordou. Passou a mão no cabelo do pequeno Mo. — Mas me faça um favor: mantenha a vaga aberta, só para o caso de eu precisar!

O chefe prometeu que o faria.

— Então, agora é a hora de você vir conhecer o lugar que escolhemos para ser a escola. É de frente para a praia, no local por onde você escapou, e gostaríamos que você colocasse o primeiro tijolo. Estamos pensando em batizá-la Escola William Jaeger e Pieter
Boerke, porque sem vocês ela não existiria.

Boerke balançou a cabeça, espantado.

— Fico honrado. Mas apenas Escola William Jaeger é o suficiente. Fui apenas o mensageiro.

A visita ao local da escola foi especial. Jaeger colocou o primeiro tijolo, a partir do qual a escola seria construída, e junto com Boerke ficou para a festa. Mas logo tiveram de se despedir.

Boerke ainda precisava levar o amigo britânico a mais um lugar na ilha antes que ele pegasse o voo de volta a Londres.

Capítulo 88

De Fernão, Boerke os levou ao oeste da ilha, aparentemente de volta a Malabo. Mas, quando chegaram à estrada costeira, Jaeger percebeu para onde estavam indo de fato. Não restava dúvidas de que se dirigiam ao complexo da prisão de Black Beach, onde, dessa vez, os portões seriam abertos por novos guardas, que pareciam mais eficientes e capazes.

Boerke estacionou à sombra de um muro alto. Virou para Jaeger:

— De uma casa para a outra, hein? Ainda usamos o prédio como presídio, mas tem um novo grupo de internos aí dentro. Além disso, as celas de tortura estão vazias e os tubarões estão ficando quase loucos de tanta fome. — Fez uma pausa. — Tem uma coisa que quero mostrar, e outra que preciso devolver.

Desceram do carro e entraram no sombrio interior do presídio. Jaeger se sentia desconfortável por voltar ao local onde fora torturado e onde as baratas tinham feito de sua cabeça um banquete. Mas, que diabos, talvez fosse uma boa forma de exorcizar os demônios.

Quase que imediatamente, se deu conta de aonde Boerke o estava levando: à sua antiga cela. O sul-africano bateu nas grades, chamando a atenção de uma pessoa lá dentro.

— Então, Mojo, está na hora de você conhecer seu novo carcereiro. — Apontou para Jaeger. — Nossa, como as coisas mudam!

O novo ocupante da cela lançou um olhar de horror a Jaeger.

— Entenda, se você não se comportar muito, muito bem — continuou Boerke —, vou deixar o Sr. Jaeger executar uma nova forma de tortura que desenvolveu exclusivamente para você. — E lançou um olhar a Jaeger. — Não é isso?

Jaeger deu de ombros.

— Claro. Acho que lembro de alguns dos piores métodos da época que as posições estavam invertidas.

— Ouviu isso, Mojo? — perguntou Boerke. — E vou dizer mais uma coisa: me disseram que os tubarões andam muito, muito famintos. Se cuide, meu caro.

Se cuide.

Deixaram o antigo torturador de Jaeger para trás e se dirigiram até o escritório do presídio. No caminho, Boerke parou diante de um corredor lateral que levava até o bloco de solitárias. O sul-africano olhou para Jaeger.

— Sabe quem está aqui? — Fez um sinal para o corredor. — Chambara. Apanhamos o cara no aeroporto tentando fugir. Quer dizer um oi? Foi ele que deu a ordem para você ser preso, não?

— Foi. Mas deixe o cara pra lá. Em todo caso, eu aceitaria um dos iates dele, que tal? — brincou Jaeger.

Boerke riu.

— Vou colocar na lista. Agora, falando sério, cara, não estamos aqui para saquear o país. Estamos aqui para reconstruí-lo.

Subiram as escadas até o escritório, o primeiro local aonde Jaeger fora levado quando chegara a Black Beach. Boerke disse algo ao guarda que estava na recepção, que entregou um pequeno pacote preso pelo cinto que Jaeger usava quando fora preso.

Boerke repassou tudo a Jaeger.

— Acho que isso aqui é seu. Os caras do Mojo roubaram o que tinha algum valor, mas tem coisas pessoais que acho que você vai gostar de recuperar.

Entraram na sala ao lado e Boerke deixou Jaeger sozinho para que pudesse olhar os objetos com alguma privacidade.

Fora as roupas, também a antiga carteira de Jaeger estava no pacote. O dinheiro e os cartões de crédito haviam sido roubados, mas Jaeger estava contente por tê-la de volta, já que fora um presente de sua mulher. Era feita de couro e trazia o lema do SAS — “Quem ousa, vence” — gravado discretamente na parte inferior.

Jaeger abriu a carteira e foi direto no compartimento secreto, por dentro da costura. Felizmente, os guardas de Black Beach não tinham encontrado o esconderijo. Puxou uma pequena foto guardada ali. A foto trazia uma linda jovem de olhos verdes embalando um bebê bem novinho: eram Ruth e Luke, pouco depois do nascimento do menino.

Havia um pedaço de papel atrás da foto. Era um bilhete feito por Jaeger para ajudar a lembrar a senha dos cartões, mas estava escrito de uma forma especial. Jaeger empregara um truque simples de codificação: para cada um dos quatro números, tinha adicionado os números correspondentes do ano de seu nascimento — 1979.

Assim, 2345 tinha se tornado 3.12.11.14.

Simples.

Codificação.

Por um segundo, a mente de Jaeger voltou ao baú que estava no apartamento de Wardour Castle e ao livro que estava dentro dele — uma cópia rara de um texto medieval ricamente ilustrado e escrito em uma língua desconhecida. De lá, sua mente pulou para a conversa que tivera com Simon Jenkinson, o arquivista, no escritório da Wild Dog Media, no Soho, diante de uns sushis borrachudos.

Existe uma coisa chamada livro-código. Sua beleza é sua absoluta simplicidade; isso e o fato de ser totalmente indecifrável... a menos, claro, que você saiba qual livro cada pessoa está usando como referência.

Depois disso, o arquivista tinha escrito uma sequência aparentemente aleatória de números...

Jaeger abriu a bolsa e pegou o documento do governo de Malabo. Abriu na última página do manifesto de carga do *Duchessa*. Passou os olhos pelos números aparentemente aleatórios, sentindo uma onda de excitação envolver seu estômago.

Irina Narov tinha confirmado que seu avô fora um dos principais caçadores de nazistas. Do pouco que o tio-avô Joe tinha conseguido lhe contar, Jaeger sabia que ele também tivera um papel importante. Os dois homens mantinham exemplares daquele livro antigo e raro — o manuscrito Voynich — à mão.

Talvez houvesse método por trás daquela loucura aparente.

Talvez o manuscrito Voynich decifrasse o código.

Talvez vovô Ted e tio-avô Joe tivessem colocado as mãos em documentos nazistas e estivessem tentando decodificar o que diziam. Nesse caso, Jaeger tinha a resposta para decifrar o código. Se pudesse se reunir com Narov e Jenkinson, com os livros e documentos à mão, talvez as coisas começassem a fazer sentido.

Jaeger sorriu para si mesmo.

Boerke estava certo: aqueles eram documentos pelos quais valia a pena viajar meio mundo.

O sul-africano bateu na porta e entrou na sala.

— Então, cara, você parece satisfeito. Acho que gostou de voltar aqui no fim das contas.

Jaeger assentiu.

— Estou em dívida com você, Pieter.

— Não mesmo, cara. Eu é que estou pagando uma dívida.

Jaeger puxou seu iPhone de dentro da mala.

— Só preciso mandar dois e-mails rápidos.

— Vá em frente, se conseguir sinal — disse Boerke. — A cobertura de celulares em Malabo é fraca.

Jaeger ligou o telefone e digitou o primeiro e-mail:

Simon,

Estou voltando para Londres amanhã de manhã. Você teria um tempo para me encontrar? Só preciso de uma hora. Posso encontrá-lo onde for conveniente para você. É urgente. Acho que vai gostar do que descobri. Me avise o quanto antes.

Jaeger

A mensagem ficou em espera, aguardando sinal, enquanto ele digitava o segundo e-mail.

Irina (se me permite),
Espero que você esteja bem e se recuperando. Voltarei para a Base Aérea do Cachimbo em breve. Boas novas: acho que decifrei o código. Conto mais quando nos encontrarmos.
Abraço,
Will

Clicou em "enviar" e quase na mesma hora o telefone apitou, avisando que tinha encontrado um sinal, via uma rede local chamada Safaricom. O símbolo da rede ficou rodando por alguns segundos até que o telefone pareceu perder a conexão.

Jaeger estava prestes a desligar e ligar de novo o aparelho, para tentar captar um sinal, quando a tela do iPhone ficou escura e voltou a se iluminar por conta própria. Uma mensagem apareceu na tela.

Pergunta: como conseguimos encontrar você?
Resposta: seu amigo nos disse onde procurar.

Em seguida, a tela ficou escura de novo até que um símbolo terrivelmente familiar surgiu nela: a *Reichsadler*.

A *Reichsadler* aparecia numa bandeira nazista pendurada numa parede. Abaixo dela estava Andy Smith, amarrado pelos pulsos e tornozelos, deitado de costas no chão. Pelo aspecto do pano amarrado em seu rosto e pelo balde d'água ao lado, devia ter "sido afogado".

Jaeger observou a imagem terrível, paralisado.

Presumiu que a foto fora tirada no quarto de hotel de Loch Iver, antes que os caras o levassem para o alto das colinas, lhe enfiassem uma garrafa de uísque goela abaixo e o jogassem no abismo. O mais provável é que Stefan Kral tivesse sido o cara que fez Smith abrir a porta do hotel para seus torturadores.

Smith tinha muito pouco a contar aos torturadores antes de morrer. Sabia apenas a localização aproximada da aeronave, já que o coronel Evandro ainda não tinha passado as coordenadas.

Mais palavras apareceram abaixo da imagem:

Devolva o que é nosso.
Wir sind die Zukunft.

Devolva o que é nosso. Só poderiam estar falando dos documentos que estavam na cabine do Ju-390. Mas como poderiam saber que Narov os tinha recuperado e que não tinham sido destruídos junto com o avião? Jaeger não sabia... E, então, algo passou por sua cabeça: *Letícia Santos*.

Obviamente os caras tinham obrigado a brasileira falar. Como todos os outros da equipe, Letícia sabia que algo importante fora encontrado na cabine. Sem dúvida, sob tortura, deveria ter revelado o que sabia. Jaeger ouviu uma voz atrás de si.

— Cara, quem mandou isso para você? E por quê? — Era Boerke, que encarava a imagem no telefone de Jaeger.

Isso serviu para tirar Jaeger do transe e se dar conta de algo urgente. Levantou o braço e jogou o aparelho pela janela, o mais longe que pôde.

Então agarrou a mala de viagem e saiu correndo, gritando para que Boerke o seguisse.

— CORRA! Tire todo mundo daqui. AGORA!

Saíram correndo do bloco de escritórios gritando para que os guardas os seguissem. Mal tinham chegado às celas de tortura no porão quando o Hellfire caiu. O míssil explodiu no chão, bem onde o telefone de Jaeger tinha aterrissado, abrindo um enorme buraco no muro da prisão e detonando o prédio adjacente — o prédio que Jaeger e Boerke tinham acabado de abandonar.

No subsolo, ambos permaneceram ilesos, assim como a maior parte dos guardas. Mas Jaeger não se iludia mais. Naquela prisão onde quase morrera, a Força Maligna por pouco não o matara.

Novamente, William Jaeger, o caçador, estava no papel de presa.

Capítulo 89

Felizmente, Malabo tinha vários cyber cafés. Com a orientação de Boerke, Jaeger escolheu um para mandar uma mensagem curta.

> *Encerrar todas as comunicações. Viagem como combinado. Reverter conforme concordado.*
>
> *WJ*

Mesmo na vida civil, Jaeger costumava viver de acordo com o adágio de um antigo soldado: “Se falhar em planejar, estará planejando falhar.”

Antes de deixar a Base Aérea do Cachimbo, tinha arranjado um sistema de viagem e de comunicação alternativos, para o caso de acontecer alguma eventualidade — e de a caçada recomeçar. Imaginava que o inimigo estaria trabalhando com um objetivo duplo agora: ou ter os documentos de volta, ou matar todos os que sabiam de sua existência. O ideal seria conseguir cumprir as duas metas.

Por meio de um endereço a que apenas parte de seu grupo tinha acesso — Narov, Raff e Dale —, salvou um rascunho de e-mail. Todos poderiam ler o rascunho sem que fosse enviado, o que o tornaria impossível de rastrear.

O e-mail detalhava o horário de uma reunião que deveria acontecer dentro de alguns dias, numa localização combinada antecipadamente. Se a caixa de rascunhos não recebesse uma mensagem em contrário, a reunião aconteceria. Ainda segundo as instruções prévias de Jaeger, Narov, Raff e Dale viajariam de volta para o Reino Unido usando passaportes oferecidos pelos parceiros do coronel Evandro no serviço de inteligência brasileiro.

Se fosse necessário, poderiam viajar disfarçados de representantes diplomáticos do Brasil, tão determinado estava o coronel em enviá-los para casa em segurança e resolver as questões relativas ao Ju-390.

Jaeger pegou o voo de Bioko para Londres, como planejado. Não havia necessidade de cancelá-lo, especialmente porque tinha viajado com um passaporte “limpo” fornecido pelo coronel Evandro, que deveria mantê-lo irrastreável.

Ao chegar a Londres, pegou o metrô Heathrow Express para Paddington e depois entrou em um táxi. Pediu ao taxista que o deixasse meio quilômetro distante da Marina de Springfield, para que pudesse ir andando o resto do caminho. Era mais uma precaução para se assegurar de que não estava sendo seguido.

Viver em um barco tinha inúmeras vantagens, e uma delas era não deixar rastros. Jaeger não pagava impostos municipais, não tinha título de eleitor e não estava no registro de imóveis — além disso, havia optado por não ter um endereço para correspondências na marina.

O barco estava registrado em nome de uma companhia anônima estrangeira, assim como o posto no ancoradouro. Em resumo, seu barco no Tâmisa era o melhor lugar para marcar o encontro.

A caminho da marina, entrou em um cyber café encardido. Pediu um café puro, acessou a internet e checou a caixa de rascunhos. Havia duas mensagens. Uma de Raff, adiando o encontro em algumas horas, para dar a todos condição de chegar. A outra em branco, trazendo apenas um link. Jaeger clicou e o link o levou ao Dropbox, um sistema de armazenagem de dados.

A pasta do Dropbox continha um arquivo com extensão .jpeg. Jaeger clicou. A conexão estava lenta e, conforme a imagem ia sendo carregada, Jaeger sentiu um frio na barriga. Era uma foto de Letícia Santos — ajoelhada nua com as mãos e os pés atados, os olhos encarando a câmera com uma expressão de terror. Atrás dela havia um lençol amassado e sujo de sangue, onde estavam escritas as palavras agora já familiares.

Devolva o que é nosso.
Wir sind die Zukunft.

As palavras pareciam ter sido escritas com sangue humano.

Jaeger nem se deu ao trabalho de encerrar o acesso. Correu para fora do local, deixando o café intocado.

De alguma forma, mesmo o sistema de comunicação por rascunho tinha sido invadido. E, nesse o caso, quem poderia dizer quando um novo drone lançaria um Hellfire em sua cabeça? Jaeger duvidava de que o inimigo tivesse condições de manter um drone no céu de Londres, mas a presunção é a mãe de todas as cagadas.

Instintivamente, sabia o que o inimigo estava pretendendo.

Estavam assustando Jaeger. Era uma tática de guerra, uma técnica que os nazistas chamavam de *Nervenkrieg* — guerra de nervos. Torturariam mentalmente Jaeger na esperança que ficasse paralisado e revelasse sua localização. E então poderiam matá-lo. Ou provocariam um deslize.

Ou o fariam sair atrás dos inimigos sozinho.

E, a princípio, a *Nervenkrieg* estava funcionando.

Ver a horrível imagem que tinha baixado no computador fez com que tivesse vontade de sair atrás dos torturadores de Letícia Santos naquele momento. E sozinho.

Tinha algumas pistas que podia seguir. O piloto do C-130, por exemplo. Carson devia ter mais informações sobre ele e isso seria suficiente para que Jaeger começasse a caçá-lo. Além disso, o coronel Evandro prometera repassar novas informações de suas próprias investigações.

Jaeger tinha que se conter. Precisava recuperar as forças, entender o que havia descoberto, estudar o inimigo e a ameaça e só depois agir. De alguma forma, precisava retomar o controle. Tinha que tomar decisões proativas, não reativas e movidas pela emoção.

Era aquele velho adágio novamente: *Se falhar em planejar, estará planejando falhar.*

Capítulo 90

O primeiro a chegar ao encontro daquela tarde foi o arquivista, Simon Jenkinson.

Jaeger tinha passado a maior parte do dia na moto Triumph Explorer, fazendo uma furtiva visita ao antigo apartamento de Wardour Castle. Lá, recuperou a edição do manuscrito Voynich que seu avô lhe dera.

Colocou o grosso tomo em cima da mesa do barco, esperando, com certo grau de reverência, a chegada de Simon Jenkinson. O arquivista apareceu quase meia hora adiantado, com aparência apenas um pouco menos letárgica do que da última vez que Jaeger o encontrara. A pedido de Jaeger, Jenkinson conseguira uma cópia da tradução do manuscrito Voynich. E a trazia com ele, presa firmemente embaixo do braço.

Jaeger mal tivera tempo de oferecer uma xícara de chá e Jenkinson já estava sentado com o manuscrito Voynich original, e o arquivo de Bioko de um lado e a tradução do outro. Com os óculos de lentes grossas pesando na ponta do nariz, Jenkinson começou a trabalhar na lista do *Duchessa* e nos números aparentemente aleatórios — tentando decifrar o código, presumiu Jaeger.

Uma hora depois, o arquivista levantou a cabeça da tarefa, os olhos queimando de empolgação.

— Peguei! — exclamou. — Enfim! Fiz dois deles, só para ter certeza de o primeiro não ser uma casualidade. Então... número um: Adolf Eichmann.

— Conheço esse nome — confirmou Jaeger. — Mas me ajude a lembrar dos detalhes.

Jenkinson já estava com a cabeça enfiada nos livros novamente.

— Eichmann foi um cara do mal. Um dos principais arquitetos do Holocausto. Escapou da Alemanha nazista ao fim da guerra, mas foi encontrado na Argentina nos anos 1960.

E declarou:

— Próximo: Ludolf von Alvensleben.

Jaeger balançou a cabeça. O nome não lhe era familiar.

— *SS Gruppenführer* e assassino em massa por excelência. Comandava o Vale da Morte, no norte da Polônia, onde milhares morreram. — Jenkinson lançou um olhar a Jaeger. — Também fugiu para a Argentina, onde viveu até uma idade bem avançada.

Jenkinson se inclinou sobre os livros de novo, passando e repassando as páginas, até conseguir chegar ao terceiro nome.

— Aribert Heim — anunciou o arquivista. — Deve ter ouvido falar desse. Esteve à frente de um dos maiores massacres de todos os tempos. O apelido dele durante a guerra era Dr. Morte. Ganhou o apelido nos campos de concentração, porque fazia experimentos nos detentos. Parece que também se escondeu na Argentina, e há rumores de que morreu de velho.

— Parece que uma localização está se desenhando — observou Jaeger. — Na América Latina.

— Verdade.

Antes que o arquivista pudesse revelar os outros nomes, o restante do grupo chegou. Raff guiou Irina Narov e Mike Dale para dentro do barco — os dois últimos parecendo cansados da viagem, mas bem melhores e menos debilitados do que da última vez que Jaeger os encontrara. Jaeger cumprimentou um a um e apresentou Jenkinson a todos. Raff, Narov e Dale tinham voado da Base Aérea do Cachimbo ao Rio e, depois, do Rio a Londres. Tinham viajado aproximadamente dezoito horas, e a noite prometia ser longa.

Jaeger fez um café forte e repassou as boas notícias: o livro-código parecia estar funcionando — pelo menos a partir do documento encontrado em Bioko.

Os cinco se reuniram ao redor do manuscrito Voynich e da tradução, enquanto Narov apanhava os documentos que pegara na cabine do Ju-390. A atmosfera a bordo do barco era de pura eletricidade e ansiedade. Será que conseguiriam revelar um segredo de mais de setenta anos?

Narov pegou os primeiros papéis.

Dale puxou a câmera.

Fez um gesto na direção de Jaeger.

— Tudo bem? Posso?

— Tá maluco? — provocou Jaeger. — Primeiro você filma, depois pergunta, não é?

Dale deu de ombros.

— É que esta é a sua casa. É diferente de filmar na selva.

Jaeger sentiu uma mudança em Dale, um ar de maturidade, de preocupação genuína, como se as atribulações das últimas semanas estivessem pesando sobre ele.

— Vá em frente — disse Jaeger. — Vamos documentar tudo.

Sob a instrução inicial de Jenkinson, Narov se debruçou sobre o documento *Aktion Feuerland*, Dale filmava e Raff e Jaeger montavam uma espécie de guarda informal.

O arquivista era incrivelmente talentoso e habilidoso: não demorou muito para que colocasse diante de Jaeger a sétima página do *Duchessa* completamente decodificada. Então, passou a apontar os mais notórios entre os indivíduos da lista.

— Gustav Wagner, mais conhecido como “a Besta”. Wagner fundou o programa T4, para matar os inválidos. Depois passou a coordenar os principais campos de extermínio. Fugiu para a América do Sul, onde viveu até bem velho.

O dedo de Jenkinson tocou outro nome da lista.

— Klaus Barbie, o açougueiro de Lyon. Matou e torturou pessoas por toda a França. Ao fim da guerra... — Jenkinson interrompeu a fala ao perceber a vizinha de Jaeger, Annie, aparecer na entrada do barco. Jaeger a apresentou a todos.

— Essa é a Annie, do barco ao lado. Ela é... uma boa amiga.

Narov falou alto, de onde estava, inclinada sobre os documentos.

— Todas amigas! Mulheres e Will Jaeger... parecem se atrair como uma mariposa e a luz da vela. Não é essa a expressão que vocês usam aqui na Inglaterra?

— Qualquer pessoa que saiba fazer um bolo de cenoura como o da Annie conquista meu coração — respondeu Jaeger, fazendo o possível para se livrar da situação embaraçosa.

Percebendo que Jaeger e os amigos estavam ocupados, e sentindo a tensão do ar, Annie entregou o bolo que assara e foi embora rapidamente.

— Não trabalhem demais, amigos — disse, acenando.

Narov se inclinou ainda mais sobre os documentos. Jaeger olhou para ela, irritado pelo comentário que a russa tinha feito. Que direito ela tinha de ser rude com os seus amigos?

— Obrigado por me ajudar a manter boas relações com os vizinhos — observou, sarcasticamente.

Narov nem levantou a cabeça.

— É simples. Ninguém fora deste barco deve saber sobre esses documentos, se é que vamos conseguir decodificá-los. Ninguém, não importa que seja uma amiga.

— Então, Klaus Barbie — recomeçou Jenkinson.

— Isso, me conte sobre o Açougueiro de Lyon.

— Ao fim da guerra, ele foi protegido pela inteligência britânica e americana.

Foi alocado na Argentina, como agente da CIA, codinome Adler.

Jaeger levantou as sobrancelhas.

— Adler: águia?

— Águia — confirmou Jenkinson. — Acredite ou não, o Açougueiro de Lyon se tornou um agente da CIA pelo resto da vida e seu codinome era A Águia. — Moveu o dedo sobre a lista. — E esse aqui, Heinrich Müller, chefe da Gestapo, o mais sênior entre os nazistas, seu destino é desconhecido. Acredita-se que tenha voado para... acertou: Argentina. Abaixo dele, Walter Rauff, o mais alto-comandante da SS. O inventor dos veículos nos quais os nazistas sufocavam as pessoas. Fugiu para a América do Sul. Viveu bastante e seu funeral foi marcado por uma celebração dos ideais nazistas.

E anunciou:

— Por fim, o próprio Anjo da Morte, Joseph Mengele. Fez experimentos inacreditáveis em milhares em Auschwitz. Ao fim da guerra, fugiu para... preciso dizer? Argentina, onde parece ter continuado os experimentos. Um verdadeiro monstro humano, se é que pode ser chamado de humano. Ah, enfim, Bormann também está na lista. Martin Bormann, mão direita de Hitler.

— O banqueiro de Hitler — interrompeu Jaeger.

— Isso mesmo. — Jenkinson o encarou. — Para resumir, é uma galeria de monstros nazistas como nunca se viu. Embora o mais monstruoso de todos esteja faltando: o tio Adolf. Dizem que morreu em seu abrigo, em Berlim. Nunca acreditei nisso.

Jenkinson deu de ombros.

— Passei a maior parte da minha vida adulta pesquisando nos arquivos da Segunda Guerra Mundial. Você ficaria impressionado com as atividades que floresceram ao redor dela. Mas nunca cheguei perto de nenhum documento que rivalizasse com isso aqui — disse, apontando para a pilha de papéis em cima da mesa. — E vou confessar, estou me divertindo. Tem mais alguma coisa para eu decodificar?

— Vá em frente — confirmou Jaeger. — É muita coisa para a Sra. Narov decifrar sozinha. Mas, estou curioso, o que aconteceu com aquele arquivo sobre Hans Kammler que você achou no Arquivo Nacional? Aquele que você me mostrou em fotos?

Jenkinson pareceu sentir um calafrio, uma sombra de preocupação perpassando seus olhos.

— Sumiu, desapareceu. Kaput. Mesmo nos sistemas de armazenagem da nuvem, não sobrou sequer uma página. É como se o arquivo nunca tivesse existido.

— Alguém deve ter feito um esforço muito grande para fazê-lo desaparecer —

disse Jaeger.

— Sim — confirmou Jenkinson, desconfortável.

— Mais uma coisa — acrescentou Jaeger. — Por que usar uma coisa tão básica quanto um livro-código? Os nazistas tinham a máquina de codificação Enigma, não?

Jenkinson assentiu.

— Tinham. Mas graças a Bletchley Park nós decodificamos a Enigma e, ao fim da guerra, os líderes nazistas já sabiam disso. — Sorriu. — O livro-código pode ser simples, mas é indecifrável, a não ser que você tenha exatamente o mesmo livro, ou, nesse caso, os mesmos livros, nos quais o código foi criado.

Com isso, ele se juntou a Narov, concentrando-se novamente em empregar seus talentos para decodificar outro documento.

Capítulo 91

Decodificação numérica não era bem o forte de Jaeger e Raff. Os dois se mantiveram ocupados fazendo café e mantendo vigilância do lado de fora do barco. Não que Jaeger estivesse esperando algum problema, mas tanto ele quanto Raff só estavam vivos porque tinham sido treinados para esperar o inesperado — treinamento que ainda empregavam na vida diária.

Depois de mais ou menos uma hora, Dale se juntou a eles. Tomou um bom gole de café.

— Já filmei o que um cara são aguentaria sobre esses documentos.

— Falando nisso, como está indo o filme? — perguntou Jaeger. — Carson está satisfeito ou está querendo te dar um tiro?

Dale deu de ombros.

— Pode parecer estranho, mas ele está bastante otimista. Chegamos até a aeronave e a tiramos da selva, como prometido. O fato de que a perdemos no caminho de volta só não vai permitir que o filme tenha uma sequência. Quando eu acabar aqui, vou para a ilha de edição, começar a cortar as cenas.

— Como você vai me colocar na edição? — perguntou Jaeger. — Vai cortar minhas gaguejadas?

— Vou fazer você parecer um idiota — respondeu Dale.

— Faça isso e *eu* vou querer te dar um tiro.

— Faça isso e não teremos filme.

Os dois riram.

Havia um certo clima de camaradagem entre eles agora — coisa que Jaeger jamais poderia imaginar que fosse possível na primeira vez que se encontraram.

Já era quase meia-noite quando Narov conseguiu decifrar seu primeiro documento. De fato, o manuscrito Voynich era a chave para os enigmas, mas, mesmo assim, era um trabalho lento e cansativo. Narov foi se juntar a Raff, Dale e Jaeger ao ar livre.

— Acho que temos uns cinquenta por cento decifrados — anunciou. — E a

coisa é inacreditável. — Ela olhou para Jaeger. — Sabemos agora para onde os três primeiros Ju-390, *Adlerflug I, II e III*, estavam destinados, assim como nossa aeronave, *Adlerflug IV*, se não tivesse ficado sem combustível. O que significa que sabemos exatamente onde os nazistas estão escondidos.

E continuou:

— *Aktion Feuerland*. Sabem por que chamaram a operação assim? Deram esse nome por causa da Tierra del Fuego. E onde fica isso? Numa estreita faixa de terra no extremo sul da Argentina... Para mim, a Argentina não chega a ser uma surpresa. O país sempre foi o maior suspeito de abrigar os nazistas de alta patente. Mas o documento revela vários outros lugares. Outros esconderijos. E esses, sim, me chocaram.

Narov fez uma pausa, lutando para controlar a empolgação.

— Sabe, nunca tivemos o dinheiro, a inteligência nem a experiência para terminar isso. Para pôr um fim nessa história. Mas decifrando esses códigos talvez a gente consiga.

Antes que Narov pudesse continuar, ouviram um grito de triunfo do interior do barco. Era a voz de Jenkinson, e parecia ser algo realmente extraordinário, porque não era da natureza do arquivista ficar tão empolgado.

Todos correram para dentro.

Jenkinson segurava uma folha de papel na mão.

— É isso aqui — declarou, quase sem fôlego. — Isso muda tudo. Teria sido tão fácil deixar passar... uma folha cheia de números aleatórios... Mas finalmente tudo começa a fazer sentido. E é horrível.

Olhou para os quatro companheiros, a parte de baixo dos lábios tremendo de... de quê?

Empolgação, ansiedade ou pânico?

— Não seria inteligente transportar toda a pilhagem, os nazistas de alta patente e a *Wunderwaffe*, as armas fabulosas, para os quatro cantos do planeta, a não ser que houvesse uma razão para isso. Um plano. Um *superplano*. Isso aqui. — Balançou o papel no ar. — É o plano. *Aktion Werwolf*. Operação Lobisomem: esse é o mapa do Quarto Reich.

Olhou para todos cheio de medo nos olhos.

— Observem: Quarto Reich, não Terceiro Reich. *Quarto Reich*.

Juntaram-se ao arquivista em um silêncio abismado, e Jenkinson começou a ler.

— Começa assim: “Como ordenado pelo Führer, das cinzas do Terceiro Reich a *Übermensch*, ‘a raça superior’, vai trabalhar para assegurar que nos levantemos novamente...”

Jenkinson continuou a ler todo o documento. Tratava-se de um plano para usar

a maior fraqueza dos Aliados — a paranoia em relação aos Blocos do Leste e do comunismo soviético — contra eles próprios. Mesmo na hora da vitória dos Aliados, os nazistas usariam essa paranoia como seu Cavalo de Troia para sobreviver e se fortalecer para um novo combate.

— Usando a riqueza estupenda que tinham acumulado durante a guerra, infiltraram-se em todas as áreas da sociedade como "obedientes". Fizeram parecer que estavam usando sua tecnologia em benefício dos seus novos senhores quando, na verdade, a estavam subvertendo. As mais promissoras tecnologias da *Wunderwaffe* continuaram a ser desenvolvidas, mas em absoluto segredo e em benefício de um novo nazismo, o Quarto Reich.

Jenkinson leu a partir do último parágrafo do documento:

— "Ninguém deve subestimar a tarefa que se apresenta. A Operação Lobisomem não será realizada da noite para o dia. Precisamos ser pacientes. Precisamos reconstruir nosso poder e nossas forças. O Führer, junto com as maiores mentes do Reich, trabalhará em segredo para esse fim. E quando o Reich voltar como uma fênix das cinzas, será global e não poderá ser derrotado. Muitos de nós não estaremos vivos para ver esse dia, mas nossos filhos o verão. Clamarão seus direitos inatos. O destino dos *Übermensch* vai se cumprir. E teremos finalmente nossa vingança."

Jenkinson virou a folha de papel, passando para um segundo documento.

— Eles mencionam o plano de infiltrar pessoas no Escritório de Serviços Estratégicos, que foi o precursor da CIA, no governo americano, no Serviço Secreto de Inteligência Britânico, em grandes corporações... a lista vai longe. E dão setenta anos para completar o plano, contando a partir da data da sua grande derrota: a rendição incondicional aos Aliados em maio de 1945.

Jenkinson levantou os olhos, assustado.

— O que significa que a qualquer momento o novo Reich pode se reerguer como uma fênix das cinzas.

Virou o documento, para que pudesse ser visto por Jaeger e pelos outros. No fim da segunda página, estava o carimbo com a imagem familiar da *Reichsadler*.

— Isso aqui — indicou o arquivista — é a marca deles. O emblema do Quarto Reich. O símbolo circular embaixo da cauda da águia também tem algo escrito em código. Na verdade, está triplamente criptografado, mas consegui decodificar.

— Diz: *Die Übermensch des Reich, Wir sind die Zukunft*. A Raça Superior do Quarto Reich. Nós somos o futuro.

Capítulo 92

Jaeger olhou, através da água do mar, para Irina Narov.

— Essa onda é sua — desafiou. — Se tiver coragem suficiente.

Por trás deles, uma enorme onda avançava em direção às areias brancas, tornando-se mais alta e poderosa conforme vinha se aproximando.

— *Schwachkopf!* Vamos ver quem pega! — Narov o desafiou.

Ambos se viraram e começaram a remar furiosamente em direção à areia. Logo Jaeger sentiu o rugido da onda invadir os ouvidos, enquanto a força das águas começava a levantar a prancha. Remou mais forte, tentando pegar a onda que trovejava em direção à pequena faixa prateada de areia.

Acelerou ainda mais, a prancha rasgando a superfície da onda. Com um movimento suave, ficou de pé, os joelhos dobrados para dar mais estabilidade. Conforme a velocidade aumentava, Jaeger sentia a familiar força da adrenalina, e imaginou que deveria tentar uma manobra mais arriscada, só para garantir que ganharia de Narov com estilo.

Recostou o ombro na onda, a prancha deslizando pela parede de água de três metros e meio. Aproximou-se da espuma branca e estava pronto para voltar à posição anterior. Mas tinha subestimado o que as cinco semanas na prisão de Black Beach e todo o resto que se seguiu na Amazônia tinham feito com o corpo dele.

Ao tentar trocar o peso do corpo no pé da frente, Jaeger se deu conta de que suas pernas estavam duras. Perdeu o equilíbrio e, um segundo depois, afundou. A enorme onda o engoliu, sugando-o e revirando-o nas profundezas.

Jaeger sentiu o poder do oceano abraçando-o e se deixou levar. Era a única forma de sobreviver a uma queda dessas. Como tinha ensinado ao filho quando o levou para surfar pela primeira vez: “Vá com calma. Mesmo que você só tenha dez segundos para salvar o mundo, gaste os primeiros cinco tomando leite com biscoitos.” Fora o jeito que Jaeger havia encontrado para ensinar Luke a ficar calmo sob pressão.

Quando a onda terminasse de percorrer seu caminho, Jaeger sabia que a força da água o cuspiria para fora.

E, de fato, alguns segundos depois, conseguiu levantar a cabeça fora d'água.

Respirou fundo e tentou apalpar a corda da prancha. Então, puxou-a em direção ao seu corpo, subiu nela e remou para a areia. Narov estava esperando com ar de vitória.

Uma semana se passara desde a épica sessão de decodificação no barco de Jaeger e a descoberta da Operação Lobisomem. A ideia de ir para as Bermudas fora dele. A intenção: passar alguns dias recarregando as baterias e planejando os próximos passos — cortesia dos pais de Jaeger. Um descanso antes de voltar à luta.

Sendo um território ultramarino britânico no meio do Oceano Atlântico, as Bermudas eram o local mais distante possível de possíveis espiões. Os pais de Jaeger sequer moravam no assentamento principal, Main Island. Tinham construído a casa em plena Baía de Horseshoe, numa área de tirar o fôlego em Morgan's Point.

Perfeitamente isolados. Um lugar maravilhoso. E bem distante daquele inferno da Serra de los Dios...

Estranhamente para alguém tão focada na missão — e na caçada —, Narov aceitou de imediato a chance de visitar a pequena ilha paradisíaca. Jaeger imaginava que, uma vez longe de tudo, Narov poderia falar sobre seu passado secreto, e também sobre sua conexão com o vovô Ted. Jaeger tentara trazer o assunto à tona algumas vezes em Londres, mas Narov ainda estava perturbada demais com seus próprios demônios.

A viagem às Bermudas também daria a Jaeger a chance de falar com seus pais sobre a morte do vovô Ted, algo que havia adiado demais. Um esquema tinha sido montado, mas Jaeger era jovem demais para suspeitar disso na época.

Como a polícia não conseguira levantar nenhuma prova, a família fora forçada a aceitar o veredicto de suicídio. Mas as suspeitas de todos continuaram.

Previsivelmente, os pais de Jaeger interpretaram a chegada dos dois como algo muito diferente do que era na realidade. O pai de Jaeger chegou até a convidá-lo para uma conversa em particular no escritório.

Então disse ao filho o quanto Narov — embora algumas vezes estranha — era bonita e o quanto estava feliz em vê-lo... namorando de novo. Jaeger chamou a atenção do pai para um detalhe importante: os dois estavam dormindo em quartos separados.

Mas o pai de Jaeger deixou claro que não acreditava na encenação. Para ele, os quartos separados eram apenas jogo de cena. Tudo para manter as aparências. E já que a mulher e o filho de Jaeger estavam desaparecidos fazia quatro anos,

seu pai deixou claro que ele e a mãe achavam que já era hora.

Hora de Jaeger seguir em frente.

Jaeger amava os pais loucamente. O pai, em particular, tinha despertado nele a alegria das coisas da natureza — o mar, as montanhas, as florestas. Mas não conseguiu explicar que estava mais convencido do que nunca de que Ruth e Luke continuavam vivos. Ficou em silêncio para poupar os pais de mais incertezas e angústias.

Realmente, não tinha como explicar a nova convicção. Como poderia contar ao pai que um psicotrópico administrado por um índio na Amazônia — um irmão de armas — tinha devolvido suas recordações e, com elas, sua esperança?

Capítulo 93

Depois de surfarem, Jaeger e Narov voltaram para casa. Os pais de Jaeger tinham saído e Narov foi tomar banho para tirar o sal do corpo e do cabelo. Jaeger foi até o quarto e pegou o iPad. Precisava ver se havia novidades sobre o restante da equipe.

Até que estivessem todos seguros e fora da Amazônia, Jaeger não se sentia confortável para planejar os próximos passos. Claro, descobrir um plano para o retorno do Reich — uma tomada global do poder pelos nazistas — não significava descobrir que isso estava de fato acontecendo. Mas as evidências eram fortes, e Jaeger temia o pior.

Primeiro Andy Smith fora morto, e sua equipe tinha sido perseguida na Amazônia. A Força Maligna fizera o inimaginável para acabar com eles e enterrar os segredos do voo fantasma. Claramente, contavam com conexões globais e tinham tecnologia e poder militar à disposição. Além disso, um arquivo oficial do governo britânico havia desaparecido.

Por qualquer ângulo que Jaeger olhasse, os filhos do Reich pareciam estar se reerguendo. E ninguém estava a par disso nem fazendo algo para pará-los — exceto Jaeger e sua pequena e fatigada equipe.

Quando Jenkinson decodificou os documentos da Operação Lobisomem, Jaeger tinha se sentido tentado a contar sobre a presença do documento com o mesmo título no baú do vovô Ted. Mas o instinto tinha feito Jaeger se segurar. Essa era uma carta que queria manter escondida na manga até que chegasse a hora certa.

Com a ajuda do coronel Evandro, Jaeger conseguira criar um sistema criptografado de e-mail, para que todos os sobreviventes da equipe pudessem se comunicar com algum grau de segurança. Todos menos Letícia Santos. O coronel Evandro tinha seus melhores homens de campo, além de especialistas em sequestro, resgate e extorsão, procurando por todo o país, mas até o momento os esforços tinham sido vãos.

Jaeger ligou o iPad e entrou no ProtonMail — sistema codificado de trocas de e-mail que estava usando agora. Havia uma mensagem em espera, de Raff, e eram boas as notícias. Nas últimas 24 horas, Lewis Alonzo, Hiro Kamishi e Joe James tinham aparecido. Haviam deixado a Serra de los Dios com a ajuda de Puruwehua e da tribo vizinha, os uru-eu-wau-wau.

Os três estavam bem e Raff estava trabalhando com o coronel Evandro para levá-los para casa em máxima segurança. Jaeger respondeu a Raff, pedindo que desse notícias de Letícia Santos.

Embora soubesse que não podia fazer muito para ajudar, uma parte dele queria voltar ao Brasil para participar das buscas do coronel Evandro.

Quando tivesse terminado o que tinha ido fazer nas Bermudas, era o que pretendia fazer, se a Santos não fosse resgatada nesse ínterim. Jaeger jurara a si próprio que a encontraria e a levaria para casa.

Havia uma segunda mensagem, de Pieter Boerke. Estava prestes a clicar na mensagem quando ouviu alguém bater na porta.

Era Narov.

— Vou sair para correr.

— Tudo bem — respondeu Jaeger, os olhos colados na tela do computador. — Quando voltar, talvez a gente possa ter aquela conversa tão adiada sobre como você conheceu o meu avô. E por que tem tanto ressentimento da minha pessoa.

Narov parou.

— Ressentimento? Não mais. Mas, sim, acho que aqui poderemos conversar.

A porta fechou e Jaeger abriu a mensagem.

> *Primeira coisa, faça o download da foto anexa. Essa imagem não estava junto com as outras. Depois, me ligue no Skype. Vou receber a ligação no meu celular mesmo que esteja viajando. Faça isso imediatamente. E não fale com ninguém.*

Jaeger seguiu as instruções. A foto era em preto e branco e estava bastante granulada, já que tinha sido tirada com lentes de longa distância. Mais uma vez, era claramente uma imagem do *Duchessa*, e mostrava um grupo de comandantes nazistas alinhados na lateral do navio. Nada chamou especialmente a atenção, então, Jaeger deixou a imagem aberta na tela e ligou para Boerke pelo Skype.

O sul-africano respondeu com a voz carregada de tensão.

— Dê uma olhada no quarto cara à esquerda, bem no centro da foto. Chegou nele? O rosto, o penteado horrível, a expressão. Esse cara não lembra alguém? Imagine esse aí com um bigode pequeno e ridículo tipo do Charlie Chaplin...

De repente, foi como se Jaeger não pudesse respirar.

— Sem chance — sussurrou. — Não pode ser. Nós decodificamos o documento e o nome dele não estava na lista. Havia vários nazistas de alta patente, mas não ele.

— Então reveja o documento — respondeu Boerke. — Porque se esse aí não for o Adolf Hitler, então eu sou chinês! Mais uma coisa. O carimbo atrás da foto traz a data de 7 de maio de 1945. E acho que não preciso nem dizer o quanto isso é relevante, né?

Quando Boerke desligou, Jaeger deu dois cliques com o cursor sobre a foto, tentando dar um zoom na imagem. Encarou os traços do cara, sem ousar duvidar da prova que tinha diante dos olhos. Não havia dúvidas: aquele rosto era o Führer cuspido e escarrado. E isso significava que Hitler estivera no convés de um navio no porto de Santa Isabel uma semana depois de supostamente ter se matado em Berlim.

Demorou um bom tempo até que Jaeger conseguisse se mexer. A revelação feita por Boerke — presumivelmente o último dos segredos do *Duchessa* — o deixara completamente amortecido. Uma coisa era descobrir que muitos dos homens de confiança de Hitler, os principais arquitetos do mal, tinham sobrevivido à guerra.

Mas era totalmente diferente descobrir uma prova de que o próprio Führer também o teria feito.

Usando o sistema do ProtonMail, Jaeger entrou na conta por meio da qual se comunicava por rascunhos com a equipe — a mesma que descobrira estar comprometida. Não podia resistir à tentação de dar uma espiada — e sabia que via ProtonMail sua localização não poderia ser rastreada. O ProtonMail se gabava de que mesmo a NSA, a Agência de Segurança Nacional americana, a mais poderosa rede de vigilância eletrônica do mundo, não conseguia entrar em seus servidores, baseados na Suíça.

Havia uma nova mensagem esperando na pasta de rascunhos. Tinha estado lá por vários dias. O mal-estar de Jaeger aumentou.

Como acontecera antes, a mensagem estava em branco e tinha apenas um link para uma pasta do Dropbox. Jaeger achou que não devia ser de nenhum dos integrantes da equipe. Com um pânico crescente, abriu o Dropbox e clicou no arquivo em .jpeg, esperando que fosse outra imagem horrível de Letícia Santos — parte daquela *Nervenkrieg* que o inimigo estava operando. Se forçou a olhar, porque uma daquelas fotos horrendas poderia, inadvertidamente, oferecer alguma pista da localização do inimigo — uma pista que Jaeger e os outros poderiam seguir. A primeira imagem apareceu, acompanhada de uma mensagem de seis linhas.

Passando férias no paraíso...
Enquanto as pessoas que você ama sofrem.

Pergunta: como sabemos tanto?
Resposta: o pequeno Luke nos contou.
Pergunta suplementar: onde está o pequeno Luke?
Resposta: *Nacht und Nebel*.
Nacht und Nebel — noite e nevoeiro.

Com o coração batendo forte como uma metralhadora, Jaeger clicou no segundo arquivo de .jpeg. A imagem era de uma mulher de olhos verdes que fora linda um dia, e de um garoto adolescente. Ambos com rostos cadavéricos, olhares assustados, grandes olheiras ao redor dos olhos fundos.

Mãe e filho estavam ajoelhados e acorrentados diante de uma espécie de bandeira nazista dominada pela *Reichsadler*. Estavam segurando uma cópia do *International Herald Tribune*. Com as mãos trêmulas, Jaeger deu um zoom no jornal. A data era da semana anterior. Era a prova de que, pelo menos há cinco dias, eles estavam vivos.

Havia duas frases embaixo da imagem.

Devolva o que é nosso.
Wir sind die Zukunft.

Capítulo 94

Jaeger se virou com o impulso de vomitar. Começou a tremer e a sentir dores no corpo como nunca antes, nem mesmo durante as piores torturas que sofrera em Black Beach.

Caiu da cadeira e seu corpo se dobrou em posição fetal. Porém, mesmo deitado, não conseguia tirar os olhos daquela imagem que deixara seu mundo em pedaços.

Começou a ter visões tão tormentosas e sombrias que pensou que sua cabeça ia explodir. Ficou um longo tempo ao lado da mesa, curvado como uma bola. Lágrimas rolavam silenciosamente por seu rosto, mas ele mal se dava conta.

Perdeu a noção de tempo.

Sentia-se extenuado. Completamente vazio.

O barulho que finalmente o trouxe de volta aos sentidos foi da porta do quarto se abrindo.

De alguma maneira, conseguiu sentar de novo na cadeira, diante da mesa e da tela.

Então, se virou.

Irina Narov estava de pé atrás dele. Tinha uma pequena toalha enrolada no corpo, e a parte de cima mal cobria os seios. Devia ter tomado um banho depois da corrida, e Jaeger não tinha dúvida de que ela estava nua por baixo da toalha.

Mas isso não importava.

— Uma vez, quando estávamos pendurados na copa das árvores, expliquei as razões para duas pessoas ficarem próximas — observou Narov, daquele jeito estranho, direto e sem emoção dela. — A proximidade pode ser necessária por vários motivos — repetiu. — Um: necessidades práticas. Dois: troca de calor corporal. Três: sexo. — Ela sorriu. — Agora eu gostaria que fosse o número três.

Jaeger não respondeu. Não estava surpreso. Já sabia a essa altura que Narov tinha uma quase total inabilidade de perceber as emoções das outras pessoas. Mesmo expressões faciais e linguagem corporal passavam despercebidas por ela.

Jaeger moveu o iPad para um ângulo em que ela pudesse ver a imagem na tela.

Narov colocou uma das mãos na boca, em choque.

— Ai, meu Deus...

— A data no jornal — falou Jaeger, sua voz soando como se viesse de um túnel muito comprido e muito escuro. — É de cinco dias atrás.

— Meu Deus! — suspirou Narov. — *Eles estão vivos*.

Os olhos dos dois se encontraram.

— Vou me vestir — continuou Narov, sem o menor sinal de vergonha ou constrangimento. — Temos trabalho a fazer.

Ela se virou na direção da porta, mas parou por um instante, lançando um olhar perturbado para Jaeger.

— Confesso, não fui apenas correr. Eu tinha um encontro... fui encontrar alguém que acredita saber onde Letícia Santos está.

— Você o quê? — perguntou Jaeger, tentando colocar a cabeça no lugar. — Onde? E com quem, Deus do céu! E por que você não me avisou...

— Você não ia querer que eu os encontrasse — cortou Narov. — Não se soubesse quem são...

— Diga logo — grunhiu Jaeger, encostando o dedo na imagem que aparecia na tela. — Uma pista até Letícia pode me levar até eles.

— Eu sei. Agora — protestou Narov. — Mas uma hora atrás eu não tinha ideia de que eles estavam vivos.

Jaeger se levantou e havia uma ameaça real em sua postura agora.

— Diga com quem era o encontro secreto e o que eles disseram.

Narov deu um passo para trás, claramente em guarda, mas dessa vez não tinha sua faca.

— Um dos territórios mais próximos das Bermudas é Cuba. Cuba ainda é território russo, pelo menos na visão do Kremlin. Eu me encontrei com um dos meus contatos...

— Você se encontrou com a porra de um agente da SVR? Falou para *eles* o que estamos fazendo?

Narov balançou a cabeça em negativa.

— Uma pessoa da máfia. Um traficante de drogas, um dos chefões. Eles têm uma rede que se espalha até o Caribe. Sabem tudo sobre todo mundo. Precisam saber para fazer a cocaína rolar por todas as ilhas. — Narov olhou para Jaeger, ressentida. — Se você quer sair do inferno, precisa estar disposto a fazer um pacto com o diabo.

— E o que ele disse? — perguntou Jaeger, ríspido.

— Há duas semanas, um grupo de pessoas do leste europeu apareceu em

Cuba. Começaram a gastar e festejar como loucos. Nada muito incomum. Mas duas coisas chamaram a atenção do meu contato. A primeira: eram mercenários. A segunda: estavam com uma prisioneira. — O olhar de Narov se tornou desafiador. — Essa mulher é brasileira. E o sobrenome dela é Santos.

Jaeger encarou Narov por um longo momento.

Estranhamente, como parte da sua complexa psicologia, Narov parecia incapaz de dizer uma mentira. Podia representar um papel com perfeição, mas, diante de uma pessoa em quem confiasse, a verdade acabava por aparecer.

— Tudo bem — grunhiu Jaeger —, que se dane como você os encontrou. — Olhou novamente a tela do iPad. — Primeiro achamos Letícia, e depois...

O olhar de Jaeger era frio e calmo. Tinha sua equipe, uma pista e, mais importante, o mundo e sua família para salvar.

Virou-se novamente para Narov.

— Faça as malas. Nós vamos viajar.

— Vamos — confirmou Narov. — Você: Will Jaeger. E eu. Chegou a hora de sair para caçar.

Continua...

Acesse agora mesmo o site
www.record.com.br/BearGrylls
e veja como adquirir a continuação
de “Voo Fantasma”.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Voo fantasma

Wikipédia do autor:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Bear_Grylls

Site do autor:
http://www.beargrylls.com/

Twitter do autor:
https://twitter.com/beargrylls?lang=pt

Skoob do livro:
https://www.skoob.com.br/voo-fantasma-566341ed568356.html

Instagram do autor:
https://www.instagram.com/beargrylls/

Participação de Barack Obama em reality com o autor:
http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/obama-come-restos-de-peixe-devorado-por-urso-em-reality.html

Sinopse do livro:
http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=29143

Livros do autor:
http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=7813